Vida

Como Preparar Mensagens BÍBLICAS

James Braga



Como Preparar Mensagens BÍBLICAS

James Braga



REIS BOOK

Editora Vida

Outro livro do mesmo autor publicado por
Editora Vida

Como Estudar a Bíblia

ISBN 0-8297-1609-2

Categoria: Homilética

Traduzido do original em inglês:
How to Prepare Bible Messages

Copyright © 1969, 1981 by Multnomah Press
Copyright © 1986 by Editora Vida

1.ª impressão, 1986
2.ª impressão, 1987
3.ª impressão, 1988
4.ª impressão, 1989
5.ª impressão, 1990
6.ª impressão, 1991
7.ª impressão, 1993
8.ª impressão, 1994

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, Deerfield, Florida 33442-8134 — E.U.A.

Este livro foi editado em coreano por Word of Life Press, Seul, Coréia; em indonésio por Penerbit Gandum Mas, Malang, Indonésia; em espanhol por Kregel Publications, Publicaciones Portavoz Evangelico, Barcelona, Espanha; em francês por Editions Vida, Vernon, França.

As citações bíblicas são extraídas da versão de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo onde outra fonte for indicada.

Capa: Hector Lozano

Impresso nas oficinas da
Editora Betânia S/C
Venda Nova, MG

Dedicado com afeto a
Anne
querida e devotada esposa

"Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina" (2 Timóteo 4:1-2).

Apresentação

Se a igreja cristã quiser manter um testemunho ativo nesta geração, e se os crentes em Cristo desejarem crescer e tornar-se cristãos maduros e eficientes, então é da maior importância que os pastores, mestres e outros líderes providenciem para o seu povo o "leite sincero da Palavra" mediante mensagens centralizadas na Bíblia e dela derivadas.

É, pois, com prazer que recomendo ao público cristão o excelente trabalho do Rev. James Braga, Como *Preparar Mensagens Bíblicas*.

Não se trata de um livro comum sobre a preparação de sermões, onde estes são descritos pelos seus tipos e onde se inclui uma pequena amostra do melhor que o autor tem a apresentar; é um verdadeiro manual de orientação para o indivíduo ou classe, no processo detalhado da construção de mensagens.

O livro se divide em duas partes: a primeira apresenta a definição e o estudo dos principais tipos de sermões — temáticos, textuais e expositivos — acompanhados de princípios básicos e exemplos orientadores. A segunda trata da mecânica da construção de sermões, levando em conta a estrutura homilética, o título, a introdução, a proposição, as divisões, a discussão, o uso de ilustrações, a aplicação e a conclusão. O livro acentua princípios básicos seguidos de exemplos interessantes, justificando assim o seu título, pois é, de fato, um instrumento de ajuda ao obreiro na preparação de suas mensagens.

No final de cada capítulo há exercícios que tornam o livro ainda mais útil como texto para a sala de aula ou para o estudo individual. A bibliografia no final do livro aumenta-lhe ainda mais o valor para o estudante desejoso de ampliar seus conhecimentos nesse campo.

A leitura deste volume deixa-nos a impressão de ser esta obra um relflexo de toda uma vida de estudo pessoal da **Palavra,**

aliado a uma profunda reverência pela sacralidade da tarefa e do desejo de ajudar o povo de Deus a compreender e comunicar as preciosas verdades bíblicas.

Conheço o autor desde 1949 como companheiro de docência e amigo no ministério da Palavra em nossa escola; daí o profundo respeito que tenho por ele como cuidadoso estudante da Bíblia, cuja vida e testemunho têm sido uma bênção para toda a faculdade. Seu livro merece cuidadoso exame da parte dos que procuram melhorar suas técnicas no preparo de mensagens bíblicas.

Portland Oregon
3 de junho de 1968

Ted L. Bradley
Escola Bíblica Multnomah

Prefácio

Em vista dos numerosos livros escritos sobre o preparo e apresentação de sermões, pode parecer supérfluo acrescentar outro à vasta literatura já existente. Mas após dezenove anos de ensino de homilética num instituto bíblico, convenci-me da necessidade de um manual que aplique os princípios homiléticos à construção de sermões de maneira tal que o estudante, desde o início, aprenda a preparar mensagens extraídas diretamente da Bíblia. Impressionou-me também a necessidade, numa obra desta espécie, de uma quantidade suficiente de exemplos que ilustrem com clareza, passo por passo, os processos da construção de sermões. Espero, com este manual, ter conseguido, em certa medida, preencher estas necessidades, para que o livro seja útil aos estudantes de institutos bíblicos e a todos quantos desejem aprender a preparar mensagens bíblicas.

Não reivindico originalidade para os métodos apresentados nos capítulos que se seguem. Algumas das feições dos três primeiros capítulos foram tiradas de uma aula de homilética ministrada pelo falecido Dr. James M. Gray, quando ele era presidente do Instituto Bíblico Moody de Chicago. O material sobre a mecânica da construção de sermões inclui algumas sugestões proveitosas do Dr. Charles W. Koller, ex-presidente do Seminário Teológico Batista do Norte de Chicago, com quem tive o privilégio de estudar a pregação expositiva. Muitas outras sugestões úteis vieram de vários escritores de homilética, e também aproveitei o conhecimento prático que acumulei ensinando o assunto.

Os exercícios sugeridos no fim de vários capítulos ajudarão o estudante a praticar as técnicas aprendidas. Não se espera que ele faça todos eles, mas somente os que seu instrutor julgar necessários. Se o aluno encontrar dificuldade em fazer algum exercício, deve rever o capítulo e tentar de novo.

No que tange à construção de sermões, gostaria de recomendar o uso de uma Bíblia onde os versículos estejam dispostos em parágrafos: uma Bíblia, cujos capítulos estão divididos em tópicos, uma concordância completa e um bom dicionário bíblico.

Contudo, embora o estudante, na preparação de mensagens, deva sentir-se livre quanto ao uso de livros de consulta, é nas Escrituras que ele deve fazer seus estudos principais. Não deve jamais servir-se de esboços colhidos em livros de consulta ou comentários; ele próprio deve formular os esboços dos seus sermões. A princípio a tarefa pode parecer difícil e cansativa; mas, à medida que o principiante for aplicando com diligência os princípios contidos neste livro, mais e mais se irá tornando perito na preparação de mensagens bíblicas com estruturas homiléticas.

Devo afirmar, e fazê-lo enfaticamente, que o fator mais importante no preparo de sermões é a preparação do coração do próprio pregador. Quantidade alguma de conhecimento, aprendizagem ou talentos naturais pode substituir o coração fervoroso, humilde e consagrado, que anseia cada vez mais por Cristo. Somente a pessoa que anda com Deus e leva uma vida santa pode inspirar outros a crescerem na graça e no conhecimento de Cristo. Tal pessoa passará muito tempo em secreto com Jesus, tendo comunhão diária, ininterrupta e prolongada com ele e sua Palavra.

O pregador também deve ser um homem de oração, que, sobre os joelhos, aprendeu a arte do combate santo. Como Daniel, ele deve ter o hábito de orar e encontrar o tempo, ou melhor, tirar o tempo para orar diária e regularmente em particular. Seus sermões não serão, pois, produto de um mero esforço intelectual, mas mensagens enviadas do céu em resposta à oração. E. M. Bounds, poderoso homem de oração, disse, em verdade: "A oração coloca o sermão do pregador no coração do pregador; a oração coloca o coração do pregador no sermão do pregador."

Além disso, a pessoa que deseja pregar a mensagem do Livro deve, também, ser uma pessoa do Livro. Tem de estudar as Escrituras não apenas a fim de tirar uma mensagem para sua congregação, mas há de viver no Livro. A Palavra de Deus deve tornar-se sua comida e bebida. Enquanto viver, é necessário passar muitas horas todas as semanas em estudo diligente da Bíblia. Deve saturar-se da Palavra de Deus até que ela lhe domine o coração e a alma, ao ponto de, com Jeremias, poder dizer: "Isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos;

já desfaleço de sofrer, e não posso mais" (Jeremias 20:9).

Que o Senhor nos conceda, nestes dias de necessidades sem precedentes, homens de Deus que amem a Jesus Cristo acima de tudo e preguem a sua Palavra de tal forma que possam atrair e ganhar outros para ele.

James Braga

"O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha palavra, fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor. Não é a minha palavra fogo, diz o Senhor, e martelo que esmiúça a penha?" (Jeremias 23:28-29).

Prefácio
à segunda edição

Passaram-se treze anos desde que a primeira edição deste livro foi ao prelo. Escrevi-o sob a pressão de um ministério de ensino e pregação, e, depois de publicado, percebi nela áreas necessitadas de revisão ou de ampliação.

Por muito tempo desejei fazer as revisões e os acréscimos necessários, e quando os editores me pediram que atualizasse a bibliografia, vi a oportunidade de fazer estas mudanças como uma indicação da bondosa mão de Deus.

Os três primeiros capítulos foram originalmente escritos com o objetivo de proporcionar ao iniciante certos princípios elementares que o capacitassem a construir um esboço básico de sermão sem ter de entrar nas complexidades da proposição e de outros processos homiléticos complicados. Decidi manter este aspecto. Porém, acrescentei vários itens, com o fim de tornar a preparação de mensagens bíblicas mais simples e mais estimulante. Espero, ao mesmo tempo, que o conteúdo destes capítulos ofereça aos alunos mais maduros algumas visões valiosas sobre como extrair esboços de sermões de diferentes porções da Bíblia.

Desejo também ressaltar que os métodos de preparação de sermões apresentados neste livro não são, de modo nenhum, as únicas formas aceitas. Outros meios existem, mediante os quais se pode comunicar as verdades. De acordo com o objetivo que o pregador tenha em mente ao preparar a mensagem, deve ele determinar para si mesmo a maneira mais eficaz de comunicar a verdade bíblica. Qualquer que seja o método escolhido, deve tornar sua mensagem clara e simples, de modo que todos compreendam o que Deus tem a dizer por meio do mensageiro. Acontecendo isso, ele estará seguindo o nobre exemplo dos levitas dos dias de Esdras e de Neemias, que "leram no Livro, na lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia" (Neemias 8:8).

"O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha palavra, fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor. Não é a minha palavra fogo, diz o Senhor, e martelo que esmiúça a penha?" (Jeremias 23:28-29).

Prefácio
à segunda edição

Passaram-se treze anos desde que a primeira edição deste livro foi ao prelo. Escrevi-o sob a pressão de um ministério de ensino e pregação, e, depois de publicado, percebi nela áreas necessitadas de revisão ou de ampliação.

Por muito tempo desejei fazer as revisões e os acréscimos necessários, e quando os editores me pediram que atualizasse a bibliografia, vi a oportunidade de fazer estas mudanças como uma indicação da bondosa mão de Deus.

Os três primeiros capítulos foram originalmente escritos com o objetivo de proporcionar ao iniciante certos princípios elementares que o capacitassem a construir um esboço básico de sermão sem ter de entrar nas complexidades da proposição e de outros processos homiléticos complicados. Decidi manter este aspecto. Porém, acrescentei vários itens, com o fim de tornar a preparação de mensagens bíblicas mais simples e mais estimulante. Espero, ao mesmo tempo, que o conteúdo destes capítulos ofereça aos alunos mais maduros algumas visões valiosas sobre como extrair esboços de sermões de diferentes porções da Bíblia.

Desejo também ressaltar que os métodos de preparação de sermões apresentados neste livro não são, de modo nenhum, as únicas formas aceitas. Outros meios existem, mediante os quais se pode comunicar as verdades. De acordo com o objetivo que o pregador tenha em mente ao preparar a mensagem, deve ele determinar para si mesmo a maneira mais eficaz de comunicar a verdade bíblica. Qualquer que seja o método escolhido, deve tornar sua mensagem clara e simples, de modo que todos compreendam o que Deus tem a dizer por meio do mensageiro. Acontecendo isso, ele estará seguindo o nobre exemplo dos levitas dos dias de Esdras e de Neemias, que "leram no Livro, na lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia" (Neemias 8:8).

Dou ao público a edição revista do meu livro, rogando ao Senhor que se compraza em usá-lo para capacitar muitos dos seus servos a aprenderem a preparar mensagens tiradas da sua Palavra.

Portland, Oregon
31 de julho de 1981

James Braga

Índice

Apresentação 5
Prefácio 7

PRIMEIRA PARTE

Principais Tipos de Sermões Bíblicos

1. O sermão temático 17
2. O sermão textual 30
3. O sermão expositivo 47

SEGUNDA PARTE

A Mecânica da Elaboração de Sermões

4. A estrutura homilética 79
5. O título 83
6. A introdução 91
7. A proposição 99
8. As divisões 122
9. A discussão 144
10. As ilustrações 171
11. A aplicação 185
12. A conclusão 208
13. Resumo: passos básicos no preparo do esboço do sermão 220

Bibliografia 225

PRIMEIRA PARTE
Principais Tipos de Sermões Bíblicos

"Para em todas as coisas ter a primazia."
(Colossenses 1:18b)

1

O Sermão Temático

Classificação dos Sermões

Há muitos tipos de sermões e vários meios de classificá-los. Na tentativa de classificá-los, os autores de obras de homilética usam definições diversas que às vezes se sobrepõem. Alguns escritores classificam os sermões de acordo com o conteúdo ou assunto; outros, segundo a estrutura, e ainda outros quanto ao método psicológico usado no momento da apresentação da mensagem. Existem outros métodos, mas talvez o menos complicado seja a classificação em temáticos, textuais e expositivos. Estudaremos a preparação de mensagens bíblicas examinando estes três tipos principais.

Definição do Sermão Temático

Começaremos a apresentação do sermão temático com uma definição que, se o estudante compreender bem, terá dominado os elementos básicos da redação temática.

Sermão temático é aquele cujas divisões principais derivam do tema, independentemente do texto.

Examine com cuidado esta definição. A primeira parte afirma que as divisões principais devem ser extraídas do próprio tema do sermão. Isso significa que o sermão temático tem início com um tema ou tópico, e que suas partes principais consistem em idéias derivadas desse assunto.

A segunda parte da definição declara que o sermão temático não requer um texto como base de sua mensagem. Isso não significa que a mensagem não seja bíblica, mas apenas que a fonte do sermão temático não é um texto bíblico.

Entretanto, para termos a certeza de que o conteúdo da mensagem será totalmente bíblico, devemos principiar com um assunto ou tópico tirado da Bíblia. As principais divisões do esboço do sermão devem basear-se nesse tópico, e cada divisão

principal deve apoiar-se numa referência bíblica. Os versículos nos quais se fundamentam as divisões principais devem ser, em geral, extraídos de porções bíblicas mais ou menos distantes umas das outras.

Exemplo de Sermão Temático

A fim de compreendermos com maior clareza a definição, trabalhemos juntos num esboço simples.

Escolheremos, como tema, razões para a oração não respondida. Note que não estamos usando um texto, mas um tema bíblico. Deste tema vamos derivar as divisões principais. Portanto, precisamos descobrir o que a Bíblia apresenta como razões para a oração não respondida.

Meditando em várias partes das Escrituras referentes ao nosso tema e trazendo-as à mente, encontramos textos como os seguintes, os quais indicam por que, com freqüência, a oração fica sem resposta: Tiago 4:3; Salmo 66:18; Tiago 1:6-7; Mateus 6:7; Provérbios 28:9 e 1 Pedro 3:7. É neste ponto que uma boa Bíblia de referência e uma concordância bíblica completa, ou uma Bíblia dividida em tópicos, são de valor inestimável.

Com a ajuda destas referências bíblicas descobrimos as seguintes causas para a oração não respondida:

I. Pedir mal, Tiago 4:3.
II. Pecado no coração, Salmo 66:18.
III. Duvidar da Palavra de Deus, Tiago 1:6-7.
IV. Vãs repetições, Mateus 6:7.
V. Desobediência à Palavra, Provérbios 28:9.
VI. Procedimento irrefletido nas relações conjugais, 1 Pedro 3:7.

Aqui temos um esboço temático bíblico, cujas divisões principais derivam do tema, razões para a oração não respondida, e são sustentadas por um versículo da Bíblia.

Unidade de Pensamento

É preciso observar que, segundo o exemplo dado acima, o sermão temático contém uma idéia central. Em outras palavras, esse esboço trata de um único tema, a saber: razões para a oração não respondida. Podemos pensar em muitos outros fatores importantes referentes à oração, tais como o seu significado, sua importância, seu poder, seus métodos e os resultados obtidos. Contudo, a fim de nos mantermos fiéis à definição do sermão

temático, devemos basear no tema as partes principais do esboço, isto é, devemos limitá-lo à idéia contida no tema. Itens como o significado e a importância da oração devem ser omitidos dessa mensagem particular, porque nosso tema nos restringe ao tratamento dos fatores que impedem a resposta de Deus às nossas orações.

Tipos de Temas

A Bíblia trata de todas as fases concebíveis da vida e das atividades humanas. Também revela os propósitos de Deus na graça para com os homens, no tempo e na eternidade. Assim, a Bíblia contém uma fonte inesgotável de temas, dentre os quais o pregador pode selecionar material para mensagens temáticas adequadas a toda ocasião e condição em que as pessoas se encontrem. Mediante o garimpar constante e diligente da Palavra, o homem de Deus enriquecerá sua própria alma com pepitas preciosas da verdade divina, possibilitando-lhe partilhar sua riqueza espiritual com outros, de modo a enriquecê-los também nas coisas que têm importância no tempo e na eternidade.

Do vasto tesouro do escrito sagrado podemos colher temas como: influências para o bem, pequenas coisas que Deus usa, erros dos santos de Deus, bênçãos através do sofrimento, resultados da incredulidade, absolutos divinos que moldam o caráter, os imperativos de Cristo, os deleites do crente, as mentiras do diabo, conquistas da cruz, sinais do nascimento do crente, problemas que nos confundem, as glórias do céu, as âncoras da alma, remédios para as enfermidades espirituais, as riquezas do crente, conceitos bíblicos para a criação de filhos e dimensões do serviço cristão.

Mais adiante, neste capítulo, o aluno verá os princípios básicos para a construção das divisões principais dos esboços temáticos. O exame destes esboços mostrará ao leitor que eles não apenas possuem um tema ou tópico, mas também um título que difere do tópico. Apresentamos no capítulo 5 uma explicação completa de assunto, tópico, tema e título. Para nossos propósitos presentes, contudo, é bom notar que assunto, tópico e tema são sinônimos. O título, por outro lado, é o nome dado ao sermão, que deve ser interessante e atraente.

Escolhas de Temas

Aplicando-se o aluno ao estudo temático da Bíblia, descobrirá

uma variedade tão grande de tópicos que às vezes não saberá como escolher um tema apropriado para uma mensagem.

Na seleção do tema, devemos buscar a direção do Senhor, que no-la dará à medida que passamos tempo em oração e meditação da Palavra de Deus.

Outros fatores também podem influir na escolha de um assunto, que pode ser determinada pelo tema sobre o qual o pastor é chamado a pregar, ou pela ocasião específica na qual a mensagem deve ser entregue, Repito: certas condições existentes numa congregação podem indicar a necessidade ou conveniência de um tópico apropriado às circunstâncias.

Embora o sermão temático não se baseie diretamente num texto bíblico, o ponto de partida para uma idéia sobre a qual construímos um esboço temático pode ser um versículo bíblico. Por exemplo, Gálatas 6:17, diz: "Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus." Não há dúvida de que Paulo, nesta passagem, se refere às cicatrizes deixadas em seu corpo por seus perseguidores, cicatrizes que eram marcas visíveis de que ele pertencia a Cristo para sempre.

Fontes extrabíblicas revelam que, quando Paulo escreveu estas palavras, o ferrete era usado não apenas para marcar animais, mas também seres humanos, deixando marcas na carne que jamais podiam ser apagadas ou removidas. Pelo menos três tipos de pessoas exibiam cicatrizes desse tipo: escravos que eram posse de seus senhores, soldados que às vezes marcavam a si mesmos com o nome do general sob quem serviam, como prova de sua devoção total à causa, e devotos que se apegavam para o resto da vida a um templo ou à divindade que ali era adorada.

Como resultado desta informação, construímos o esboço temático apresentado abaixo:

Título: "As Marcas de Jesus"
Tema: As marcas de um crente dedicado.

I. Como o escravo, o crente dedicado leva a marca da posse do Mestre a quem ele pertence, 1 Coríntios 6:19-20, Romanos 1:1.
II. Como o soldado, o crente dedicado leva a marca da devoção ao Comandante a quem serve, 2 Timóteo 2:3, 2 Coríntios 5:15.
III. Como o devoto, o crente dedicado leva a marca de adorador do Mestre, a quem venera, Filipenses 1:20; 2 Coríntios 4:5.

Princípios Básicos da Preparação de Esboços Temáticos

1. As divisões principais devem vir em ordem lógica ou cronológica.

Isto significa que devemos ter como alvo desenvolver o esboço em progressão lógica ou cronológica, que será determinada pela natureza do tópico. Escolhemos como tema as verdades vitais referentes a Jesus Cristo, e assim construímos o seguinte esboço:

Título: "Digno de Adoração"
Tema: Verdades vitais referentes a Jesus Cristo.
I. Ele é Deus manifestado na carne, Mateus 1:23.
II. Ele é o Salvador dos homens, 1 Timóteo 1:15.
III. Ele é o Rei vindouro, Apocalipse 11:15.

Observe que este esboço está em ordem cronológica. Jesus Cristo, Filho de Deus, primeiramente se encarnou, depois foi à cruz e deu a vida para tonar-se nosso Salvador, e algum dia virá para reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Observe também que, de acordo com a definição de sermão temático, as divisões não são tiradas do título, mas do tema ou assunto. O mesmo se aplica a todos os esboços temáticos apresentados neste capítulo.

Abaixo encontra-se outro exemplo de progressão, no qual as divisões estão dispostas em ordem lógica. O tema trata das características da esperança do crente, e empregaremos estas três palavras "Esperança do Crente", como título do esboço:

Título: "Esperança do Crente"
Tema: Características da esperança do crente
I. É uma esperança viva, 1 Pedro 1:3.
II. É uma esperança salvadora, 1 Tessalonicenses 5:8.
III. É uma esperança segura, Hebreus 6:19.
IV. É uma boa esperança, 2 Tessalonicenses 2:16.
V. É uma esperança invisível, Romanos 8:24.
VI. É uma esperança bendita, Tito 2:13.
VII. É uma esperança eterna, Tito 3:7.

Note que o esboço atinge o auge na última divisão.

2. As divisões principais podem ser uma análise do tópico.

Na análise de um tópico é preciso que o dividamos em suas partes básicas e que cada divisão do esboço contribua para a inteireza da apresentação do tema. Tomemos como tópico os fatos principais a respeito de Satanás, apresentados na Bíblia.

Usando "Satanás, Nosso Arquiinimigo" como título, podemos analisar o tema da seguinte maneira:

Título: "Satanás, Nosso Arquiinimigo"
Tema: Principais fatos bíblicos a respeito de Satanás:
I. Sua origem, Ezequiel 28:12-17.
II. Sua queda, Isaías 14:12-15.
III. Seu poder, Efésios 6:11-12; Lucas 11:14-18.
IV. Suas atividades, 2 Coríntios 4:4; Lucas 8:12; 1 Tessalonicenses 2:18.
V. Seu destino, Mateus 25:41.

Note que, se omitíssemos a segunda divisão principal deste esboço, não teríamos uma análise satisfatória do tópico, pois faltaria uma característica básica. É possível, contudo, que um estudo posterior de Satanás na Bíblia acrescente a este esboço um ou dois outros pontos importantes. Observe também que, de acordo com a regra anterior, as divisões se dispõem em ordem lógica.

3. *As divisões principais podem apresentar as várias provas de um tema.*

O esboço que se segue foi construído dessa maneira:

Título: "Conhecendo a Palavra de Deus"
Tema: Alguns benefícios do conhecimento da Palavra de Deus.
I. O conhecimento da Palavra de Deus torna a pessoa sábia para a Salvação, 2 Timóteo 3:15.
II. O conhecimento da Palavra de Deus nos impede de pecar, Salmo 119:11.
III. O conhecimento da Palavra de Deus produz crescimento espiritual, 1 Pedro 2:2.
IV. O conhecimento da Palavra de Deus resulta num viver vitorioso, Josué 1:7-8.

Vemos que cada uma das divisões principais deste esboço confirma o tópico: cada afirmativa nas divisões principais mostra um dos benefícios do conhecimento da Palavra de Deus.

4. *As divisões principais podem tratar um assunto por analogia ou por contraste com algo mais na Escritura.*

Um esboço temático desse tipo compara ou contrasta o assunto com algo a que se relacione na Bíblia. Por exemplo, lemos em Mateus 5:13 que o Senhor Jesus disse: "Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para

nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens." Um exame do contexto deste versículo indica claramente que Cristo se refere ao testemunho do crente e o compara ao sal. Podemos, pois, construir um esboço com o título: "Testemunho Eficaz", no qual cada divisão consista numa comparação do testemunho do crente com o sal:

Título: "Um Testemunho Eficaz"
Tema: Comparação do testemunho do crente com o sal.
I. Como o sal, o testemunho do crente deve temperar, Colossenses 4:6.
II. Como o sal, o testemunho do crente deve purificar, 1 Tessalonicenses 4:4.
III. Como o sal, o testemunho do crente não deve perder o sabor, Mateus 5:13.
IV. Como o sal, o testemunho do crente deve produzir sede, 1 Pedro 2:12.

5. *As divisões principais podem ser repetições de uma palavra ou frase tirada da Escritura.*

A frase "Deus pode" ou "ele pode" ou "ele é poderoso" (na qual o pronome "ele" se refere ao Senhor) ocorre várias vezes na Bíblia. Tendo esta proposição como base de cada divisão principal, obtemos o seguinte esboço:

Título: "A Capacidade de Deus"
Tema: Algumas coisas que Deus pode fazer.
I. Ele pode salvar, Hebreus 7:25.
II. Ele pode guardar, Judas 24.
III. Ele pode socorrer, Hebreus 2:18.
IV. Ele pode subordinar, Filipenses 3:21.
V. Ele pode conceder graça, 2 Coríntios 9:8.
VI. Ele pode fazer muito mais do que pedimos ou pensamos, Efésios 3:20.

6. *As divisões principais podem ter o apoio de uma palavra ou frase bíblica.*

Isso significa que se emprega a mesma palavra ou frase bíblica, não no esboço, como é o caso da regra anterior, mas na substanciação da afirmativa de cada divisão. Como exemplo, damos um esboço de um estudo da expressão "em amor", que ocorre seis vezes na Epístola aos Efésios. Usando fatos referentes à vida de amor como tema, e apresentando cada referência bíblica no esboço, veremos que esta expressão sustenta cada uma das divisões principais:

Título: "A Vida de Amor"
Tema: Fatos referentes à vida de amor.
I. É fundada no propósito eterno de Deus, 1:4-5.
II. É produzida pela habitação de Cristo, 3:17.
III. Deve manifestar-se em nossos relacionamentos cristãos, 4:1-2; 4:15.
IV. Resultará na edificação e crescimento da igreja, 4:16.
V. É exemplificada pelo próprio Cristo, 5:1-2.

O estudante diligente descobrirá que é freqüente a repetição de palavras e frases importantes na Bíblia. Às vezes, expressões significativas são repetidas no mesmo livro, como no caso acima. Estas repetições não são acidentais; sem dúvida foram registradas na Palavra de Deus para que lhes demos atenção especial. O Livro dos Salmos, e também as epístolas de Paulo e a Epístola aos Hebreus, são especialmente ricas em repetições de palavras e frases importantes. Um estudo pormenorizado do contexto em que essas palavras se encontram, redundará em mensagens interessantes e proveitosas.

7. As divisões principais podem consistir num estudo de palavra que mostre os diversos significados de certa palavra ou palavras nas Escrituras.

Tal estudo pode ser um exame da palavra nas línguas originais. Mediante tal estudo o pregador pode mostrar várias nuances de significados, das quais a pessoa que lê em português pode não ter consciência. O verbo traduzido por "caminhar" na versão portuguesa do Novo Testamento, por exemplo, pode derivar de uma de seis palavras diferentes no grego, as quais sugerem meios pelos quais podemos compreender o verbo "caminhar".

O estudo de palavra pode ser um exame do original, a fim de descobrir as nuances dessa palavra no grego ou no hebraico. Por exemplo, a palavra "honra" no grego, é usada em quatro sentidos diferentes no Novo Testamento grego, e de um estudo do seu uso no texto original obtemos o seguinte esboço:

Título: "Estimativas de Valores — de Deus ou do Homem"
Tema: Significados da palavra "honra" no Novo Testamento grego.
I. Preço pago, 1 Coríntios 6:20.
II. Valor que alguns homens dão às ordenanças humanas, Colossenses 2:23.
III. Estima ou respeito conferido a outrem, 1 Timóteo 1:17; Hebreus 2:9.
IV. A preciosidade de Cristo para o crente, 1 Pedro 2:7.

Não é preciso conhecer grego ou hebraico a fim de se

desenvolver um estudo de palavra. Uma boa concordância bíblica, um dicionário expositivo do Novo Testamento, bem como outras ajudas gramaticais capacitarão o estudante que não conhece as línguas bíblicas originais a fazer uma valiosa pesquisa semântica.

Do mesmo modo, esse tipo de estudo pode investigar uma importante palavra ou frase bíblica por todas as Escrituras, observando-a em seus relacionamentos contextuais e estudando-a *indutivamente. Em outras palavras, procuramos todas as* referências específicas de certa palavra ou frase e a seguir comparamos, analisamos e classificamos nossas observações tentando chegar a conclusões válidas com referência a essa palavra ou frase.

Por exemplo, tomemos a palavra "pequei". Com o uso de uma concordância, descobrimos que esta expressão ocorre vinte e duas vezes no Antigo e Novo Testamentos. Examinando os relacionamentos contextuais de cada uma dessas referências, e também comparando e analisando as palavras, verificamos que "pequei" nem sempre conota verdadeira confissão de pecados. A seguir classificamos nossas observações e as dispomos em forma de esboço. Sob o título "Confissões — Falsas ou Verdadeiras", mostramos que a palavra "pequei", quando usada por diversas pessoas na Bíblia, pode significar várias coisas:

I. Uma expressão de temor, como no caso de Faraó, Êxodo 9:27; 10:16; de Acã, Josué 7:20; de Simei, 2 Samuel 19:20.
II. Uma expressão de insinceridade, como no caso de Saul, 1 Samuel 15:24, 30.
III. Uma expressão de remorso, como no caso de Saul, 1 Samuel 26:21; de Judas, Mateus 27:4.
IV. Uma expressão de verdadeiro arrependimento, como no caso de Davi, 2 Samuel 12:13; Salmo 51:4; de Neemias, Neemias 1:6; do filho pródigo, Lucas 15:18, 21.

8. As divisões principais não devem apoiar-se em textos de prova fora do contexto.

Sempre há o perigo, nos estudos de tópicos, de empregarmos um texto tirado do seu contexto; portanto, o pregador deve, constantemente, tomar o devido cuidado para que cada passagem bíblica citada em apoio de sua afirmativa contida no esboço seja usada exatamente de acordo com o propósito óbvio do seu autor.

Sermões Doutrinários

O estudo temático presta-se admiravelmente à elaboração do sermão doutrinário. A doutrina escolhida fornece o tema, que deve limitar-se a apenas um aspecto dessa doutrina. Por exemplo, podemos escolher o significado da redenção como o tema e selecionar algumas passagens-chave como base do esboço. Se, porém, quisermos aprender a verdade toda concernente a certa doutrina, será necessário cobrir a Bíblia toda, notando todas as referências pertinentes a essa doutrina. Tendo estudado cada uma dessas referências em seu contexto correto, juntamos, analisamos e classificamos nossas descobertas e obtemos uma base bíblica sadia para as nossas conclusões.

Série de Mensagens Temáticas

A preparação de esboços temáticos possibilita um conjunto de mensagens sobre algum assunto. Aqui, também, a variedade da série que pode ser desenvolvida quase não tem limites, mas o espaço não nos permite mais que uns poucos exemplos.

"Retratos do Homem Perfeito" fornece o título geral para a seguinte série de sermões:

"O Amor de Jesus"
"O Rosto de Jesus"
"As Mãos de Jesus"
"As Lágrimas de Jesus"
"A Cruz de Jesus"
"O Sangue de Jesus"
"O Nome de Jesus"

Os exemplos de esboços temáticos dados neste capítulo devem deixar claro que as divisões principais das mensagens, numa série como esta, não sairão dos títulos, mas dos temas específicos com eles relacionados. Por exemplo, para construirmos um sermão temático sob o título "O Amor de Jesus", podemos usar qualquer destes tópicos: características do seu amor, manifestações do seu amor, ou os objetos do seu amor.

Caso o pastor veja a necessidade de seu povo conhecer certas formas de erro, pode ele escolher o título geral de "Enganos Espirituais Comuns", e usar as sugestões seguintes como títulos da série:

"O Engano dos Testemunhas de Jeová"
"O Engano do Mormonismo"
"O Engano da Ciência Cristã"
"O Engano do Adventismo do Sétimo Dia"
"O Engano da 'Unificação' "
"O Engano do Espiritismo"

"Vida Em Plano Mais Elevado" pode formar a base de uma série de sermões com títulos como os que damos a seguir:

"A Vida Disciplinada"
"A Vida Consagrada"
"A Vida Contente"
"A Vida de Oração"
"A Vida Abundante"

Outra excelente série pode ser chamada de "Vida Cristã Vitoriosa", e podemos usar os seguintes títulos:

"Como Ser um Crente Que Cresce"
"Como Ser um Crente Espiritual"
"Como Ser um Crente Útil"
"Como Ser um Crente Tranqüilo"
"Como Ser um Crente Feliz"
"Como Ser um Crente Vitorioso"

Um plano que tem significação especial para a época em que vivemos pode ser chamado de "O Lar Cristão", e incluir títulos como os seguintes:

"O Fundamento do Lar Cristão"
"O Relacionamento da Esposa com o Marido e com Cristo"
"A Responsabilidade do Marido para com a Esposa e para com Cristo"
"Privilégios da Paternidade"
"Disciplina no Lar"
"Devoções Familiares"
"Ameaças ao Lar Cristão"
"Vida Familiar Feliz"

"A Bíblia Examinada" pode ser o título geral para outro grupo de mensagens, com títulos como estes:

"É a Bíblia Verdadeira?"
"A Bíblia se Contradiz?"
"A Bíblia Tem Aplicação?"
"Como Compreender a Bíblia?"
"Pode-se Confiar na Tradução da Bíblia?"

Um estudo dos assuntos mais importantes de um livro ou conjunto de livros da Bíblia também há de sugerir uma série de sermões. Consideremos a Primeira e a Segunda Epístolas aos Tessalonicenses como um exemplo. Estas epístolas contêm vários assuntos doutrinários, e delas podemos aprender o que Paulo ensinou àqueles cristãos primitivos a respeito de Deus, de Jesus Cristo, do Espírito Santo, do evangelho, do caminho da salvação, da segunda vinda de Cristo, dos crentes e de Satanás. Cada um destes oito itens pode ser encontrado em uma ou em ambas as epístolas.

Selecionamos a segunda vinda de Cristo como um exemplo, e ao estudar a primeira epístola observamos que todos os capítulos dessa carta a mencionam. Assim, conseguimos o seguinte esboço:

Título: "A Bem-aventurança da Esperança do Crente"
Tópico: Efeitos que a esperança da segunda vinda de Cristo produz sobre o crente
I. Produz paciência, 1:10.
II. Assegura recompensa pelo trabalho, 2:19.
III. Satisfaz aos anseios de santidade, 3:13.
IV. Dá consolo em meio à aflição, 4:13.
V. Enriquece a oração, 5:23.

Chamamos a atenção do leitor para mais um assunto encontrado na Primeira e na Segunda Carta aos Tessalonicenses. A palavra "irmãos" ocorre nada menos que vinte e quatro vezes nas duas epístolas: dezessete vezes na primeira e sete na segunda. Outro grupo interessante de mensagens relacionadas pode advir do exame do uso dessa palavra em seu contexto.

Antes de deixarmos o assunto da série de sermões temáticos, é preciso observar duas importantes regras na apresentação de qualquer série de mensagens. Em primeiro lugar, deve ser breve. Ainda que bem desenvolvido com bastante variedade, a congregação pode perder o interesse se a apresentação do tema, por importante que seja, passar de certo tempo. Em segundo lugar, a série deve mostrar ordem ou progresso. Um arranjo mal feito de sermões relacionados, em geral não é tão eficaz quanto aquele cujas mensagens são planejadas com cuidado e numa ordem

apropriada. Quando a série é adequadamente organizada, a congregação poderá facilmente observar o relacionamento das mensagens. Servirá também para aumentar o interesse, à medida que a série prossegue para um clímax.

Conclusão

O desenvolvimento total do esboço temático deve aguardar mais instruções, mas se o estudante seguiu a discussão neste capítulo, ele pode, mediante aplicação cuidadosa dos princípios aqui contidos, aprender a preparar o esboço básico de uma mensagem bíblica temática.

Exercícios

1. Preparar um esboço temático usando um dos temas relacionados sob a seção: *Tipos de Temas*. Assegure-se de que todas as divisões provenham do tema e que tenham apoio bíblico sadio.
2. Preparar um esboço temático usando um tema de sua própria escolha, e sustentar cada divisão principal com uma passagem bíblica adequada. Tenha cuidado em seguir os princípios sugeridos acima.
3. Fazer uma relação de temas apropriados para o culto do Dia das Mães e preparar um esboço temático de cada um deles.
4. Procure uma palavra ou frase importante que ocorra repetidas vezes em um livro do Novo Testamento e desenvolva um esboço temático das repetições dessa palavra ou frase.
5. Tome um assunto geral e faça uma relação de seis títulos para uma série de mensagens sobre ele. Disponha a relação toda numa ordem que ofereça a apresentação mais eficaz, e desenvolva um esboço sobre um tema relacionado com um dos seis títulos.
6. De acordo com a Regra 4 dos *Princípios Básicos da Preparação de Esboços Temáticos*, desenvolva um esboço tendo "Jóias de Deus" como título, e cujas divisões consistam em uma comparação dos filhos de Deus com as jóias.
7. Examine a Epístola aos Filipenses e faça uma relação de cinco de suas feições doutrinárias. Formule um esboço temático da mesma epístola sobre qualquer um desses cinco itens.
8. Com a ajuda de uma concordância completa, prepare um estudo da palavra "perdoar".

2

O Sermão Textual

Definição

No sermão textual temos um tipo de discurso diferente do sermão temático. Neste, iniciamos com um texto; naquele, começamos com um tema. Observe com cuidado a definição de sermão textual:

Sermão textual é aquele em que as divisões principais são derivadas de um texto constituído de uma breve porção da Bíblia. Cada uma dessas divisões é usada como uma linha de sugestão, e o texto fornece o tema do sermão.

O exame desta definição deixa claro que no sermão textual as linhas principais de desenvolvimento são tiradas do próprio texto. Desta maneira, o esboço principal mantém-se estritamente dentro dos limites do texto.

O texto pode consistir em apenas uma linha de um versículo bíblico, ou um versículo todo, ou até mesmo dois ou três versículos. Os autores de livros de homilética não definem especificamente a extensão da passagem que pode ser usada para o sermão textual, mas para o nosso propósito limitaremos o texto do esboço textual a um máximo de três versículos.

A segunda parte da definição afirma que cada divisão principal derivada do texto "é usada como uma linha de sugestão". Isto significa que as divisões principais sugerem as feições a serem discutidas na mensagem. Às vezes o texto é tão rico e pleno que dele podemos extrair muitas verdades ou traços, que servirão para desenvolvimento dos pensamentos contidos no esboço. Outras vezes, pode ser-nos necessário recorrer a outras porções da Bíblia a fim de desenvolvermos as divisões principais. Em outras palavras, as divisões principais do esboço textual devem provir do próprio texto, mas o desenvolvimento pode proceder ou do texto ou de outras porções bíblicas.

A definição afirma ainda que "o texto fornece o tema do sermão". Em contraste com o sermão temático, no qual começamos com um tópico ou tema, agora iniciamos com um texto, que indicará a idéia dominante da mensagem.

Exemplos de Esboços de Sermões Textuais

Como primeiro exemplo, tomemos Esdras 7:10, que diz: "Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a lei do Senhor e para a cumprir e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos." Muitas vezes é útil consultar uma tradução moderna a fim de se obter um significado mais claro da passagem.

Examinando com cuidado o texto, observamos que o versículo todo tem como centro o propósito do coração de Esdras, e assim traçamos as seguintes divisões do versículo:

I. Estava disposto a conhecer a Palavra de Deus, "Esdras tinha disposto o coração para buscar a lei do Senhor."
II. Estava disposto a obedecer à Palavra de Deus, "e para a cumprir".
III. Estava disposto a ensinar a Palavra de Deus, "e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos".

Um bom tema, tirado das idéias sugeridas no texto, pode ser, pois, o propósito do coração de Esdras.

Cada uma das divisões principais, segundo a definição, agora é usada como "uma linha de sugestão" e indica o que vamos dizer acerca do texto.

Na primeira divisão principal, falaremos do propósito do coração de Esdras de conhecer a Palavra de Deus. Contudo, Esdras 7:10 não apresenta detalhes ou informações suficientes para o desenvolvimento da primeira divisão principal, por isso precisamos valer-nos de outras porções bíblicas para esse desenvolvimento.

Examinando o contexto de Esdras 7:10, descobrimos que o versículo 6 do mesmo capítulo diz: "Ele [Esdras] era escriba versado na lei de Moisés, dada pelo Senhor Deus de Israel". Os versículos 11, 12 e 21 também se referem a Esdras como "escriba da lei de Deus". Os versículos 14 e 25 indicam ainda que até mesmo Artaxerxes, rei da Pérsia, reconhecia que Esdras tinha conhecimento da lei de Deus. Eis, portanto, um homem que, embora conhecesse bem a lei divina, não se contentou com o conhecimento que possuía, mas entregou-se ao estudo diligente a

fim de saber mais. E isto ele fez em meio aos engodos e depravação de uma corte pagã onde, é evidente, ele era tido em grande consideração.

Enquanto Esdras lia a Palavra de Deus, certas passagens dos livros históricos e dos Salmos sem dúvida causaram-lhe grande impressão. No livro de Josué ele teria lido: "Não cesses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo a tudo quanto nele está escrito; então farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido" (1:8). Em Provérbios 8:34-35 ele também teria notado: "Feliz o homem que me dá ouvidos, velando dia a dia às minhas portas, esperando às ombreiras da minha entrada. Porque o que me acha acha a vida, e alcança favor do Senhor." Então em Jeremias 29:13 ele teria ouvido o Senhor desafiar-lhe o coração: "Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração." Certamente passagens como estas teriam impressionado e inspirado o escriba versado na lei, a buscar de todo o seu coração conhecê-la ainda mais intimamente.

Podemos resumir a primeira divisão principal em duas breves subdivisões. Note uma vez mais a primeira grande divisão: "Tinha disposto o coração para buscar a lei do Senhor", e observe como conduz ela os nossos pensamentos às subdivisões, ou oferece sugestões sobre o que dizer sobre o texto.

1. Em uma corte pagã.
2. De uma maneira completa.

A segunda divisão principal do esboço de Esdras 7:10, diz: "Estava disposto a obedecer à Palavra de Deus". De acordo com a definição do sermão textual, esta segunda divisão principal agora se transforma numa linha de sugestão, indicando o que deve ser discutido sob este título. Assim, devemos de alguma forma tratar da obediência de Esdras à Palavra de Deus, e, portanto, apresentar as seguintes subdivisões:

1. Para prestar uma obediência pronta.
2. Para prestar uma obediência completa.
3. Para prestar uma obediência contínua.

O versículo 10 não descreve o tipo de obediência que Esdras havia decidido prestar à Palavra de Deus, mas podemos colher estas idéias em outras partes do seu livro, especialmente nos capítulos 9 e 10.

Sob a terceira divisão principal, que diz: "Estava disposto a ensinar a Palavra de Deus", podem-se desenvolver as seguintes subdivisões:

1. Com clareza.
2. Ao povo de Deus.

O texto não diz que Esdras planejava ensinar a Palavra de Deus a fim de tornar compreensível o seu sentido, mas isto se esclarece em Neemias 8:5-12.

Ao fazer o esboço de Esdras 7:10 em sua totalidade, deve-se tornar ainda mais claro ao leitor que cada divisão principal tirada do texto serve como linha de sugestão. As subdivisões não passam de um desenvolvimento das idéias contidas nas respectivas divisões principais; porém, o material das subdivisões é extraído de outras porções das Escrituras.

Título: "Dando Prioridade às Coisas Importantes"
Assunto: O propósito do coração de Esdras.
I. Estava disposto a conhecer a Palavra de Deus.
1. Numa corte pagã.
2. De maneira completa.
II. Estava disposto a obedecer à Palavra de Deus.
1. Prestar uma obediência pronta.
2. Prestar uma obediência completa.
3. Prestar uma obediência contínua.
III. Estava disposto a ensinar a Palavra de Deus.
1. Com clareza.
2. Ao povo de Deus.

Observe que o título é diferente do tema. Para uma explicação completa dos títulos de sermões, veja o capítulo 5. Convém mencionar aqui, porém, que quando o tema do sermão é suficientemente interessante, pode também servir de título.

Para o segundo exemplo de esboço de um sermão textual, usaremos Isaías 55:7, que diz: "Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar." As subdivisões deste esboço não foram tiradas totalmente do texto, pois a terceira subdivisão da última divisão principal provém de outras partes da Bíblia.

Título: "A Bênção do Perdão"
Assunto: O perdão divino.
I. Os objetos do perdão divino: "Deixe o perverso. . . os seus pensamentos."

1. O perverso (literalmente os que são vis externamente).
2. O iníquo (literalmente, os que são pecadores "respeitáveis").

II. As condições do perdão divino: "Deixe... o seu caminho... converta-se ao Senhor."
1. O pecador deve deixar o mal.
2. O pecador deve converter-se a Deus.

III. A promessa do perdão divino: "Que se compadecerá dele... porque é rico em perdoar."
1. Um perdão misericordioso.
2. Um perdão abundante.
3. Um perdão completo, Salmo 103:3; Miquéias 7:18-19; 1 João 1:9.

Os exemplos de esboços textuais dados acima devem ser suficientes para mostrar que as divisões principais no esboço textual devem ser tiradas do versículo ou versículos que formam a base da mensagem, ao passo que as subdivisões podem ser extraídas do mesmo texto ou de outras partes das Escrituras, desde que as idéias contidas nelas sejam um desenvolvimento adequado de suas respectivas divisões principais.

Quando as divisões principais e as subdivisões são tiradas do mesmo texto e expostas de maneira adequada, tal texto é tratado expositivamente.

Agora deixaremos a discussão das subdivisões e consideraremos os aspectos principais do sermão textual. O método de desenvolvimento das divisões principais e das subdivisões, juntamente com exemplos adicionais de esboços textuais, é apresentado no capítulo 8.

Princípios Básicos Para a Preparação de Esboços Textuais

1. O esboço textual deve girar em torno de uma idéia principal, e as divisões principais devem ampliar ou desenvolver essa idéia.

Uma das primeiras tarefas do pregador na preparação de um sermão textual é fazer um estudo completo do texto, descobrir nele a idéia dominante e a seguir derivar as divisões principais (veja o capítulo 9). Cada divisão se transforma, pois, numa ampliação ou desenvolvimento do assunto. No exemplo já apresentado sobre Esdras 7:10, o tema é o propósito do coração de Esdras, e cada uma das divisões principais, tiradas do texto, desenvolve essa idéia dominante.

O Dr. James M. Gray certa vez deu à sua classe um esboço

textual sobre Romanos 12:1, que diz: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional." Usando o sacrifício do crente como tema, o Dr. Gray traçou as seguintes divisões principais do versículo:

I. A razão do sacrifício: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus."
II. O que deve ser sacrificado: ". . .apresenteis os vossos corpos."
III. As condições do sacrifício: "sacrifício vivo. . . a Deus."
IV. A obrigação do sacrifício: "que é o vosso culto racional."

O seguinte esboço do Salmo 23:1 é desenvolvido a partir da idéia dominante do "Relacionamento do Senhor com o crente":

Título: "Jesus é Meu"
I. É um relacionamento seguro: "O Senhor é o meu pastor."
II. É um relacionamento pessoal: "O Senhor é o meu pastor."
III. É um relacionamento presente: "O Senhor é o meu pastor."

Ao prepararmos um esboço textual às vezes descobrimos que as divisões principais de alguns textos são tão óbvias que teremos pouca ou nenhuma dificuldade em encontrar o seu relacionamento com uma idéia dominante. Mas, em geral, é melhor descobrir primeiro o assunto do texto, pois ficará mais fácil discernir as divisões principais.

2. As divisões principais podem consistir em verdades ou princípios sugeridos pelo texto.

O esboço do sermão textual não precisa consistir em uma análise do texto. Pelo contrário, as verdades ou princípios sugeridos pelo texto podem formar as divisões principais.

Leia João 20:19-20 e observe que no esboço que damos abaixo as verdades espirituais expressas nas divisões principais são extraídas do texto.

Título: "A Alegria da Páscoa"
Assunto: Semelhanças do povo de Deus com os discípulos.
I. À semelhança dos discípulos, o povo de Deus às vezes se encontra perturbado, sem a consciência da presença de Cristo, v. 19a.
1. Às vezes se encontra profundamente perturbado por causa de circunstâncias adversas.

2. Às vezes se encontra desnecessariamente perturbado em meio a circunstâncias adversas.

II. À semelhança dos discípulos, o povo de Deus experimenta o consolo de Cristo, vv. 19b-20a.
1. Experimentam o consolo de Cristo por sua vinda a eles quando mais dele precisam.
2. Experimentam o consolo de Cristo através das palavras que ele lhes fala.

III. À semelhança dos discípulos, o povo de Deus se alegra com a presença de Cristo, v. 20b.
1. Alegra-se, embora suas circunstâncias adversas não mudem.
2. Alegra-se, porque Cristo está em seu meio.

Aplicando a mesma regra a Esdras 7:10, e tendo-se por tema os pontos essenciais do ensino bíblico eficaz, é possível extrair-se quatro verdades principais do texto:

Título: "Ensino Bíblico que Excede"
Assunto: Pontos essenciais do ensino bíblico eficaz.
I. Exige determinação resoluta: "Esdras tinha disposto o coração"
II. Exige assimilação diligente: "para buscar a lei do Senhor."
III. Exige dedicação completa: "para a cumprir."
IV. Exige pregação fiel: "para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos."

3. Dependendo da perspectiva da qual o examinamos, é possível encontrar mais de um tema ou idéia dominante em um texto, mas cada esboço deve desenvolver somente um assunto.

Por meio do método de "abordagem múltipla" podemos examinar o texto de diversos ângulos, usando uma idéia central diferente em cada caso, e assim conseguir mais de um esboço para determinado texto. Usando os característicos distintivos da dádiva de Deus como ponto principal de ênfase, obtemos o seguinte esboço:

I. É uma dádiva de amor: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira."
II. É uma dádiva sacrificial: "que deu o seu Filho unigênito."
III. É uma dádiva eterna: "não pereça, mas tenha a vida eterna."
IV. É uma dádiva universal: "todo o."
V. É uma dádiva condicional: "que crê."

Examinando o mesmo texto de outro ponto de vista, a saber:

tendo como pensamento principal os aspectos vitais da vida eterna, o esboço será:

I. Aquele que deu: "Deus."
II. O motivo de ele dar: "amou ao mundo de tal maneira."
III. O preço que ele pagou para dá-lo: "que deu o seu Filho unigênito."
IV. A parte que temos nessa dádiva: "para que todo o que nele crê."
V. A certeza de que a possuiremos: "não pereça, mas tenha a vida eterna."

Às vezes é melhor que o principiante que tem dificuldade em desenvolver um esboço sobre certo texto usando uma idéia principal, tente mais de uma abordagem do texto. Em outras palavras, que ele examine o versículo, como o fizemos, de outros pontos de vista e buscando preparar um esboço com um tema diferente.

4. *As divisões principais devem vir em seqüência lógica ou cronológica.*

Embora nem sempre seja necessário seguir a ordem do texto, as divisões principais devem, porém, indicar um desenvolvimento progressivo de pensamento.

Tomando a primeira parte de João 3:36 como texto: "quem crê no Filho tem a vida eterna", começamos com o assunto de fatos importantes referentes à salvação e descobrimos as seguintes divisões:

I. Quem a provê: "o Filho."
II. A condição: "crê."
III. Sua disponibilidade: "quem crê."
IV. Sua certeza: "tem."
V. Sua duração: "eterna."

Podemos dar a este esboço o título de "A Vida que Jamais Termina". Note que o título difere do assunto, mas é, contudo, por ele sugerido.

5. *As próprias palavras do texto podem formar as divisões principais do esboço, uma vez que elas se refiram a um tema principal.*

Muitos são os textos desse tipo que se prestam a esboço óbvio. Eis um exemplo, baseado em Lucas 19:10: "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido."

Título: "Porque Jesus Veio"
I. O Filho do homem veio buscar o perdido.
II. O Filho do homem veio salvar o perdido.

É óbvio que neste esboço o título e o tema são essencialmente os mesmos. Isto é também verdade quanto ao próximo exemplo, que se baseia em João 14:6: "Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim."

Título: "O Único Caminho Para Deus"
I. Através de Jesus, o caminho.
II. Através de Jesus, a verdade.
III. Através de Jesus, a vida.

No decurso de nosso ministério não devemos deixar de fazer uso total de textos como estes, tão óbvios em sua estrutura. Entretanto, para o estudante que procura adquirir a habilidade de construir sermões textuais, seria sábio evitar tais esboços "fáceis", e concentrar seus melhores esforços em textos que lhe desafiarão o pensamento na elaboração de esboços.

6. *O contexto do qual se tira o texto deve ser cuidadosamente observado e com ele relacionado.*

Para uma interpretação correta das Escrituras, é fundamental o relacionamento do texto com seu contexto. É preciso reconhecer a importância desse procedimento, pois o desprezo desta regra pode resultar em sérias distorções da verdade ou na incompreensão total da passagem. Tomemos, como exemplo, Colossenses 2:21, que diz: "Não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquiloutro." Se tirarmos este versículo do seu contexto, é provável que caiamos no erro de crer que Paulo insiste numa forma de rigoroso ascetismo. Mas, lido no seu contexto, Colossenses 2:21 refere-se a certas regras e regulamentos que os falsos mestres estavam buscando impor aos cristãos de Colossos.

Textos extraídos de porções históricas da Escritura também perdem sua significação, a menos que se estude com cuidado o relacionamento que têm com o contexto. Este fato se torna óbvio tratando-se de Daniel 6:10, que diz: "Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa, e, em cima, no seu quarto, onde havia janelas abertas da banda de Jerusalém, três vezes no dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer." As orações e ações

de graças de Daniel nesta ocasião assumem sua significação própria somente em relação à ameaça à sua vida, descrita nos versículos anteriores.

7. Alguns textos contêm comparações ou contrastes que podem ser mais bem tratados ressaltando-se suas similaridades ou diferenças propositais.

O tratamento de textos desse tipo dependerá de uma observação cuidadosa do conteúdo do versículo ou versículos em questão.

Em Hebreus 13:5-6 temos uma comparação traçada entre o que o Senhor disse e o que podemos dizer em conseqüência. Uma olhada rápida nestes versículos torna óbvia a comparação: "Ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?"

Observe o contraste tríplice em Provérbios 14:11. Diz o texto: "A casa dos perversos será destruída, mas a tenda dos retos florescerá." É evidente que a escolha de palavras foi proposital, a fim de dar ênfase à diferença entre os perversos e os retos, a casa e a tenda, e a destruição daquilo que parece uma estrutura mais forte do perverso em contraste com a permanência da estrutura mais fraca dos retos.

Observe também os contrastes em 2 Coríntios 4:17: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação." Neste versículo encontramos um contraste proposital entre a tribulação presente e a recompensa futura, entre as dificuldades desta vida e as bênçãos vindouras.

No Salmo 1:1-2, lemos: "Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite." O esboço seguinte sugere como tratar um texto que contém um contraste, como encontramos aqui:

Título: "O Homem Bem-aventurado"
Assunto: Dois aspectos do caráter piedoso.
I. O aspecto negativo: separação dos que praticam o mal, v. 1.
II. O aspecto positivo: devoção à lei de Deus, v. 2.

8. Dois ou três versículos, tirados de partes diferentes da Escritura, podem ser reunidos e tratados como se fossem um único texto.

Em vez de usarmos alguns desses versículos para apoiar a primeira divisão principal e o restante para sustentar a segunda, unimo-los como se fossem um único texto, e dessa combinação extraímos as divisões principais.

Tal combinação deve ser feita somente quando os versículos têm um relacionamento definido. Feita corretamente, uma mensagem textual desse tipo torna-se um meio valioso de reforçar a verdade espiritual. Tomemos, por exemplo, Atos 20:19-20 e 1 Coríntios 15:10. Notemos que estas duas referências tratam do ministério do apóstolo Paulo:

> "Servindo ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa" (Atos 19:19-20).
>
> "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus comigo" (1 Coríntios 15:10).

I. Deve ter sido um ministério humilde: "Servindo ao Senhor com toda a humildade."
II. Deve ter sido um ministério fervoroso: "com... lágrimas."
III. Deve ter sido um ministério de ensino: "vo-la ensinar publicamente."
IV. Deve ter sido um ministério de poder divino: "trabalhei... a graça de Deus."
V. Deve ter sido um ministério fiel: "jamais deixando de vos anunciar".
VI. Deve ter sido um ministério trabalhoso: "trabalhei muito mais do que todos eles".

Um título adequado para este esboço seria: "O Ministério que Conta".

Série de sermões textuais

Com um pouco de imaginação, e mediante a escolha de um tema geral e vários textos que tratam dele, as mensagens textuais podem ser facilmente dispostas em séries. Cada texto torna-se,

então, a base de uma mensagem. Para nosso primeiro exemplo escolhemos a palavra "vir" como base de uma série de mensagens sobre "Os Melhores Segredos de Deus". Observe que cada texto contém o verbo "vir".

> "O Segredo do Discipulado", baseado em Mateus 19:21: "Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, e segue-me."
>
> "O Segredo do Descanso", baseado em Mateus 11:28: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei."
>
> "O Segredo da Confiança", baseado em Mateus 14:28-29: "Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas. E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus."
>
> "O Segredo da Satisfação", baseado em João 7:37: "No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba."

Outra série de mensagens textuais pode receber o título de "Louvores dos Inimigos de Cristo". É significativo notar que algumas das mais admiráveis afirmativas acerca de Cristo, registradas nos Evangelhos, vieram de homens que se opunham a ele ou o rejeitavam. Damos título a quatro dessas afirmativas para uma série sobre "Os Louvores dos Inimigos de Cristo".

> "E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles" (Lucas 15:2). Título: "Jesus, o Amigo dos Pecadores."
>
> "Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais?" (João 11:47). Título: "Jesus, o Operador de Milagres."
>
> "Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se" (Mateus 27:42). Título: "Jesus, o Salvador Que Não Pôde Salvar-se."
>
> "Disse Pilatos aos principais sacerdotes e às multidões: Não vejo neste homem crime algum" (Lucas 23:4). Título: "Jesus, o Homem Perfeito."

A Bíblia apresenta pelos menos sete ocasiões em que o Senhor chama o mesmo indivíduo pelo nome duas vezes seguidas. A repetição na Escritura tem o objetivo de dar ênfase, e o pregador pode utilizar-se de algum ou de todos esses chamados para uma interessante série de mensagens. Eis quatro desses chamados duplos de Deus:

> "Mas do céu lhe bradou o Anjo do Senhor: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui. Então lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz, e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho" (Gênesis 22:11-12). Título: "O Chamado à Confiança."

> "Vendo o Senhor que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés, Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui. Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é terra santa" (Êxodo 3:4-5). Título: "Chamado Para o Serviço."

> "Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte e esta não lhe será tirada" (Lucas 10:41-42). Título: "O Chamado à Comunhão."

> "E, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?" (Atos 9:4). Título: "O Chamado à Submissão."

Todo ministro devia familiarizar-se com as "Sete Últimas Palavras", isto é, as afirmativas que Cristo fez enquanto estava pregado na cruz. É importante que o pregador tenha pelo menos duas ou três mensagens baseadas nessas afirmativas de Cristo, e à medida que o tempo lhe permita, ele deve tentar desenvolver uma série de mensagens para antes da Páscoa sobre todas estas "Sete Últimas Palavras". A série toda pode intitular-se "Palavras da Cruz", com títulos de sermões como estes:

> "Intercessão na Cruz", baseado em Lucas 23:33-34. "Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita, outro à esquerda. Contudo Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes,

porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes."

"Salvação na Cruz", baseado em Lucas 23:42-43. "E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso."

"Afeição na Cruz", baseado em João 19:25-27. "E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Vendo Jesus sua mãe, e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante o discípulo a tomou para casa."

"Desprezado na Cruz", baseado em Mateus 27:46. "Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lemá sabactâni, que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

"Sede na Cruz", baseado em João 19:28-29. "Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede! Estava ali um vaso cheio de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando-a num caniço de hissopo, lha chegaram à boca."

"Triunfo na Cruz", baseado em João 19:30. "Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito."

O livro dos Salmos provê textos apropriados para uma série de sermões sobre os "Males Comuns da Humanidade". Para um sermão sobre a depressão, podemos escolher o Salmo 42:11; para um sobre o temor, o Salmo 56:3; para outro sobre a culpa, o Salmo 51:2-3; para um sermão sobre problemas, o Salmo 25:16-17, e para uma mensagem sobre o desapontamento, o Salmo 41:9-10. O mesmo livro pode fornecer material para um grupo de mensagens sobre as "Bênçãos nos Salmos", cada uma baseada na frase "bem-aventurado é o homem que". Uma mensagem pode ter o título de "A Bem-aventurança do Homem Piedoso", tirada do Salmo 1:1; outra pode ser chamada de "A Bem-aventurança do Homem Perdoador", tendo por base o Salmo 32:1-2. Consulta a uma concordância completa fornecerá a informação necessária para outras beatitudes.

Outra série de mensagens pode versar sobre as "Reivindicações de Cristo", tirada dos "Eu sou" do Senhor Jesus no Evangelho de João, tais como: "Eu sou o pão da vida", "Eu sou o bom pastor", e "Eu sou o caminho e a verdade e a vida".

Os exemplos acima são suficientes para indicar ao estudante como é possível formular um plano de sermões textuais das Escrituras. Esse tipo de pregação em ordem dá continuidade de pensamento aos sermões e pode despertar muito interesse quando adequadamente dispostos e desenvolvidos.

Conclusão

Ao terminar a discussão do sermão textual, notemos um esboço em 2 Coríntios 5:21: "Àquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus." O leitor observará neste exemplo, que, de acordo com a definição do sermão textual, as divisões principais são tiradas inteiramente do próprio texto, ao passo que as subdivisões não derivam, necessariamente, do texto, mas têm por base outras passagens bíblicas.

Título: "O Salvador de Pecadores"
Assunto: Características do nosso Salvador.

I. Ele é um Salvador perfeito
   1. Nunca pecou contra Deus ou o homem, João 18:38; 19:4; Mateus 27:3-4; 1 Pedro 2:22.
   2. Foi íntima e exteriormente perfeito, Mateus 17:5; Hebreus 10:5-7; 1 Pedro 1:19.

II. É um Salvador vicário
   1. Levou nossa culpa na cruz, Isaías 53:6; 1 Pedro 2:24.
   2. Morreu para salvar-nos de nossos pecados, Romanos 4:25; 1 Pedro 3:18.

III. É um Salvador que justifica
   1. É o meio, pela graça, de nossa justificação perante Deus, Romanos 3:24.
   2. Toma-se nossa justiça mediante a fé em sua obra redentora, Romanos 3:21-22; 5:1; 1 Coríntios 1:30.

O principiante, em geral, encontra considerável dificuldade no preparo de esboços textuais. Isto se deve ao fato de que a formulação do esboço textual muitas vezes requer exame cuidadoso das divisões naturais do texto. Entretanto, tais dificuldades não devem constituir-se um obstáculo, mas um desafio para que o estudante adquira a capacidade de desenvolver sermões textuais. À medida que se dedica à tarefa, adquirirá, talvez sem perceber, a

habilidade de descobrir o esboço oculto no texto, além de familiarizar-se mais e mais com preciosas porções da Palavra de Deus.

O obreiro diligente também encontra outra feição recompensadora nos sermões textuais — uma recompensa que vem na hora da entrega da mensagem. À medida que o jovem pregador revela as riquezas contidas no seu texto, ele notará como sua mensagem delicia, entre o povo de Deus, os que têm mente espiritual para receber o alimento que até mesmo um único versículo da Escritura pode oferecer.

Exercícios

1. Prepare um esboço textual sobre 1 Tessalonicenses 2:8, dando título, assunto e divisões principais. Neste, e em todos os demais esboços textuais a serem preparados, escreva depois de cada divisão principal a porção do texto que lhe dá apoio.

2. Prepare um esboço textual sobre Tito 2:11-13, dando título, tópico e divisões principais. Como recomendado acima, depois das divisões principais cite as porções do texto que a elas se aplicam.

3. Procure seu próprio texto e, empregando o método de abordagem múltipla (veja p. 36), elabore dois esboços do mesmo texto. Escreva o texto por extenso e indique o título, o tema e as divisões principais de cada esboço.

4. Use apenas a segunda metade do Salmo 51:7 como texto e formule um esboço, apresentando título, assunto e divisões principais.

5. Procure textos (não devem conter mais de três versículos) para cada uma das seguintes ocasiões:

1. Um sermão para o dia de Ano-novo.
2. Um sermão para o dia dos pais.
3. Um sermão para o culto de apresentação de um bebê.
4. Uma mensagem fúnebre para um pai (ou mãe) crente.
5. Um culto de casamento.
6. Um culto evangelístico.
7. Uma reunião de jovens.
8. Uma mensagem missionária.
9. Um culto de domingo de manhã.
10. Uma mensagem para obreiros cristãos.

Escreva cada texto por extenso, na ordem apresentada acima, e dê um título apropriado a cada um.

6. Prepare um esboço textual sobre Daniel 6:10, indicando título, assunto e divisões principais.

7. Em Gênesis 39:20-21 há um contraste proposital entre os versículos 20 e 21. Faça um esboço baseado nesta passagem, dando título, assunto e divisões principais.

8. A primeira parte de Êxodo 33:11, diz: "Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo". Deuteronômio 34:10, diz: "Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o Senhor houvesse tratado face a face." Combine estes dois textos e prepare um esboço textual, dando título, assunto e divisões principais dos versículos combinados.

9. Este capítulo contém os títulos para uma série de quatro mensagens sobre "Louvores dos Inimigos de Cristo". Copie aqueles títulos e acrescente mais três desses "louvores", citando texto e título para cada um.

10. Faça uma relação de uma série de cinco textos apropriados para o culto da santa ceia. Cite cada texto completo e dê um título a cada um. Prepare um esboço textual usando o primeiro texto em sua série de mensagens da santa ceia, dando título, assunto e divisões principais.

3

O Sermão Expositivo

Definição de sermão expositivo

O sermão expositivo é o modo mais eficaz de pregação, porque, mais que todos os outros tipos de mensagens, ele, com o tempo, produz uma congregação cujo ensino é fundamentado na Bíblia. Ao expor uma passagem da sagrada Escritura, o ministro cumpre a função primária da pregação, a saber, interpretar a verdade bíblica (o que nem sempre se pode dizer dos outros tipos de sermões).

Sermão expositivo é aquele em que uma porção mais ou menos extensa da Escritura é interpretada em relação a um tema ou assunto. A maior parte do material deste tipo de sermão provém diretamente da passagem, e o esboço consiste em uma série de idéias progressivas que giram em torno de uma idéia principal.

Examinando esta definição, notamos em primeiro lugar que o sermão expositivo baseia-se em uma "porção mais ou menos extensa da Escritura". A passagem pode consistir em uns poucos versículos ou pode incluir um capítulo inteiro ou até mesmo mais de um capítulo. Para o nosso objetivo, porém, usaremos na discussão toda do sermão expositivo um mínimo de quatro versículos, mas não estabeleceremos limites para o número máximo de versículos.

A definição também afirma que uma porção mais ou menos extensa da Escritura é interpretada "em relação a um tema ou assunto". O Dr. James M. Gray dá ao grupo de versículos que formam a base do sermão expositivo o título de "unidade expositiva". Mais especificamente, a unidade expositiva consiste em um número de versículos dos quais emerge uma idéia central. O sermão expositivo, portanto, como o sermão temático e o textual, gira em torno de um tema. Mas, na mensagem expositiva,

esse tema é extraído de vários versículos em vez de um único ou até mesmo de dois.

A definição também afirma que "a maior parte do material do sermão provém diretamente da passagem". A mensagem expositiva apresenta *não* apenas as idéias principais da passagem; os detalhes também devem ser corretamente explicados e devem fornecer o material principal do sermão. Segue-se, portanto, que quando derivamos todas as subdivisões, bem como as divisões principais, do mesmo trecho bíblico, e quando todas estas divisões são corretamente expostas ou interpretadas, o esboço baseia-se, pois, diretamente na passagem escolhida.

Devemos ter em mente, no decorrer do sermão expositivo, o tema da passagem; e, à medida que desenvolvemos essa idéia principal, deve seguir-se no esboço uma série de idéias progressivas relacionadas com o tema. Isto, sem dúvida, ficará mais claro para o leitor ao observar ele os exemplos dados neste capítulo.

Uma parte importante de nossa definição não deve ser desprezada. Note novamente a primeira parte da definição: "sermão expositivo é aquele em que uma porção mais ou menos extensa da Escritura é interpretada". Examine com cuidado estas últimas palavras. Na exposição, cabe-nos esclarecer ou elucidar o significado do texto bíblico. É este o próprio gênio da pregação expositiva: tornar o significado das Escrituras claro e simples. Para tanto, precisamos estudar os detalhes até dominá-los (veja o capítulo 9). Lembremo-nos sempre, porém, de que a elucidação de uma passagem bíblica deve ter como objetivo relacionar o passado com o presente, ou mostrar que a verdade é aplicável aos dias de hoje.

Diferença entre o sermão textual e o expositivo

É bom, a esta altura, que se compreenda claramente a diferença entre o sermão textual e o expositivo.

Já vimos que o sermão textual é aquele em que as divisões principais derivam de um texto constituído de uma breve porção bíblica, em geral um único versículo ou dois, ou às vezes até mesmo parte de um versículo. No caso do sermão expositivo, o texto pode ser uma porção mais ou menos extensa da Bíblia — às vezes um capítulo inteiro ou até mais — e as divisões provêm da passagem. Repito: na mensagem textual, as divisões oriundas do texto são usadas como uma linha de sugestão; isto é, indicam a tendência do pensamento a ser seguido no sermão, permitindo

que o pregador tire as subdivisões ou idéias para o desenvolvimento do esboço de qualquer parte da Escritura, consoante ao desenvolvimento lógico dos pensamentos contidos nas divisões principais. O sermão expositivo, por outro lado, obriga o pregador a extrair todas as subdivisões, bem como as divisões principais, da mesma unidade bíblica que pretende expor. Desta maneira, o sermão todo consiste na exposição de certo trecho bíblico, e a passagem converte-se no próprio tecido do discurso. Em outras palavras, o corpo de pensamento provém diretamente do texto, e o sermão passa a ser, definitivamente, interpretativo.

Como afirmamos no capítulo 2, alguns textos, embora compreendam um único versículo ou dois, contêm tantos detalhes que podemos derivar da mesma passagem não apenas as divisões principais mas também as subdivisões. Quando assim se faz, o sermão textual é tratado expositivamente, e o discurso todo torna-se uma exposição do texto.

Exemplos de esboços de sermão expositivo

Como primeiro exemplo de um esboço de sermão expositivo usaremos Efésios 6:10-18. Para que o estudante siga o procedimento usado na elaboração do esboço, instamos a que primeiro leia a passagem várias vezes e a estude com cuidado antes de examinar o esboço dado adiante. Sugerimos também fazer o mesmo antes de cada um dos outros esboços deste capítulo e em todo o restante deste livro.

Um exame, por breve que seja, de Efésios 6:10-18, nos levará a concluir que Paulo aqui trata da batalha espiritual do crente e procura apresentar as várias feições relacionadas a esse conflito, de modo que o filho de Deus possa tornar-se um guerreiro bem-sucedido.

Se examinarmos a passagem com bastante atenção, veremos que nos versículos 10 a 13 o apóstolo anima o crente a ser corajoso e firme em face de inimigos espirituais avassaladores. Em outras palavras, Paulo refere-se, nestes versículos, à moral cristã. Os versículos 14 a 17 lidam com as diferentes partes da armadura que o Senhor providenciou para o santo em face de inimigos sobre-humanos. Concluímos, portanto, que esta seção pode ser descrita como a armadura do crente. Antes, porém, de terminar sua discussão dos aspectos envolvidos nesta guerra espiritual, o apóstolo acrescenta o versículo 18. Aqui ele diz ao crente vestido com a armadura de Deus que também deve

entregar-se à oração incessante no Espírito e à intercessão constante por todos os santos. É óbvio, pois, que o aspecto final apresentado por Paulo, em conexão com o conflito espiritual, é a vida de oração do crente. Agora estamos prontos para elaborar um esboço dos três aspectos principais discutidos pelo apóstolo em conexão com a guerra espiritual:

I. A moral do crente, vv. 10-13.
II. A armadura do crente, vv. 14-17.
III. A vida de oração do crente, v. 18.

Examinando mais atentamente os versículos 10 a 13, vemos que o grande apóstolo acentua, pelos menos dois aspectos da moral cristã. Para começar, ele insta a que o crente, no conflito espiritual, coloque sua confiança no Senhor e, tendo feito isso, permaneça firme (veja os versículos 11, 13 e 14a), não importa quão grandes e poderosos pareçam seus inimigos. No desenvolvimento do esboço expositivo podemos assim descobrir duas subdivisões sob a divisão principal da "Moral do crente". Primeira, a moral do crente deve ser elevada, e, segunda, deve ser firme.

Chegando à segunda seção da unidade expositiva, a saber, aos versículos 14 a 17, observamos que as diferentes partes da armadura do crente podem ser agrupadas em duas relações principais: as primeiras peças do equipamento constituem a armadura defensiva, e o último item da lista, a espada do espírito, a armadura ofensiva. A propósito, é interessante notar que a armadura não provê proteção alguma para as costas, pela razão óbvia de que o Senhor não tenciona que seus soldados jamais se virem e fujam no dia da batalha.

A seção final, versículo 18, também pode ser subdividida em duas partes. Atenção cuidadosa à primeira parte do versículo revela como a vida de oração do crente deve ser persistente, enquanto a segunda parte diz que todo esse esforço deve ser a favor de outros.

Feitas estas observações, estamos prontos para apresentar o esboço completo, com todas as subdivisões e divisões principais oriundas da mesma passagem. De acordo com a porção da Escritura a ser exposta, selecionamos como título do esboço, "A Boa Luta da Fé".

Título: "A Boa Luta da Fé"
Assunto: Aspectos relacionados com a guerra espiritual do crente.
I. A moral do crente, vv. 10-14a.
1. Deve ser elevada, v. 10.

2. Deve ser firme, vv. 11-14a.

II. A armadura do crente, vv. 14-17.
1. Deve ter caráter defensivo, vv. 14-17a.
2. Deve também ter caráter ofensivo, v. 17b.

III. A vida de oração do crente, v. 18.
1. Deve ser persistente, v. 18.
2. Deve ser intercessora, v. 18b.

Para que o sermão seja verdadeiramente expositivo, devemos interpretar ou explicar corretamente as subdivisões, bem como as divisões principais. Desta maneira o pregador cumpre o propósito da exposição, que é derivar da passagem a maior parte do material de seu sermão e expor seu conteúdo em relação a um único tema principal.

Selecionamos Êxodo 14:1-14 como segundo exemplo de um sermão expositivo. Não podemos, a esta altura, examinar todos os procedimentos exegéticos desta passagem, mas enquanto não os compreendermos, não estaremos preparados para empreender a elaboração de um sermão expositivo.

Entretanto, uma vez que tenhamos feito o exame cuidadoso e necessário do texto, estaremos prontos para construir um esboço da passagem bíblica. Escolhemos, como ponto principal de ênfase, as lições a serem tiradas do "Beco Sem Saída", pois é óbvio que, como o povo de Israel no mar Vermelho, às vezes também nos encontramos numa situação da qual não parece haver escape ou livramento. Com esta idéia em mente, extraímos várias lições ou verdades do texto, como segue:

I. "Beco Sem Saída" é o lugar a que às vezes Deus nos leva, vv. 1-4a.
II. "Beco Sem Saída" é o lugar em que Deus nos prova, vv. 4b-9.
III. "Beco Sem Saída" é o lugar em que às vezes falhamos com o Senhor, vv. 10-12.
IV. "Beco Sem Saída" é o lugar em que Deus nos ajuda, vv. 13-14.

Para que o leitor veja como estas verdades foram derivadas do texto, deve voltar à passagem uma vez mais, e examinar o desenvolvimento do esboço ponto por ponto.

Êxodo 14:1-14 não apenas oferece quatro lições principais, mas também fornece todas as subdivisões para o esboço. O texto provê, assim, a maior parte do material necessário para o sermão.

Agora apresentamos o esboço de Êxodo 14:1-14, mostrando as subdivisões sob suas respectivas divisões principais:

Título: "Beco Sem Saída"

I. "Beco Sem Saída" é o lugar a que às vezes Deus nos leva, vv. 1-4a.
   1. Mediante ordem específica, vv. 1-2.
   2. Para seus próprios propósitos, vv. 3-4a.

II. "Beco Sem Saída" é o lugar em que Deus nos prova, vv. 4b-9.
   1. No caminho da obediência, v. 4b.
   2. Permitindo que nos sobrevenham circunstâncias difíceis, vv. 5-9.

III. "Beco Sem-Saída" é o lugar em que às vezes falhamos com o Senhor, vv. 10-12.
   1. Por nossa falta de fé, v. 10.
   2. Por nossas reclamações, vv. 11-12.

IV. "Beco Sem Saída" é o lugar em que Deus nos ajuda, vv. 13-14.
   1. No momento certo, v. 13.
   2. Tomando o controle, v. 14.

Uma vez mais, aconselhamos que o aluno compare o esboço dado acima com o texto, e veja por si mesmo que as subdivisões, à semelhança das divisões principais, foram todas sugeridas pela passagem em questão.

Baseamos nosso terceiro exemplo de sermão expositivo em um esboço sobre Lucas 19:1-10. Depois de um estudo exegético da passagem, tratamos estes versículos tendo por tema a conquista de Zaqueu, um homem "perdido". Que diz esta passagem acerca de nosso assunto? Examinando-a cuidadosamente, descobrimos os seguintes fatos principais acerca da conquista de Zaqueu, o homem "perdido", os quais fornecem a análise da passagem.

I. Buscando a Zaqueu, vv. 1-4.
II. Sendo amigo de Zaqueu, vv. 8-10.
III. A salvação de Zaqueu, vv. 8-10.

Examinamos a passagem mais cuidadosamente agora e consideramos o que o texto contém com respeito a estes pontos principais. O resultado de nosso estudo revela, sob a primeira divisão principal, dois aspectos em relação com a busca de Zaqueu:

1. A busca que Jesus fez para encontrar Zaqueu foi conduzida sem estardalhaço.
2. A visita de Cristo a Jericó estimulou o coração de Zaqueu a se interessar em vê-lo.

Na segunda divisão principal, vemos dois outros aspectos:

1. Jesus fez-se amigo de Zaqueu, o homem que não tinha amigos (veja v. 7), convidando-se a si mesmo para ir à sua casa!
2. O convite que Jesus fez a si mesmo para ir à casa de Zaqueu teve duplo efeito — um efeito feliz sobre Zaqueu, mas um efeito desagradável sobre o povo de Jericó.

Sob a terceira divisão principal, encontramos os seguintes fatos:

1. A salvação de Zaqueu evidencia-se pela mudança extraordinária que lhe aconteceu imediatamente.
2. Cristo declara a salvação de Zaqueu em termos inconfundíveis.

A passagem deixa claro que Zaqueu, o pecador perdido, encontrou um amigo em Jesus ou, melhor ainda, Jesus o encontrou! Escolhemos, pois, para título da mensagem: "Conquistado Pelo Amor".

Agora estamos prontos para organizar nosso esboço:

Título: "Conquistado Pelo Amor"
- I. Buscando a Zaqueu, vv. 1-4.
  - 1. Seu modo, v. 1.
  - 2. Seu efeito, vv. 2-4.
- II. Sendo amigo de Zaqueu, vv. 5-7.
  - 1. Seu modo, v. 5.
  - 2. Seus efeitos, vv. 6-7.
- III. A salvação de Zaqueu, vv. 8-10.
  - 1. Sua evidência, v. 8.
  - 2. Sua declaração, vv. 9-10.

Examinando o esboço, vemos uma progressão natural de idéias, todas relacionadas com a conquista de Zaqueu, cujo clímax foi a salvação do chefe dos publicanos.

A disposição mecânica de uma passagem bíblica

Muitos estudantes da Bíblia, a fim de descobrirem sua estrutura, acham proveitoso preparar uma disposição mecânica da passagem. A disposição mecânica das afirmativas principais do texto torna-o mais significativo para nós. Devemos distinguir entre as orações principais e as subordinadas, providenciando espaço, arranjando uma série de palavras, frases ou orações de modo que acentuem seus relacionamentos. Também devemos ressaltar os verbos principais e as palavras ou idéias importantes, incluindo conectivos tais

como ora, pois, e, mas, então e portanto.

Usando este procedimento, reproduzimos abaixo o texto de Lucas 19:1-10. Note que esta disposição do texto nos ajuda, não somente a analisar a passagem e ver suas partes principais, mas também observar os itens do trecho bíblico que, de outra forma, nos escapariam à atenção.

v. 1 Entrando em Jericó,
atravessava Jesus a cidade.
v. 2 Eis que um homem, chamado Zaqueu,
maioral dos publicanos, e
rico,
v. 3 procurava ver quem era Jesus,
mas não podia,
por causa da multidão,
por ser ele de pequena estatura.
v. 4 Então
correndo adiante
subiu a um sicômoro
a fim de vê-lo,
porque por ali havia de passar.
v. 5 Quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, disse-lhe: Zaqueu,
desce depressa,
pois me convém ficar hoje
em tua casa.
v. 6 Ele desceu a toda a pressa e
o recebeu com alegria.
v. 7 Todos os que viram isto
murmuravam, dizendo que ele
se hospedara com homem pecador.
v. 8 Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor,
resolvo dar aos pobres
metade dos meus bens; e, se
nalguma coisa tenho
defraudado alguém,
restituo-o
quatro vezes mais.
v. 9 Então Jesus lhe disse:
Hoje houve salvação
nesta casa,
pois
que também este é filho de Abraão.

v. 10 Porque o Filho do homem veio buscar / e salvar] o perdido.

Apresentamos, a seguir, outro "layout" mecânico, de 1 Tessalonicenses 4:13-18, que mostra como descobrimos a estrutura da passagem por via das relações sintáticas entre as sentenças principais e subordinadas e também mediante o relacionamento entre as orações completas e as incompletas do trecho bíblico.

Assunto: Nossa esperança com referência aos mortos em Cristo.

I. Referente à nossa esperança, v. 13.

13 Não queremos,
porém,
irmãos,
que sejais ignorantes com respeito aos que dormem,
para não vos entristecerdes
como os demais,
que não têm esperança.

II. Bases para nossa esperança, vv. 14-15

14 Pois
se cremos que Jesus morreu
e
ressuscitou,
assim

1. A morte e ressurreição de Cristo.

também Deus, mediante Jesus,
trará juntamente em sua
companhia
os que dormem.

2. A palavra do Senhor.

15 Ora,
ainda vos declaramos,
por palavra do Senhor, isto:
nós, os vivos,
os que ficarmos até à vinda
do Senhor,
de modo algum precederemos
os que dormem.

III. Cumprimento da nossa Esperança, vv. 16-17.

16 Porquanto o Senhor mesmo,
dada a sua palavra de ordem,
ouvida a voz do arcanjo,
e

1. A vinda do Senhor. — ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus,
2. A ressurreição dos mortos em Cristo. — e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.
3. O arrebatamento dos santos vivos. — 17 depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.

IV. Exortação referente à nossa esperança, v. 18 — 18 Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.

Tipos de mensagens erroneamente tidas como sermões expositivos

Devemos mencionar a esta altura dois tipos de sermões erroneamente tidos como expositivos. A definição destas formas de mensagens mostrará ao leitor que diferem do sermão expositivo em um ou mais aspectos importantes.

1. A homilia bíblica.

Homilia bíblica é um comentário sobre uma passagem bíblica, longa ou curta, explicada e aplicada versículo por versículo, ou frase por frase. Em geral, a homilia não possui estrutura homilética, pois consiste em uma série de observações sem tentativa de mostrar como as partes do texto ou do todo se relacionam, isto é, sem levar em conta a unidade ou a coesão estrutural.

2. A preleção exegética.

Preleção exegética é um comentário detalhado de um texto, com ou sem ordem lógica ou aplicação prática. É importante que o pregador seja capaz de fazer um estudo exegético da Palavra de Deus. Contudo, o que a congregação deseja não é o processo do estudo, mas os resultados dele. A exegese interpreta o significado oculto da passagem; a exposição apresenta esse significado de maneira correta e eficaz.

Alguns escritores de homilética fazem observações críticas a respeito da homilia bíblica e da preleção exegética. Contudo, certos pregadores parecem possuir o dom de descobrir no texto aspectos tais que requerem ênfase ou elucidação, de modo que suas mensagens, embora consistam em pequenos sermões desarticulados, são uma grande bênção para o povo de Deus.

Princípios básicos da preparação de esboços expositivos

1. *Devemos estudar cuidadosamente a passagem bíblica sob consideração a fim de compreendermos seu significado e obtermos o assunto do texto.*

Uma das primeiras etapas do desenvolvimento do esboço expositivo é a descoberta do tema da passagem. Uma vez obtido o tema, em geral o desenvolvimento do esboço se simplifica. Para se encontrar o tema principal da passagem, contudo, é necessário estudar o texto com diligência (veja o capítulo 9).

Por mais que o queiramos, jamais conseguiremos ressaltar demais a importância de um estudo bem feito da passagem. Esse estudo dá ao pregador uma visão das Escrituras que ele não pode obter de outra maneira. Métodos superficiais, ao acaso ou desmazelados, jamais farão um verdadeiro expositor. O ministério do ensino da Bíblia requer que o homem de Deus ponha o coração e a alma neste mister, o que significa gastar horas em pesquisa difícil e piedosa, em concentração contínua, buscando o motivo do escritor sagrado e o verdadeiro significado do trecho bíblico.

Como resultado de tal estudo, o pregador adquirirá uma visão nova quanto ao propósito da passagem. O texto todo muitas vezes se iluminará aos seus olhos, de modo que ele verá verdades antes ocultas.

Nessa investigação do texto, mais cedo ou mais tarde o pregador descobrirá o assunto principal que permeia a unidade expositiva, bem como as partes naturais nas quais ela poderá ser dividida.

2. *Palavras ou frases importantes do texto podem indicar ou formar as divisões principais do esboço.*

Já ressaltamos que a repetição de palavras ou frases significativas possui, em muitas passagens, um propósito especial, e é evidente que algumas dessas palavras ou frases têm a finalidade de indicar a transição de uma idéia importante a outra.

Como exemplo de repetição, examinemos os versículos 3-14 do primeiro capítulo da Epístola aos Efésios. Depois de ler a passagem, observe o seguinte:

v. 6 — "para louvor da glória de sua graça"
v. 12 — "para louvor da sua glória"
v. 14 — "em louvor da sua glória"

A repetição destas frases leva-nos a inquirir se o Espírito de Deus tencionava que cada uma delas indicasse uma divisão de pensamento. Estudando o trecho com esta idéia em mente, descobrimos que o apóstolo aqui trata da obra redentora de Deus. A primeira seção, que conclui com o versículo 6, descreve a obra de Deus Pai em nossa redenção; a segunda seção, que termina com o versículo 12, fala da obra de Deus Filho; e a terceira seção, que consiste nos versículos 13 e 14, apresenta a obra de Deus Espírito Santo. De forma que a obra da redenção é atribuída às três pessoas da Trindade. Não é de admirar que o apóstolo exclame, no final de cada seção: "para o louvor da sua glória!"

3. *A ordem do esboço pode ser diferente da ordem da unidade expositiva.*

Em geral, é bom, mas nem sempre necessário, que as divisões principais e as subdivisões sigam a ordem exata dos versículos bíblicos. Pode ocorrer o caso da ordem lógica ou cronológica determinar que as divisões principais ou as subdivisões sejam colocadas numa seqüência diferente daquela apresentada no texto.

Observe o seguinte esboço de Êxodo 12:1-13, no qual a quarta e a quinta divisões principais não seguem a ordem dos versículos da unidade expositiva:

Título: "O Cordeiro de Deus"
Assunto: Aspectos do cordeiro pascal prefigurativos de Cristo, o Cordeiro Pascal.
I. Foi um cordeiro divinamente determinado, 12:1-3.
II. Foi um cordeiro perfeito, 12:5.
III. Foi um cordeiro morto, 12:6.
IV. Foi um cordeiro redentor, 12:7, 12-13.
V. Foi um cordeiro sustentador, 12:8-11.

4. *As divisões principais podem ser extraídas das verdades importantes sugeridas pela passagem.*

Esboços deste tipo são, em geral, tirados de passagens bíblicas históricas e proféticas, e consistem nas principais verdades ou lições espirituais que os fatos pareçam sugerir ou exemplificar. Estas verdades ou princípios espirituais tornam-se, então, as divisões principais do esboço.

Usamos, como exemplo desse tipo de esboço, o acontecimento histórico do dilúvio (capítulos 6-7 de Gênesis):

Título: "O Deus Com Quem Devemos Lidar"
Assunto: Verdades acerca de Deus em relação a seus tratos com o homem.

I. Ele é o governante moral do universo, 6:1-7, 11-13.
   1. Que nota as ações dos homens, 6:1-6, 11-12.
   2. Que pronuncia juízo sobre os homens por causa da sua culpa, 6:7, 13.

II. Ele é o Deus da graça, 6:3, 8-22.
   1. Que provê um meio de escape do juízo do pecado, 6:8-22.
   2. Que oferece misericórdia ao culpado, 6:3.

III. Ele é o Deus da fidelidade, 7:1-24.
   1. Que cumpre sua palavra de juízo, 7:11-24.
   2. Que cumpre as promessas feitas aos seus, 7:1-10, 23.

Observemos um segundo exemplo tirado do livro de Obadias, que contém apenas 21 versículos, e é uma profecia da destruição de Edom. Examinando o texto, descobrimos que ele faz uma revelação dupla do caráter de Deus, como segue:

I. Ele é Deus de justiça, vv. 1-16.
   1. Que julga os homens por seu orgulho, vv. 1-9.
   2. Que julga os homens por sua violência, vv. 10-16.

II. Ele é Deus de graça, vv. 17-21.
   1. Que traz libertação a seu povo, vv. 17, 21.
   2. Que leva os seus às suas posses, vv. 17-21.

5. *Duas ou três passagens mais ou menos extensas, extraídas de várias partes da Bíblia, podem ser ajuntadas para formar a base de um esboço expositivo.*

Segundo esse princípio, a unidade expositiva não consiste, necessariamente, numa única passagem cujos versículos sejam consecutivos; quando, porém, duas ou três passagens, breves ou extensas, possuem uma relação clara, podem ser tratadas como se fossem uma unidade.

O sacrifício pacífico, descrito em Levítico, é um exemplo desse princípio. Encontramos a primeira descrição desse sacrifício nos

versículos 1-17 do capítulo 3, e o capítulo 7, versículos 11-15 e 28-32, dão mais informação sobre o assunto. Portanto, para obtermos um quadro completo das leis referentes ao sacrifício pacífico, juntamos as três passagens e elaboramos o seguinte esboço (que se aplica, mediante a tipologia, a Cristo e ao crente):

Título: "Paz Com Deus"
Assunto: Leis referentes à reconciliação do pecador com Deus.
I. Como se obtém a reconciliação, 3:1-17.
1. Mediante um sacrifício divinamente determinado, 3:1, 6, 12.
2. Mediante a identificação do pecador com o sacrifício, 3:2, 7-8, 12-13.
II. O método pelo qual se desfruta a reconciliação, 7:11-15, 28-32.
1. Pela participação do ofertante, 7:11-15.
2. Pela participação dos sacerdotes, 7:28-32.

Os sermões biográficos muitas vezes são construídos em linhas similares. Começando com uma passagem um tanto extensa, que trate de um personagem bíblico, podemos procurar outras referências a essa pessoa e formar um quadro para um esboço de sermão biográfico.

Como exemplo, tomemos Raabe, cuja vida encontra-se descrita em Josué, capítulos 2 e 6:22-25. Com a ajuda de uma concordância, porém, descobrimos mais oito referências a Raabe, incluindo Mateus 1:5. Estudando um pouco mais, ficamos sabendo que três destas, Salmo 87:4, 89:10, e Isaías 51:9, não se referem à pessoa em questão, mas a certo monstro marinho mítico, que na Bíblia simboliza o Egito. Portanto, estudamos cuidadosamente as outras cinco ocorrências do nome de Raabe, e também os dois relatos detalhados de Josué. Como resultado de observação, análise e classificação cuidadosas dessas passagens, podemos preparar dois esboços biográficos de Raabe, baseados principalmente nos relatos do livro de Josué. O primeiro é analítico, e o segundo mostra as verdades ou princípios ensinados pela "fé viva" de Raabe:

Título: "De Pecadora a Santa"
I. Seu passado trágico, Josué 2:1, Hebreus 11:31; Tiago 2:25.
II. Sua fé em Deus, Hebreus 11:31.
III. Sua obra de fé, Josué 2:1-6; Tiago 2:25.
IV. Seu testemunho bendito, Josué 2:9-13.

V. Sua influência maravilhosa, Josué 2:18-19, 6:22-23, 25.
VI. Sua posteridade nobre, Mateus 1:5; cf. Rute 4:21-22.

Título: "Fé Viva"
I. Uma fé que salva, Hebreus 11:31.
II. Uma fé que opera, Josué 2:1-6; Tiago 2:25.
III. Uma fé que testifica, Josué 2:9-13.
IV. Uma fé que influencia, Josué 2:18-19; 6:22-23, 25.
V. Uma fé que dá frutos permanentes, Mateus 1:5; cf. Rute 4:21-22.

Outro exemplo de sermão biográfico pode ser extraído de Gênesis 13:2-13, 14:1-16; 19:1-38, e 2 Pedro 2:6-8, sobre a vida de Ló. Combinando estas passagens, vemos o trágico exemplo de um homem que andou no "conselho dos ímpios", deteve-se "no caminho dos pecadores" e se assentou "na roda dos escarnecedores".

Título: "O Preço do Mundanismo"
I. Ele escolheu seu modo de vida, Gênesis 13:1-13.
II. Ele persistiu em sua própria escolha, Gênesis 14:1-16, 2 Pedro 2:6-8.
III. Ele sofreu as conseqüências de sua escolha errada, Gênesis 19:1-38.

Aplicando as verdades espirituais que podemos tirar deste resumo biográfico, obtemos o seguinte esboço:

Título: "Ganho ou Perda: A Escolha é Nossa"
I. Podemos escolher nosso modo de vida.
1. Fazendo nossos próprios planos independentemente de Deus, como Ló, Gênesis 13:1-13.
2. Não levando em consideração as associações a que esse tipo de vida nos possa levar, como Ló, Gênesis 13:12-13, 2 Pedro 2:6-8.
II. Podemos persistir em nosso próprio estilo de vida.
1. Não dando ouvidos à voz da consciência, como Ló, 2 Pedro 2:6-8.
2. Não dando ouvidos às advertências que Deus graciosamente nos faz, como Ló, depois de ser salvo por Abraão, Gênesis 14:1-16.
III. Devemos sofrer as conseqüências de nossa impiedade.
1. Mediante a possível perda de tudo o que consideramos precioso, como Ló, Gênesis 19:15-16, 30-35.
2. Mediante a perda de nosso próprio caráter, como Ló, Gênesis 19:1, 6-8, 30-38.

Os sermões biográficos podem ser construídos de acordo com

outras diretrizes e incluir itens como a formação do indivíduo, o seu caráter, suas realizações e sua influência.

No sermão biográfico podemos, às vezes, contrastar os aspectos positivos com os negativos do caráter do indivíduo. Certa vez Charles H. Spurgeon pregou um sermão baseado em Marcos 16:14-20 e Lucas 23:6-12, apresentando os traços bons e maus do rei Herodes.

I. Pontos positivos do caráter de Herodes.
   1. Embora não tivesse justiça, honestidade, e pureza, contudo eie possuía um pouco de respeito pela virtude, Marcos 6:14-20.
   2. Ele protegeu João Batista por causa da justiça e santidade deste, Marcos 6:20.
   3. Ele gostava de ouvir a João Batista, Marcos 6:20.
   4. Sua consciência, evidentemente, sofreu grande influência da mensagem de João, Marcos 6:20.

II. Falhas do caráter de Herodes.
   1. Embora respeitasse a João Batista, não se voltou para o Mestre de João, Marcos 6:17-20.
   2. Não amou a mensagem que João enviou, Marcos 6:17-20.
   3. Embora fizesse muitas coisas como resultado da mensagem de João, permaneceu sob a influência do pecado, Marcos 6:21-26.
   4. Mandou matar o homem a quem respeitava, Marcos 6:26-27.
   5. Acabou zombando do Salvador, Lucas 23:6-12.

6. *Através da abordagem múltipla, podemos analisar uma passagem bíblica de várias maneiras e tirarmos dois ou mais esboços inteiramente diferentes do mesmo trecho.*

Já nos referimos ao método de abordagem múltipla em conexão com os sermões textuais. Esse método é aplicável tanto ao tratamento de versículos isolados como a uma unidade expositiva.

Mediante a abordagem múltipla, podemos produzir diferentes esboços da mesma passagem. Cada esboço basear-se-á numa idéia dominante, revelada pelo Espírito de Deus, e que venha atender alguma necessidade especial ou circunstância do povo a quem servimos, ou influenciar outras condições que a igreja enfrenta no mundo complexo em que vivemos.

Entretanto, se começamos o sermão com um propósito definido e a seguir escolhemos uma passagem, jamais devemos forçar as idéias do texto a se encaixarem em nosso objetivo. Pelo contrário, devemos procurar na passagem conceitos ou verdades tais que se

relacionem com nosso objetivo, derivados naturalmente da porção bíblica em apoio de nosso alvo. Se não encontramos na passagem aquilo que se encaixe em nosso objetivo, devemos procurar outro texto que corresponda ao alvo de nossa apresentação.

A fim de demonstrar que uma única unidade expositiva pode aplicar-se corretamente a várias situações, apresentamos abaixo quatro esboços diferentes baseados em Mateus 14:14-21, que trata da alimentação de cinco mil pessoas. Com a finalidade de descobrir o conteúdo da passagem, podemos examiná-la do ponto de vista de cada pessoa ou grupo de pessoas a que o texto se refere, incluindo as pessoas da Trindade. Com tal procedimento, podemos fazer a nós mesmos perguntas como as que se seguem: O que revela a passagem a respeito dessas pessoas, e o que cada uma diz, faz, ou experimenta?

Para nosso primeiro exemplo, tomaremos como pensamento dominante da unidade expositiva os atributos de Jesus:

Título: "Nosso Senhor Singular"

I. A compaixão de Jesus, v. 14.
   1. Demonstrada em seu interesse pela multidão, v. 14.
   2. Demonstrada em seu serviço à multidão, v. 14.

II. A ternura de Jesus, vv. 15-18.
   1. Demonstrada em sua resposta graciosa aos discípulos, vv. 15-16.
   2. Demonstrada em seu trato paciente com os discípulos, vv. 17-18.

III. O poder de Jesus, vv. 19-21.
   1. Manifesto na alimentação da multidão, vv. 19-21.
   2. Exercido mediante o serviço dos discípulos, vv. 14-21.

Agora tratamos a mesma passagem do ponto de vista de Cristo como supridor de nossas necessidades:

Título: "Veja Deus Operar"

I. Cristo se interessa por nossas necessidades, vv. 14-16.
   1. Tem compaixão de nós em nossas necessidades, vv. 14, 16.
   2. Ele nos considera em nossas necessidades quando outros não se importam conosco, vv. 15-16.

II. Cristo, ao suprir nossas necessidades, não se restringe pelas circunstâncias, vv. 17-19.
   1. Ele não se restringe por nossa falta de recursos, vv. 17-18.
   2. Ele não se restringe por qualquer outra falta, v. 19.

III. Cristo supre as nossas necessidades, vv. 20-21.
1. Supre nossas necessidades com abundância, v. 20.
2. Provê muito mais do que o suficiente, vv. 20-21.

No terceiro esboço, consideramos o texto do ponto de vista do problema que encaramos:

Título: "Resolvendo Nossos Problemas"
I. Às vezes nos confrontam problemas, vv. 14-15.
1. De grandes proporções, vv. 14-15.
2. De natureza premente, v. 15.
3. De solução impossível, humanamente falando, v. 15.
II. Cristo é abundantemente capaz de solucionar nossos problemas, vv. 16-22.
1. Sob a condição de que lhe entreguemos nossos recursos limitados, vv. 16-18.
3. Sob a condição de que lhe obedeçamos sem questionar, vv. 19-22.

Para o quarto exemplo, basearemos o esboço na idéia da fé em relação com a necessidade humana:

Título: "Relacionando a Fé com a Necessidade Humana"
I. O desafio da fé, vv. 14-16.
1. O motivo do desafio, vv. 14-15.
2. A substância do desafio, v. 16.
II. A obra da fé, vv. 17-19.
1. O primeiro ato de fé, vv. 17-18.
2. O segundo ato de fé, v. 19.
III. A recompensa da fé, vv. 20-21.
1. A bem-aventurança da recompensa, v. 20a.
2. A grandeza da recompensa, vv. 20b-21.

Vimos, assim, quatro modos diferentes pelos quais podemos tratar Mateus 14:14-21 com finalidades e propósitos diferentes.

7. Note o contexto da unidade expositiva.

Aprendemos, em conexão com o sermão textual, que o exame do contexto é essencial à interpretação correta. Esse princípio aplica-se tanto ao sermão expositivo como ao textual. A consideração pelo contexto, imediato e remoto, ajudar-nos-á materialmente na compreensão de certa passagem, e nos capacitará a vê-la em sua luz correta.

Chegando o apóstolo Paulo ao capítulo 12 de sua carta aos Romanos, ele o inicia com as palavras: "Rogo-vos, *pois*, irmãos, pelas misericórdias de Deus." A palavra "pois" nos manda de volta aos capítulos precedentes e indica que as exortações

práticas que se seguem têm por base as verdades doutrinárias vitais apresentadas na seção anterior.

A falta de espaço impede-nos de discutir este princípio com mais detalhes, mas desejamos ressaltar a necessidade de sempre se fazer o estudo do contexto se quisermos ser expositores fiéis das Escrituras.

8. *Examine o contexto histórico e cultural da passagem, sempre que possível.*

Muitas passagens bíblicas não podem ser adequadamente compreendidas fora de seu contexto histórico e cultural. A interpretação sadia de tais passagens, portanto, será determinada por um exame das porções históricas a que se relacionam intimamente, e ao seu ambiente cultural e geográfico.

Esta regra diz respeito principalmente aos profetas maiores e menores em sua conexão com os livros históricos do Antigo Testamento, e às epístolas de Paulo em sua relação com o livro de Atos. Tome, por exemplo, o livro de Jonas. Não se pode compreender a mensagem deste pequeno livro sem uma referência a 1 e 2 Reis, em particular ao capítulo 14 de 2 Reis, onde ficamos sabendo da trágica condição de apostasia de Israel nos dias de Jonas. O livro deste profeta é, pois, visto como um chamado ao arrependimento dirigido ao reino do Norte, ao arrependimento de Nínive, e também uma advertência ao povo de Deus quanto ao juízo terrível que o aguardava se continuasse em sua rebeldia obstinada contra o Senhor.

9. *Os detalhes do texto devem ser tratados correta, mas não exaustivamente.*

Já ressaltamos que no sermão expositivo é necessário interpretar a Escritura. Isso significa tratar os detalhes do texto de maneira a aclarar o seu significado e propósito à congregação. É este aspecto que ressalta a importância da pregação expositiva na comunicação da verdade divina.

É justamente neste ponto que o principiante precisa tomar cuidado especial. Na tentativa de fazer uma exposição completa, o jovem pregador muitas vezes se perde numa multidão de detalhes, de tal sorte que seu sermão se sobrecarrega de material exegético, e exegese não é o propósito final desse tipo de apresentação. A exegese não passa do meio pelo qual descobrimos as verdades contidas na passagem. O pregador deve, portanto, ter em mente que, embora deva tornar claro o significado da

passagem, o alvo do sermão expositivo é a apresentação de um único tema principal. De acordo com este princípio, o pregador deve introduzir apenas os detalhes pertinentes ao tema de sua mensagem. Outros materiais, não importa quão interessantes sejam, devem ser deixados de fora. Aquele que prega deve, pois, compreender que, embora omitindo muitos detalhes, pode manter-se fiel à sua passagem e sua exposição ser positivamente bíblica. É claro que, quanto mais longa for a passagem, tanto maior será a necessidade de selecionar os detalhes a serem omitidos na apresentação.

Convém acrescentar, contudo, que às vezes os detalhes, que à primeira vista parecem insignificantes, realmente podem ter grande importância. Nem sempre o valor principal da exposição está na palavra difícil, nem no termo peculiar. Com efeito, às vezes o próprio coração da verdade que o pregador deseja transmitir encontra-se num tempo verbal, numa preposição ou em alguma outra classe gramatical aparentemente insignificante.

10. As verdades do texto devem relacionar-se com o presente.

Uma das críticas comuns ao discurso expositivo é que o pregador, ao empregar esse método, muitas vezes falha em aplicar as verdades bíblicas aos homens nas circunstâncias e ambiente em que vivem. Com muita freqüência, o elaborador de sermões se contenta com uma simples explicação do texto, e não demonstra como a passagem se aplica a assuntos correntes e vitais. A falta não é da Bíblia, pois a Palavra de Deus é viva e poderosa e tem aplicação constante e universal aos homens em todas as épocas e de todas as posições sociais. Antes, a culpa é de quem não vê a necessidade ou a importância de a verdade divina aplicar-se aos problemas e condições hodiernas. O pregador deve, portanto, certificar-se de que interpreta a Bíblia e ao mesmo tempo extrai dela verdades eternas de aplicação prática aos membros de sua congregação.

Como os textos de homilética trazem comparativamente pouco sobre este assunto, dedicamos um capítulo todo mais adiante para uma discussão desse importante aspecto da pregação, juntamente com algumas sugestões que capacitarão o estudante a tornar a verdade pertinente à vida de seus ouvintes.

Erros comuns da parte dos que desejam ser expositores

É possível que a habilidade de interpretar as Escrituras de

modo adequado, discernindo o que deve ou não ser incluído na exposição de certa passagem, nos tome tempo considerável e demande muito esforço de nossa parte. Visto que em geral os principiantes cometem certos erros nesta área, pedimos atenção especial para o que apresentamos a seguir.

Alguns têm dificuldade na exposição porque, no processo da exegese, perdem-se no acúmulo de detalhes e não conseguem ver a mensagem principal do texto. Esse tipo de sermão contém tantos detalhes que é difícil para o ouvinte acompanhar a mensagem.

Outros, esquecendo-se do princípio de que o aspecto básico da pregação expositiva é a interpretação, gastam demasiado tempo na aplicação, não percebendo que, sendo a Bíblia proclamada com clareza e simplicidade, é o Espírito Santo que a coloca no coração dos homens.

Outro erro comum da parte dos futuros expositores é que se deixam desviar da passagem a ser exposta e divagam por algum tempo antes de voltar ao texto em mão.

Talvez o erro mais sério esteja em não interpretar a passagem corretamente. Isso às vezes se deve à incapacidade de compreender o texto, mas com tanto material excelente disponível hoje, o pregador não tem desculpa ao violar os princípios da sadia hermenêutica bíblica.

Variedade na pregação expositiva

É provável que, a esta altura, seja óbvio ao leitor que o método expositivo tem um largo alcance. Uma unidade expositiva pode apresentar doutrina, quando o texto tratar de alguns fundamentos da fé cristã. Pode ser devocional, contendo ensino sobre um caminhar mais íntimo com Deus. Pode incluir ética, pois grande parte do material bíblico possui caráter moral. Por outro lado, pode ser profética ou ter caráter distintamente típico, na qual o tipo é explicado por seu antítipo. Repito: pode ser biográfica ou histórica. Outras unidades expositivas, de conteúdo principalmente evangelístico, dão ensejo especial à apresentação das reivindicações do evangelho.

Alguns capítulos ou trechos das Escrituras são tão ricos e variados que uma única passagem pode incluir muitas das características aqui mencionadas. Embora o sermão expositivo deva ter uma idéia controladora, o seu desenvolvimento pode ser uma combinação de elementos como apresentação do evangelho, ensino doutrinário, exortação ou mensagem de consolo.

Para ter-se uma idéia da variedade de material que pode ser usado na mensagem expositiva, apresentamos, a seguir, quatro exemplos de esboços desse tipo de sermão. O primeiro baseia-se numa parte histórica do Evangelho de João, a saber, João 11:1-6, 19-44; o segundo é tirado da última porção da parábola de Cristo sobre o filho pródigo, relacionada com o irmão mais velho, Lucas 15:25-32; o terceiro é extraído da poesia hebraica, Salmo 23; e o quarto deriva-se das epístolas de Paulo, Efésios 4:30—5:2.

Título: "O Melhor Amigo"
Texto: João 11:1-6, 19-44.
Assunto: Jesus, nosso melhor amigo.

I. Jesus, um amigo amoroso, vv. 3-5.
   1. Que ama cada um de nós individualmente, vv. 3, 5.
   2. Que permite, *não* obstante, que nos sobrevenham aflições, v. 3.

II. Jesus, um amigo compreensivo, vv. 21-36.
   1. Que compreende nossos pesares mais profundos, vv. 21-26, 32.
   2. Que se compadece de nós em nossas dores mais profundas, vv. 33-36.

III. Jesus, um amigo poderoso, vv. 37-44.
   1. Que pode realizar coisas miraculosas, v. 37.
   2. Que realiza milagres quando cumprimos as condições que ele exige, vv. 38-44.

Título: "O Fariseu Ontem e Hoje"
Texto: Lucas 15:25-32.
Assunto: Aspectos do farisaísmo visto no caráter do irmão mais velho.

I. Era um homem de justiça própria, vv. 29-30.
   1. Indicada por sua reivindicação de obediência, v. 29.
   2. Manifestada por sua atitude para com o irmão, vv. 29-30.

II. Era um homem desamoroso, vv. 28-30.
   1. Como o indica sua atitude para com a volta do irmão, v. 28.
   2. Ele praticamente deserdou o irmão, v. 30.

III. Era um homem crítico, vv. 25-30.
   1. Como o indicam as faltas que encontrou no irmão, v. 30.
   2. Como mostram as faltas que encontrou no pai, vv. 27-30.
   1. Como manifesta sua recusa de entrar, v. 28.
   2. Como indica sua atitude persistente, vv. 29-32.

Nota: Embora este último esboço pareça não ter um

ensino de natureza positiva ou construtiva, verifica-se o oposto em seu desenvolvimento e conclusão.

Título: "O Salmo do Contentamento"
Texto: Salmo 23.
Assunto: As bases do contentamento das ovelhas do Senhor.
I. O Pastor das ovelhas, v. 1.
1. Um Pastor divino, v. 1.
2. Um Pastor pessoal, v. 1.
II. A provisão das ovelhas, vv. 2-5.
1. Descanso, v. 2.
2. Direção, v. 3.
3. Conforto, v. 4.
4. Fartura, v. 5.
III. O futuro das ovelhas, v. 6.
1. Um futuro brilhante nesta vida, v. 6.
2. Uma bendita esperança para o além, v. 6.

Título: "Andando em Amor"
Texto: Efésios 4:31—5:2.
Assunto: Uma disposição verdadeiramente cristã.
I. É marcada pela ausência de sentimentos maus, 4:31.
1. De toda espécie, v. 31.
2. De todo grau, v. 31.
II. É marcada pela atitude de perdão, 4:32.
1. Uns para com os outros, v. 32.
2. Em vista da graça de Deus para conosco, v. 32.
III. É marcada pela atitude de devoção amorosa, 5:1-2.
1. Como filhos, v. 1.
2. Com o amor de Cristo, v. 2.

Observe que todas as subdivisões e respectivas divisões principais desses esboços derivam da mesma passagem bíblica.

O estudante deve ter em mente que, de acordo com a definição, o sermão expositivo baseia-se num trecho mais ou menos extenso da Escritura. Os esboços expositivos apresentados até aqui foram tirados de passagens breves, mas pode-se produzir variedade na pregação expositiva construindo-se sermões fundamentados em porções bíblicas mais extensas. Mesmo assim, é impossível incluir no sermão todos os detalhes do texto. Pelo contrário, o esboço tratará apenas de alguns pontos salientes da passagem. Mostramos a seguir um esboço expositivo baseado na Primeira Epístola aos Tessalonicenses.

Título: "A Igreja no Que Tem de Melhor"
Texto: 1 Tessalonicenses.
I. Fé, 1:1—2:16.
1. Baseada na Palavra de Deus, 1:2-5, 9-10; 2:13.

2. Que mantém os crentes firmes em face da tribulação, 1:6; 2:14-16.

II. Amor, 2:17—4:12.
1. Que os crentes demonstram para com os anciãos na fé, 3:6.
2. Que os crentes demonstram uns para com os outros, 3:12; 4:9-10.

III. Esperança, 4:13—5:28.
1. Firmada na vinda do Senhor para os seus, 4:13-18; 5:9-10, 23.
2. Que aguarda a reunião com os amados que partiram antes, 4:13-18.

Em João 12:41 lemos que Isaías "viu a glória dele e falou a seu respeito". Esta afirmativa do Evangelho de João leva nossa atenção para o livro de Isaías, do qual retiramos o seguinte esboço básico:

Título: "Contemplando a Glória de Cristo"
Assunto: Predições concernentes a Cristo no livro de Isaías.
I. Contemplamo-lo no mistério da encarnação, 7:14; 9:6.
II. Contemplamo-lo na maravilha da divindade, 9:6.
III. Contemplamo-lo na baixeza da servidão, 42:1-7; 49:5-6; 50:4-10; 52:13; 53:12.
IV. Contemplamo-lo na agonia do sacrifício vicário, 52:13—53:12.
V. Contemplamo-lo nas glórias de seu reino vindouro, 11:1-16; 59:20—66:24.

Série de sermões expositivos

O método expositivo presta-se admiravelmente bem ao desenvolvimento de uma série de mensagens. É natural e normal que o pregador continue por várias semanas suas exposições sobre uma passagem extensa ou use unidades expositivas relacionadas.

Quando o pastor profere uma série de sermões expositivos, atinge o grau mais elevado do ministério do ensino da Palavra de Deus a seu povo. Mediante esse ensino ele pode ajudar seus ouvintes a observar a inteireza de determinado livro ou de certo segmento longo da Bíblia, e também o relacionamento das partes com o todo e a relação das partes do livro entre si. Além disso, esse tipo de pregação dá continuidade ao ministério do ensino bíblico, e, à medida que apresenta passagem após passagem, o povo pode progredir no conhecimento da revelação divina.

Várias são as maneiras de se desenvolver uma série de sermões expositivos. Uma das mais comuns é a de exposições sobre um livro da Bíblia. O número de sermões dependerá do comprimento

e do conteúdo do livro. O propósito que o pregador pretende atingir também influirá na quantidade de mensagens da série.

Quando o pregador vai pregar sobre um livro todo, é bom usar a primeira mensagem para apresentar uma visão panorâmica do livro, dando à congregação uma idéia geral do seu alcance e propósito, possibilitando-lhe acompanhar com mais compreensão as diversas partes do texto, à medida que se desdobra cada seção, semana após semana.

Entretanto, o principiante não deve tentar a apresentação de uma série de mensagens sobre um livro da Bíblia enquanto não dominá-lo por completo e ter em mente seu conteúdo do primeiro ao último capítulo.

Os exemplos que se seguem darão ao estudante uma idéia de como dispor um grupo de mensagens sobre um livro todo.

Uma série sobre o livro de Jonas, começando com uma mensagem geral sobre o livro como um todo, pode conter títulos como os que damos abaixo:

"Chamado ao Arrependimento" — baseado em Jonas, capítulos 1-4.
"A Estultícia da Desobediência" — baseado em 1:1-16.
"Sepultado em um Peixe" — baseado em 1:17.
"Orando em Dificuldades" — baseado em 2:1-10.
"Quando Deus se Arrependeu" — baseado em 3:1-10.
"Lutando com Deus" — baseado em 4:1-11.

O livro do Gênesis, juntamente com a relação de homens de fé de Hebreus 11, fornece a matéria para sete mensagens consecutivas sobre a "Vida de Fé". É especialmente significativa a ordem progressiva em que aparecem esses homens de fé no registro sagrado.

"Abel — O Sacrifício da Fé"
(Gênesis 4:1-5; Hebreus 11:4)
"Enoque — A Jornada da Fé"
(Gênesis 5:21-24; Hebreus 11:5-6)
"Noé — A Obra da Fé"
(Gênesis 6:7; Hebreus 11:7)
"Abraão — A Obediência da Fé"
(Gênesis 12-18; Hebreus 11:8-10)
"Isaque — A Visão da Fé"
(Gênesis 26-27; Hebreus 11:20)
"Jacó — O Discernimento da Fé"

(Gênesis 27-35; Hebreus 11:21)
"José — A Segurança da Fé"
(Gênesis 37-50; Hebreus 11:22)

A carta de Paulo aos Filipenses prepara o ambiente para uma série intitulada "Como Ser Feliz", baseada consecutivamente em seus quatro capítulos:

"Por Meio de Cristo: Nossa Vida".
"Por Meio de Cristo: Nosso Exemplo".
"Por Meio de Cristo: Nosso Objetivo".
"Por Meio de Cristo: Nossa Satisfação".

Além de uma série de mensagens expositivas derivadas de um livro todo, podem-se desenvolver várias mensagens sobre um tema contínuo, selecionando-se um assunto amplo e usando-se diversas passagens como base para sermões. "Milagres da Conversão" pode ser o título de uma série na qual cada mensagem descreve a conversão de certa pessoa. A seguir, damos uma relação de quatro milagres de conversão.

A mulher de Samaria, ou "Transformação Mediante a Conversão" (João 4:1-44)
O ladrão na cruz, ou "Conversão Instantânea" (Lucas 23:39-43)
O eunuco etíope, ou "Coincidência Divina na Conversão" (Atos 8:26-40)
O carcereiro de Filipos, ou "Alegria Celeste na Conversão" (Atos 16:22-40)

Há abundância de material na Bíblia para várias séries de mensagens expositivas. Podem-se usar passagens isoladas, que se relacionem entre si nesses grupos de mensagens. O cântico de Moisés, em Deuteronômio 31:30—32:44; o cântico de Débora, em Juízes 5; e o cântico de Davi, em 2 Samuel 22, podem formar uma série intitulada "Cânticos dos Santos do Antigo Testamento". As orações do apóstolo Paulo encontradas em suas epístolas proporcionam outra série de mensagens expositivas.

Uma vez ou outra, seria bom apresentar uma série de sermões tirados dos Salmos. Podemos apresentar uma sucessão de mensagens sobre os Salmos de Coroação (Salmos 93-100), sobre os Salmos de Aleluia (Salmos 106, 111, 112, 113, 135, e especialmente os salmos 146-150), ou sobre os Salmos de Penitências (Salmos 6, 32, 38, 51, 102, 130, e 143). Sem dúvida, devíamos ter

uma série que trate de Cristo nos Salmos, selecionando alguns dos salmos messiânicos como base de nossos sermões. O Salmo 8 apresenta Cristo como o Filho do homem; o Salmo 23, como o Bom Pastor das ovelhas; o Salmo 40, como o Profeta Divino, e o Salmo 2, como o Rei Vindouro. Devemos observar, também, a relação admirável entre os Salmos 22, 23 e 24 e preparar três mensagens sucessivas com títulos como "O Bom Pastor em Sua Morte", para o Salmo 22; "O Grande Pastor em Seu Poder", para o Salmo 23, e "O Pastor Principal em Sua Glória", para o Salmo 24.

Adotando um tratamento inteiramente diferente para os Salmos, poderíamos organizar uma série de sermões expositivos sobre "Vozes dos Salmos", tendo como títulos:

"A Voz da Penitência" (51)
"A Voz da Ação de Graças" (103)
"A Voz da Confiança" (27)
"A Voz do Regozijo" (18)
"A Voz do Louvor" (34)

Também podemos usar certa porção de um livro como a base de uma série, porção essa que pode consistir em vários capítulos com um tema comum, tais como Êxodo 25-40, sobre o tabernáculo, ou Gênesis 37-50, sobre a vida de José, ou Daniel 7-12, sobre as visões de Daniel. As mensagens às sete igrejas da Ásia, de Apocalipse 2 e 3, dão-nos o material para um conjunto de sete sermões com os seguintes títulos:

"A Igreja Ocupada" (2:1-7)
"A Igreja Sofredora" (2:8-11)
"A Igreja Transigente" (2:12-17)
"A Igreja Corrupta" (2:18-29)
"A Igreja Morta" (3:1-6)
"A Igreja Missionária" (3:7-13)
"A Igreja Indiferente" (3:14-22)

Outro método de desenvolver uma série de sermões expositivos é tomar um capítulo, ou parte dele, e mediante estudo cuidadoso do texto desenvolver várias mensagens relacionadas entre si. Usamos, como exemplo, 1 Reis 10:1-3, que se refere à visita da rainha de Sabá ao rei Salomão. Desse trecho extraímos os seguintes títulos para uma série de exposições sobre "As Riquezas que Perduram":

"Descobrindo as Riquezas que Perduram" (vv. 1-5)
"Desfrutando as Riquezas que Perduram" (vv. 6-9)
"Possuindo as Riquezas que Perduram" (vv. 10-13)

Um exame minucioso de 2 Reis 5:1-15 revelará vários instrumentos que Deus usou para levar Naamã, o leproso, a um conhecimento de Deus. Como resultado desse estudo, podemos formular uma série sobre "Instrumentos que Deus Usa Para a Bênção".

Isaías 6:1-13 fornece a base para um conjunto de mensagens sobre "Preparação Para o Serviço", com os seguintes títulos que tratam dos passos sucessivos na preparação do homem de Deus para o serviço do Senhor:

"Uma Visão do Senhor" (vv. 1-4)
"Confissão ao Senhor" (v. 5)
"Purificação pelo Senhor" (vv. 6-7)
"Dedicação ao Senhor" (v. 8)
"Comissionamento pelo Senhor" (vv. 9-13)

A primeira mensagem da série pode ser preparada de acordo com as sugestões abaixo:

I. O homem que deseja servir a Deus com eficiência precisa ter uma visão do Senhor em sua glória, vv. 1-2.
II. O homem que deseja servir ao Senhor com eficiência precisa, também, ter uma visão do Senhor em sua santidade, vv. 3-4.

O expositor experiente pode apresentar um plano de mensagens fazendo uma sinopse de cada livro da Bíblia. Por exemplo, "Quatro Homens que Predisseram o Futuro" pode servir de título geral para uma série sobre os profetas maiores, ressaltando-se em cada caso um aspecto distintivo desse profeta.

"Isaías, o Profeta Messiânico"
"Jeremias, o Profeta Chorão"
"Ezequiel, o Profeta Silencioso"
"Daniel, o Profeta Apocalíptico"

Terminamos este estudo sobre as séries de sermões expositivos com uma palavra de cautela. Embora uma série dessa natureza possibilite o ensino da Bíblia com uma inteireza que nenhum outro método de pregação pode alcançar, precisamos ter cuidado para que a série não seja demasiadamente longa. É possível que,

mesmo com uma congregação acostumada ao método expositivo, o povo se canse de ouvir uma ênfase principal que exija sua atenção por muito tempo. A necessidade de cautela aplica-se, em particular, ao expositor menos experiente e incapaz de introduzir variedade suficiente nas mensagens ou despertar interesse por elas, quando seguem um tema principal ou são tiradas de um livro.

Conclusão

De tudo o que dissemos neste capítulo, talvez tenhamos razão em afirmar que o método expositivo é, em certo sentido, o modo mais simples de pregar. Isto porque todos os materiais básicos para o sermão expositivo estão contidos na passagem a ser exposta, e, em regra geral, o pregador precisa apenas seguir a ordem apresentada no texto.

O sermão expositivo possui, ainda, outras vantagens. Em contraste com outros tipos de mensagens, ele assegura um melhor conhecimento das Escrituras da parte do pregador e dos ouvintes. Além do mais, como disse o Dr. James M. Gray, "A pregação expositiva exige que os sermões contenham mais verdade bíblica pura e mais perspectivas escriturísticas das coisas", o que levará o pregador a incluir em suas mensagens muitas admoestações práticas que, em outras circunstâncias, poderiam parecer ofensivamente pessoais a alguns dos seus ouvintes.

Existe outra importante vantagem: o estudante que se torna um hábil expositor da Palavra de Deus perceberá mais e mais, no decorrer de sua experiência, que a pregação expositiva dará muitas oportunidades para explanar passagens bíblicas que, doutra forma, talvez jamais fizessem parte de seu ministério.

Exercícios

1. Indique as unidades expositivas do capítulo 4 de Filipenses, dando o número dos versículos que as contêm, e, no seu entender, qual é o ponto principal de ênfase de cada uma.

2. Prepare um esboço expositivo sobre 1 Coríntios 3:1-8, dando título, assunto e divisões principais. Indique os versículos que se relacionam com cada divisão principal.

3. Faça um esboço de sermão biográfico sobre Miriã, irmã de Moisés (note todas as passagens bíblicas referentes a ela, incluindo Êxodo 2:1-10). Dê título, assunto e divisões principais, e indique as referências relacionadas com cada divisão principal.

4. Formule um esboço de Números 21:4-9, usando como divi-

sões principais algumas das verdades sugeridas pela passagem. Dê o título e o assunto do texto.

5. Selecione duas ou três passagens bíblicas mais ou menos extensas e use-as como base para um esboço expositivo. Dê títulos, assunto e divisões principais, apresentando os versículos que apóiam cada divisão principal.

6. Usando o método de abordagem múltipla, prepare um esboço de Lucas 19:1-10, selecionando outro ponto de ênfase que não o usado neste capítulo. Dê título, tema e divisões principais, e mostre os versículos que pertencem a cada divisão principal.

7. Escolha sua própria unidade expositiva e prepare dois esboços expositivos sobre a mesma passagem. Indique o tema e as divisões principais de cada um.

8. Selecione cinco passagens mais ou menos extensas, relacionadas entre si, para uma série de cinco mensagens, e dê títulos a cada uma. Prepare um esboço expositivo para a primeira.

9. Faça uma relação de cinco títulos sobre a vida de José, tirados de Gênesis 37-50. Indique as unidades expositivas para cada título e formule um esboço expositivo de uma dessas porções.

10. Estude com cuidado o texto da Epístola de Judas e dê, pelo menos, três títulos para uma série de mensagens sobre a epístola. Desenvolva o primeiro em um esboço expositivo, mostrando o assunto e as divisões principais.

SEGUNDA PARTE
A Mecânica da Elaboração de Sermões

"Procura apresentar-te
a Deus,
aprovado, como obreiro que não tem de que
se envergonhar,
que maneja bem a palavra da verdade"
(2 Timóteo 2:15).

4

A Estrutura Homilética

A Importância da Estrutura Homilética

D. Martyn Lloyd-Jones, conhecido pastor da Capela de Westminster de Londres, Inglaterra, ressaltou em sua obra, *Estudos no Sermão da Montanha*, que o sermão não é mero ensaio nem uma composição literária para publicação, que será lida e relida, mas uma mensagem cujo objetivo é ser ouvida e causar impacto imediato sobre os ouvintes.

Para produzir esse impacto, o sermão deve ser isento de ambigüidade e não conter material alheio ao tema principal. Por outro lado, deve ser distinto ou padronizado, e suas idéias devem indicar continuidade de pensamento, e o discurso todo deve dirigir-se para um alvo ou clímax definido. Em outras palavras, o sermão deve ser elaborado de tal forma que os ouvintes possam compreender, sem dificuldade, o ponto principal da mensagem e também os seus outros vários aspectos. É este o motivo da estrutura homilética.

Os capítulos que se seguem tratarão da mecânica da elaboração de sermões. Não há caminho fácil para a preparação eficaz de sermões. Exige esforço laborioso e estudo paciente. Aprendidos esses princípios, deve haver ainda uma aplicação assídua deles, se o estudante deseja dominar a arte da pregação.

Contudo, as recompensas de tal diligência serão de muito maior valor do que todo o tempo e labor empregados, pois se o estudante dominar por completo os princípios da elaboração de sermões ele estará a caminho de tornar-se um construtor de sermões. Ele poderá apresentar suas mensagens com uma clareza tal, do começo ao fim, que seus ouvintes poderão acompanhar, ponto por ponto, as verdades bíblicas que ele procure revelar.

Formato do Esboço de Um Sermão

Indicamos, nos capítulos anteriores, alguns dos aspectos prin-

cipais do esboço homilético, mas para que o leitor tenha um quadro completo do formato correto do esboço de sermões, apresentamos um abaixo.

Título _____
Texto _____
Introdução _____
1. _____
2. _____
Proposição _____
Sentença interrogativa _____
Sentença de transição _____
I. Primeira divisão principal _____
1. Primeira subdivisão _____
Discussão
2. Segunda subdivisão _____
Discussão
Transição _____
II. Segunda divisão principal _____
1. Primeira subdivisão _____
Discussão
2. Segunda subdivisão _____
Discussão
Transição _____
Conclusão
1. _____
2. _____
3. _____

Este é um modelo típico da maioria dos sermões bíblicos, isto é, o texto precede a introdução, que é seguida da proposição, das sentenças interrogativas e de transição, das divisões principais, subdivisões e conclusão. As transições ligam as divisões principais entre si e à conclusão. (Para uma explicação da proposição, sentenças interrogativas e de transição, veja o capítulo 7; para instruções sobre as transições, veja o capítulo 8.)

Um dos objetivos do formato é fazer que o esboço seja óbvio. Um esboço claro é uma ajuda de grande valor para o apresentador. Colocado nessa forma, ele serve de auxílio visual, possibilitando ao pregador ver a mensagem toda de um relance. Dando título à introdução e à conclusão, e numerando os pontos depois delas, o pregador faz com que cada um desses itens se destaque

com clareza, discernindo facilmente a progressão do pensamento. Colocam-se as divisões principais à esquerda do papel, e, depois de um espaço, as subdivisões, subordinadas às divisões principais. Note que as divisões principais e as subdivisões são espaçadas uniformemente, a fim de se perceber claramente o seu relacionamento.

Os pontos principais e as subdivisões devem ser indicados em algarismos romanos e arábicos, respectivamente, em vez de letras. O motivo desse procedimento é facilitar o pregador, pois este pode mencionar os itens numericamente. Por exemplo, se o orador deseja falar sobre os termos usados pelo apóstolo Paulo ao descrever o obreiro cristão no capítulo 2 de 2 Timóteo, é mais simples referir-se ao primeiro, segundo, terceiro e quarto termos, que falar do "Termo A", "Termo B", "Termo C" e assim por diante.

Se for preciso relacionar vários itens subordinados às subdivisões, também podem ser escritos em algarismos arábicos entre parênteses — (1), (2), (3), etc.

É claro, o número de divisões principais e subdivisões não se limita a um só formato, e o mesmo ocorre na introdução e na conclusão. Discutiremos esta matéria em capítulos posteriores.

Brevidade no Esboçar Sermões

O esboço deve ser breve. A introdução e a conclusão, assim como as divisões principais, devem ser expressas em tão poucas palavras quanto possível, em consonância com uma compreensão adequada. Da mesma forma, os itens contidos na análise — que não passa de uma elaboração de cada subdivisão — devem ser afirmados concisamente. Em outras palavras, devemos esforçar-nos por comprimir parágrafos inteiros em afirmativas breves, e usar abreviações em lugar de palavras completas sempre que possível (veja os esboços de sermões completos nos capítulos 9 e 11).

Modificação dos Princípios Homiléticos

A despeito de todas as lições que ensinou sobre a preparação e entrega de sermões, o Dr. James M. Gray certa vez ressaltou à sua classe que o Senhor não se limita a nenhuma regra de retórica ou de homilética. Pelo contrário, podemos receber uma mensagem da Palavra sem nenhum plano aparente ou unidade de pensamento. Não é necessário, portanto, que o pregador se sinta sempre preso aos princípios homiléticos. "O Espírito vivifica; a

carne para nada serve", e com o coração aberto ao Espírito Santo, para ele nos encher e usar, apresentamos a palavra da vida!

Porém, enquanto o estudante está aprendendo homilética, não seria sábio o exercício de tal liberdade. Pelo contrário, o principiante deve aplicar-se rigidamente às regras até que as tenha dominado por completo. Chegará a época, mais tarde em seu ministério, em que, sob a liderança do Espírito de Deus, ele poderá pôr de lado alguns desses princípios. À medida que adquire experiência na pregação, ele pode achar aconselhável, e até mesmo necessário, em certas ocasiões, modificar as regras aprendidas, dependendo de seus próprios sentimentos e do sentimento dos ouvintes no momento da entrega da mensagem, dando, assim, lugar ao apelo apaixonado.

5

O Título

Definição do Título

Na elaboração de um sermão, o título é, geralmente, um dos últimos itens a ser preparado. O procedimento geral é, primeiro, formular a proposição e o esboço principal. Porém, para nos conformarmos ao formato sugerido no capítulo 4, discutiremos o título antes de considerarmos os outros passos na preparação de sermões.

Precisamos, logo de início, ter uma compreensão clara do assunto, do tema e do título. Alguns autores de livros de homilética fazem diferença entre assunto e tema, afirmando que o assunto apresenta a idéia geral, ao passo que o tema, ou tópico, é um aspecto específico ou particular do assunto. Outros, porém, acham que estes termos são sinônimos. Em outras palavras, o assunto ou tema é aquilo que forma a base para nossa discussão ou estudo.

Assim, o assunto pode ser amplo, ou limitar-se a uma área de estudo. Por exemplo, são tantos os aspectos abrangidos pelo amplo tema "Graça", como o significado da graça, a fonte da graça, a manifestação da graça, a evidência da graça, os efeitos da graça, e assim por diante, que é impossível tratar do assunto adequadamente numa única mensagem. Daí ser sempre melhor o pregador restringir o tema a um aspecto particular, a fim de tratá-lo de modo apropriado.

O título, contudo, é uma expressão do aspecto específico a ser apresentado, formulado de maneira que seja um anúncio adequado do sermão.

Assim, o título é um embelezamento do assunto. Por exemplo, se o tema for "Condições para o crescimento na graça", o título do sermão, a ser anunciado no boletim ou informativo da igreja, pode ser: "Como Crescer na Graça" ou "Amadurecendo na

Estatura Espiritual". Por outro lado, se escolhermos a segunda metade de Romanos 5:17 como texto — "muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça, reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo" — o assunto geral poderá ser "Vitória"; o assunto específico, "Pré-requisitos para a vitória", e o título, "O Segredo de Uma Vida Cristã Vitoriosa", ou "A Vida Cristã Vitoriosa".

Pode haver ocasiões em que o tema e o título sejam exatamente os mesmos, especialmente se o tema for de tal modo interessante que sirva de título ao sermão.

A escolha de títulos para os sermões exige cuidado e arte, o que, em geral, requer bastante esforço da parte do principiante. Mas o tempo gasto em preparar um bom título será amplamente recompensado.

Princípios Para a Preparação de Títulos

1. *O título deve ser pertinente ao texto ou à mensagem.*

É óbvio que o título deve ter relação definida com o texto ou com o sermão. Por exemplo, se o texto for tirado de Gênesis 22:1-18, onde lemos de Abraão oferecendo Isaque em sacrifício, o título deve, de alguma forma, relacionar-se com essa mensagem. Se o pensamento a ser ressaltado no sermão for o da obediência, podemos limitar o título a "O Preço da Obediência". Se, por outro lado, a idéia dominante for a paternidade de Abraão, podemos dar ao sermão o título de "Um Pai Exemplar".

2. *O título deve ser interessante.*

O título deve despertar atenção ou curiosidade. Tem de ser atraente, não pelo uso de mera novidade, mas por ser de vital interesse às pessoas.

Para ser interessante, o título deve relacionar-se com as situações e necessidades da vida. Muitas circunstâncias, tanto internas como externas, influenciam a vida e o pensamento da igreja. Épocas de bênção espiritual, dias de provações, prosperidade ou adversidade, sublevações sociais ou políticas, comemorações e aniversários, ocasiões de regozijo ou de lutas — tudo isso, bem como os assuntos pessoais dos membros da congregação, influenciam as pessoas a quem o pastor serve. Cabe ao pastor estar alerta às necessidades dos membros de sua igreja à medida que passam por circunstâncias tais, e, sob a direção do Senhor, as suas mensagens devem ser aplicáveis às épocas e condições em que seu povo se encontra. Os títulos das mensagens devem, da

mesma forma, ser adequados às circunstâncias e interesses de sua congregação.

Evitemos, portanto, títulos que não tenham significação especial nem transmitam nada às pessoas. Por exemplo, um título sobre 1 Reis 17:1-6, como "Elias Junto à Torrente de Querite", ou "A Fome dos Dias de Elias", não seria particularmente significativo às pessoas hoje em dia. Em vez disso, "Provado Para Merecer Confiança" imediatamente transmite significado a todos quantos, na igreja, estiverem passando por momentos difíceis. Da mesma forma, o título "Nas Águas de Meribá", para um sermão acerca da amargura do povo de Deus descrita em Êxodo 15:22-26, certamente não despertará muito interesse, ao passo que um título como "Águas Amargas e Almas Amargas", imediatamente criará uma reação na mente dos que guardam rancor por algum toque adverso da providência divina.

Demandará algum tempo e pensamento para que o principiante encontre um título capaz de despertar interesse. Contudo, quando o título do sermão é atraente, e particularmente quando publicado antes da pregação, pode atrair as pessoas à igreja e promover novo interesse da parte da congregação.

3. O título deve estar de acordo com a dignidade do púlpito.

No esforço por despertar a atenção dos ouvintes, alguns pregadores cometem o erro de usar títulos extravagantes ou sensacionais. Observe os seguintes exemplos:

"Vinho, Mulheres e Canção"
"As Barbas do Gato"
"Espetáculo ao Estilo do Antigo Testamento"
"Deve o Marido Bater na Esposa?"
"O Espertalhão"
"Os Astronautas e o Homem da Lua"
"O Lugar Quente"
"Hippies e Minissaia"
"O Grande Maricas"

Títulos como estes são fantásticos, rudes ou irreverentes, e inteiramente fora de propósito com a tarefa sagrada de ministrar os oráculos de Deus aos homens.

Embora procuremos criar interesse usando um título atraente, é preciso manter sempre a dignidade devida à Palavra de Deus. Não devemos procurar a esperteza. Evitemos, a todo o custo, o sensacional ou aquilo que é calculado para despertar a atenção ou

curiosidade indevidas. Acima de tudo, não usemos jamais um título que se aproxime do frívolo ou vulgar.

4. *O título, em geral, deve ser breve.*

Um título condensado ou compacto é mais eficaz do que uma afirmativa longa, contanto que as palavras empregadas sejam vigorosas. E, com toda a probabilidade, chamará a atenção do leitor mais do que uma linha de quinze ou vinte palavras. Daí, o pregador deve, em geral, dar um título curto, mas não abrupto. Entretanto, não devemos sacrificar a clareza meramente por amor à concisão. O título que consiste apenas numa palavra, em geral será muito abrupto e, provavelmente, não terá êxito em despertar interesse.

5. *O título pode vir em forma de afirmação, interrogação, ou exclamação.*

Embora, em geral, o título deva ser breve, há ocasiões em que é necessário usar uma sentença completa, mas concisa. Essa sentença pode ser declarativa, interrogativa ou exclamativa. Outras vezes o título terá muito mais força se colocado em forma de pergunta. Observe a diferença entre "Vale a Pena Viver" e "Vale a Pena Viver?" Também: "Devemos Estar do Lado do Senhor" e "Quem Está do Lado do Senhor?"

Damos, abaixo, mais exemplos.

Interrogativos:
"Por Que os Santos Sofrem?"
"Qual o Significado da Fé?"
Declarativos:
"Deus Pode Cuidar dos Teus Problemas"
"O Que a Bíblia Diz Acerca da Morte"
Exclamativos:
"Para Melhor, Não Para Pior!"
"Ganho Mediante a Perda!"

6. *O título pode consistir em uma frase seguida de uma pergunta.*

Observe os seguintes:

"Jovens Perturbados: Qual é Nossa Responsabilidade Para Com Eles?"
"As Perplexidades da Vida: Como Encará-las?"

7. *O título pode, às vezes, aparecer na forma de um sujeito composto.*

Observe estes exemplos:

"O Cristão e Seus Amigos"

"Discipulado: Seu Desafio e Preço"
"Os Sinais dos Tempos e a Segunda Vinda de Cristo"

8. *O título pode consistir em uma citação breve de um texto bíblico.*

Eis algumas dessas citações usadas como títulos de sermões:
"Prepare-se Para Encontrar-se Com o Seu Deus"
"Quem é Meu Próximo?"
"Ensina-nos a Orar"
"Seja Feita a Tua Vontade"
"Ali Vimos Gigantes"
"Isto Faço"
"Seu Pecado Certamente o Encontrará"

Exemplos de Títulos Para Cultos Especiais

Para o Culto de Ano-novo:
"Novos Horizontes"
"O Limiar da Bênção"
"Como Pode Minha Vida Contar Mais Para Deus?"
"Fazendo Inventário de Nós Mesmos"
Para o Culto da Sexta-Feira Santa:
"O Significado da Cruz"
"Triste Até à Morte"
"O Lugar Chamado Calvário"
"O Preço do Amor"
"Ferido de Deus"
"O Sacrifício de Valor Inestimável"
Para o Culto de Páscoa:
"Os Triunfos do Cristo Ressurreto"
"Não Há Lugar Para a Dúvida"
"O Poder da Ressurreição de Cristo"
"O Consolo do Cristo Vivo"
"Conhecimento Pessoal do Senhor Ressurreto"
Para o Culto do Dia da Independência:
"Dimensões da Liberdade"
"O Preço da Liberdade"
"Guardando Nossa Herança"
"A Fé Bendita de Nossos Pais"
Para o Culto do Dia de Natal:
"A Dádiva das Dádivas"
"Quando Deus se Fez Homem"

"Nascido Para Morrer"
"A Sabedoria dos Magos"
Para o Culto Missionário:
"As Ordens de Marchar da Igreja"
"O Imperativo das Missões"
"Um Homem Enviado Por Deus"
"As Mais Altas Prioridades da Vida"
"Enfrentando as Questões da Dedicação Pessoal"
"Perspectiva das Missões"
"Conscrição ou Constrangimento?"
"Altos Requisitos para Um Serviço Elevado"

Exercícios

1. Os seguintes títulos de sermões apareceram no boletim de uma igreja. Faça uma relação dos números dos títulos que não preenchem os requisitos de um bom título, e ao lado anote o motivo.

(1) "O Caminho de Deus é Simples e Forte"
(2) "Reavivamento ou Apostasia — Qual?"
(3) "Retorno à Religião Vital"
(4) "Força Para Hoje"
(5) "Andar na Ponta dos Pés da Expectação"
(6) "Fora do Acampamento"
(7) "Vem Jantar"
(8) "O Príncipe da Paz Prediz a Guerra"
(9) "Até ao Fim"
(10) "Ilusão e Realidade"
(11) "A Porta Estava Fechada"
(12) "Do Lado dos Ricos"
(13) "Limpando o Caminho Para Deus"
(14) "A Mensagem do Prisioneiro de Deus"
(15) "Jesus é Senhor"
(16) "Do Temor à Fé"
(17) "Sete Mulheres Agarrarão Um Homem"
(18) "A Tragédia do Comprometimento Religioso"
(19) "O Sonho de Nabucodonosor Tornar-se-á Realidade"
(20) "Ir à Igreja? Para Quê?"
(21) "Minha Maior Necessidade"
(22) "Os Carros de José"
(23) "O Homem e o Universo"

2. A lista abaixo contém doze títulos baseados em uma passagem bíblica diferente. Procure os que precisam de correção e indique como você os melhoraria.

(1) "A Mentira de Raabe", baseado em Josué 2.
(2) "As Bem-aventuranças", baseado em Mateus 5:3-12.
(3) "Conselhos a um Jovem", baseado em 1 Timóteo 4:12-16.
(4) "Visão", baseado em Gênesis 13:14-17.
(5) "O Fardo de Paulo por Israel", baseado em Romanos 9:1-5.
(6) "Uma Oração Por Amor", baseado em Efésios 3:14-19.
(7) "O Homem Bem-aventurado", baseado no Salmo 1.
(8) "A Visão Errada", baseado em Números 13:25-33.
(9) "Acusação da Consciência", baseado em Mateus 14:1-12.
(10) "Referente a Dons Espirituais", baseado em 1 Coríntios 12:1-31.
(11) "Fraternidade Cristã", baseado em Filemom, vv. 4-21.
(12) "A Cidade Quadrada", baseado em Apocalipse 21:10-27.

3. Prepare um título apropriado para cada um dos seguintes textos:

(1) "Ora, nós que somos fortes, devemos suportar as debilidades dos fracos, e não agradarmos a nós mesmos" (Romanos 15:1.
(2) "Resolveu Daniel firmemente não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia" (Daniel 1:8).
(3) "Assentei-me ali atônito no meio deles" (Ezequiel 13:15).
(4) "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:3).
(5) "Não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que não me custem nada" (2 Samuel 24:24).
(6) "Ele andou em todos os caminhos de seu pai Asa" (1 Reis 22:43).
(7) "Nenhum bem sonega aos que andam retamente" (Salmo 84:11).

(8) "Estende a mão" (Lucas 6:10).
(9) "Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração" (Jeremias 15:16a).
(10) "E não somente fizeram como nós esperávamos, mas deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, e depois a nós, pela vontade de Deus" (2 Coríntios 8:5).
(11) "E nós temos visto e testemunhamos que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo" (1 João 4:14).
(12) "Antes permaneceu [Moisés] firme como quem vê aquele que é invisível" (Hebreus 11:27).

6

A Introdução

Definição da Introdução

Na prática, a introdução, ou exórdio, à semelhança do título, geralmente é uma das últimas partes do sermão a serem preparadas. Justifica-se: é que depois de escrita a parte principal do sermão e a conclusão, o ministro pode pensar em uma introdução melhor à mensagem, a fim de despertar e manter o interesse do povo. Embora a introdução seja em geral preparada mais tarde, é bom estudá-la a esta altura, e, assim, seguirmos a ordem do formato esboçado no capítulo 4.

Austin Phelps, em seu excelente livro "Teoria da Pregação", ressalta a diferença entre as preliminares e a introdução propriamente dita. Nas preliminares, fazem-se observações gerais que não se relacionam definitivamente com o sermão; mas, na introdução, o pregador procura levar a mente dos ouvintes a um relacionamento tal com o seu tema que estejam dispostos a prestar atenção à sua mensagem.

Assim, *introdução é o processo pelo qual o pregador procura preparar a mente dos ouvintes e prender-lhes o interesse na mensagem que vai proclamar.*

A introdução é, pois, parte vital do sermão, cujo êxito muitas vezes depende da habilidade do ministro para conquistar a atenção dos seus ouvintes no início da mensagem. É bom o pastor tomar o máximo de cuidado no preparo da introdução, formulando-a de modo a desafiar o interesse da congregação logo de início.

Objetivo da Introdução

O pregador pode ter como alvo, na introdução, vários objetivos, que podemos resumir em dois fundamentais.

1. Conquistar a boa vontade dos ouvintes.

Mesmo quando o ministro está certo da simpatia da congregação para com sua pessoa e seu tema, nem sempre é assim. Com efeito, na congregação média é bem possível haver uma ou mais pessoas que, por um motivo ou outro, não se simpatizem com o pregador ou com a mensagem que ele vai entregar. Às vezes a falta de afinidade se deve a motivos superficiais e pode ser desfeita sem muita dificuldade; outras vezes, porém, essa má disposição para com o pregador ou para com seu sermão é causada por certas condições desfavoráveis ou ressentimentos profundos. A introdução, portanto, deve ser apresentada de tal modo que, se possível, consiga a boa vontade de todos.

Contudo, o fator primordial aí é a pessoa do próprio pregador. É o que somos que determina a aceitação do que dizemos, e isto é bem verdade quando o ministro se levanta para entregar uma mensagem tirada da Palavra de Deus.

2. Despertar interesse pelo tema.

Além da falta de simpatia pelo tema da parte de certos indivíduos, outras condições podem agir contra a atenção adequada à mensagem. Uma destas é a preocupação com outras coisas. Os hinos, a oração e a leitura bíblica, que precedem o sermão podem predispor uma boa parcela da congregação a uma atitude receptiva à mensagem; mas haverá muitos que, a despeito do planejamento mais cuidadoso das partes que antecedem o sermão, estarão preocupados com suas próprias alegrias ou pesares, esperanças ou temores, ou com seus próprios deveres e cuidados. Outro obstáculo à atenção é a indiferença de alguns às verdades bíblicas, de modo que as coisas espirituais não lhes interessam em nada. Condições como ventilação e iluminação inadequadas, uma porta que bate, ou um edifício frio, também contribuem para a falta de atenção.

O propósito da introdução é despertar a atenção do povo e desafiar-lhe o pensamento de tal modo que se interesse ativamente pelo assunto. W. E. Sangster, pastor de Westminster Hall, de Londres, e escritor de homilética, diz que o pregador deve certificar-se de que as sentenças iniciais do sermão possuam "garras de ferro" para prenderem de imediato a mente dos seus ouvintes.

Princípios Para a Preparação da Introdução

1. Em geral, deve ser breve.

Como o objetivo da pregação é apresentar aos homens a Palavra de Deus, convém que o pregador passe à parte principal da mensagem tão logo seja possível. Embora seja verdade que, em geral, 'eve-se entrar no assunto de modo gradual, é bom evitar toda a tendência para arrastar-se. Eliminem-se todas as partes não essenciais, incluindo desculpas desnecessárias, piadas ou congratulações esmeradas. Há ocasiões em que saudações cordiais caem bem, particularmente quando o ministro ocupa o púlpito como pregador convidado, mas tais saudações não devem ser extensas.

O seguinte esboço, baseado na história do filho pródigo em Lucas 15:11-24, exemplifica como a introdução deve encaminhar-se rápida e diretamente ao tema:

Título: "Perdido e Achado"

Introdução:
1. Na Feira Mundial de Chicago, com o intuito de ajudar os pais a localizarem os filhos que se extraviassem pelo recinto, as autoridades estabeleceram um departamento de "perdidos e achados" para as crianças.
2. O capítulo 15 de Lucas é o "departamento de Perdidos e Achados" da Bíblia. Aqui Jesus fala de três coisas que se perderam e foram achadas: uma ovelha, uma moeda e um filho.
3. A história do filho que se perdeu e foi achado exemplifica a vida de um pecador arrependido, que se perdeu, mas é achado.

Assunto: Passos na vida de um pecador arrependido.

I. A culpa do pecador, vv. 11-13.
II. A miséria do pecador, vv. 14-16.
III. O arrependimento do pecador, vv. 17-20a.
IV. A restauração do pecador, vv. 20b-24.

2. Deve ser interessante.

Os primeiros minutos do sermão são muitíssimo importantes. É aqui que o pastor ganha ou perde a atenção dos ouvintes. Se suas observações iniciais forem monótonas, maçantes ou triviais, talvez ele perca, logo de início, a recepção que seus ouvintes, doutra forma, pudessem dar à sua mensagem. Se, por outro lado, ele inicia o sermão com algo de interesse vital às pessoas, ele lhes conquistará a atenção logo de início para a mensagem. A esta altura, sem dúvida, o leitor estará fazendo uma pergunta de or-

dem prática: como estimular o interesse no início do sermão?

Um método de prender a atenção é despertar a curiosidade. As pessoas são de natureza curiosa, e este traço muitas vezes está presente no início do sermão. Por exemplo, o pregador pode principiar a mensagem com a descrição de uma conversa com um incrédulo. Dirá ele: "Conversando com o homem, a primeira pergunta que ele fez, foi: 'Por que a igreja não me deixa em paz?' " Esta pergunta, levantada pelo descrente, imediatamente despertará a curiosidade da congregação para saber como o ministro se saiu, e se conseguiu dar uma resposta satisfatória.

Um segundo método de criar interesse é a variedade. Não comece todo sermão da mesma maneira, mas empregue tratamentos diferentes de semana a semana. Você pode iniciar um sermão com uma citação apropriada, outro com uma estrofe de um hino, um terceiro com uma afirmativa brilhante, e um quarto com uma pergunta e ainda outro com um desafio quanto à validez do tema que vai apresentar. Em alguns sermões pode-se mencionar o fundo histórico do texto, ou a relação desse texto com o contexto.

Outro meio de despertar atenção é dar o título do sermão ou citar o texto. A seguir, explica-se o motivo da escolha do título ou do texto, e mostra-se a relação deles com o tema.

Ainda outra maneira de conseguir o interesse é relacionar o sermão a situações da vida, aludindo de início a um caso que toque a vida e o pensamento das pessoas nos problemas e necessidades do seu viver diário: a descrição de um acidente de carro, no qual alguém saiu ferido; a criança que caiu num poço, mas foi salva; o incêndio de uma casa, o problema de um jovem estudante com seu colega de quarto, o indivíduo que se perdeu na mata e jamais foi encontrado, o êxito de um homem de negócios, um incidente incomum de um desfile local. Esse tipo de histórias aparece nos jornais ou nos vêm à atenção no contato diário com as pessoas. É o uso de experiências comuns aos homens, e de acontecimentos correntes, que levará nossa mensagem para mais perto das pessoas e dará importância à nossa pregação. Jamais contemos histórias meramente como entretenimento. Pelo contrário, precisamos ter certeza de que os incidentes da vida real se relacionem com o sermão.

Damos abaixo dois exemplos de introduções empregando acontecimentos tirados de situações reais.

Se estivermos preparando uma mensagem a respeito de "Crentes Insensíveis", podemos anunciar, como texto, Jonas 1:4-5.

"Mas o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade e o navio estava a ponto de se despedaçar. Então os marinheiros, cheios de medo, clamavam cada um ao seu deus, e lançavam ao mar a carga, que estava no navio, para o aliviarem do peso dela. Jonas, porém, havia descido ao porão, e se deitado; e dormia profundamente." Então podemos começar contando o *seguinte episódio* com respeito a uma criança de cinco anos, por nome Carol Lee Morgan, que vive perto de Astoria, na parte costeira do estado de Oregon, nos Estados Unidos:

> Carol pegou o telefone e começou a falar com a telefonista: "Minha mãe está doente. Ela não quer falar comigo." A voz infantil parecia séria. Percebendo tratar-se de uma emergência, a Sra. Madeline Markham, telefonista, passou o chamado imediatamente para sua supervisora, a Sra. Marjorie Forness. A supervisora perguntou o nome completo de Carol, mas a menina não conseguia lembrar-se do nome do pai, falecido, ou da mãe. A Sra. Forness leu os nomes dos nove Morgan que se encontravam na lista telefônica e Carol finalmente reconheceu o nome da mãe, "Sra. Roberta Morgan". A Sra. Forness então perguntou a Carol se sabia o nome de alguns dos vizinhos. Depois de muita insistência, Carol lembrou-se da Sra. Bud Koppisch, que morava em frente a sua casa. A supervisora telefonou para a Sra. Koppisch, que se dispôs a ir imediatamente à residência dos Morgan. Mais tarde, a Sra. Forness ficou sabendo que, ao entrar na casa dos Morgan, a Sra. Koppisch encontrou a dona Roberta quase em estado de coma, e providenciou sua remoção para um hospital. Quando Roberta se recuperou e voltou para casa, expressou seu agradecimento às telefonistas pela atenção dada a sua filhinha, e as duas senhoras, por sua vez, ficaram felizes por ter podido prestar ajuda a tempo.
>
> Todos nós elogiaríamos as telefonistas por seu tirocínio e sensibilidade em face de uma necessidade vital. Mas, embora as aplaudamos, façamos a nós mesmos a pergunta: "Estamos nós tão alertas à condição espiritual dos homens, hoje, como as duas funcionárias da companhia telefônica à necessidade do lar dos Mor-

> gan?" Enquanto as pessoas vagam ao léu nos mares da confusão e do desespero, quantos de nós temos real interesse por sua necessidade espiritual? Ou será que agimos como Jonas? Embora ele fosse o único no navio que conhecia o Deus vivo e verdadeiro, na hora da necessidade mais profunda dos marujos ele não teve sensibilidade alguma para com o desespero ao seu redor.

Suponha que devamos entregar uma mensagem devocional sobre "O Deus em Quem Podemos Confiar". Podemos abrir a apresentação com o seguinte incidente a respeito do falecido V. Raymond Edman, ex-presidente da Faculdade Wheaton, em Wheaton, estado do Illinois:

> O Dr. Edman descreve uma conversa que teve certa ocasião com o gerente do supermercado onde ele fazia compras. Depois de o gerente descontar um cheque para uma pessoa à sua frente na fila do caixa, o Dr. Edman perguntou-lhe se já havia recebido um cheque sem fundos de um estranho. O gerente respondeu, pensativamente: "Não, porque não olho para o cheque, mas para o homem. Se confiar no homem, não hesito em aceitar o cheque." Que lição isto deve ser para nós! Basta olhar para quem fez a promessa, e não questionaremos a sua validez.

Referências a fatos atuais em qualquer campo do conhecimento, se apresentadas corretamente e de modo interessante, também podem atrair a atenção. Observe este exemplo de uma introdução a uma mensagem sobre "Comunhão com Deus", citado por Emory VanGerpen na revista *Sudan Witness:*

> Oculto em um milharal africano perto da cidade de Kano, na Nigéria, encontra-se um edifício de aparência comum, rodeado por uma cerca de aproximadamente um quarteirão. O prédio, cheio de equipamentos eletrônicos de todos os tipos, é uma estação de rastreamento — uma das dezoito que existem ao redor do mundo — usadas para acompanhar os astronautas enquanto giram pelo espaço. Aparelhos eletrônicos complicados constantemente medem as batidas do coração, a pressão sangüínea, a respiração, a temperatura dos astro-

nautas e muitos outros itens, enquanto a cápsula revoluteia pelo espaço. Ao mesmo tempo, um enorme gravador, que usa fita de mais de dois centímetros de largura, registra todos esses detalhes. Quando a estação entra em contato com um homem em órbita, toma-se o maior cuidado para não haver interferência, porque as ondas de rádio enviadas pela cápsula são muito fracas. Não se permitem carros numa área de cem metros por causa da possível interferência dos geradores. Até mesmo o radar do aeroporto de Kano, a vários quilômetros de distância, é desligado.

Assim também acontece com nossa comunicação com Deus. Se desejamos ter uma boa e ininterrupta comunhão com ele, devemos desfazer-nos de toda interferência externa possível. Então, em silêncio na presença do Senhor, poderemos ouvir a sua voz.

3. *Deve levar à idéia dominante ou ponto principal da mensagem.*

A introdução deve visar diretamente o assunto. Para tanto, as afirmativas nela contidas devem consistir em idéias progressivas que culminem no objetivo principal do sermão. Toda citação, explicação, exemplo ou incidente deve ser apresentado com este propósito em mente. Evitem-se repetições e expressões desajeitadas. A introdução deve ser tão simples e direta quanto possível, sem dar a impressão de pressa ou interrupção.

Considere o esboço abaixo, no qual a introdução consiste numa série de idéias progressivas que conduzem ao tema:

Título: "A Arma Secreta de Deus"
Texto: Gênesis 18:17-33; 19:27-29.
Introdução: 1. Com a descoberta do segredo do átomo, os homens conseguiram um imenso poder destruidor.
2. O segredo que Deus deu a seus filhos é um poder maior do que o de qualquer bomba atômica. As armas nucleares são destrutivas, mas a arma secreta, colocada por Deus nas mãos dos crentes, é construtiva, capaz de efeitos criativos e benditos.

Assunto: Verdades acerca da arma secreta da oração intercessora.

Que revela o texto em conexão com esta arma secreta? Da passagem podemos aprender três ver-

dades importantes referentes à arma secreta da intercessão, que Deus colocou à disposição dos crentes.

I. Deus procura homens que orem por outros, 18:17-21.
II. Deus ouve as orações dos que intercedem por outros, 18:22-33.
III. Deus responde às orações dos que oram por outros, 18:23-32; 19:27-29.

4. Deve consistir em poucas e breves sentenças ou *frases, e cada idéia deve ocupar uma linha diferente.*

Evitem-se sentenças longas e compostas. As expressões contidas na introdução abreviada, embora meramente sugestivas, devem ser claras o suficiente para serem lidas de relance. Como exemplo, damos uma introdução para o esboço de um sermão sobre "Um Salmo de Prazer", baseado do Salmo 23, que foi apresentado no capítulo 3. Para que o leitor veja a relação que a introdução tem com o sermão, reproduzimos o esboço inteiro aqui:

Título: "Um Salmo de Prazer"
Introdução: 1. Pastor de ovelhas em Idaho, com um rebanho de 1.200 ovelhas — incapaz de dar-lhes atenção individual.
2. Contrastar o Pastor deste salmo — como se ele tivesse apenas uma ovelha para cuidar.
3. Todo filho de Deus se identifica com a ovelha mencionada neste salmo.
Assunto: As bases do contentamento das ovelhas do Senhor.
I. O Pastor das ovelhas, v. 1.
1. Um Pastor divino, v. 1
2. Um Pastor pessoal, v. 1.
II. A provisão das ovelhas, vv. 2-5.
1. Descanso, v. 2.
2. Direção, v. 3.
3. Fartura, v. 5.
III. O futuro das ovelhas, v. 6.
1. Um futuro brilhante nesta vida, v. 6.
2. Um futuro bendito no além, v. 6.

7

A Proposição

Definição de Proposição

Proposição é uma declaração simples do assunto que o pregador se propõe apresentar, desenvolver, provar ou explicar. Em outras palavras, é uma afirmativa da principal lição espiritual ou da verdade eterna do sermão, reduzida a uma sentença declarativa.

A proposição, também chamada de tese, grande idéia, idéia homilética ou sentença do assunto, é, pois, um princípio: uma regra que governa a conduta correta, ou um fato básico ou uma *generalização aceita como verdade. Consiste numa afirmativa* clara da verdade fundamental, eterna, e de aplicação universal.

Observe os seguintes exemplos de princípios ou verdades eternas:

- A meditação diária nas Escrituras é vital para o crente.
- O Senhor deseja a adoração que procede do íntimo.
- Quem tem Deus tem tudo o que vale a pena ter.
- Deus usa instrumentos escolhidos para preencher as necessidades de outros.
- Ninguém pode fugir às conseqüências de seu próprio pecado.
- Os que dão a Deus o primeiro lugar, jamais terão falta de nada.
- O amor a Cristo nos fará esquecer de nós mesmos no serviço aos outros.

A Bíblia está cheia de material do qual podemos extrair teses ou idéias principais. Até mesmo um único versículo pode ser a fonte de muitos princípios ou verdades eternas. Tome, por exemplo, Efésios 2:8: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus." Deste breve texto tiramos os seguintes princípios:

- Todo pecador salvo é produto do favor imerecido de Deus.
- Embora a salvação seja de graça, só se torna nossa se a aceitarmos pela fé.
- A salvação tem origem na graça de Deus.
- A fé recebe o que Deus dá livremente.
- A provisão divina da salvação está inteiramente fora da ação humana.

A Importância da Proposição

Não há como ressaltar demais a importância de uma proposição correta. Ela é, com efeito, o aspecto mais essencial no preparo do sermão. São dois os principais motivos dessa importância.

1. *A proposição é o fundamento de toda a estrutura do sermão.*

A proposição é, para o preparo do sermão, o que o alicerce é para o edifício. Assim como uma casa não pode ser construída corretamente sem um alicerce sólido, da mesma forma não se constrói um sermão correto sem uma proposição sólida como estrutura de pensamento. Portanto, cada palavra da proposição deve expressar corretamente a idéia principal do sermão.

Formulada corretamente, a proposição possibilita ao pregador organizar seu material em torno da sua idéia dominante. Muitos aspectos podem ser introduzidos no sermão; mas tudo, do começo ao fim, há de relacionar-se com o princípio específico e único, revelado na proposição. Seguindo esta verdade principal, o pregador pode reconhecer o que é pertinente ao sermão e o que dele deve ser excluído. Quando, porém, a proposição não é corretamente formulada, toda a estrutura de pensamento se enfraquece ou desorganiza.

2. *A proposição indica claramente o rumo que o sermão deve tomar.*

Uma proposição correta não só beneficia o pregador, mas também a congregação. Quando o pregador dá início ao seu sermão, quase instintivamente os ouvintes farão a si mesmos a pergunta: "O que ele vai dizer acerca do assunto?" Se a mensagem não tem um objetivo claramente proposto, não será fácil segui-la, e muitas vezes surgirá desatenção da parte do auditório. Por outro lado, se de início o orador esclarecer perfeitamente a direção a seguir, possibilitará aos ouvintes acompanharem sua mensagem de modo fácil e inteligente.

Examine os esboços na parte final deste capítulo, e também nos capítulos posteriores, e observe como a tese em cada caso prepara o terreno para a compreensão da mensagem que a segue.

O Processo de Desenvolvimento da Proposição

Criar a proposição é uma das tarefas mais difíceis para o principiante. Por ser tão importante a declaração clara do assunto, é imperativo que o pregador aprenda a fazê-la com acerto.

Vezes há em que a grande idéia vem à mente do pregador logo no início do sermão, mas, via de regra, a descoberta da verdade principal da passagem e o conseqüente preparo da proposição resultam dos passos dados na elaboração da mensagem.

1. *Um estudo exegético completo da passagem.*

Já ressaltamos, nos capítulos 2 e 3, que um exame cuidadoso do texto é indispensável a uma correta compreensão de seu significado. Em outras palavras, uma exegese cuidadosa é pré-requisito para uma exposição correta e fiel de qualquer trecho da Palavra de Deus.

2. *Apresentação da idéia exegética.*

Completada a exegese, o passo seguinte é descobrir a idéia principal da passagem. Nos capítulos anteriores tentamos, de propósito, evitar referências à proposição, e nos limitamos, na declaração do esboço, a termos como assunto, idéia dominante ou tema.

Em seu tratado recente sobre homilética, Haddon W. Robinson expande a idéia do que previamente chamamos de assunto ou tema, denominando-o idéia exegética. O conceito exegético consiste em duas partes: um sujeito e um ou mais complementos. O sujeito é aquilo sobre o que o pregador vai falar, enquanto o complemento consiste no que ele vai dizer acerca do sujeito. A idéia exegética, portanto, combina o sujeito com o complemento, ou complementos, numa sentença geral.

Todo trecho bíblico contém um sujeito e, pelo menos, um complemento. A tarefa do pregador é descobrir o sujeito e o que o texto diz sobre ele. Se o estudante não for capaz de fazer isto, ele, com toda a probabilidade, só terá uma vaga noção do conteúdo da passagem e não estará em condições de expô-la com clareza ao seu povo.

A aplicação das palavras interrogativas quem, o que, por que,

como, quando e *onde,* ao conteúdo da passagem, muitas vezes ajuda a descobrir o sujeito.

Às vezes uma paráfrase da unidade expositiva toda ajuda-nos a descobrir o sujeito e o complemento. Outras vezes, um *layout* mecânico da passagem capacita-nos a analisar seu conteúdo, destacando o relacionamento de orações independentes e subordinadas (veja o exemplo do capítulo 3), e nos dá pistas para a compreensão do texto.

Passaremos a apresentar quatro passagens, das quais desejamos extrair idéias exegéticas. Fazer a exegese desses textos foge ao escopo deste livro. Supomos, portanto, que esse estudo necessário já tenha sido feito.

Nosso primeiro exemplo é tirado de Marcos 16:1-4.

> Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem embalsamá-lo. E muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol, foram ao túmulo. Diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?
>
> E, olhando, viram que a pedra já estava revolvida; pois era muito grande.

Na procura do sujeito, fazemos a pergunta: "De que, ou de quem, trata a passagem? Concentra-se ela nos aromas, ou na pedra, ou tem algo a ver com o problema que as mulheres discutiam?" Um exame da passagem logo indica que a idéia principal refere-se às mulheres, e perguntamos: "Que mulheres?", ou, "Quem eram essas mulheres?" Um pouco mais de reflexão indicará o elemento essencial da narrativa: "as mulheres que foram ao sepulcro a fim de ungir o corpo de Jesus". Encontramos, assim, o sujeito do texto.

Agora vamos procurar o complemento, isto é, o que a passagem diz acerca dessas mulheres. A seguir, reunimos vários fatos, como os seus nomes, o dia, os aromas que levavam, a hora, sua conversa, o problema que discutiram e o modo como foi inesperadamente resolvido. Há fatos demais aqui para uma única sentença; portanto, resumimos todos eles em dois complementos: primeiro, "Estavam preocupadas com a pedra, grande demais para removerem da porta do túmulo"; e, segundo, "Descobriram mais tarde que a pedra já havia sido removida antes de chegarem ao túmulo".

Nossa próxima tarefa é afirmar a idéia básica da passagem, isto é, o sujeito e o complemento, numa sentença única e completa. Assim, expressamos a idéia exegética na seguinte sentença: "As mulheres, a caminho do túmulo a fim de ungir o corpo de Jesus, preocupavam-se com um problema grande demais para elas, porém já resolvido antes de elas terem de enfrentá-lo."

Tomemos Gálatas 3:13 como nosso segundo exemplo.

> Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro.

Se atentarmos bem para o texto, veremos que o sujeito, ou sobre o que fala o versículo, é a redenção da maldição da lei. O complemento, o que Gálatas 3:13 diz acerca de nossa redenção da maldição da lei, é que ela foi realizada ao tomar Cristo a maldição em nosso lugar, sendo pendurado no madeiro. Unindo o sujeito ao complemento, podemos apresentar a idéia exegética da seguinte maneira: "Nossa redenção da maldição da lei foi realizada por Cristo, que recebeu a maldição por nós."

Nosso terceiro exemplo é tirado de Lucas 15:1-2:

> Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles.

Examinando cuidadosamente estes versículos, vemos que o sujeito é a reclamação dos fariseus e escribas contra Jesus. O complemento é o que o texto diz acerca dessa reclamação, a saber, que Jesus recebia pecadores e comia com eles. Agora, combinamos o sujeito com o complemento numa idéia exegética: "Os fariseus e os escribas reclamavam porque Jesus recebia pecadores e comia com eles."

Para nosso exemplo final, consideremos Filipenses 1:9-11:

> E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.

Qual é o sujeito desses versículos? De que tratam? Não é difícil perceber que constituem uma oração feita por Paulo a favor dos

crentes de Filipos. Quanto ao complemento, ou complementos, que diz o texto acerca da oração, da petição ou petições de Paulo por esses crentes? O versículo 9 revela claramente o tipo de oração: o apóstolo pede que o amor dos crentes aumente mais e mais. Os versículos 10 e 11 indicam que, como resultado de um maior amor, esses santos do Novo Testamento seriam possuídos de um discernimento espiritual e de certas graças específicas do caráter cristão, contribuindo, assim, para a glória de Deus. Daí, o sujeito é a oração de Paulo pelos crentes de Filipos, ao qual arrolamos dois complementos: "Consistia num pedido para aumento de seu amor e tinha, como duplo objetivo, a posse de um discernimento espiritual e as graças do caráter cristão que trazem louvor a Deus."

O sujeito e os complementos evocam, pois, o seguinte conceito exegético: "Paulo orou para que os santos de Filipos crescessem em amor ao ponto de possuírem discernimento espiritual e traços do caráter cristão, para glória de Deus."

Alguns trechos da Palavra são muito mais complexos do que esses por nós examinados, especialmente certas seções dos profetas e das epístolas. A habilidade de discernir o sujeito e o complemento, ou complementos, em tais casos, em geral requer um exame especial do texto de acordo com os princípios exegéticos.

3. A descoberta da verdade principal que a passagem parece transmitir.

A idéia exegética, em geral, difere da proposição, ou idéia homilética. A primeira é uma afirmativa de uma única sentença do que o texto diz, enquanto a última consiste numa verdade espiritual ou princípio eterno, transmitido pela passagem.

Há casos em que a idéia exegética e a verdade eterna, ou tese, podem ser a mesma. Por exemplo, em Gálatas 6:7: "aquilo que o homem semeia, isso também ceifará". Este texto é, ao mesmo tempo, uma declaração do conteúdo de Gálatas 6:7-8, bem como um princípio universal aplicável a todos os homens, em todos os lugares.

Contudo, quando a idéia exegética não consiste numa verdade fundamental, o homem de Deus pode perguntar: "Que diz o texto em relação a mim?" ou: "Que verdade vital e eterna a passagem pretende ensinar?"

É neste ponto que o exegeta muitas vezes sente o quanto deve depender do Espírito de Deus para iluminá-lo acerca da lição

espiritual a ser apresentada ao povo, segundo o desejo do Senhor. É também a esta altura que a idéia exegética fornece apoio à proposição.

Exemplificaremos este ponto com a primeira idéia exegética já formulada neste capítulo, tirada do relato de Marcos 16:1-4. A idéia exegética foi: "As mulheres, a caminho do túmulo a fim de ungir o corpo de Jesus, preocupavam-se com um problema grande demais para elas, porém já resolvido antes de elas terem de enfrentá-lo."

Desta idéia exegética somos levados à seguinte tese, ou princípio: "Os filhos do Senhor às vezes enfrentam problemas grandes demais para eles." Podemos, é claro, derivar muitas outras verdades eternas de nossa idéia exegética. Eis duas: "Às vezes nos preocupamos sem necessidade por problemas que nem mesmo existem", *e:* "Deus é maior do que qualquer problema que tenhamos de enfrentar".

Notemos agora alguns exemplos de idéias exegéticas derivadas de algumas das passagens discutidas em capítulos anteriores, e observemos como elas nos levam a expressar a proposição.

A primeira é extraída de Esdras 7:10: "Esdras assentou no coração tornar-se um homem a quem Deus podia usar em Israel." Podemos afirmar uma verdade eterna, dizendo: "Deus usa o homem que coloca as coisas importantes em primeiro lugar."

Nossa segunda idéia baseia-se em João 3:16: "Por causa de seu amor ao mundo, Deus deu seu filho unigênito para que os homens sejam salvos mediante a fé nele." Desta afirmativa podemos derivar uma verdade eterna, como: "A dádiva de Deus de seu Filho, é o único meio da salvação do homem."

Vejamos outro exemplo, este tirado da Epístola de Paulo aos Efésios 6:10-18: "O crente encontra-se num combate espiritual no qual recebe direção e provisão para ser um guerreiro bem-sucedido." Nossa idéia homilética será: "Na guerra espiritual em que se encontra, o cristão pode ter a certeza de ser um guerreiro bem-sucedido."

Como exemplo final, afirmamos a idéia exegética tirada do Salmo 23: "As bases do contentamento das ovelhas do Senhor descansam em quem seu Pastor é, no que ele faz por elas, e também no que tem reservado para elas no futuro." Este conceito exegético leva à seguinte proposição: "Cada indivíduo, que diz pertencer ao Senhor, possui suas próprias bases de contentamento."

4. Afirmativa da proposição numa sentença sucinta e direta.

Ao cristalizar-se a proposição no pensamento do orador, talvez ele tenha de reformulá-la a fim de expressá-la numa sentença concisa e vigorosa. Ao mesmo tempo, deve certificar-se de que sua proposição revele fielmente o conceito da passagem bíblica.

Pode acontecer também que o pregador, a fim de elaborar corretamente esse princípio vital, tenha de reorganizar ou reconstruir todo o plano do seu sermão.

Examinando novamente a nossa proposição sobre o Salmo 23, podemos revisá-la, transformando-a na seguinte afirmativa simples: "O contentamento é a prerrogativa feliz de todo o filho de Deus."

Princípios Para a Formulação da Proposição

1. A proposição deve expressar, numa sentença completa, a idéia principal ou essencial do sermão.

Como já vimos, a proposição é uma afirmativa da verdade principal que o pregador se propõe a apresentar no sermão. Quando corretamente formulada, promove a unidade estrutural da mensagem. Se se introduz mais de uma idéia importante na proposição, destrói-se de imediato a unidade estrutural do sermão. Eis um exemplo de uma afirmativa com duas idéias: "As Escrituras nos ensinam a levar vidas santas e a sermos servos fiéis de Cristo." Temos aqui duas proposições, o que torna impossível um sermão com uma única unidade de pensamento.

Todavia, para expressarmos a idéia essencial do sermão como um pensamento completo, ela deve ser apresentada numa sentença completa. Isto é, a afirmativa deve consistir em duas partes principais: um sujeito, a coisa da qual queremos falar, e um predicado, o que vamos dizer a respeito desse sujeito. Por exemplo, podemos selecionar, como tema de nosso sermão, a segunda vinda de Cristo. Sozinho, esse tópico nos daria uma idéia incompleta, por não informar o que dizer acerca do sujeito. Portanto, precisamos acrescentar um predicado, que sempre inclui um verbo, a fim de nos expressarmos com precisão acerca do sujeito. Daí, acrescentamos ao nosso sujeito a frase "é a esperança dos crentes que sofrem". Unindo o sujeito ao predicado, temos agora uma idéia completa numa só frase: "A segunda vinda de Cristo é a esperança dos crentes que sofrem."

2. A proposição deve ser uma sentença declarativa.

Isto significa que a tese, ou sentença do assunto, deve ser uma

afirmativa explícita e positiva, não negativa. Afirmativa como "Honramos o Senhor louvando-o por seus benefícios" é declarativa. Por outro lado, se dissermos: "Não honramos o Senhor quando reclamamos de nossas circunstâncias", estamos fazendo uma declaração negativa.

Observe o esboço abaixo e veja como a tese ou proposição é expressa numa sentença declarativa.

Título: "A Vida de Dependência"
Proposição: A vida cristã é uma vida de constante dependência
I. Dependemos de Cristo para a salvação, Tito 3:5.
II. Dependemos da Palavra de Deus para crescimento espiritual, 1 Pedro 2:2.
III. Dependemos da oração para poder espiritual, Tiago 5:15.
IV. Dependemos da comunhão para encorajamento mútuo, 1 João 1:3.

3. *A proposição deve ser uma verdade eterna, em geral formulada no tempo presente.*

A proposição é um princípio ou verdade universal; é um padrão para a vida ou conduta. Daí, a necessidade imperativa de ser biblicamente sadia. Em geral, deve ser formulada com o verbo no presente.

Mas, como já indicamos na primeira regra, não se pode expressar completamente uma verdade com uma mera frase ou fragmento de sentença, mas, sim, numa sentença completa, com sujeito e predicado. Por exemplo, uma expressão como: "A necessidade do povo de Deus em tempos de tribulação" não é uma afirmação declarativa e não contém uma verdade. Não passa de um fragmento de sentença. Se o pregador tentasse usá-lo como proposição, o resultado seria ambigüidade e vazio no desenvolvimento do sermão. Por outro lado, se dissermos: "O povo de Deus sempre pode ir a ele em tempos de tribulação", teremos uma afirmativa válida para todos os tempos e de alcance universal.

É óbvio, também, que uma ordem não é um princípio, por não expressar uma verdade eterna. Uma ordem não é uma sentença declarativa. Assim, seria incorreto expressar a proposição da seguinte maneira: "Seja diligente em sua obra."

Além disso, uma verdade eterna não inclui referências geográficas ou históricas, nem faz uso de nomes próprios, a não ser os da divindade. Por isso, seria incorreto dizer: "Assim como o Senhor chamou a Amós de Técoa, na terra de Judá, a fim de

pregar no reino do Norte, da mesma forma ele chama alguns hoje para irem a outras terras a fim de servi-lo." Em vez disso, podemos dizer: "O Senhor, em sua soberania, chama crentes para servi-lo onde ele quiser."

4. A proposição deve ser formulada com simplicidade e clareza.

Jamais deve haver ambigüidade ou imprecisão. Por exemplo, se desejarmos expressar como proposição a frase: "O trabalho traz recompensas", talvez a congregação comece a perguntar-se: "Que trabalho traz recompensas?", "De quem é o trabalho que traz recompensas?" "Quando é que o trabalho traz recompensas?" ou "Que tipo de recompensas a pessoa recebe por seu trabalho?"

Contudo, embora seja necessário expressar a idéia homilética com clareza, não é preciso empregar uma linguagem difícil e rebuscada. Ao contrário, a redação deve ser simples e clara, de modo que o sentido seja imediatamente inteligível. Por exemplo, se planejamos falar a respeito do testemunho cristão, podemos apresentar a proposição como segue: "Um cristão radiante é uma testemunha eficaz de Cristo."

5. A proposição deve ser a afirmação de uma verdade vital.

Ao apresentar uma mensagem tirada das Escrituras, o pregador lida com reações humanas básicas, como medo, culpa, frustração, pesar, desapontamento, angústia, amor, alegria, perdão, paz, graça, esperança e muitas outras emoções e aspirações. Assim, a tese, que é o âmago do sermão, deve ser expressa em termos que tenham importância para a vida dos indivíduos.

De acordo com o que estamos dizendo, meras trivialidades não devem encontrar lugar na tese. Por exemplo, sentenças como: "Os peixes nadam rio acima", ou, "Gosto não se discute", embora sejam universalmente verdadeiras, não têm significação especial, não influem nos assuntos mais importantes da vida.

O pastor deve, portanto, formular a proposição na forma do que corretamente se chama de grande idéia, um conceito que expresse algo vital ou importante. Em outras palavras, deve ser uma sentença plena de sentido ou significação para seus ouvintes.

6. A proposição deve ser específica.

A verdade eterna a ser expressa na proposição deve limitar-se ou restringir-se a um conceito específico. Se apresentarmos a grande idéia em termos demasiados gerais, faltar-lhe-á vigor e assim não desafiará o interesse dos ouvintes. As afirmativas seguintes entram nessa categoria:

"Há grande valor na oração."
"Os pais devem disciplinar os filhos."
"Devemos estudar a Palavra de Deus."
"Cristo ama aos perdidos."

Examine as quatro afirmativas seguintes e observe como em cada caso, temos uma declaração que, por ser limitada, é vigorosa e direta.

"O crente que ora exerce poderosa influência."
"Os pais, ao disciplinar os filhos, têm de exercitar sabedoria."
"O estudo da Palavra de Deus produz grandes benefícios."
"O amor de Cristo alcança todos os pecadores."

7. *A proposição deve ser apresentada tão concisamente quanto possível, sem a perda da clareza.*

A tese eficaz deve ser apresentada da maneira mais breve possível, contanto que não se sacrifique a clareza. Daí, ao formular a proposição, é necessário que o pregador evite afirmativas longas e vagas. Em outras palavras, a proposição deve ser uma sentença simples e clara. Uma boa regra é limitar a oração a dezessete palavras ou menos. Uma oração mais longa reduzirá sua eficácia. Note a tese concisa do seguinte esboço:

Título: "A Vida Triunfante"
Texto: Filipenses 1:12-21.
Proposição: Os crentes podem ser gloriosamente triunfantes em Cristo.
I. Em meio à adversidade, como Paulo, vv. 12-14.
II. *Em meio à oposição,* como Paulo, vv. 15-19.
III. Em face da morte, como Paulo, vv. 20-21.

É preciso ressaltar que a tese, ou proposição, não é uma afirmativa formal das divisões principais. O objetivo da proposição não é revelar o plano do sermão, mas apresentar, em termos simples, a idéia principal em forma de verdade eterna. Cada divisão do sermão deve originar-se da tese e desenvolver um aspecto pertinente a ela. Se fôssemos usar o esboço que acabo de apresentar, seria incorreto construir uma proposição como a seguinte: Os crentes podem ser gloriosamente triunfantes em face da adversidade, da oposição e da morte.

Como Relacionar a Proposição às Divisões Principais

Em geral, a proposição vem ligada ao sermão por uma pergunta, seguida de uma oração de transição.

Usa-se qualquer um dos cinco advérbios interrogativos para ligar a proposição aos pontos principais do sermão. Estes advérbios são: *por que, como, o que, quando* e *onde*. Por exemplo, no esboço "A Vida de Dependência", apresentado anteriormente neste capítulo, a proposição foi: "A vida cristã é de constante dependência." Esta proposição deve agora fazer-se seguir da pergunta: "Por que a vida cristã é de constante dependência?"

A oração interrogativa leva à de transição, que por sua vez une a proposição aos pontos principais e fornece uma mudança suave da proposição para as divisões principais. Ao mesmo tempo, as orações interrogativas e transicionais indicam como a idéia homilética vai ser desenvolvida, elucidada ou explicada no corpo do sermão. Observe os exemplos de proposições apresentados neste capítulo, nos quais seguem-se orações interrogativas e de transição e note que em cada caso a pergunta que segue a proposição, bem como a oração de transição, depois da oração interrogativa, indicam claramente como a proposição será desenvolvida.

A sentença de transição deve sempre conter uma palavra-chave, que classifica ou delineia o caráter dos pontos principais do sermão. Usando o mesmo exemplo de "A Vida de Dependência", podemos formular a oração transicional da seguinte maneira: "Vários são os motivos pelos quais podemos dizer que a vida cristã é de constante dependência." Obviamente, a palavra motivos relaciona a proposição aos pontos principais, e cada divisão principal expressará os motivos pelos quais a vida cristã é de dependência constante.

Para que o estudante compreenda essas instruções com clareza, repetimos o esboço de "A Vida de Dependência", com a idéia homilética, a pergunta e a oração de transição em sua seqüência devida.

Título: "A Vida de Dependência"
Proposição: A vida cristã é uma vida de constante dependência.
Oração interrogativa: Por que a vida cristã é de constante dependência?
Oração de transição: Vários são os motivos pelos quais podemos dizer que a vida cristã é de constante dependência.

I. Dependemos de Cristo para a salvação, Tito 3:5.
II. Dependemos constantemente da Palavra de Deus para o crescimento espiritual, 1 Pedro 2:2.
III. Dependemos constantemente da oração para o poder espiritual, Tiago 5:16.
IV. Dependemos constantemente de comunhão para o estímulo mútuo, 1 João 1:3.

A palavra-chave é um útil instrumento homilético que possibilita caracterizar ou classificar, na sentença de transição, as divisões principais do sermão. O esboço, é claro, deve possuir unidade estrutural. Sem essa unidade, não pode haver uma palavra-chave que ligue a oração de transição a cada divisão principal, e as divisões principais entre si. Portanto, um bom teste da unidade estrutural do esboço é ver se podemos aplicar a mesma palavra a cada uma das divisões principais.

No capítulo 3 preparamos o seguinte esboço expositivo sobre Lucas 15:25-32:

Título: "O Fariseu Ontem e Hoje"
Assunto: Aspectos do farisaísmo visto no caráter do irmão mais velho.

I. Era um homem de justiça própria, vv. 29-30.
II. Era um homem desamoroso, vv. 28-30.
III. Era um homem crítico, vv. 25-30.
IV. Era um homem teimoso, vv. 28-32.

Agora apresentamos a proposição, a oração interrogativa e a oração de transição, como segue:

Proposição: O Senhor detesta o espírito de farisaísmo.
Oração interrogativa: Quais os aspectos desse espírito que o Senhor detesta?
Oração de transição: As atitudes do irmão mais velho, vistas aqui na descrição do seu caráter, manifestam o espírito de farisaísmo que o Senhor detesta.

A palavra "atitudes" torna-se a palavra-chave na oração de transição.

Mudemos, de propósito, a última divisão principal, a fim de destruir a unidade estrutural do esboço:

I. Era um homem de justiça própria, vv. 29-30.
II. Era um homem desamoroso, vv. 28-30.
III. Era um homem crítico, vv. 25-30.
IV. O pai preocupava-se com a atitude do irmão mais velho, vv. 28-32.

Agora é impossível ligar a oração de transição corretamente a este esboço, porque a palavra-chave "atitudes" já não pode ser aplicada a todas as divisões principais.

Para que o estudante compreenda mais claramente a relação da tese com a oração de transição, mostramos abaixo três esboços para os quais apresentamos a proposição, a oração interrogativa, a oração de transição e a palavra-chave.

Título: "Aproveitando as Oportunidades"
Proposição: O cristão alerta descobre que muitas vezes apresentam-se oportunidades incomuns de alcançar os perdidos.
Oração interrogativa: Quando é provável que tais oportunidades aconteçam?
Oração de transição: Estas oportunidades provavelmente surgirão em ocasiões especiais na vida do perdido.
Palavra-chave: Ocasiões.
I. Quando a dor atinge seu lar.
II. Em épocas de perigo.
III. Em épocas de enfermidade.

Título: "Um Ministério Exemplar"
Texto: 1 Tessalonicenses 2:1-12.
Proposição: O servo de Deus tem um padrão exemplar para o seu ministério.
Oração interrogativa: Quais são as características desse padrão para o ministério?
Oração de transição: De acordo com 1 Tessalonicenses 2:1-12, o ministério de Paulo exemplifica quatro características que devem ser verdade no ministério do servo de Deus hoje.
Palavra-chave: Características.
I. Deve possuir audácia santa, vv. 1-2.
II. Deve possuir fidelidade a Deus, vv. 3-6.
III. Deve possuir consideração graciosa, vv. 7-9.
IV. Deve possuir integridade de conduta, vv. 10-12.

Título: "A Mente de Cristo"
Texto: Filipenses 2:5-8.
Proposição: O crente semelhante a Cristo é aquele que possui a mente de Cristo.

Oração interrogativa: Que aspectos da semelhança de Cristo se subentendem pela expressão "mente de Cristo"?
Oração de transição: Em Filipenses 2:5-8 descobrimos que são dois os aspectos da semelhança de Cristo subentendidos pela expressão "mente de Cristo".
Palavra-chave: Aspectos.

I. Negação como a de Cristo, vv. 6-7.
II. Humilhação como a de Cristo, v. 8.

Palavras-chave Apropriadas

A transição suave da idéia homilética para as divisões principais é de suma importância para a linha de pensamento do sermão. Uma transição desajeitada ou defeituosa pode descaminhar o ouvinte e enfraquecer a eficácia da mensagem. Por ser a palavra-chave uma parte essencial da oração de transição, é preciso muito cuidado na sua escolha. A palavra "coisas" é por demais geral como palavra-chave. O estudante deve ter como alvo o uso de uma palavra específica, que corretamente caracterize as divisões principais.

Tendo em vista ajudar o pregador a descobrir a palavra-chave apropriada, damos uma lista das mais comumente usadas em orações de transição.

abordagens
acontecimentos
ações
advertências
afirmações
alegrias
alvos
aplicações
argumentos
artigos
aspectos
atitudes
atributos
bênçãos
benefícios
causas
chaves
crenças
critérios
deficiências
desejos
diferenças
distinções
doutrinas
efeitos
elementos
empecilhos
empreendimentos
ensinos
erros
esperanças
evidências
exemplos
exigências
expressões
fardos
fatores
fatos
fontes
funções
ganhos
garantias
grupos
hábitos
ideais
idéias
ilustrações
impedimentos
inferências
instrumentos
itens
juízos
leis
lições
limites
listas
manifestações

marcas
medidas
meios
métodos
motivos
necessidades
nomes
objeções
objetivos
observações
obstáculos
ocasiões
ordens
palavras
paradoxos
partes
passos
pecados
pensamentos
perdas
perigos
períodos
pontos
práticas
problemas
proposições
provas
razões
reações
regras
reivindicações
respostas
rotas
salvaguardas
segredos
sugestões
tendências
tipos
tópicos
usos
valores
vantagens
verdades
virtudes

Formas Alternativas da Proposição

Para evitar a monotonia, algumas autoridades sobre homilética permitem a substituição por uma forma interrogativa, exortativa ou exclamativa de proposição, em lugar da verdade eterna.

Na forma interrogativa, o pregador simplesmente omite a afirmação da verdade eterna e usa a oração interrogativa em seu lugar. Assim, se usarmos o esboço acima, sobre "A Vida de Dependência", a idéia dominante do sermão é apresentada na oração interrogativa: "Por que a vida cristã é uma vida de constante dependência?"

Na forma exortativa, o pregador tem como alvo encorajar ou exortar os ouvintes a adotarem certos cursos de ação. Observe como a forma exortativa é usada no seguinte esboço:

Título: "O Estudante Mais Sábio"
Forma Alternativa: Estudemos a Palavra de Deus diligentemente.
I. Para que cresçamos na vida cristã, 1 Pedro 2:2.
II. Para que sejamos aprovados de Deus como seus obreiros, 2 Timóteo 2:15.
III. Para que sejamos totalmente equipados para o serviço cristão, 2 Timóteo 3:16-17.
IV. Para que sejamos transformados à semelhança de Cristo, 2 Coríntios 3:18.

O tipo exclamativo é a forma que o pregador usa quando deseja dar ênfase especial ao assunto. Por exemplo, se desejar acentuar as bênçãos que o crente possui em Cristo, como reveladas em Efésios 1:3-14, ele pode usar uma exclamação como a sugerida no esboço seguinte:

Título: "Supremamente Bendito"
Forma alternativa: Quão maravilhosas são as bênçãos que temos em Cristo!
I. Fomos escolhidos nele, v. 4.
II. Somos redimidos nele, v. 7.
III. Somos feitos herdeiros nele, v. 11, v. 13.
IV. Somos selados nele, v. 13.

Alguns autores ensinam que uma afirmativa claramente definida do objetivo da mensagem pode, às vezes, constituir uma alternativa legítima e bem apropriada a uma proposição. Muitos pregadores, com efeito, conseguem comunicar a verdade com eficiência, desenvolvendo um pensamento central, ou tema, como o foco do sermão, sem o uso de uma proposição claramente definida. Se num sermão desse tipo forem incluídas algumas verdades eternas retiradas do texto, especialmente no final da mensagem, elas ajudarão o auditório a ver como o texto bíblico se aplica ao mundo do dia-a-dia em que vivem. Leia Neemias 1:1 até 2:8 e note o seguinte esboço sobre o assunto, "Neemias, um homem de oração".

Título: "Poder Mediante a Oração"
I. Ele percebeu a necessidade de oração, Neemias 1:1-3.
1. Com referência à sorte do seu povo, vv. 1-3.
2. Com referência às condições de Jerusalém, o lugar de adoração, vv. 1-3.
3. A despeito de seu próprio conforto, vv. 1-2, 11.
II. Fez o tipo certo de oração, Neemias 1:4-11.
1. Com espírito sincero, v. 4.
2. Com coração contrito, vv. 5-7.
3. Com fé nas promessas de Deus, vv. 8-9.
4. Com pedidos específicos, vv. 10-11.
III. Conseguiu resultados gloriosos através da oração, Neemias 2:1-8.
1. Em respostas diretas a seus pedidos, vv. 1-8.
2. Pela mão graciosa de Deus sobre ele, v. 8.

No corpo desse sermão, ou, de preferência, na conclusão, podemos apresentar as seguintes verdades eternas retiradas da passagem, e trabalhar sobre elas:

- O Deus do céu deleita-se em ouvir as orações do seu povo na terra.
- Devemos preencher as condições divinamente prescritas se desejamos ver intervenções divinas em nosso favor.
- O Senhor não tem substituto para a confissão — deve-se lidar definitivamente com o pecado, de modo severo e completo.
- Deus realiza impossibilidades para os que oram a ele.

Uma boa tese para o esboço acima, que contém uma verdade eterna conforme definida anteriormente neste capítulo, seria: "A oração fervorosa do homem santo tem poder maravilhoso." A oração interrogativa seria: "Como é que se revela esta verdade na passagem que temos diante de nós?" A oração de transição: "Estudando três fatos principais neste trecho da Bíblia, referentes a Neemias, um homem de oração, veremos como se exemplifica esta verdade." E o sermão seguiria naturalmente de acordo com as linhas expostas acima.

Até mesmo uma narrativa bíblica pode ser mais facilmente compreendida e lembrada quando a apresentamos de acordo com um plano simples. Observe a eficácia deste esboço que David W. Fant empregou certa vez em relação com a história do Bom Samaritano, de Lucas 10:30-37:

I. O homem que precisava de um amigo, v. 30.
II. Os dois homens que deviam ter sido amigos, vv. 31-32.
III. O homem que foi amigo, vv. 33-37.

A narrativa refere-se a quatro homens, e os pontos levam ao samaritano que provou ser um amigo de verdade. Daí, o propósito óbvio da história é ensinar-nos a nossa responsabilidade para com alguém necessitado de um amigo.

Embora as formas alternativas apresentadas nesta seção proporcionem variedade na formulação da tese, aconselhamos o principiante a evitar o seu uso até dominar por completo a técnica da criação de proposições, de acordo com os princípios apresentados neste capítulo.

Também instamos a que, ao empregar uma das formas alternativas, o pregador se lembre de usar os elementos de transição que

conduzem ao corpo do sermão. Por exemplo, no esboço que usa a exclamação: "Quão maravilhosas são as bênçãos que temos em Cristo!" podemos fazer a transição mediante uma afirmativa como: "Agora consideremos estas bênçãos uma por uma, enquanto examinamos este trecho da carta de Paulo aos Efésios."

O Lugar da Proposição no Esboço

A proposição deve, em geral, vir no final da introdução. A introdução leva à proposição que, juntamente com suas orações interrogativas e de transição, conduz ao corpo principal do sermão. Observe, no esboço abaixo, como isso é feito.

Título: "O Salmo de Contentamento"
Texto: Salmo 23.
Introdução: 1. Pastor de ovelhas em Idaho, com um rebanho de 1.200 ovelhas — incapaz de dar atenção individual a elas.
2. Contrastar o Pastor deste Salmo — como se tivesse apenas uma ovelha para cuidar.
3. Cada filho de Deus identifica-se com a ovelha apresentada neste Salmo.
Proposição: O contentamento é a prerrogativa feliz de cada filho de Deus.
Oração interrogativa: Em que se baseia esse contentamento?
Oração de transição: O filho de Deus aprende com este Salmo que, como ovelha do Senhor, seu contentamento baseia-se em três fatos em relação com as ovelhas.
I. O pastor das ovelhas, v. 1.
II. A provisão das ovelhas, vv. 2-5.
III. O futuro das ovelhas, v. 6.

Ao desenvolvermos o sermão desta maneira, propondo a tese antes dos pontos que a explicam ou provam, estamos usando o método dedutivo. É este o mais freqüentemente empregado nos textos de homilética, e é o que, na maior parte, também usamos.

Há ocasiões, entretanto, em que o pregador deseja ocultar o objetivo do seu sermão até o fim, usando os pontos principais para chegar à afirmativa da verdade eterna. Os seguintes exemplos mostram como fazê-lo.

Título: "Cometendo Suicídio Nacional"
Texto: 2 Reis 17:7-23.
I. Uma nação pode pecar voluntariamente contra o Senhor, como o fez Israel, vv. 7-12.
II. Uma nação pode endurecer-se contra o Senhor, como o fez Israel, vv. 13-14.

III. Uma nação pode rejeitar a Palavra de Deus, como o fez Israel, vv. 15-16.
IV. Uma nação pode vender-se ao mal aos olhos do Senhor, como o fez Israel, vv. 16-17.
Proposição: Uma nação não pode escapar ao juízo divino que resulta de sua própria culpa.
Conclusão: Isto foi verdade quanto a Israel, e o juízo que jaz sobre ele até hoje é um lembrete constante da retribuição de Deus sobre a transgressão de um país.

Mediante o uso de quatro exemplos tirados da história de Israel e de sua propensão para o mal, apresentamos um princípio segundo o qual uma nação destrói a si própria. Este procedimento, no qual os pontos do esboço levam à proposição, é chamado de método indutivo. A seguir, damos outro exemplo deste método.

Título: "Como Ser Salvo"
I. Pode a igreja salvar-nos?
II. Pode o batismo salvar-nos?
III. Podem as boas obras salvar-nos?
IV. Podem as boas intenções salvar-nos?
Proposição e conclusão: Só a obra de Jesus Cristo na cruz pode salvar-nos do pecado, Efésios 2:8-9, Atos 4:12.

Exercícios

1. Segue-se uma relação de nove passagens breves, cujos sujeitos e predicados não devem ser difíceis de descobrir. Escreva o sujeito e o complemento ou complementos de cada. Gênesis 15:1; Êxodo 15:22-26; Josué 5:13-15; Salmo 126:1-6; Isaías 1:18; Amós 7:10-17; 1 Coríntios 4:1-2; Efésios 4:1-3 e 1 Pedro 3:7.

2. Com base no sujeito e complemento que você encontrou para as nove passagens do Exercício nº 1, apresente uma idéia exegética apropriada na forma de oração completa para cada uma delas.

3. Quais das seguintes afirmativas preenchem as qualificações da proposição como apresentada neste capítulo?

(1) Você já louvou a Deus hoje?
(2) Devemos ser fiéis no serviço de Cristo.
(3) Deus dá abundantemente da sua graça.
(4) O crente pode depender da ajuda do Senhor em épocas de necessidade.

(5) As crianças amiúde têm medo do escuro.
(6) O evangelho da graça de Deus.
(7) O mistério dos séculos: Cristo em você.
(8) Daniel não foi devorado pelos leões por causa de sua fé em Deus.
(9) A Palavra de Deus é nosso guia e fortaleza.
(10) Deus está aperfeiçoando os santos.
(11) Não se preocupe com coisa alguma.
(12) Um cristão alegre é um testemunho aos que o cercam.
(13) Os fariseus disseram que Cristo expelia demônios pelo poder de Satanás.
(14) Se formos generosos em dar, o Senhor nos abençoará abundantemente.
(15) Quando servimos ao Senhor, estamos servindo a um Amo excelente.
(16) Há um momento em que devemos ficar quietos na presença do Senhor.
(17) Nosso Pai celeste dá especial atenção a seus filhos.
(18) É bom que os cristãos percebam que Deus sempre tem razão no que faz.
(19) O Dirigente deste universo toma nota de tudo o que acontece neste mundo.
(20) Deus não deve nada a ninguém e recompensará a cada um de nós o que fizermos para ele.

4. Leia três sermões, de diferentes pregadores, e formule uma proposição apropriada para cada um deles.

5. Prepare uma tese apropriada para cada um dos seguintes esboços de sermões temáticos apresentados no capítulo 1.

"A Esperança do Crente"
"Conhecendo a Palavra de Deus"
"A Habilidade de Deus"

6. Formule uma proposição correta para cada um dos seguintes esboços de sermões textuais apresentados no capítulo 2.

"Colocando as Coisas Mais Importantes em Primeiro Lugar"
"A Alegria da Páscoa"
"A Única Aproximação de Deus"

7. Escreva uma tese apropriada para cada um dos esboços dos seguintes sermões, apresentados no capítulo 3:

"O Bom Combate da Fé"
"De Pecador a Santo"

8. Diga que erro existe no título e proposição dos seguintes esboços e mostre como corrigi-los. Acrescente uma sentença interrogativa e uma de transição depois de cada proposição, sempre que possível.

(1) Título: "Concedendo um Pedido"
Texto: 1 Samuel 1:4-28.
Proposição: Estes versículos apresentam cinco lições sobre a oração aplicáveis a todo crente.
I. Ana preocupava-se por ser estéril, vv. 4-10a.
II. Ana orou pedindo um filho, vv. 10a-11.
III. Ana foi mal-interpretada pelo sacerdote, vv. 12-18.
IV. Ana recebeu resposta à oração, vv. 19-20.
V. Ana dedicou Samuel ao Senhor, vv. 24-28.

(2) Título: "Padrões"
Texto: Romanos 12:1-2
Proposição: A vida cristã possui padrões elevados e podemos vivê-la mediante o poder do Espírito de Deus.
I. Uma vida dedicada.
1. De sacrifício.
2. De serviço.
II. Uma vida obediente.
1. De não-conformidade com o mundo.
2. De conformidade com a vontade de Deus.

(3) Título: "A Vitória de Daniel"
Texto: Daniel 1:1-21.
Proposição: O exemplo de Daniel, para todo cristão, de vitória sobre o pecado.
I. A prova de Daniel, vv. 1-7.
II. O propósito de Daniel, v. 8.
III. O Triunfo de Daniel, vv. 9-21.

(4) Título: "Cristo e os Privilégios do Cristão"
Texto: Efésios 1-6.
Proposição: Procuraremos obter uma visão sintética da epístola aos Efésios que trata da posição, jornada e combate do crente.
I. A posição do crente, 1-3.
II. A jornada do crente, 4-6:9.
III. O combate do crente, 6:10-20.

Título: "Tenha Dó"
Texto: 1 Tessalonicenses 3:1-13.

Proposição: Tenha um coração como o do apóstolo Paulo.

I. Um coração de simpatia, vv. 1-4.

II. Um coração de amor, vv. 5-9.

III. Um coração de oração, vv. 10-13.

8

As Divisões

Definição das Divisões

Divisões são as seções principais de um sermão ordenado. Quer sejam enunciadas durante a entrega, quer não, um sermão corretamente planejado será dividido em partes distintas que contribuirão para a sua unidade.

Os numerosos exemplos de esboços oferecidos nos capítulos anteriores bastariam para indicar o valor de um bom arranjo da mensagem. Entretanto, é útil apresentar algumas razões específicas para o uso das divisões.

O Valor das Divisões Para o Pregador

1. As divisões promovem a clareza de idéias.

Se desejamos construir corretamente o sermão, não devemos edificá-lo sobre idéias vagas ou expressões indefinidas. Pelo contrário, a estrutura do pensamento deve ser distinta e precisa, de modo que o significado de cada ponto fique perfeitamente claro aos ouvintes no momento em que se anuncia cada divisão. Ainda mais, a disciplina de dispor o material da pregação numa estrutura organizada, leva o pregador a apresentar suas idéias distinta e claramente. A mensagem também, quando disposta em ordem correta, torna-se clara na mente do apresentador.

2. As divisões promovem a unidade de pensamento.

Já dissemos, e repetimos, que a unidade é essencial à construção da mensagem. O esboço tende a unificá-la, pois no esforço de classificar o seu material, o pregador poderá descobrir se sua mensagem possui ou não unidade estrutural. Itens indiferentes ao caso são reconhecidos à medida que ele procura relacionar cada divisão com a idéia central do sermão.

3. *As divisões ajudam o pregador a descobrir o tratamento correto de um assunto.*

Enquanto o ministro organiza o seu material, ele poderá ver o assunto como um todo, seus vários aspectos e a relação que as partes têm entre si. Alguns aspectos sobressairão como tendo importância especial e, portanto, merecedores de tratamento ou ênfase especial. Outros podem ser vistos como destituídos de importância e, assim, eliminados do sermão. Um pouco mais de consideração para com as várias partes da mensagem também indicará a ordem em que devem ser apresentadas e conduzirá à progressão de pensamento.

4. *As divisões ajudam o pregador a lembrar-se dos pontos principais do sermão.*

Um erro muito comum ao principiante é olhar com freqüência para suas notas, em vez de olhar diretamente para a congregação e manter um contato ocular constante com o povo. O pregador que organizou corretamente o sermão evitará essa armadilha. Sua mensagem foi esboçada com tal clareza que consegue lembrar-se das divisões principais sem nenhuma dificuldade, e passar de uma parte à outra com apenas um relance de olhos às suas notas. Seus pensamentos fluem livre e ininterruptamente, porque dias antes da entrega do sermão ele dispôs cuidadosamente as divisões numa ordem apropriada e eficaz.

O Valor das Divisões Para a Congregação

Um esboço bem feito ajuda não só o ouvinte, mas também o pregador. Para a congregação há, pelo menos, duas grandes vantagens.

1. *As divisões esclarecem os pontos do sermão.*

É muito mais fácil para o ouvinte acompanhar uma mensagem falada, quando as idéias principais estão organizadas corretamente e proferidas com clareza, do que quando elas não têm organização ou não se relacionam. À medida que o pregador anuncia as divisões e passa de um ponto principal a outro, o ouvinte consegue identificar a relação das partes entre si e discernir a progressão da mensagem.

2. *As divisões ajudam a recordar os aspectos principais do sermão.*

Quantas vezes a pessoa diz, depois do culto, que foi abençoada

pelo sermão, mas se lhe perguntarem sobre o que o ministro falou, tem de admitir que se lembra apenas vagamente do conteúdo do sermão. Porém, quando uma mensagem é entregue de modo que os pontos principais são facilmente reconhecíveis, o ouvinte perceberá as idéias principais, e cada divisão servirá de "cabide" no qual ele pendura as verdades que ouviu.

Princípios Para a Preparação das Divisões Principais

1. *As divisões principais devem originar-se da proposição, e cada divisão deve contribuir para o desenvolvimento dela.*

Assim como a tese é o âmago do sermão, as divisões principais são o desenrolar da proposição. Cada divisão principal deve derivar-se da tese, servir de explicação do conceito nela contido, ou de algum modo ser essencial ao seu desenvolvimento. Em outras palavras, cada divisão deve ser uma expansão da idéia expressa na tese. Estude os esboços apresentados no capítulo anterior e veja como as divisões principais são tiradas da proposição ou a desenvolvem e expandem.

Com referência ao esboço do Salmo 23, no capítulo 7, pode parecer que a proposição não se relaciona adequadamente com as divisões principais até percebermos a analogia entre as ovelhas e o filho de Deus, ambos apresentados na introdução e na oração de transição.

2. *As divisões principais devem ser totalmente distintas umas das outras.*

Embora as divisões principais devam originar-se da proposição, ou ser uma elaboração dela, devem diferir totalmente umas das outras. Isto significa que as divisões não devem sobrepor-se. Examine o esboço seguinte.

Título: "O Ideal do Cristão"
Texto: 1 Coríntios 13:1-13.
Proposição: O amor é o ideal pelo qual é medida a vida cristã.
Oração interrogativa: Que podemos aprender deste capítulo acerca do ideal pelo qual nossa vida é medida?
Oração de transição: Há três fatos principais acerca do amor que podemos aprender de 1 Coríntios 13.
I. A preeminência do amor, vv. 1-3.
II. As características do amor, vv. 4-7.
III. A permanência do amor, vv. 8-13.

Neste esboço as divisões não se sobrepõem, pois são inteiramente distintas umas das outras. Agora, de propósito, alterare-

mos o esboço, acrescentando-lhe mais uma divisão.

I. A preeminência do amor, vv. 1-3.
II. As características do amor, vv. 4-7.
III. A continuidade do amor, vv. 8-12.
IV. A duração do amor, v. 13.

É óbvio que a terceira e quarta divisões se sobrepõem, porque a duração do amor está incluída na continuidade. Quando o pregador comete um erro desse tipo, ele estará se repetindo, expressando as mesmas idéias e pensando, ignorantemente, que está progredindo no desenvolvimento de sua mensagem.

3. As divisões principais devem ser dispostas em forma de progressão.

Embora as divisões devam contribuir para o desenvolvimento da proposição, elas também devem ser dispostas de modo a indicar progressão de pensamento. A ordem das divisões dependerá de vários fatores, mas a progressão deve estar presente.

O pregador pode seguir o esboço de acordo com sua seqüência natural ou, se preferir, dispô-lo numa ordem de espaço e situação geográfica. Por outro lado, o pregador pode desenvolver as divisões num padrão lógico, dispondo-as segundo a ordem de importância, da causa para o efeito, do efeito para a causa, ou na ordem de comparação e contraste, e vice-versa. Quando itens negativos e positivos aparecem como divisões, os negativos devem, em geral, vir antes dos positivos.

Num esboço expositivo, geralmente é melhor seguir o arranjo geral da passagem, mas isso nem sempre é necessário. Leia Lucas 15:25-32, e a seguir observe como os pontos principais no esboço sobre o "Fariseu Ontem e Hoje", apresentado no capítulo 7, não seguem a ordem do texto bíblico. Não obstante, são dispostos num padrão apropriado.

O esboço do sermão pode, também, ser disposto de tal maneira que cada divisão comece com uma das palavras seguintes: quem, cujo, de quem, o que, o qual, como, por que, onde, quando. O esboço seguinte exemplifica esse ponto:

Título: "A Vida Abundante"
Texto: Romanos 15:13.
Proposição: A vida abundante em Cristo está disponível a todo crente.
Oração interrogativa: Que revela o texto sobre essa vida abundante?
Oração de transição: Romanos 15:13 revela vários aspectos dessa

vida abundante que está disponível a todo crente.
I. De onde ela vem: "E o Deus da esperança vos encha".
II. Em que consiste: "Vos encha de todo o gozo e paz".
III. Como podemos obtê-la: "No vosso crer".
IV. Por que devemos possuí-la: "Para que sejais ricos de esperança".
V. Como podemos vivê-la: "No poder do Espírito Santo".

O sermão, cujas divisões apresentam uma pergunta, constitui uma variação desse tipo de esboço. Usando o mesmo texto, Romanos 15:13, podemos dispô-lo da seguinte maneira:

Título: "A Vida Abundante"
Texto: Romanos 15:13.
Proposição: A vida abundante em Cristo está disponível a todo crente.
Oração interrogativa: A que perguntas este texto responde ao crente desejoso de desfrutar esse tipo de vida?
Oração de transição: Há cinco perguntas referentes à vida abundante que podem ser respondidas em Romanos 15:13.
I. De onde vem?
II. Em que consiste?
III. Como podemos obtê-la?
IV. Por que devemos possuí-la?
V. Como podemos vivê-la?

O principiante amiúde constrói esboços desse tipo, mas o leitor notará que não o empregamos em nenhum dos capítulos anteriores. O motivo da omissão é que não desejamos estimular o uso freqüente dessa forma de construção. Embora o seu uso seja legítimo, o pregador que o utilizar com freqüência poderá encontrar dificuldade em manter o interesse da congregação.

4. *Quando a proposição consiste numa afirmação que requer validação ou prova, as divisões principais devem esgotar ou defender apropriadamente a posição nela proposta.*

Num sermão em que a proposição requer prova, os ouvintes têm o direito de esperar que o pregador dê razões adequadas em sua defesa. Evidências ou provas insuficientes deixam o sermão inacabado, e seu efeito talvez seja insatisfatório. Nessas circunstâncias, todas as divisões necessárias ao desenvolvimento da idéia homilética devem ser incluídas no discurso.

Observe o seguinte esboço.

Título: "A Missão Mundial da Igreja"
Proposição: As bases principais para missões mundiais impõem uma obrigação solene sobre a igreja.
Oração interrogativa: Quais são as bases escriturísticas principais para missões mundiais?
Oração de transição: Há duas bases bíblicas principais para missões mundiais.
I. Todos os homens precisam de um Salvador, Romanos 5:12.
II. Deus proveu salvação para todos os homens, João 3:16.

Se omitirmos a grande comissão dada por Cristo aos discípulos, de proclamarem as boas novas da salvação aos homens, então teremos deixado de esgotar a proposição, porque o mandamento de Cristo a seus servos, de pregar o evangelho a toda criatura, certamente é uma das principais bases escriturísticas para missões mundiais. Portanto, a oração de transição deve ser: "Há três bases escriturísticas principais para missões mundiais", e devemos acrescentar uma terceira divisão principal:

III. Deus nos mandou pregar o evangelho a toda criatura, Marcos 16:15.

5. *Cada divisão principal deve conter apenas uma idéia básica.*

Limitando-se cada divisão principal a uma única idéia, é possível tratar cada divisão como uma unidade em si mesma. Assim, tudo o que essa divisão contiver tratará de apenas um conceito básico. Portanto, seria incorreto, na mesma divisão, apresentar o significado e o poder de uma verdade, por serem linhas distintas de pensamento que devem ser tratadas separadamente.

6. *As divisões principais devem ser apresentadas claramente, e cada uma delas precisa relacionar-se com a oração interrogativa e com a de transição de modo a expressar uma idéia completa.*

Cada divisão principal deve ser formulada de tal modo que seu significado seja imediatamente inteligível. Para tanto, o pregador deve certificar-se de que ligou as orações interrogativa e de transição à divisão principal correspondente, pois esta revela uma idéia completa.

O esboço preparado e levado ao púlpito não precisa conter todas as divisões com detalhes ou sentenças complexas. Pelo

contrário, uma afirmação ou frase, breve e clara, é preferível a uma oração extensa. Às vezes uma única palavra basta para revelar o conceito que o orador tem em mente. Por exemplo, num esboço temático sobre títulos descritivos da Palavra de Deus, as divisões principais nas notas do ministro podem ser simplesmente as seguintes:

I. Pão.
II. Lâmpada.
III. Martelo.
IV. Espada.

Entretanto, na hora de entregar a mensagem, o pregador não deve sacrificar a clareza pela brevidade. Pelo contrário, ao chegar a cada divisão principal, ele deve enunciá-la numa sentença completa, usando, se necessário, orações de transição para atingir esse fim. Assim, em conexão com o esboço a que acabamos de referir, o pregador pode apresentar a primeira divisão principal como segue: "Um dos títulos para a Palavra de Deus, que estudaremos hoje, é o de Pão." Chegando ao segundo título ele poderá dizer: "Outro título para a Palavra de Deus, encontrado nas Escrituras, é o de Lâmpada", e assim por diante.

Josué 1:1-9 fornece material para um esboço expositivo sobre "Os Fundamentos da Liderança Espiritual". Leia a passagem e a seguir observe o esboço abaixo:

Título: "Os Fundamentos da Liderança Espiritual"
Proposição: O líder espiritual deve possuir as qualificações apropriadas.
Oração interrogativa: Quais são essas qualificações?
Oração de transição: Um estudo de Josué 1:1-9 revela alguns dos elementos essenciais da liderança espiritual.

I. Confiança, vv. 1-2.
II. Apropriação, vv. 3-4.
III. Dependência, vv. 5-6, 9.
IV. Obediência, vv. 7-8.

Se o leitor estiver alerta, perceberá como essas divisões não expressam as idéias pretendidas pelo texto bíblico. O texto não sugere que a mera confiança seja um fator essencial do líder espiritual. Confiança sem qualificação, conforme expressa na primeira divisão, pode significar muitas coisas. Pode referir-se à confiança de Josué em sua própria sabedoria, em seu exército, ou em algo mais.

Observe agora como o esboço seguinte, por estar bem relaciona-

do com a oração de transição, expressa adequadamente as verdades do texto em conexão com os aspectos essenciais do líder espiritual:

I. Confiança no poder de Deus, vv. 1-2.
II. Apropriação das promessas de Deus, vv. 3-4.
III. Dependência da presença de Deus, vv. 5, 6, 9.
IV. Obediência à Palavra de Deus, vv. 7-8.

Quando estiver entregando a mensagem, o ministro ligará a idéia contida na oração de transição à afirmativa de cada divisão principal. Por exemplo, apresentando ele o primeiro ponto principal, poderá dizer: "Ao darmos início à consideração desta passagem, que revela certas qualificações do líder espiritual, aprendemos, nos versículos 1 e 2, que um desses elementos essenciais é a confiança no poder de Deus."

7. *O número de divisões principais deve ser o menor possível.*

Já foi sugerido que nenhuma divisão principal, necessária ao desenvolvimento completo da proposição, deve ser omitida. Por outro lado, o pregador precisa cuidar-se para não introduzir seções desnecessárias no sermão. Como regra geral, seu alvo é limitar as divisões ao menor número possível. Deve ser óbvio, entretanto, que não pode haver menos de duas divisões, pois quando algo é dividido resulta, no mínimo, em duas partes.

O número de divisões do esboço depende do assunto a ser tratado e do conteúdo da passagem. Alguns assuntos requerem várias divisões, enquanto outros podem ser apresentados adequadamente numa única divisão, ou em duas ou três. Convém que o esboço se limite a um máximo de sete divisões principais. Em geral, três, quatro ou cinco bastarão para se desenvolver a proposição. Até mesmo um sermão expositivo, baseado numa passagem bíblica mais extensa, pode ser dividido em duas, três ou quatro divisões principais, dependendo do conteúdo dessa passagem.

8. *O plano do sermão deve ser apresentado com variedade de semana a semana.*

Embora muitos sermões possuam apenas três pontos principais, não devemos empregar o mesmo plano semana após semana. Pelo contrário, devemos variar o número de divisões de acordo com o conteúdo do texto ou do assunto tratado.

Também é bom variar a maneira de introduzir as divisões

durante a apresentação da mensagem. Um método comum de chamar a atenção para a mudança de uma divisão para outra é fazer referência à forma numérica das divisões. Entretanto, em vez de usar as expressões numéricas "primeiro", "segundo", terceiro" e assim por diante toda vez que apresentamos as divisões, podemos introduzi-las com expressões como "para começar", "repito", "além do mais", "uma vez mais", e "finalmente". Outras locuções similares se apresentarão com facilidade à mente do pregador enquanto faz a transição da proposição para a primeira divisão principal, e de uma divisão principal a outra.

Nem sempre é necessário enunciar a ordem numérica das divisões principais. Em vez disso, podemos referir-nos à proposição cada vez que apresentarmos um novo ponto. Outras vezes, a recapitulação das divisões principais anteriores, antes de introduzir a seguinte, pode tornar as divisões distintas na mente das pessoas.

Também há certas condições ou circunstâncias nas quais convém dispensar a declaração formal das divisões principais. Não há regra inflexível que determine quando o pregador deve omitir a afirmação das divisões. Às vezes o plano geral do sermão é tão óbvio que a demonstração da estrutura do esboço daria à mensagem um efeito mecânico ou forçado. Numa mensagem devocional informal, num sermão fúnebre, ou numa ocasião em que as emoções das pessoas são profundas, não devemos dar a impressão de estarmos proferindo um discurso formal. Em tais circunstâncias seria aconselhável omitir a enunciação das divisões.

9. *As divisões principais devem possuir estrutura paralela.*

Estrutura paralela é a disposição de um esboço em forma simétrica, de modo que as divisões se equilibrem adequadamente e se combinem. Por meio da estrutura paralela os pontos principais seguem um padrão uniforme. Por exemplo, se a primeira divisão é apresentada em forma de uma frase, as demais divisões também devem consistir em frases. Se, porém, o primeiro ponto for uma pergunta, os outros também devem ser perguntas.

Esta mesma uniformidade deve ser aplicada a palavras que ocupem posição de destaque. Por exemplo, quando a primeira divisão começa com certa categoria gramatical, as demais divisões também, em regra geral, devem começar de igual modo. Na forma paralela, os substantivos devem correlacionar-se com substantivos, as preposições com preposições e os verbos com verbos. Assim, se o primeiro ponto começar com uma preposição,

cada ponto seguinte deve começar com uma preposição.

Devemos notar duas exceções a esta regra. Primeira, pode-se ou não usar uniformemente o artigo definido ou indefinido. Segunda, a proposição pode desviar-se um pouco da estrutura paralela. O esboço abaixo exemplifica tais exceções.

Título: "Quando Deus Justifica o Pecador"
Texto: Romanos 5.1-11

Proposição: A justificação produz resultados benditos nos que crêem.
Oração interrogativa: Que resultados?
Oração de transição: Estes versículos revelam vários resultados da justificação naqueles que crêem.

I. Paz com Deus, v. 1.
II. Acesso a Deus, v. 2.
III. Alegria em Deus, v. 2.
IV. Triunfo em Cristo, vv. 3-4.
V. O testemunho do Espírito Santo, v. 5.
VI. Segurança perfeita, vv. 6-11.

Visto que a proposição pede um exame dos *resultados* da justificação, e embora as últimas duas divisões não estejam em estrutura paralela com o restante do esboço, estão em harmonia com as outras divisões porque também resultam da obra de Deus em declarar os homens justos.

Alguns, no esforço de atingir a simetria do esboço, vão a extremos. Mediante a aliteração, às vezes usam palavras com a mesma letra inicial para todas as divisões, embora algumas dessas palavras possam contribuir para uma interpretação errônea do texto sagrado.

Observe o seguinte esboço aliterativo do Salmo 23:

Título: *"Os Sete P do Salmo 23"*

I. Possessão — "O Senhor é o meu pastor."
II. Preparação — "Ele me faz repousar em pastos verdejantes."
III. Progresso — "Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome."
IV. Presença — "Porque tu estás comigo."
V. Provisão — "Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários."
VI. Privilégio — "Unges-me a cabeça com óleo."
VII. Prospectiva — "Habitarei na casa do Senhor para todo o sempre."

Um exame cuidadoso do Salmo 23 torna claro que as palavras usadas para a segunda e a terceira divisões principais não estão de acordo com o pensamento do escritor sagrado. O pensamento do texto da segunda divisão principal não é o de preparação, mas de descanso, e a idéia da terceira divisão principal não é a de progresso, mas de direção. A aliteração é uma excelente ajuda à memória e pode ser útil na estrutura do sermão, mas, caso force o significado do texto, o pregador deve evitar o seu uso.

Transições

Assim como a oração de transição é necessária para se estabelecer uma conexão suave entre a proposição e o corpo do sermão, também é preciso que a transição de uma divisão principal a outra seja cuidadosamente construída. O ouvinte, em geral, não tem diante de si o esboço do sermão que o ajude a acompanhar a mensagem. Seu único meio de acompanhar a seqüência de pensamento do pregador são as suas palavras. As transições ajudam esse processo.

É fácil o ouvinte perder o fio da meada vez por outra, particularmente na passagem de uma seção principal para outra. Nesse ponto de transição, a mente do ouvinte médio fica para trás. A transição oferece à congregação uma pista de que o pastor está pronto para tratar da próxima fase de sua mensagem. Uma transição eficaz deve, portanto, tornar claro cada passo no desenrolar do sermão. Deve, também, preparar a mente do ouvinte e despertar-lhe o interesse para o que se seguirá.

A transição deve ser feita de modo a permitir a passagem suave e fácil de idéias de uma para outra parte do sermão. Mudanças abruptas de pensamento tendem a distrair e confundir, enquanto uma boa transição suaviza o caminho para a comunicação de sucessivas unidades de pensamento.

Assim, uma transição eficaz pode: relacionar a divisão com a proposição ou com a oração de transição principal; revisar uma ou mais divisões principais; despertar interesse na próxima unidade de pensamento; ou, referir-se à divisão principal anterior e indicar a mudança da unidade anterior de pensamento para a próxima. A transição deve também unir a última divisão principal à conclusão.

Um dos meios mais úteis de fazer transições é a palavra-chave contida na oração de transição principal (veja o capítulo 7). A oração de transição principal, quando corretamente apresentada,

sempre contém uma palavra-chave aplicável a cada divisão principal. Toda vez, portanto, que o pregador chegar à divisão principal, ele deve estar em condições de referir-se à oração de transição principal com sua palavra-chave. Assim, se estivesse usando o esboço de sermão apresentado acima, sobre Romanos 5:1-11, e com a seguinte oração de transição: "Estes versículos revelam vários resultados da justificação naqueles que crêem", a palavra-chave, *resultados*, ou uma equivalente, aplicar-se-á a cada uma das divisões principais à medida que passa de um efeito da justificação para o outro.

Às vezes a transição requer um breve parágrafo, mas em circunstâncias normais pode ser expressa por uma sentença ou duas, ou até mesmo por uma única frase.

O esboço seguinte fornece um exemplo do uso de transições.

Título: "O Melhor Amigo"
Texto: João 11:1-6, 19-44.
Introdução: 1. Aonde quer que formos encontraremos gente solitária — em busca de um amigo real e verdadeiro.
2. Provérbios 18:24 fala de um "amigo mais chegado do que um irmão".
Proposição: Jesus é o melhor amigo que podemos ter.
Oração interrogativa: Que características ele possui que o qualificam como o nosso melhor amigo?
Oração de transição: A passagem que temos à nossa frente revela três características de Jesus que o qualificam como o nosso melhor amigo.
I. Jesus é um amigo amoroso, vv. 3-5.
1. Que ama cada um de nós individualmente, vv. 3, 5.
2. Amigo que, não obstante, permite que nos sobrevenham aflições, v. 3.
Discussão
Transição: Que maravilha é ter um amigo como Jesus; mas ele é muito mais que apenas amigo.
II. Jesus é um amigo compreensivo, vv. 21-36.
1. Que compreende nossos mais profundos pesares, vv. 21-26, 32.
Discussão
2. Que tem compaixão de nossos pesares mais profundos, vv. 33-36.
Discussão
Transição: Jesus é, deveras, um amigo amoroso e um amigo compreensivo, mas faltaria uma coisa muitíssimo importante se fossem só estas as suas

características como amigo. Nossa maior necessidade é de um amigo que não seja apenas amoroso e compreensivo. Como descobriremos nos vv. 37-44,

III. Jesus é um amigo poderoso, vv. 37-44.
1. Que pode fazer coisas miraculosas, v. 37.
Discussão
2. Que realiza milagres quando preenchemos suas condições, vv. 38-44.
Discussão
Transição: Vimos que Jesus verdadeiramente possui as qualificações para ser o nosso melhor amigo; mas agora se nos apresenta uma pergunta muito importante: É ele nosso amigo?

Conclusão.

Os esboços adicionais do final dos capítulos 9 e 11 apresentam outros exemplos de transições.

Princípios Para a Preparação das Subdivisões

A construção das subdivisões segue de perto os mesmos princípios que governam a das divisões principais. Há, contudo, algumas diferenças na aplicação desses princípios às subdivisões. É bom, portanto, darmos atenção específica a certos princípios distintivos para a formulação das subdivisões.

1. *As subdivisões derivam de suas respectivas divisões principais e são um desenvolvimento lógico destas.*

A função primária da subdivisão é desenvolver o pensamento contido na divisão principal. Portanto, ela só pode alcançar o seu objetivo quando as idéias expressas se relacionam diretamente com a divisão principal e são derivadas desta. Deve estar claro que as subdivisões não se coordenam com as divisões principais, mas se subordinam a elas.

Em certo sentido a divisão principal é um tema, e cada subdivisão uma divisão dele. Desta maneira, todas as subdivisões tratam da idéia contida no ponto principal. Como exemplo, repetimos o esboço do Salmo 23, visto no capítulo 7:

Título: "O Salmo de Contentamento"
Texto: Salmo 23.

Introdução: 1. Pastor em Idaho com um rebanho de 1.200 ovelhas — incapaz de dar atenção individual a elas.

2. Contraste com o Pastor deste Salmo — como se ele tivesse apenas uma ovelha para cuidar.
3. Todo filho de Deus se identifica com a ovelha de que fala este Salmo.

Proposição: Contentamento é a prerrogativa feliz de todo filho de Deus.
Oração interrogativa: Sobre o que se baseia esse contentamento?
Oração de transição: O filho de Deus aprende, com este Salmo, que, como ovelha do Senhor, seu contentamento se baseia em três fatos relacionados com as ovelhas.

I. O Pastor das ovelhas, v. 1.
   1. Um pastor divino, v. 1.
   2. Um pastor pessoal, v. 1.
II. A provisão das ovelhas, vv. 2-5.
   1. Descanso, v. 2.
   2. Direção, v. 3.
   3. Conforto, v. 4.
   4. Fartura, v. 5.
III. O futuro das ovelhas, v. 5.
   1. Um brilhante futuro para esta vida, v. 6.
   2. Um bendito futuro para o além, v. 6.

Observe como cada uma das subdivisões da primeira divisão principal, ao falar do "Pastor das ovelhas", descreve um aspecto do Pastor. Agora, acrescentemos uma terceira subdivisão à primeira divisão:

1. Um pastor divino, v. 1.
2. Um pastor pessoal, v. 1.
3. Uma grande segurança, v. 1.

É evidente que a terceira subdivisão não deriva da idéia contida na primeira divisão principal e, portanto, não deve vir nessa posição.

Examine as subdivisões da segunda divisão principal. Cada uma das quatro subdivisões trata de um aspecto da provisão das ovelhas. Da mesma forma, as subdivisões da terceira divisão principal relacionam-se diretamente com ela.

Outro tratamento analítico do Salmo 23 divide-o em duas partes principais, como segue:

I. O pastor em relação a suas ovelhas, vv. 1-4.
II. O anfitrião em relação ao hóspede, vv. 5-6.

Tendo isto em mente, apresentamos o seguinte esboço.

Proposição: O crente tem toda a razão de estar contente.
Oração interrogativa: Por que tem ele toda a razão de estar contente?

Oração de transição: O Salmo 23 indica dois motivos pelos quais o crente tem toda a razão de estar contente.

I. Por causa do tipo de Pastor que cuida dele, vv. 1-4.
   1. Um grande Pastor, v. 1.
   2. Um Pastor pessoal, vv. 1-4.
   3. Um Pastor fiel, vv. 2-4.

II. Por causa do tipo de Anfitrião que o recebe, vv. 5-6.
   1. Um Anfitrião poderoso, v. 5.
   2. Um Anfitrião magnânimo, v. 5.
   3. Um Anfitrião fiel, v. 6.

O esboço seguinte mostra como as subdivisões do sermão textual derivam de suas respectivas divisões principais:

Título: "Provado Para Merecer Confiança"
Texto: Gênesis 39:20-21.
Proposição: O Senhor, de quando em quando, permite que o crente passe por uma dura experiência, a qual, no momento, lhe seja difícil compreender.
Oração interrogativa: Como o crente pode ver tal experiência?
Oração de transição: O crente, como no caso de José, pode considerar tal experiência de dois pontos de vista:

I. Do ponto de vista humano, v. 20.
   1. Pareceria um infortúnio trágico.
   2. Pareceria totalmente sem esperança.

II. Do ponto de vista divino, v. 21.
   1. Pode ser vista como uma experiência da presença de Deus.
   2. Pode ser vista como uma experiência da bondade de Deus.
   3. Pode ser vista como uma experiência do poder de Deus.

O Dr. Richard S. Beal, de Tucson, Arizona, certa vez pregou um sermão textual baseado em João 19:17-18, para o qual ele usou as seguintes divisões principais:

Título: "O Lugar Chamado Calvário"

I. Era o lugar de crucificação.
II. Era o lugar de separação.
III. Era o lugar de exaltação.

Expandimos este esboço inserindo subdivisões em cada divisão principal:

I. Era o lugar de crucificação.
   1. Onde Jesus foi crucificado por nós, 1 Pedro 2:24.
   2. Onde Jesus levou a maldição por nós, Gálatas 3:13.

II. Era o lugar de separação.
   1. Onde Jesus foi abandonado pelo Pai, Mateus 27:46, Marcos 15:34.
   2. Onde o pecador arrependido separou-se do seu pecado, Lucas 23:40-43.
   3. Onde o pecador arrependido separou-se do pecador não arrependido, tendo a cruz de Cristo no meio, Lucas 23:39-43.

III. Era o lugar de exaltação.
   1. Onde Jesus recebeu lugar central, João 19:18.
   2. Onde o Senhor foi exaltado como Salvador dos homens, João 12:32-33, 19:19, 1 Pedro 3:18.

Devemos preparar subdivisões não somente para esboços textuais e expositivos, mas também para os sermões temáticos. Estude o esboço seguinte e observe como as subdivisões se desenvolvem de sua respectiva divisão principal.

Título: "Podemos Conhecer a Vontade de Deus Para Nós?"
Proposição: É possível aos cristãos conhecerem a vontade de Deus para suas vidas.
Oração interrogativa: Como podemos conhecer a vontade de Deus para nós?
Oração de transição: Há, pelo menos, três princípios gerais pelos quais podemos conhecer a vontade de Deus para nossa vida.

I. Descobrimos a vontade de Deus para nossa vida mediante a Palavra de Deus.
   1. A qual devemos ler, 2 Timóteo 3:16-17, Salmo 19:7-8, 119:9, 11, 104, 105, 130.
   2. À qual devemos obedecer, Josué 1:8, Romanos 12:1-2, Colossenses 1:9-10.

II. Aprendemos a vontade de Deus para nossa vida mediante a convicção interior do Espírito Santo.
   1. Que imprime em nosso coração aquilo que Deus deseja que façamos, Romanos 8:14; Gálatas 5:16-18, 25.
   2. Que jamais nos exorta a fazer o que é contrário às Escrituras, João 16:13-14; 17:17; Gálatas 5:16-17.
   3. Que jamais nos leva a fazer o que é contrário ao simples dever, Romanos 14:17-18; Efésios 5:9-18.

III. Determinamos a vontade de Deus para nossa vida mediante as circunstâncias.
   1. Que podem corroborar um ou ambos os princípios

anteriores, Atos 10:17-22; 11:4-15; 16:6-10.
2. Que podem abrir ou fechar uma porta de acordo com o propósito do Senhor para nós, Apocalipse 3:7-8; Filipenses 1:22-26.

2. *As subdivisões devem possuir estrutura paralela.*

Como no caso das divisões principais, as subdivisões devem ser simétricas e equilibradas. Deve-se seguir o padrão determinado pela subdivisão inicial da primeira divisão principal em todas as outras subdivisões. Assim, no esboço abaixo, baseado numa passagem examinada no capítulo anterior, Marcos 16:1-4, a subdivisão inicial da primeira divisão principal começa com uma preposição, e todas as outras subdivisões seguem o mesmo padrão.

Título: "Problemas Grandes Demais Para Nós"
Texto: Marcos 16:1-4
Proposição: O povo do Senhor às vezes enfrenta problemas grandes demais.
Oração interrogativa: O que ensinam estes versículos a respeito de tais problemas que às vezes enfrentamos?
Oração de transição: Desta passagem podemos tirar duas lições.

I. Problemas intransponíveis podem tocar ou confrontar até mesmo as pessoas mais devotadas ao Senhor, v. 1-3.
   1. Em suas tentativas de realizar um serviço de amor.
   2. Em suas tentativas de realizar um serviço sacrificial.
   3. Em suas tentativas de realizar um serviço unido.

II. Problemas intransponíveis às vezes são facilmente resolvidos, v. 4.
   1. Numa época em que o povo do Senhor pode não prever.
   2. De maneira que talvez as pessoas não esperem.

Examine outros esboços deste capítulo que contenham subdivisões e observe a simetria destas em cada um deles.

3. *O número de subdivisões deve ser limitado.*

O número de subdivisões da divisão principal depende do tema ou do conteúdo do texto. Por exemplo, o esboço do Salmo 23 não seria completo se omitíssemos uma das subdivisões da segunda divisão principal. Também, como regra geral, não deve haver mais de três ou quatro subdivisões para cada divisão principal. Circunstâncias excepcionais podem permitir mais

subdivisões, mas em tal caso seria aconselhável limitar o número de subdivisões das outras divisões principais, para que o esboço não se atravanque com demasiados pontos subordinados.

Em geral, é desnecessário dividir as subdivisões, mas alguns assuntos requerem uma análise mais minuciosa. Em tais casos, talvez seja necessário criar subdivisões das subdivisões.

Leia o Salmo 1 e a seguir observe o exemplo abaixo.

Título: "Em Que Direção Estás Indo?"
Proposição: Os homens têm apenas duas alternativas na escolha do caminho a seguir.
Oração interrogativa: Quais são essas alternativas?
Oração de transição: O Salmo 1 descreve-as como os dois caminhos da vida.

I. O caminho dos santos, vv. 1-3.
   1. É marcado pela separação do mal, v. 1.
   2. É marcado pela devoção à Palavra de Deus, v. 2.
   3. É marcado pela bênção de Deus, v. 3.
      (1) Estabilidade.
      (2) Frutificação.
      (3) Vitalidade.
      (4) Êxito.

II. O caminho dos ímpios, vv. 4-6.
   1. Opõe-se em caráter ao dos justos, v. 4.
   2. Termina de maneira oposta ao dos justos, vv. 5-6.

Embora as subdivisões devam aparecer no esboço, não devem ser enunciadas no decurso do sermão. A menção das subdivisões levaria os ouvintes a confundirem as subdivisões com as divisões principais. As subdivisões devem servir de guia para o pregador no desenvolvimento de sua mensagem, mas é melhor ele não se referir a elas durante o sermão, salvo se houver motivos especiais para tanto.

4. *À semelhança das divisões principais, as subdivisões não precisam seguir a mesma ordem do texto.*

Na preparação das divisões principais e das subdivisões do sermão expositivo, é melhor acompanhar a ordem do texto. Entretanto, por causa da progressão lógica haverá ocasiões em que é preferível usar uma ordem diferente daquela da passagem bíblica. Leia Êxodo 16:4-36, e então observe o esboço seguinte:

Título: "Pão do Céu"
Introdução: 1. Israelitas na peregrinação do Egito para Canaã; também, os crentes na peregrinação da terra para o céu.

2. A provisão de Deus para os israelitas em peregrinação — maná; também, o alimento espiritual para o povo de Deus hoje — a Palavra de Deus.
3. Há, pelo menos, três aspectos em que o maná representa o alimento espiritual, do qual deve alimentar-se o povo de Deus.

I. Em sua provisão, vv. 4, 15.
   1. Do Senhor, v. 4.
   2. Para o povo de Deus, vv. 4, 15.

II. Na maneira como devia ser colhido, vv. 4-21.
   1. De acordo com a necessidade de cada pessoa, vv. 16-18.
   2. Bem cedo, de manhã, vv. 4, 21.

III. Em seu propósito, vv. 4, 19-36.
   1. Sustentar o povo de Deus através de sua peregrinação, vv. 32-35.
   2. Provar a obediência do povo de Deus, vv. 4, 19-20, 23-29.

A admirável semelhança entre o maná e a Palavra de Deus deve ensinar-nos uma verdade importante.

Proposição: Devemos alimentar-nos regularmente da Palavra de Deus em nossa peregrinação para o céu.

As divisões do esboço acima estão dispostas em ordem lógica e não na ordem do texto.

Exercícios

1. Ressalte os erros que encontrar nos seguintes esboços temáticos e corrija-os:

(1) Título: "Esperar no Senhor"
Proposição: É bom esperar no Senhor.
Oração interrogativa: Por que é bom esperar no Senhor?
Oração de transição: Consideremos três aspectos essenciais do esperar no Senhor.

I. O Senhor ouve o clamor do crente, Salmo 40:1.
   1. Deus deseja que os homens o busquem, Lamentações 3:25.
   2. Meu desejo ardente de Deus, Salmo 42:1.

II. Deus renova as forças do crente, Isaías 40:31.
   1. Dia a dia, 2 Coríntios 4:16.
   2. Mediante o conhecimento, Colossenses 3:10.

III. Há promessa de direção para o caminhar do crente, Salmo 32:8.
   1. Quando nos submetemos a Deus, Salmo 25:4-5.
   2. Justos na sua presença, Provérbios 21:29.
   3. Ao procurarmos a vontade de Deus, Provérbios 3:5-6.

4. Quando perturbados, Romanos 12:1-2.
5. Se formos mansos, Salmo 25:9

(2) Título: "A Abundância de Deus"
Proposição: Deus é um Deus de abundância.
Oração interrogativa: Como podemos aprender acerca da abundância de Deus?
Oração de transição: Observando as palavras "abundância" e "abundante" na Bíblia, em relação com Deus, podemos aprender tudo sobre a abundância divina.

I. Ele tem abundância de misericórdia, 1 Pedro 1:3.
   1. O significado da misericórdia.
   2. Para todos os que crêem.
II. Ele tem abundância de graça, Romanos 5:17.
   1. Isso significa que a graça é dada livremente porque todas as exigências da santidade já foram satisfeitas.
   2. Em Cristo.
III. Ele tem abundância de conforto, 2 Coríntios 1:3-5.
   1. Quando precisamos dele.
   2. Para capacitar-nos a confortar outros.
IV. A abundância do poder de Deus, Efésios 3:20.
   1. Excessivamente abundante.
   2. Segundo o poder que em nós opera.

2. Diga o que está errado nos seguintes esboços textuais e mostre como corrigi-los:

Título: "A Paz de Deus por Causa da Paz com Deus"
Texto: Filipenses 4:6-7.
Proposição: A oração fervorosa e a paz de Deus andam juntas.
Oração interrogativa: Como podemos conseguir a paz de Deus?
Oração de transição: Estes versículos mostram o modo de obtermos a paz com Deus.

I. O mandamento, "Não andeis ansiosos de coisa alguma", v. 6.
   1. Porque Deus é capaz de cuidar de nossas necessidades.
   2. Não importa quão grande ou pequeno seja o problema.
II. A condição, "Em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça", v. 6.
   1. Oração fervorosa.
   2. Ações de graça contínuas.
III. O efeito, "e a paz de Deus. . . em Cristo Jesus", v. 7.
   1. A paz de Deus.
   2. Em Cristo.

(2) Título: "A Mão de Deus Sobre os Israelitas"
Texto: "Dirigiu-os com segurança", Salmo 78:53a.
Proposição: A mão de Deus sobre o povo que ele tirou do Egito.
Oração interrogativa: Que evidências revela este texto da mão de Deus sobre o seu povo?
Oração de transição: No Salmo 78:53 descobrimos uma evidência tríplice da mão de Deus sobre seu povo.

I. Direção, "Dirigiu-o".
   1. Direção pessoal.
   2. Direção segura.
II. Progressão, "Dirigiu-o com".
   1. Não de volta.
   2. Para a frente.
III. Seguramente, "Dirigiu-o com segurança".
   1. Com uma coluna de nuvem de dia.
   2. Com uma coluna de fogo de noite.

3. Indique os erros dos seguintes esboços expositivos e corrija-os:

(1) Título: "Cristianismo com Propósito"
Texto: 1 Coríntios 9:24-27.
Introdução: 1. Feira Mundial em Nova York, de 1964, um edifício com os dizeres: "O Triunfo do Homem".
2. O que constitui triunfo, ou sucesso, na vida cristã?
Proposição: É possível encontrar o alvo da vida cristã e as diretrizes tantas vezes perdidas
Oração interrogativa: Como podemos encontrar essas coisas?
Oração de transição: Um exame do texto nos ajudará a descobrir a resposta.

I. Esforçamo-nos por causa do prêmio, v. 24.
   1. Nem todos vencerão.
   2. Todos devem tentar.
II. Esforçamo-nos por causa da coroa, v. 25.
   1. Sendo moderados.
   2. Buscando o incorruptível.
III. Esforçamo-nos por causa da certeza, v. 20-27.
   1. Tendo o objetivo em mente.
   2. Tendo o corpo sujeito.

(2) Título: "Os Resultados da Fé"
Texto: Hebreus 11:1-8.
Introdução: 1. Hebreus 11 é o rol de honra de Deus referente à fé — uma lista dos heróis da fé.
2. Nosso texto se refere a quatro heróis da fé.
Proposição: Deus honra a fé.
Oração interrogativa: Como Deus honra a fé?
Oração de transição: Neste texto o apóstolo Paulo apresenta três resultados da fé.

I. Pela fé entendemos, vv. 1-3.
   1. Coisas que o olho natural jamais viu, v. 1.
   2. Como os mundos foram feitos pela Palavra de Deus, v. 3.

II. Pela fé agradamos a Deus, vv. 4-6.
   1. Como Abel obteve testemunho de ser justo pelo sacrifício da fé, v. 4.
   2. Como Enoque foi trasladado pelo caminhar da fé, v. 5.

III. Pela fé obedecemos a Deus, vv. 7-8.
   1. Como Noé salvou sua casa pela obra da fé, v. 7.
   2. Como Abraão recebeu uma herança pela espera da fé, v. 8.

(3) Título: "Conhecer o Amor de Cristo"
Texto: Efésios 3:14-21.
Introdução: 1. A coisa mais importante na vida do cristão é o amor.
2. A oração de Paulo pelos cristãos de Éfeso era para que chegassem a conhecer o amor de Cristo.
Proposição: Todo crente deve conhecer o amor de Cristo e como desfrutá-lo.
Oração interrogativa: Por que os crentes devem conhecer o amor de Cristo?
Oração de transição: Há três razões pelas quais o crente deve conhecer o amor de Cristo.

I. Para receber poder espiritual, vv. 14-17.
   1. Para uma confiança completa, v. 17.
   2. Para uma fé viva, v. 17.

II. A fim de experimentar a magnitude do amor de Cristo, vv. 18-19.
   1. Pessoalmente, v. 18.
   2. Positivamente, v. 19.

III. Para encher-se da plenitude de Deus, vv. 20-21.
   1. Poder infinito em nós, v. 20.
   2. Salvação mediante Cristo, v. 21.

4. Prepare um esboço temático para o culto do domingo de Páscoa, dando título, introdução, proposição, oração interrogativa, oração de transição, divisões principais, transições e subdivisões.

5. Construa um esboço textual sobre Isaías 41:10, com os aspectos pedidos no exercício nº 4.

6. Prepare um esboço expositivo sobre Atos 12:1-19, dando os mesmos requisitos do exercício nº 4.

9

A Discussão

Definição da Discussão

As divisões principais e as subdivisões não passam do esqueleto do sermão e servem para indicar as linhas de pensamento a serem seguidas ao apresentá-lo. *A discussão é o desdobramento das idéias contidas nas divisões.*

A esta altura do desenvolvimento do sermão o pregador precisa utilizar todo o conhecimento e gênio inventivo ao seu dispor. De alguma forma, ele deve expandir ou ampliar o esboço a fim de obter uma mensagem equilibrada e vital capaz de cumprir o seu objetivo. Para tanto, ele deve selecionar, introduzir e dispor o material de modo a desenvolver com eficácia cada uma das divisões.

Qualidades da Discussão

1. *Unidade*

Afirmamos no capítulo anterior que o tópico de cada divisão principal é uma unidade em si mesmo. As subdivisões de cada divisão principal devem derivar do tema da divisão e desenvolvê-lo. Tudo o que for apresentado nas subdivisões deve ser uma ampliação da idéia expressa na divisão principal. Segue-se que não deve haver digressão nem introdução de aspectos alheios ao caso. Pelo contrário, o progresso deve ser contínuo em direção a uma discussão apropriada da idéia única da divisão. Às vezes, entretanto, material que não se aplique a uma divisão pode ser necessário para completar a discussão em outra parte.

2. Proporção

A experiência ajudará o pregador a reconhecer quais as partes do sermão necessitadas de mais ênfase ou de um tratamento mais completo. Algumas divisões, por causa do seu conteúdo, podem exigir mais atenção, enquanto outras não terão tanta importância

em relação ao objetivo ou propósito do discurso. A profundidade do texto, a importância de certa verdade, ou a dificuldade nessa parte do sermão podem também levar o pregador a julgar conveniente ampliar uma divisão.

É bom o pregador lembrar-se de que cada divisão principal deve contribuir para a apresentação toda e, como regra geral, as divisões principais devem ser sabiamente equilibradas, a fim de apresentar um sermão bem acabado.

3. Progressão

As idéias de cada divisão devem indicar um movimento definido de pensamento. Cada sentença deve acrescentar algo à discussão. A disposição jamais deve ser forçada, e cada idéia deve ser uma extensão da que a precede, de modo a formar uma cadeia de idéias até que o tema da divisão tenha sido amplamente desenvolvido ou analisado. Explanação, ilustração, aplicação, argumento ou citação, cada qual deve contribuir para um avanço ordenado do pensamento. A progressão, assim, produzirá um impacto cumulativo e ajudará a criar interesse vital na mensagem.

4. Brevidade

Uma das falhas mais comuns do pregador é a verbosidade. O que pode ser dito em vinte cinco ou trinta minutos, muitas vezes leva quarenta ou quarenta e cinco. O perigo disso é o cansaço da congregação. O povo pode parecer reverente e respeitoso, mas é de duvidar que continue tão atencioso e interessado como na primeira parte do sermão.

Como já sugerimos, cada divisão deve desenvolver-se de maneira a dar ao assunto sua força ou expressão devida. Mas se o pregador deseja evitar a armadilha de um sermão extenso, deve aprender a falar concisamente. Toda palavra proferida deve ser importante. Toda idéia deve ser pertinente. Com freqüência pode ser necessário ou aconselhável introduzir uma ilustração, oferecer uma explicação, ou acrescentar outro material qualquer na discussão, a fim de elucidar um ponto. Entretanto, o que o orador usar para o desenvolvimento de uma divisão, deve relacionar-se diretamente com a idéia daquela divisão e ser afirmado tão brevemente quanto possível.

Talvez demande considerável disciplina para o pregador adquirir a habilidade de condensar os seus sermões, mas o esforço será mais do que recompensador para ele e sua congregação. Tal pregador não gastará tempo no púlpito com trivialidades, repeti-

ções ou explicações desnecessárias. Evitará também o hábito de usar ilustrações supérfluas ou de contar tantas histórias, ao ponto de seu sermão não passar de uma série de contos ligados entre si por uma citação bíblica.

5. *Clareza*

O propósito principal da discussão é desvendar ou revelar mais claramente as idéias das divisões. Se o sermão for bíblico, as divisões naturalmente tratarão de algum aspecto ou de alguma verdade bíblica. Portanto, é de vital importância que o material da discussão ilumine as verdades sugeridas em cada divisão. Devem-se utilizar todos os meios para atingir esse fim, consoantes com a unidade e a brevidade.

Um erro comum do principiante é usar linguagem demasiadamente elevada. Esquecendo-se de que muitas pessoas na congregação não possuem uma educação formal esmerada, o pregador corre o risco de dirigir-se ao povo como se estivesse falando a estudantes de pós-graduação de uma universidade ou seminário. O linguajar filosófico ou teológico pode ser necessário nas universidades, mas no púlpito é de suma importância que o pregador torne as passagens bíblicas inteligíveis e claras. Às vezes pode ser oportuno usar termos como "existencialismo", "antinomianismo", "soteriologia", e "justificação", mas ao fazê-lo, é bom defini-los em linguagem comum, do dia-a-dia. O próprio Senhor Jesus, embora tenha falado sobre temas dos mais profundos, apresentou a verdade com tanta singeleza que até mesmo o povo comum o ouvia com prazer.

6. *Vitalidade*

É possível o sermão estar estruturalmente correto, a discussão ortodoxa e bíblica, e a mensagem falhar por completo no seu objetivo de desafiar os ouvintes. Isso pode acontecer quando a discussão consistir de fatos áridos e desinteressantes ou for constituída de exegese sólida, com pouca coisa de interesse pessoal e de aplicação prática, ou então por não relacionar fatos e idéias familiares a verdades antigas.

A discussão, para despertar o interesse dos ouvintes, precisa conter elementos que tornem a verdade válida para eles. As palavras da Bíblia devem ser apresentadas como pertinentes às situações da vida diária. Os personagens bíblicos devem ser apresentados de forma tal que os ouvintes percebam neles suas próprias experiências, circunstâncias, tentações e fracassos. Por-

ções proféticas da Bíblia devem ser interpretadas em relação com os problemas nacionais e também pessoais. As seções didáticas e exortativas, da mesma forma, devem ter uma aplicação direta aos fatos atuais. Relacionando, assim, as Escrituras aos homens e mulheres nas condições em que se encontram, é de esperar que nossa mensagem tenha significação vital para eles.

7. Variedade

O pregador que procura infundir em seus sermões frescor e vigor perenes, também deve cuidar para que a discussão contenha variedade. Ele não tirará todas as suas citações de um único escritor famoso, nem todas as suas ilustrações da vida de seus próprios filhos. Pelo contrário, esforçar-se-á por reunir os materiais para discussão de todas as fontes disponíveis, novas e antigas, usando-as onde quer que sejam eficazmente aplicáveis.

Conquanto o pregador deva ter a variedade como alvo, ao mesmo tempo deve certificar-se de que o material utilizado é de interesse humano. Histórias e fatos em que coisas ou circunstâncias se relacionem com a situação dos ouvintes, ou que apelem para as emoções e simpatias humanas, certamente prendem a atenção. Mas o pregador não deve contar histórias tristes apenas para fazer o povo chorar. Pelo contrário, é preciso que o material apresentado na discussão contenha um toque vital para os corações das pessoas.

Precisamos dizer algo a respeito do humor. Fazer o povo rir por amor ao riso não se coaduna com a tarefa sagrada do pregador. Por outro lado, há lugar para o humor santo no púlpito. O pregador pode conduzir os ouvintes, ao ponto de tornarem tensos de emoção ou interesse. A introdução de um dito chistoso, provocando o riso, muitas vezes quebra a tensão e prepara o povo para ouvir com interesse maior.

Fontes de Material Para a Discussão

O pregador recolhe o material para a discussão de cinco fontes principais:

1. A Bíblia.

A Palavra de Deus é uma fonte inesgotável de material para o desenvolvimento ou desdobramento das idéias contidas em cada divisão da mensagem. É da Bíblia que extraímos nosso material exegético principal.

É da maior importância, pois, observar o que o texto realmente

diz. Mediante o uso de interrogações como *quem, o que, onde, quando, por que,* e *como,* o pregador tentará descobrir o que a passagem contém, para, a seguir, anotar suas descobertas mais importantes.

Ao tomar notas sobre certo trecho bíblico, o pregador precisa dispensar bastante atenção às construções gramaticais. Às vezes os tempos dos verbos principais têm um papel valioso na apreciação da passagem. Até mesmo uma preposição ou uma conjunção pode ser a chave para revelar algum aspecto vital do texto.

O ministro também deve anotar padrões literários que se encontram por toda a Bíblia. Nestes, incluem-se a repetição, a comparação, o contraste, o intercâmbio, a progressão e a crucialidade. Por exemplo, o clamor repetido de Amós: "Por três transgressões e por quatro, não sustarei o castigo", nos capítulos 1 e 2 de sua profecia, transmite a força da denúncia que Deus faz dos vizinhos ímpios de Israel e do julgamento iminente deste e de Judá.

Às vezes, uma omissão importante pode indicar algo muito significativo. Por exemplo, em Lucas 10:30-35, quando o Senhor Jesus contou a história do bom samaritano ao advogado e a seguir perguntou-lhe quem era o próximo do homem ferido, o perito na lei respondeu: "O que usou de misericórdia para com ele." Observe que o intérprete da lei não disse: "O samaritano". Obviamente, esse orgulhoso judeu, à semelhança do seus contemporâneos, nutria ódio intenso pelos samaritanos e não podia admitir que o estrangeiro misericordioso, ao agir como verdadeiro próximo, pertencia a uma raça que merecia dele completo desprezo.

Uma vez que a Bíblia explica-se a si mesma, o estudante, sempre que tente explanar um texto ou passagem, deve constantemente recorrer às Escrituras. Passagens paralelas desempenham aqui um papel importante, e o pregador não deve hesitar em citá-las, não importa quão familiares sejam, desde que tenham relação com o texto em apreço. Outros pontos, à primeira vista sem importância especial, como leves toques na narrativa ou ligações menores na cadeia de pensamento, também podem aumentar o interesse e a vitalidade do sermão.

Além disso, a Bíblia contém ilustrações apropriadas para quase todas as ocasiões. A familiaridade com suas porções históricas fornecerá ao pregador um vasto reservatório de ilustrações vitais,

úteis para o esclarecimento de passagens com as quais, à primeira vista, pareçam não estar relacionadas.

Ao fazer observações sobre determinada passagem bíblica, a recriação do texto numa disposição mecânica, como Lucas 19:1-10, mostrado no capítulo 3, muitas vezes permite descobrir itens que, doutra forma, poderiam passar despercebidos. Sugerimos, pois, que o leitor volte à disposição mecânica da história de Zaqueu e note as seguintes observações que fizemos sobre essa narrativa.

vv. 1-4 Não há motivo aparente para a vinda de Jesus a Jericó, mas cf. v. 10, "O Filho do homem veio buscar. . ."
Daí, a iniciativa ter partido de Cristo.
Busca de Zaqueu por Jesus:
Proposital — não apenas para ver a Jesus, mas para ver quem ele era.
Persistente — a despeito das dificuldades encontradas.
Engenhosa — subiu a uma árvore de onde podia ter uma visão desimpedida.
Personalidade de Zaqueu (vv. 2, 5, 7, 8).
Desonesto, avaro, mau, inamistoso, desprezado pelos outros.

vv. 5-7 Jesus veio aonde Zaqueu estava.
olhou para Zaqueu.
chamou-o pelo nome.
escolheu-o dentre os demais.
convidou a si mesmo para ir à sua casa.
Amor de Jesus por Zaqueu:
Amou-o apesar do seu mau caráter.
Foi seu amigo quando ninguém mais se importava com ele.
Reação de Zaqueu:
Imediata, ardente, alegre.

vv. 8-10 Afirmação de Zaqueu:
Chamou a Jesus de "Senhor", daí, sujeitou-se a ele.
Fez uma promessa pública de dar aos pobres metade do que possuía, tornando-se, assim, generoso;

fazer restituição onde quer que fosse
necessária, tornando-se, assim, honesto.
Destarte, Zaqueu foi um homem transformado.
Afirmação de Jesus:
Declarou a salvação de Zaqueu
sua salvação não se realizaria no
futuro; já havia sido realizada.
Declarou o propósito de Cristo: buscar,
salvar o perdido.
Zaqueu, o homem perdido, foi salvo.
Os que, em Jericó, tinham justiça-própria
(v. 7) continuaram perdidos!

Podemos fazer muito mais anotações acerca de Lucas 19:1-10. Entretanto, estas bastam para indicar que, como resultado de meditação em atitude de oração e observação cuidadosa, é possível descobrir aspectos vitais numa passagem bíblica. Em nossa opinião, esse método pode ser de grande ajuda para o principiante que busca descobrir num trecho bíblico, por si mesmo e sem o auxílio de fontes extrabíblicas, fatos importantes.

2. Outras formas de literatura

Incluímos nesta seção outras formas de literatura úteis para o desenvolvimento do sermão.

Alguns tipos, naturalmente, serão mais úteis que outros. Comentários críticos, expositivos e devocionais, livros devocionais e hinários são de particular valor. Outra fonte importante de material é a biografia cristã. Manuais e dicionários bíblicos, bem como livros sobre arqueologia e sobre os povos e costumes das épocas e das terras bíblicas, proporcionarão esclarecimento a muitas porções das Escrituras. Sermões de grandes mestres do púlpito também são de grande valia.

Mas o estudante não tem de limitar-se à literatura religiosa. As fontes de materiais para o desdobramento do sermão podem vir de literatura relacionada com qualquer campo do conhecimento. Por exemplo, a ciência e a medicina são duas áreas das quais o pregador pode tirar material valioso, particularmente se ele for capaz de mostrar como as recentes descobertas nesses campos se relacionam com as verdades da Bíblia. Ao usar termos técnicos, contudo, é bom que o ministro os explique. Quando falar a respeito de fatos alheios ao campo da teologia, convém compro-

var suas afirmativas citando fontes fidedignas.

É claro, o pregador não deve negligenciar o jornal diário e as revistas correntes. Estes lhe permitirão informar-se dos acontecimentos atuais e podem ser uma fonte contínua de material a ser entretecido na discussão.

3. *Experiência*

A experiência pessoal do ministro é outro meio valioso para ele expandir as divisões do sermão. Quando o pregador diz o que tem vivido, sofrido ou visto, fala com convicção inconfundível e vivência. Suas palavras deixam a impressão de que ele tem conhecimento do que fala.

Alguns pastores pedem desculpas por se referirem a si mesmos, usando expressões como: "Espero que perdoem a referência pessoal que vou apresentar." Em geral, é desnecessária tal observação. Por outro lado, quando o ministro conta um incidente tirado de sua experiência pessoal, deve ter cuidado em não chamar a atenção para si mesmo. Seu único propósito deve ser glorificar ao Senhor e transmitir ao povo uma compreensão mais clara da Escritura. É bom frisar que o pregador jamais deve contar, em circunstância alguma, uma experiência pessoal que não seja verdadeira.

O pregador deve também tomar cuidado, ao relatar algum acontecimento, para que nomes e referências a pessoas não revelem a sua identidade, em particular quando tratar-se de algo pessoal ou que venha desmerecer as pessoas envolvidas.

4. *Observação do mundo que nos cerca*

A vida tem abundância de coisas, algumas de caráter aparentemente trivial, mas que podem tornar um sermão mais interessante, se o ministro tiver olhos para ver e mente para perceber seu relacionamento com as verdades espirituais das Escrituras. O Senhor Jesus usou como lições objetivas os lírios do campo, os pássaros do ar, a semente no chão, as peixes do mar, e até mesmo os cabelos dos homens. Da mesma forma o pregador, para qualquer lado que se volte, encontra assuntos da vida cotidiana repletos de significado, os quais, mediante o uso eficaz e judicioso do seu lugar-comum, podem tornar o seu sermão vivo e atraente.

5. *Imaginação*

O orador pode criar imagens mentais que aumentem sobremaneira a eficácia da discussão. Tais idéias acrescentam um

elemento de originalidade no tratamento do assunto. O uso da imaginação no sermão pode, pois, ser um grande aliado do pregador.

O ministro, porém, ao empregar imagens mentais, deve sempre impor-se certas restrições: cuidar para que sua imaginação não o leve a extremos. Por exemplo, é possível fazer um quadro mental de um incêndio a bordo de um navio e do terror dos passageiros por encontrarem uma saída. Mas, apresentar os detalhes das chamas a lamberem as vítimas e o sofrimento delas seria uso imprudente das faculdades imaginativas. Repito, o pregador deve evitar a criação de quadros mentais improváveis ou totalmente irreais. Tal prática seria ridícula. Uma vez mais, com relação a narrativas bíblicas, o pregador não deve descrever como verídico o que apenas imagina ou supõe ser verdade. Por exemplo, seria errado dizer que os jovens enviados por Josué para espiar a terra eram fortes e simpáticos e que atravessaram o Jordão numa balsa, quando, de fato, a Bíblia não fornece tais informações. Por outro lado, mediante imagens mentais, podemos indicar que estamos falando hipoteticamente. Poderíamos dizer: "Pense nos dois espias. Podemos vê-los como jovens ágeis e fortes, desejosos de servir ao seu Deus e ao povo de Israel. Obedeceram à ordem de Josué e, sem nenhuma hesitação, entraram na cidade hostil."

Pelo que acabamos de afirmar, deve ter ficado claro que o exercício da imaginação pode desempenhar um papel vital na discussão, e dar ao sermão um toque de frescor e interesse que não se consegue de nenhum outro modo. Porém, devemos sempre aplicar duas regras básicas quanto ao uso da imaginação: moderação e bom gosto. Isto é, devemos evitar o grosseiro e absurdo.

Processos Retóricos no Desenvolvimento do Esboço do Sermão

Vários são os processos retóricos usados na expansão ou desenvolvimento do esboço do sermão, a saber: explanação, argumentação, citação, ilustração e aplicação. Nem sempre se empregam todos eles numa única mensagem. Seu uso será determinado pela maneira como o sermão é desenvolvido.

A ordem dos processos retóricos dependerá de várias circunstâncias e condições. Às vezes a aplicação pode vir antes da citação ou da argumentação, e, outras vezes, pode-se apresentar uma ilustração antes da explanação. Em outras ocasiões, uma citação pode vir antes da explanação. A unidade do sermão e a sua progressão lógica indicarão a ordem em que os processos de retórica serão introduzidos.

Como a ilustração e a aplicação têm importância especial para a mensagem, devotaremos um capítulo a cada uma delas. Agora passaremos a examinar com detalhes os outros três processos retóricos.

1. Explanação

Afirmamos anteriormente que um dos aspectos mais importantes do sermão é a explanação do texto. Isso é verdade não apenas quanto aos sermões textual e expositivo, mas também quanto ao temático, elaborado sobre uma verdade bíblica. Em outras palavras, sempre que uma mensagem for baseada na Bíblia, a porção ou as porções do texto sagrado devem ser explanadas clara e corretamente. É esta feição da mensagem que torna a pregação verdadeiramente bíblica e a reveste de autoridade. A Palavra de Deus converte-se, então, no próprio tecido do sermão, e cada parte importante do discurso é construída sobre o fundamento sólido das Escrituras.

Mas o estudioso da Bíblia logo percebe que a biblioteca divina de sessenta e seis livros foi escrita em muitos estilos literários. Uma porção considerável foi escrita em diversos tipos de prosa: história, profecia, epístolas, literatura apocalíptica e parábolas. Ao mesmo tempo, grande porção do Antigo Testamento aparece em forma de poesia hebraica, com seus paralelismos distintivos. Nestes encontram-se padrões literários como repetição, contraste e ampliação do pensamento, e também o uso freqüente de imagens e figuras de retórica.

É, pois, evidente que quando alguém decide interpretar qualquer porção das Escrituras, deve primeiro determinar com que tipo de literatura bíblica está lidando e, a seguir, observar as leis de hermenêutica que regem a sua interpretação.

a. Processos Envolvidos na Explanação do Texto

Em geral, os processos aí envolvidos caem em certas categorias claramente definidas.

(1) O contexto

Um dos processos exegéticos é o estudo do contexto — tanto imediato quanto remoto. O exame do contexto muitas vezes ajuda tanto o ouvinte como o pregador a reconhecer as limitações do significado de uma palavra ou afirmação, impedindo, assim, uma análise errada do texto.

Suponhamos, por exemplo, que o pregador esteja falando sobre a segunda parte de Filipenses 2:12, que diz: "Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor." O contexto imediato mostra que o

apóstolo não se referia a nenhum esforço da parte dos crentes filipenses para obterem a salvação mediante as obras, mas, como mostra a primeira parte do texto, Paulo referia-se à obediência dos filipenses não apenas quando ele estava presente, mas também quando ausente.

(2) Referências cruzadas

Uma exegese correta também incluirá a correlação do texto com outras partes da Bíblia. O ministro deve fazer uso freqüente de passagens paralelas, comparando ou contrastando com outras porções bíblicas o texto que procura explanar. Isso ocorre especialmente com muitas porções dos Evangelhos, nas quais um exame dos escritos paralelos às vezes jorra bastante luz sobre o texto, possibilitando ao ouvinte entender mais claramente o significado de uma passagem isolada. O pregador também deve ser capaz de citar de cor passagens paralelas, mas, quando não conseguir fazê-lo, é melhor lê-las diretamente na Bíblia.

(3) Aplicação das leis da linguagem

A interpretação sadia da Bíblia também depende da aplicação das leis da linguagem. Chamar a atenção do ouvinte para alguma disposição gramatical importante, para as nuanças ou variações sutis do significado de certas palavras no original, para uma figura de retórica, alguma forma especial de expressão como a metonímia ou a sinédoque, ou para a etimologia de certa palavra, pode ser bastante útil ao esclarecimento de um texto aparentemente ambíguo ao ouvinte médio.

Para ajudar na interpretação de uma passagem, é útil, amiúde, citar outras traduções ou versões bíblicas. Deve-se ter cuidado com a citação de uma paráfrase bíblica, pois embora a tradução seja a tentativa de transmitir noutra linguagem o sentido do texto original, este é reproduzido, na paráfrase, de modo mais livre.

Os escritos de muitos eruditos piedosos são o resultado de pesquisa bíblica e contêm tesouros espirituais úteis para a preparação de sermões. O ministro deve, pois, em seu estudo, fazer uso de comentários exegéticos, expositivos e devocionais. Se encontrar uma afirmativa particularmente aplicável, poderá citá-la palavra por palavra no sermão.

(4) Fundo histórico e cultural

O fundo histórico e cultural do texto, e os dados geográficos mencionados nele, podem ter grande importância para determinar o seu significado em sua conjuntura antiga. O uso de uma boa

enciclopédia, de uma introdução à Bíblia ou de um bom manual bíblico será de grande ajuda na obtenção de informações de natureza histórica e cultural do texto. Embora um atlas bíblico forneça importantes informações geográficas, o pregador deve fazer um exame completo das próprias Escrituras a fim de descobrir o cenário da passagem.

Discutimos, com certo vagar, a interpretação do texto, pois é solene a obrigação do pregador de explanar as Escrituras de modo fiel e claro. Para tanto, ele deve realizar uma investigação completa do texto a fim de chegar ao significado que, honesta e certamente, crê ser o correto. É de seu dever, com toda a honestidade, apresentar à congregação, não o que gostaria que o texto dissesse, nem o que sua igreja prefere ouvir, mas o que ele, conscientemente, crê que o texto significa.

Ao procurar explicar o texto, o ministro deve evitar a citação de palavras e frases hebraicas e gregas. Antes, deve mencioná-las de modo a serem compreendidas hoje. Da mesma forma, evite referência a aspectos gramaticais sem significação para o ouvinte médio. Por exemplo, dizer à congregação que certo verbo está no aoristo, no modo subjuntivo ou na voz ativa, não tem interesse particular para a maioria dos ouvintes. Com efeito, referência freqüente à parte gramatical do texto nas línguas originais tende a confundir e distrair, e dá a impressão de que o pregador está procurando mostrar o seu conhecimento de grego e hebraico.

b. Resolvendo uma passagem problemática

Sem dúvida, chegará a ocasião em que o pregador terá de lidar com uma passagem difícil. Em vez de fazer qualquer asserção dogmática a respeito do significado do texto, melhor será respeitar as interpretações de eruditos piedosos, particularmente se elas tiveram grande aceitação por parte dos cristãos no passado. Por outro lado, se depois de um estudo diligente o ministro não conseguir chegar a uma conclusão satisfatória com vistas à interpretação correta de uma passagem difícil, tome ele o devido cuidado para não torná-la ainda mais obscura mediante uma tentativa medíocre de explicá-la. Sempre que a pesquisa do pregador for inconclusiva, isto é, quando ele não conseguir explanar o texto, é melhor simplesmente admitir a dificuldade e passar a outras verdades que possa explicar corretamente.

O pregador deve explicar a passagem a seu povo, mas, em regra geral, a congregação se impacientará se a interpretação for prolongada demais. Como indicamos anteriormente, o povo não

precisa do processo do estudo exegético do ministro, apenas dos resultados.

Antes de deixar o assunto da explanação, devemos estar atentos, como fizemos no capítulo 3, a um perigo peculiar que o jovem pregador tem pela frente.

c. *Tratamento dos detalhes*

Tendo estudado todos os detalhes do texto e tendo-se interessado por eles, o pregador muitas vezes é tentado a apresentar muitos outros pontos, ultrapassando, assim, as limitações do seu sermão. Desta maneira, a apresentação fica tão pesada que os ouvintes têm dificuldade em acompanhá-la, sendo poucos os pontos que se gravam em suas mentes. O pregador deve tomar a firme resolução de omitir certos detalhes, tendo como objetivo escolher somente os que requerem explicação especial e, ao mesmo tempo, fornecem material interessante. Em outras palavras, apresente apenas aqueles aspectos salientes do texto, capazes de contribuírem para a idéia principal que o sermão pretende transmitir.

A propósito, quando o pregador deixar de lado certos pontos e fatos de valor contidos no texto, mas não relacionados com o sermão, guarde esse material, pois lhe pode ser útil no futuro. Continuando a estudar as Escrituras, aos poucos ele adquirirá mais conhecimento e descobrirá como os detalhes, dispensáveis num sermão, podem muito bem encaixar-se no desenvolvimento ou ampliação de outro.

O estudante assíduo da Bíblia verificará também que, examinando as palavras importantes de uma passagem, poderá descobrir princípios ou verdades sugeridos por ela. Tais princípios ou verdades, por sua vez, poderão indicar o tema ou idéia principal do sermão. Em outras palavras, em vez de tentar, logo de início, formular a tese ou proposição e construir o esboço e depois examinar os detalhes da passagem, o pregador pode inverter esse processo.

2. *Argumentação*

a. *Valor da argumentação*

A argumentação recebe um lugar importante nas Escrituras, e, como proporciona grande peso ao sermão, o pregador não deve hesitar em usá-la. A argumentação é, também, um meio poderoso de expandir o esboço do sermão, e em algumas ocasiões é essencial para produzir provas. O raciocínio metódico preenche

as exigências do intelecto humano, pois este pede bases sadias de fé, e uma afirmativa corroborada de evidências sólidas, possui, assim, autoridade.

Além disso, nossa época faz que o pregador do evangelho transmita segurança clara e apropriada aos crentes quanto à razão da sua fé. Alguns membros jovens da igreja podem estar sendo assaltados pela dúvida ou pelas críticas de colegas quanto à Palavra de Deus; alguns levantariam dúvidas quanto aos padrões cristãos; outros, talvez, estejam confusos pelas descobertas arqueológicas e por outras ciências modernas em relação com a Bíblia. É, pois, muito importante que o sermão contenha com freqüência evidência bem documentada, capaz de instilar segurança na mente das pessoas, mostrando-lhes como os fundamentos da fé cristã repousam sobre o alicerce sólido da verdade revelada *sobrenaturalmente, e como os princípios éticos* da revelação divina produzem caráter cristão e conduta correta.

b. Métodos de argumentação

São vários os métodos pelos quais o servo do Senhor pode imprimir a verdade na mente de sua congregação.

(1) Uso da Bíblia

O método principal, e o melhor, é o uso da Bíblia. Quando o pregador consegue mostrar em seu sermão que "assim diz o Senhor", ele fala com uma autoridade que atrai a confiança de seus ouvintes. As pessoas reconhecem instintivamente que o ministro não está expressando suas próprias idéias ou opiniões, mas declarando as proclamações divinas, e estas eles não têm o direito de contradizer ou negar. Todavia, em seus esforços persuasivos o ministro deve empregar os oráculos sagrados de modo inteligente e apropriado. Os textos de prova não devem ser arrancados do contexto, pois a interpretação deve estar sempre de acordo com a significação que os escritores sagrados lhe quiseram dar.

(2) Raciocínio lógico

Outro método de argumentação é o raciocínio, isto é, o uso de processos lógicos para se chegar a uma conclusão ou levar as pessoas a se decidirem. Argumento com base na analogia, da causa para o efeito, do efeito para a causa, ou proveniente da prova cumulativa, bem como da indução e dedução, constituem várias formas de retórica persuasiva.

A Bíblia contém numerosos exemplos de raciocínio lógico, mas para nosso propósito mencionaremos apenas alguns casos de

polêmica bíblica. O apelo final de Josué aos anciãos e ao povo de Israel contém prova após prova da bondade do Senhor para com eles, a fim de desafiá-los ao serviço leal a Deus. A mensagem de Pedro no dia de Pentecoste estabelece a validez da ressurreição de Cristo sobre a base das Escrituras do Antigo Testamento, do testemunho pessoal dos discípulos, e do derramamento do Espírito Santo. O discurso de Estêvão na presença do concílio judaico contém uma série de provas da atitude repreensível de Israel para com o Senhor, de forma a condená-los por haverem matado o seu próprio Messias. Grande parte da carta de Paulo aos Romanos é um tratado da racionalidade da doutrina da justificação pela fé.

O próprio Cristo empregou a argumentação. Veja a sua lógica quando ensina seus seguidores a descansarem na segurança do cuidado do seu Pai celeste. Usando a ilustração da erva do campo, ele raciocinou: "Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?" (Mateus 6:30). O Senhor Jesus também argüiu ao ser desafiado pelos seus adversários. Por exemplo, quando os fariseus o acusaram de expelir demônios pelo poder de Belzebu, ele contra-atacou argumentando que a casa divida contra si mesma não permanece de pé, e se Satanás estivesse dividido contra si mesmo, seu reino não subsistiria.

(3) Testemunho

Um terceiro tipo de argumentação é o testemunho. Podemos classificá-lo apropriadamente sob o raciocínio lógico porque a prova só pode ser estabelecida mediante a evidência. Contudo, preferimos tratar do testemunho separadamente, por causa de sua importância especial. O valor do testemunho depende de sua validez. Visto ser esse o caso, devemos notar os fatores envolvidos no estabelecimento da veracidade de um testemunho. Um deles é o número das testemunhas. Quanto maior o número, tanto mais forte a evidência, desde que essas testemunhas, é claro, comprovem o fato. O conhecimento, a honestidade e a sinceridade das testemunhas contribuem para o estabelecimento da credibilidade e veracidade de suas afirmativas. Finalmente, a natureza dos fatos atestados também contribuem para a aceitação de sua evidência.

Uma forma de testemunho é o uso de dados ou fatos estatísticos. Quando o pregador consegue reunir números ou fatos importantes em seu argumento, ele se protege com evidência

segura. Mas, ao usar tal material, ele deve certificar-se da fidelidade de suas informações. Se quiser impressionar o povo com sua validez, convém, em determinadas ocasiões, citar as fontes das quais recolheu o material. Dados incorretos de fontes questionáveis dão a impressão de que o ministro é ingênuo ou está tentando desviar a congregação mediante afirmativas falsas.

(4) Seqüência lógica do esboço do sermão

A disposição do sermão numa seqüência lógica também pode ser um meio de persuasão, particularmente quando o objetivo da mensagem é provar um ponto. Se, por exemplo, tomarmos como tese a afirmativa: "A Palavra de Deus pode operar de modos maravilhosos na vida do indivíduo", podemos prosseguir apresentando evidências tiradas da Bíblia quanto ao seu poder.

Construímos um esboço como o seguinte:

Título: "O Poder da Palavra de Deus"
I. Tem poder de dar vida espiritual, 1 Pedro 1:23.
II. Tem poder de purificar, João 15:3.
III. Tem poder de santificar, João 17:17.
IV. Tem poder de produzir crescimento espiritual, 1 Pedro 2:2.

c. Precauções no uso da argumentação

Concluímos esta seção sobre a argumentação com algumas palavras de cautela. Alguns pregadores, em seu zelo pela verdade, parecem obcecados pela idéia de que foram chamados para defender a fé, e, assim, enchem seus sermões com argumentos ou invectivas virulentas contra tudo o que não estiver de acordo com suas opiniões. Charles H. Spurgeon menciona um homem desse tipo, que andava com um "revólver teológico" pronto para atirar em qualquer pessoa que tivesse um pensamento heterodoxo ou não concordasse com a sua posição doutrinária. Essa atitude belicosa, totalmente fora do espírito cristão, pode produzir muitos efeitos danosos. Embora devamos contender com diligência pela fé, não precisamos ser contenciosos.

O homem de Deus deve não somente evitar uma atitude de censura ou de beligerância em sua pregação, mas deve também tomar cuidado para não provocar a hostilidade dos ouvintes mediante seu ridículo ou amargo sarcasmo. A polêmica bíblica pode exigir, às vezes, o que William Ayer chama de "sarcasmo santo", como o de Elias para com os quatrocentos profetas de Baal no monte Carmelo, mas em regra geral é melhor o orador

apegar-se a argumento sadio, lógico, mas eficaz.

Outra palavra de cautela quanto ao uso do argumento. Quando grande parte do sermão consiste em argumentação, ele pode tornar-se pesado e monótono. As estatísticas e outros pormenores citados como evidências de determinado caso também podem ser áridas e desinteressantes. Portanto, o pregador deve desenvolver a habilidade de apresentar seus argumentos e evidências de modo vívido e atraente. Por exemplo, em vez de dizer que existe aproximadamente um bilhão de pessoas na China, muito mais significativo seria declarar que um dentre quatro homens no mundo é chinês; que uma dentre quatro mulheres no mundo é chinesa; que um dentre quatro rapazes no mundo, é chinês, e que uma dentre quatro meninas no mundo, é chinesa.

3. Citações

As citações podem acrescentar grande interesse ao sermão. Um dito apropriado em ocasião oportuna dá força e vigor à mensagem. O pregador deve fazer uso das citações, mas deve guardar-se a fim de não empregá-las em demasia.

Chamamos a atenção do leitor para quatro tipos de citações que podem ser usadas no sermão.

a. Textos bíblicos

Já nos referimos à citação da Bíblia no sermão, mas vale a pena repetir que nada empresta mais autoridade ao sermão do que a citação oportuna das Escrituras. Embora a mensagem seja a exposição de um texto, a citação de uma passagem paralela serve para gravar a verdade na mente dos ouvintes. Mas, mesmo na citação da Bíblia o pregador deve certificar-se de que os textos são apropriados e pertinentes.

b. Ditos breves

Estes ditos às vezes podem vir em forma de provérbios, como: "Conhece-se o amigo na hora de necessidade", "Mais vale prevenir do que remediar", ou "Mais vale um pássaro na mão do que dois voando". Provérbios provenientes de outros povos ou civilizações também podem ser usados com vantagem. Os chineses têm um adágio que diz: "O que fica parado na lama, afunda-se nela". Outras máximas chinesas são: "As mais altas torres começam no chão", "O sábio vê oportunidade na dificuldade; o tolo vê dificuldade na oportunidade". "Aonde o homem deseja ir, para lá seus pés o levam". "Uma coisa adquirida com

dificuldade é melhor que cem adquiridas com facilidade."

Um segundo tipo de ditos consiste em verdades espirituais específicas, apresentadas em poucas palavras. Eis alguns exemplos:

"Servir a Cristo não é trabalho extra, mas transbordamento."
"Fora da vontade de Deus não existe sucesso; dentro da vontade Deus não existe fracasso."
"Nossos grandes problemas são pequenos para o poder de Deus; nossos pequenos problemas são grandes para seu amor."
"O pouco com Deus é muito."
"Tenho grande necessidade de Cristo; tenho um grande Cristo para minha necessidade."
"Deus não faz acepção de pessoas, mas respeita suas promessas."
"O mais alto que podemos chegar nesta vida é dobrarmo-nos aos pés de Jesus."

O pregador deve colecionar e organizar tais ditos de forma que estejam facilmente disponíveis quando deles necessitar. Se quisermos que a citação de um aforismo seja eficaz, devemos fazê-la de memória, mas o pregador deve certificar-se de que ela não contenha uma mera meia-verdade, um exagero, ou uma distorção da verdade.

c. Afirmativas oriundas de fontes confiáveis

Afirmativas importantes, tiradas de fontes confiáveis, constituem outro tipo de citações proveitosas no desenvolvimento do sermão. Não é preciso que as afirmativas sejam inteiramente teológicas, mas devem ser pertinentes à mensagem.

Se, por exemplo, o pregador estiver falando do combate espiritual e quiser dar ênfase à necessidade do crente de suportar a adversidade como bom soldado de Jesus Cristo, ele pode citar a seguinte afirmativa concernente à disciplina militar, mostrando o paralelo no treinamento do soldado cristão para o serviço do Senhor.

> Os soldados devem orgulhar-se de si mesmos. Se não tiverem orgulho, se não forem bem disciplinados, terão desperdiçado o seu tempo. É esta a prioridade maior. O soldado deve ter orgulho do que faz.

Como outro exemplo do uso de uma afirmativa importante, citamos parte de um artigo publicado na revista *The Oregonian*,

em 25 de maio de 1967. Larry Dotson, ex-presidiário, fala a uma turma de quarenta ginasianos em Portland, estado de Oregon, sobre a vida numa penitenciária.

> Quando a escuridão e o silêncio da noite envolvem uma grande cadeia, cada preso tem como colega de cela sua vida malgasta.
>
> E tarde da noite, quando os homens pensam que todo o mundo dorme, é aí que ouvimos o choro — indivíduos de 35 ou 40 anos de idade chorando. É então que descobrimos o que é a miséria e a tristeza completas.

Esse relato ajusta-se ao quadro que a Palavra de Deus apresenta da prisão em que os homens serão preservados para as trevas eternas, onde há choro e ranger de dentes.

É bom o ministro mencionar o autor da citação e, em circunstâncias especiais, a sua fonte, particularmente se estiver falando de um assunto controverso e se a menção do nome do autor der apoio às suas afirmativas.

É preciso observar vários outros princípios referentes ao uso de citações. O pregador deve sempre estar seguro de que elas são corretas e verdadeiras. Se tiver de usar uma citação que não representa as suas convicções, esclareça esse fato. Evite-se por completo toda citação ou afirmação depreciativa do nome ou caráter de alguém, embora corroborada por fatos de todos conhecidos. Afirmativas dessa natureza podem levar o pregador a ser acusado de difamação. Finalmente, o pregador não deve fazer citações longas.

d. Poesia

A citação de poesia tem seu lugar apropriado no sermão. Os hinos, com expressões elevadas de louvor, ou que falam dos anseios da alma, são uma fonte valiosa de citações para mensagens de caráter devocional. Hinos que falam de consolo na aflição podem ser usados nos sermões sobre sofrimento e provações. Outros tipos de cânticos sacros podem ser citados em relação com várias formas de mensagem. A poesia secular, quando corretamente citada, também pode ser usada com vantagem na expansão do sermão.

Ao usar a poesia, o pregador deve cuidar para que as seleções não sejam longas demais. Ao citar um hino, em geral uma ou duas estrofes são suficientes. Às vezes a citação de duas linhas é mais eficaz que a estrofe toda.

O fato do auditório conhecer o hino não destrói o valor da citação. Com efeito, o conhecimento que a congregação tem do hino muitas vezes aumenta-lhe o interesse no sermão.

Mas não se deve exagerar a quantidade de citações de poesias, não importa quão oportunas ou expressivas elas sejam. Como no caso de outras formas de citações, o pregador deve evitar o uso demasiado de poemas.

O Método de Registrar os Processos Retóricos nas Notas do Sermão

Ao preparar as notas para o sermão, o pregador deve fazê-lo de forma a ver, de relance, o que vai dizer. Cada afirmativa da expansão da mensagem deve ser tão concisa quanto o permitir a legibilidade. Sempre que possível, em vez de sentenças completas o ministro deve usar frases curtas. As palavras mais longas também podem ser abreviadas.

Por amor à clareza e para que as notas de cada seção do esboço sejam lidas de relance, deve-se formular cada idéia numa linha separada, e o material de cada divisão principal ou subdivisão deve vir em forma de parágrafo.

Como exemplo da expansão de uma mensagem, apresentamos abaixo o desenvolvimento do esboço "Conquistado Pelo Amor", baseado em Lucas 19:1-10. Observe a brevidade das afirmativas e o uso correto do espaço.

Reproduzimos, de propósito, todas as transições por completo a fim de mostrar ao estudante como elas, quando adequadamente expressas, suavizam a mudança de idéias de uma seção principal para a outra.

Introdução: 1. A Bíblia apresenta a conversão de vários "casos perdidos"; por exemplo, Maria Madalena, o endemoninhado de Gadara, a mulher samaritana.
2. Razão prováv. para essas apresent. — encorajar-nos qto à salvação de "casos perdidos".
3. Z. — outro caso perdido.

Proposição: O Senhor deleita-se em ganhar o indivíduo que para nós pode parecer um "caso perdido".

Oração interrogativa: O que podemos aprender da narrativa acerca de Z. que isto é verdade?

Oração de transição: Um exame dos três fatos principais nesta passagem em relação com Z. revelará que o Senhor deleita-se em ganhar alguém que parece um "caso perdido".

I. A procura de Z., vv. 1-4.
1. O modo da procura, v. 1.
De modo quieto e calmo, mas cf. v. 1 c/v. 10 — o propósito de Cristo ir a Jericó — procurar Z., chefe dos publicanos. Publicanos — recebedores de impostos na Palestina empregados pelo governo romano, dados à extorsão, corrupção, cf. v. 8 — rico, provav., como resultado de avareza, fraude.
2. O efeito dela, vv. 2-4.
A vinda de Cristo criou um desejo consumidor da parte de Z. de ver a J. "Procurava", lit. "continuava tentando" mas não conseguia — de pequena estatura. Tão odiado (v. 7) que provav. ninguém lhe desse a oport. de ver J., daí ele subir numa árvore.
Comentaristas: Motivo do desejo de Z. — curiosidade, mas cf. refs. anter. em Lucas ao interesse de Cristo pelos publicanos (ver, Lucas 15:1-2; 18:9-14). Z. provav. ouviu outros public. falarem da atit. amável de J. para com homens como ele, daí "procurava ver quem era". Mas muito antes de Z. procurar J., J. o procurou. Z. não teria procurado J. se J. não o houvesse procurado primeiro. Como o pastor, que deixou 99 para buscar a ovelha perdida, C. foi a Jericó a fim de buscar este pecador perdido.
Ilustr. Lady Huntington, da Inglat., cristã fervorosa, foi visitar um homem moribundo — O homem clamou em agonia: "Estou morrendo perdido!" Huntington: "Dê graças a Deus por isso." O moribundo: "Como é que vou agradecer por isso?" Huntington: "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido."
Mas, para que os perdidos sejam ganhos, é preciso que nós, como C., vamos a eles, um a um.

Transição: Vimos que, porque o Senhor tem deleite em ganhar um "caso perdido", ele procurou Zaqueu. Mas a história de Z. nos leva a observar outro fato significativo em relação com este homem, a saber.

II. O ser amigo de Z., vv. 5-7.
1. O seu modo, v. 5.
Cristo se dirigiu a Z. pelo nome; convidou-se para seu lar.
Motivo: Z. não tinha amigos; a cidade toda considerava-o como um homem de má reputação — cf. v. 7.

Luciano, escritor grego, descreveu os coletores de imposto como "adúlteros, alcoviteiros e parasitas". Assim, Cristo diz em realidade: "Embora todos o odeiem, eu desejo ser seu amigo."
"Desce depressa" sugere a ânsia de Cristo para tornar-se amigo de Z.

2. Os efeitos, vv. 6-7.
   Ao ouvir o seu próprio nome, Z. provav. percebeu que, embora Cristo soubesse tudo a seu respeito, ainda assim desejava ser seu amigo; daí ele ter-se apressado, recebido J. com alegria — cheio de contentamento por ter encontrado um amigo. Assim, o amor entrou no coração de Z. Os perdidos podem ser ganhos quando nós, à semelhança de Cristo, amamos os que não são amáveis, alcançamo-los pela bondade, ganhamo-los sendo cativantes.
   Ilustr. Salvação de um sargento por causa da amabil. de um soldado raso cristão.

Transição: Já vimos dois fatos importantes nestes versículos com referência a ganhar este homem sem esperança. Vejamos agora um terceiro fato que é,

III. A salvação de Z., vv. 8-10.
   1. A manifestação dela, v. 8.
      (1) Uma atitude mudada — "Senhor".
      Antes disto, Z. vivia para o eu, agora ele coloca o eu sob o domínio de Cristo.
      (2) Uma vida mudada.
      Da fraude egoísta e ímpia a um homem generoso e amável. O amor de J. entrou de tal forma no seu coração, produziu amor:
      a. Em dar aos outros — "Resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens. . ." O método de doação — não um décimo, mas a metade.
      Nota: "Resolvo dar" — tempo presente —para ser um padrão contínuo.

      b. Propósito da restituição — "Restituo quatro vezes mais."
      Lei do A. T. — quando alguém confessava o pecado do roubo, tinha de devolver os bens roubados, acrescentando o quinto (Nm 5:7), mas a obrigação que Z. impôs a si mesmo — quatro vezes.

Cristo também pode hoje transformar casos sem esperança. 2 Co 5:17 — "Se alguém está em Cristo,

é nova criatura." Se não há mudança real na vida, questionar a salvação.

"A natureza nos forma,
O pecado nos deforma,
A escola nos informa,
Somente Cristo nos transforma."

2. A declaração dela, vv. 9-10.
   "Salvação" — lit. libertação (do pecado).
   "Filho de Abraão" — cf. Gn 15:6 e Gl 3:7 — Como Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado como justiça, da mesma forma Z. creu em Cristo e tornou-se um descendente espiritual de Abraão.
   At 10:43 — Por meio do seu nome, "Todo o que nele crê recebe remissão de pecados".

Transição: Quão claramente esta narrativa da amizade de Cristo com Zaqueu e a salvação dele revela como o Senhor tem deleite em ganhar um indivíduo que pode parecer-nos um "caso perdido". Certamente isso deve dar-nos segurança quanto à salvação dos que vemos como "casos perdidos".

Conclusão:

1. Cristo pode salvar e transformar os casos perdidos por quem temos ansiado.
2. Cristo quer usar-nos como instrumentos para ganhar os casos perdidos através da manifestação de seu amor por nosso intermédio.

Note que além da verdade eterna contida na proposição deste esboço, afirmamos três outros princípios no decurso da mensagem. Na primeira divisão principal temos a afirmação: Se queremos ganhar os perdidos, nós, à semelhança de Cristo, devemos procurá-los, um a um. Na segunda divisão principal expressamos a próxima verdade permanente: os perdidos serão ganhos quando nós, à semelhança de Cristo, amarmos os não amáveis. Na terceira divisão principal, antes de chegar à segunda subdivisão, encontramos a última verdade eterna: Cristo pode transformar hoje os casos perdidos.

Outro modo de tratar Lucas 19:1-10 é procurar, na passagem, princípios ou verdades sugeridos pelo texto. Podemos começar com a seguinte tese: "Para Jesus, não há casos perdidos." Usando esta afirmativa como proposição, procuramos certos princípios relacionados com ela. Examinando o texto bíblico, descobrimos três motivos pelos quais podemos ter a certeza de que para Jesus

não há casos perdidos, e a seguir apresentamo-los em forma de esboço:

Título: "Esperança Para os Perdidos"
I. Porque Jesus procura os casos perdidos, vv. 1-4.
II. Porque Jesus é gracioso para com os casos perdidos, vv. 5-7.
III. Porque Jesus salva os casos perdidos, vv. 8-10.

Um terceiro método de tratar a passagem é fazer um resumo biográfico do caráter de Zaqueu, mostrando quem era ele antes de se converter e a transformação ocorrida depois que o Senhor Jesus se dirigiu a ele na árvore. Um título oportuno seria: "Transformado Pela Graça."

Como exemplo adicional da expansão de um esboço, apresentamos o seguinte, sobre "A Cruz de Espinhos", baseado em João 19:1-5 e Gênesis 3:14-18. Jamais conseguiremos penetrar as profundezas dos sofrimentos de nosso bendito Senhor na cruz, nem reduzir à análise humana suas agonias indizíveis quando Deus Pai fez de sua alma uma oferta pelo pecado. Contudo, apresentamos o esboço abaixo como um modelo de sermão temático.

Título: "A Cruz de Espinhos"
Introdução: 1. Festival Anual da Rosa em Portland, no Oregon, tem como clímax a coroação da rainha c/ diadema de brilhantes, em meio a pompa e cerimônia.
2. Contrastar a coroação de Cristo — homem ideal, Rei da graça, praticou o bem. Se alguém já foi digno de honra, ele o foi; recebeu, porém, não um diadema de brilhantes, mas coroa de espinhos.
Proposição: Um cristão sincero tem deleite em honrar o seu Salvador.
Oração interrogativa: Por que tem ele deleite em fazê-lo?
Oração de transição: Entre os motivos pelos quais o cristão se deleita em honrar o seu Salvador está o tríplice significado da coroa de espinhos que Cristo levou na cruz. Ele vê, nas passagens do Novo Testamento sobre a coroa de espinhos — Mt 27:28; Mc 15:17, Jo 19:2, 5 — que
Foi uma coroa de sofrimento.
1. Indicativo dos sofrimentos físicos pelos quais Cristo passou.
Que sofrimento Cristo deve ter suportado quando lhe colocaram a coroa na cabeça, com os espinhos penetrando-lhe a fronte; e quando os solda-

dos lhe bateram na cabeça com uma cana (Mc 15:19).

Gn 3:17-18 — os espinhos surgiram como resultado do pecado; uma vez que Cristo foi feito pecado por nós, também suportou a conseqüência do pecado — o sofrimento que o acompanha.

2. Expressivo da maldição que Cristo levou por nós.
   Cf. Gn 3:17-18 — por causa do pecado do homem, até o solo foi amaldiçoado; espinhos expressam essa maldição.
   Espinhos na fronte de Jesus são também expressivos da maldição que suportou por nós — "Fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro" (Gl 3:13). Não se pode conceber quão grande foi sua agonia ao ser amaldiçoado em nosso lugar, mas algo do seu sofrimento foi expresso no clamor: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27:46).

Transição: Porém, quando o crente fiel considera o que as Escrituras dizem acerca da coroa de espinhos, ele descobre que ela não foi somente uma cruz de sofrimento, mas também que

II. Foi uma cruz de escárnio.

1. Indicativa do escárnio que os soldados amontoaram sobre ele.
   Sem dúvida, os soldados ouviram falar do julgamento de Cristo sob Pilatos quanto à questão de Jesus ser rei ou não. Em sua cegueira, os sold. provav. pensavam ser absurdo alguém aparent. tão indefeso dizer-se rei; então, colocaram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos como se dissessem: "Não passa de um rei que se enganou a si mesmo, um rei falso!"
   Que tratamento para Cristo, Rei da Graça escarnecido c/ coroa de espinhos!

2. Expressiva da atitude que os homens tinham para com ele.
   Observe o ridículo que Cristo sofreu pendurado na cruz, Mt 27:39-44.
   Is 53:3 — "Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens".
   Considere a condescendência de Cristo em permitir que homens ímpios e perversos tratassem a

ele, Rei da Glória, com tai vergonha e desprezo. Motivo de ter Cristo suportado isso — Hb 12:2 — "Em troca da alegria que lhe estava proposta" — para erguer-nos do pecado, vergonha e levar-nos para a glória.

Transição: Ao examinarmos as passagens do Novo Testamento relacionadas com a coroa de espinhos, descobrimos que, embora os homens ímpios tivessem a intenção de fazê-la um instrumento de agonia e vergonha para nosso bendito Salvador, contudo, em sua soberania e poder, Deus fez que eia

III. Fosse uma coroa de vitória.

1. Indicativa do triunfo dele sobre seus adversários. "Coroa", em cada referência à coroa de espinhos, é uma coroa de vitória dada ao vencedor nos jogos olímpicos. Assim, embora os soldados pretendessem que a coroa fosse um símbolo da ignomínia, mediante esse ato coroaram-no com a coroa da vitória.

   Note a inscrição na cruz: "JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS" (Jo 19:19). Os judeus apelaram para que se alterasse o título; Pilatos rejeitou o pedido, Jo 19:21-22.

   Pilatos estava certo, pois embora os judeus tivessem rejeitado a Cristo como rei, ele ainda era rei, reinando sobre tudo e dirigindo tudo para a realização de seus propósitos.

   Foi uma coroa ideal para Cristo, pois quando Satanás fazia o pior, Cristo fez o melhor; sofrendo sobre a cruz, realizou nossa redenção; ao morrer em nosso lugar, nos trouxe vida; ao parecer derrotado, conquistou a maior vitória.

2. Expressiva do triunfo que ele realizou por nós. Que experiência temos tido de espinhos, de coisas que ferem, machucam?

   Uma vez que Cristo conquistou a vitória sobre o pecado, a morte e o inferno, pode tornar-nos triunfantes nele e transformar os espinhos em bênçãos, 1 Co 15:57.

   Condição: devemos submeter-nos a ele, 2 Co 2:14.

   Ilustr. O triunfo de Paulo na prisão, Fp 1:12-14.

Transição: Verdadeiramente temos motivos para honrar nosso Salvador por ter levado tal coroa por nós.

Conclusão:

1. Resultado bendito da coroação de Cristo c/ coroa de espinhos — agora coroa para nós — N. T. fala das diversas

coroas do cristão — rejeição, justiça, vida, incorruptível, glória que não se desbota.

Mas, quando o vemos, desejamos lançar nossas coroas a seus pés, dizendo: "Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor" (Ap 5:12).

2. Por causa do que Cristo suportou por nós, não devíamos nós coroá-lo Rei hoje? Que nossa resposta seja de submissão ao seu amor e autoridade. Que sejamos sujeitos a ele em tudo.

Exercícios

1. Faça uma relação de dez provérbios e diga em que circunstâncias os usaria num sermão.

2. Colecione trinta aforismos, ou ditos curtos, e classifique-os corretamente. Ponha os aforismos de cada classificação em folhas separadas.

3. Descubra doze afirmativas importantes e fidedignas e mostre como fazer uso de cada uma num sermão. Cite o autor e a fonte de cada uma delas.

4. Reconstrua o texto do Salmo 23 de modo similar à disposição dada no capítulo 3, sobre Lucas 19:1-10. Sem o auxílio de quaisquer livros de referência, faça uma relação em folha separada, versículo por versículo ou seção por seção, do que descobrir no Salmo que seja digno de nota.

5. Prepare um esboço temático para um culto de ceia, dando título, introdução, proposição, oração interrogativa, oração de transição, divisões principais, subdivisões e transições. Amplie o esboço usando os artifícios de retórica apresentados neste capítulo, a saber, interpretação, argumentação e citação. Formule as notas do sermão de maneira tão breve quanto possível.

6. Selecione seu próprio texto e prepare um esboço textual dele para uma mensagem apropriada ao primeiro domingo do Ano-novo. Siga as mesmas instruções para o exercício 5 na elaboração e desenvolvimento do esboço.

7. Selecione uma passagem mais ou menos extensa sobre o assunto da oração e prepare um sermão expositivo de desafio à oração. Siga o mesmo método empregado no exercício 5 quanto ao preparo e desenvolvimento do sermão.

10

As Ilustrações

Definição de Ilustração

Tem-se dito com freqüência que a ilustração é para o sermão o que a janela é para a casa. Assim como a janela permite a entrada da luz, a boa ilustração possibilita o esclarecimento da mensagem.

O próprio significado da palavra "ilustrar" é: tornar claro mediante um exemplo ou exemplos. Portanto, *ilustração é o meio pelo qual se lança luz sobre um sermão através de um exemplo.* É a representação de uma cena, ou a descrição de uma pessoa ou incidente, com o fim de iluminar o conteúdo de uma mensagem, ajudando o ouvinte a compreender as verdades que o pregador proclama.

A ilustração pode tomar várias formas. Pode ser uma parábola, uma analogia, uma alegoria, uma história (incluindo-se a fábula ou anedota), um relato de uma experiência pessoal, um acontecimento histórico, ou um incidente biográfico. Como já mencionamos no capítulo anterior, a ilustração pode também ser inventada ou construída a partir da própria imaginação da pessoa.

O Valor das Ilustrações

É preciso encarecer o fato de que o componente mais importante do sermão não é a ilustração, mas a explanação do texto. A parte mais importante da mensagem é a interpretação, que deve levar o peso do sermão. As ilustrações, por mais vívidas ou interessantes que sejam, têm importância secundária. Mas o homem que tem uma mensagem dada por Deus e um desejo ardente de torná-la clara ao seu povo, fará tudo ao seu alcance para descobrir e usar ilustrações que tornem seu sermão interessante e atraente. Vale a pena, pois, salientar alguns valores das boas ilustrações.

1. Dão clareza ao sermão.

A verdade bíblica é, às vezes, tão profunda, que o pregador, por mais que se esforce em explicá-la, seu povo não conseguirá compreendê-la até que a coloque em forma de retrato falado. Isso está precisamente de acordo com a definição de ilustração que, como já observamos, serve para elucidar o significado por meio de um exemplo. O próprio Senhor Jesus, a fim de explicar a bendita e profunda verdade de nossa união com ele, usou a simples analogia da videira e dos ramos.

2. Tornam o sermão interessante.

A falha de muitos sermões não está no seu conteúdo doutrinário, mas no peso ou monotonia com que a verdade é apresentada. A mensagem pode ser árida e sem interesse ao ponto de o ouvinte ter dificuldade em prestar-lhe a devida atenção. O pregador deve ter em mente que o ouvinte médio só é capaz de atenção continuada por tempo limitado; e, a menos que introduza na mensagem algo interessante e desafiador, a mente dele logo começará a divagar. As boas ilustrações relaxam a mente, despertam a atenção, dão vida à mensagem e preparam o ouvinte para o que se há de seguir.

Portanto, o pregador deve usar ilustrações de tal modo interessantes que desfaçam de imediato toda tendência à desatenção da parte do auditório. Ilustrações atraentes e convidativas podem ser colhidas de muitas fontes, e o pregador precisa estar constantemente alerta a exemplos novos e antigos, capazes de tornar seus sermões mais eficazes.

A ilustração seguinte, que vem do século passado, tem uma aplicação oportuna hoje:

> Um renomado pregador cavalgava ao lado de um cocheiro que já havia sido um profissional, mas perdera tudo por causa da bebida. Durante o percurso, o cocheiro pediu ajuda ao ministro. Depois de falar a respeito do problema, o bom homem perguntou: "Amigo, se os seus cavalos disparassem, mesmo depois de você ter usado todos os meios possíveis para detê-los, o que faria se, de repente, descobrisse estar ao seu lado alguém que soubesse exatamente como controlá-los e salvá-los do desastre?" Sem hesitar um instante, o cocheiro respondeu: "Entregaria a ele as rédeas." O pregador disse-lhe, então, que o Senhor Jesus estava

disposto a tomar o controle de sua vida, contanto que ele lhe entregasse as rédeas.

Entre as ilustrações que prendem a atenção encontram-se histórias a respeito de crianças inocentes, com seus ditos às vezes humorísticos e repletos de interesse humano.

Podemos colher valiosas lições dos atos ou afirmativas dos pequeninos, e muitas são as ocasiões de usá-las como ilustração. A experiência de uma professora de Escola Bíblica Dominical é uma amostra do que estamos dizendo:

> Dramática e habilmente a professora contava a história de Abraão e de sua obediência ao preparar-se para sacrificar Isaque, seu filho. Perto do clímax da história, a professora descreveu os detalhes com tanta clareza que uma das crianças implorou nervosamente. "Por favor, não prossiga! Esta história é terrível demais!" Nesse momento uma garotinha, sentada à sua frente, exclamou: "Não seja boba, Maria, esta é uma das histórias de Deus, e as histórias dele sempre acabam bem no final!" Que grande verdade estas palavras contêm, pois Deus sempre faz que tudo dê certo no final para aqueles que pertencem a ele, pois "sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que o amam".

A surpresa é outro fator que torna uma ilustração interessante. O incidente seguinte, ocorrido na vida de D. L. Moody, servirá como exemplo:

> Depois de apresentar um sermão num culto evangelístico, Moody, ao ser indagado a respeito da reunião, respondeu que duas pessoas e meia haviam-se convertido naquela noite. Surpreso com a resposta, o outro quis saber o que o evangelista pretendia dizer. "Foram salvas duas crianças e um adulto", disse, e a seguir explicou: Cada uma das crianças tinha ainda uma vida toda para oferecer a Cristo, enquanto o adulto já havia gasto metade da sua e só tinha a outra metade para servir ao Senhor.

3. *Dão viveza à verdade.*

A única parte da mensagem que algumas pessoas guardam na lembrança é a ilustração, pois esta impressiona a mente pela força

dos quadros que retrata, nos quais coisas complexas ficam claras, e fatos monótonos e abstratos são transformados em verdades vivas, fazendo as pessoas verem mediante a imagem verbal, o que doutra forma não compreenderiam com clareza. Por exemplo, alguém pode falar sobre os males da desonestidade, mas quando ilustra o assunto com a história da trapaça de Acã e de suas terríveis conseqüências, registrada no capítulo 7 de Josué, a lição torna-se muito mais clara. Quão importante é observar que "Acã" significa "dificuldade" e, como o seu próprio nome indica, trouxe dificuldades sobre si mesmo, sobre sua família e sobre toda a congregação de Israel com o seu pecado.

Em vez de uma narrativa bíblica, o pregador pode apresentar uma história como a que segue:

> Conta-se que certa vez um monarca oriental chamou um dos seus amigos, que era construtor, e disse-lhe: "Amigo, construa-me uma casa. O que for necessário — trabalhadores, dinheiro, material, tempo, ferramentas — tudo o de que precisar, dar-lhe-ei. Vá, construa-me uma casa." Será que alguém já teve uma oportunidade como esta, sem limite de tempo ou de dinheiro? O construtor estava livre para fazer o que quisesse. Ele poderia ter usado o melhor material disponível e a melhor mão-de-obra. Logo teve início a construção do que parecia uma casa magnífica. O construtor, porém, fez um trabalho medíocre e relaxado. Economizou aqui e ali, usando material barato e de qualidade inferior. Falhou em dar o melhor que tinha para a casa do rei. Finalmente, a casa ficou pronta. Tudo o que mostrasse as falhas foi, de alguma maneira, encoberto. Chegou o grande dia em que, com pompa e cerimônia, o rei foi ver a sua nova casa. Terminada a visita de inspeção, o rei voltou-se para seu amigo construtor e disse: "Vê esta casa? Eu lha dou de presente. Eis a chave. Ela agora é toda sua."

4. *Dão ênfase à verdade.*

Em várias ocasiões o pregador precisa demonstrar a importância de uma verdade. Ele pode fazê-lo enfatizando seu significado, expressando-a em termos vigorosos ou repetindo-a de outro modo. Uma boa ilustração é outro meio de ressaltar uma verdade. Ao mostrar um exemplo específico, a ilustração esclarece a lição

que o pregador procura ensinar. Com efeito, quanto mais a propósito for o quadro verbal, tanto maior será a ênfase.

Por exemplo, se o ministro estiver procurando transmitir a seu povo a importância das reuniões do domingo de manhã e também da noite, a seguinte história, contada por um jovenzinho, sem dúvida terá peso maior do que uma exortação:

> "No domingo passado à noite eu queria ir à igreja. Um amigo meu foi ao cinema e convidou-me para ir com ele; achei que não devia ir, e fui à igreja. Procurei meu professor de escola dominical, mas ele não estava lá. Esperava ver dois diáconos, aos quais respeito muito, mas não se encontravam lá. Procurei também pela professora de escola dominical de minha mãe, que nos visitou certo dia, mas também ela não estava lá. Minha impressão é que eles não acham realmente importante ir à igreja no domingo."

A seguinte história, se contada durante uma mensagem sobre temperança, é também muito mais eficaz do que mil palavras de admoestação ou precaução a respeito dos males da bebida:

> Quatro jovens morreram num acidente automobilístico causado pela bebida alcoólica. O pai de uma das vítimas, ao receber a notícia da morte da filha, chocado pela dor, exclamou: "Vou matar o dono do bar que vendeu a bebida." Indo, porém, ao seu próprio armário onde guardava bebidas, encontrou um bilhete escrito pela filha, que dizia: "Papai, levamos um pouco de bebida. Estamos certos de que o senhor não se importará."

Princípios a Observar no Uso das Ilustrações

1. *Usar ilustrações apropriadas.*

Segundo a etimologia da palavra, a ilustração deve elucidar ou esclarecer. Se ela não levar a uma melhor compreensão do ponto que está sendo apresentado, ou se a própria ilustração não for clara, seria melhor omiti-la. De outra forma, a ilustração tenderá a desviar a atenção do povo. Uma ilustração apropriada, porém, introduzida na hora oportuna e contada da maneira correta, é um meio muitíssimo eficaz de esclarecer um texto ou uma verdade, e criar interesse. Se, por exemplo, o pregador está falando da suficiência da graça de Deus para o perdão dos pecados, ele pode

citar versículos como 2 Coríntios 5:20-21 e Efésios 1:7. Quão oportuno, então, apresentar uma ilustração como a que segue:

> Certo incrédulo, zombando de um ministro que foi visitar um moribundo de péssima reputação, disse-lhe: "Pode uma hora de arrependimento expiar toda uma vida de pecado?" "Não", disse o homem de Deus, "mas o sangue de Jesus Cristo pode."

2. Usar ilustrações claras.

Como já aprendemos, o significado básico da palavra "ilustrar" é tornar claro ou óbvio. Uma história ou incidente contado durante o sermão com o objetivo de aumentar o entendimento de alguma verdade, perde o seu propósito se não explanar nem esclarecer. Em tais circunstâncias, embora a ilustração seja importante ou interessante, deve ser omitida. Mas um exemplo claro, bem escolhido e que contribui para a compreensão da verdade, pode aumentar sobremodo o valor da mensagem.

> No dia 25 de janeiro de 1981, apareceu um breve trecho nos jornais dos Estados Unidos. Simplesmente afirmava que o Instituto de Lingüística de Verão havia rejeitado as exigências de guerrilheiros colombianos que ameaçavam assassinar o missionário Chester Bitterman a quem haviam seqüestrado, se o Instituto não pusesse fim à operação colombiana até o dia 9 de fevereiro. Logo depois desta notícia aparecer nos jornais, Bernie May, Diretor dos Tradutores da Bíblia Wycliffe nos Estados Unidos, conclamou o povo à oração, usando mais ou menos estas palavras:
>
> "A organização Wycliffe tem por praxe não pagar resgate. É parte do risco (que não é senão outra palavra para fé) que todos nós corremos. Confiamos em que Deus fará que todas as coisas cooperem para o bem. . .
>
> "Chester sabia que ao unir-se à organização Wycliffe corria esse risco. Mas seguir a Cristo é arriscado — para todos nós. A pessoa que segue ao Senhor com a vida toda invariavelmente chegará à sombra da cruz. É inevitável. Mas a promessa de uma ceifa de justiça também é inevitável. Por isso lhes peço que se unam a mim em oração pela família Bitterman. Peço também que reexaminem sua própria dedicação a Cristo. É imprescindível que, no trajeto do Getsêmani ao Calvário, saibamos quem somos e onde pisamos quando as

tochas acenderem no jardim à meia-noite."

Algumas semanas depois deste apelo ao mundo cristão, Chester Bitterman foi morto a tiros pelos seus seqüestradores.

Se um dos alvos de nossa mensagem for desafiar o povo a consagrar-se a Cristo, certamente um acontecimento como esse será um apelo claro a um compromisso com nosso Senhor.

3. Usar ilustrações críveis.

Ilustrações exageradas só trarão descrédito ao ministério e levarão o povo a acreditar que o pregador tem tendências ao exagero e é crédulo o suficiente para acreditar no que não é digno de fé. Ainda que a narrativa ou o acontecimento seja real, mas por algum motivo pareça incrível, o pregador deve evitar empregá-la num sermão. A ilustração, para ter valor, deve ser fiel à vida. Deve conter todas as marcas da verdade e realidade.

Às vezes pode-se usar como ilustração um fato que pareça incrível, particularmente quando provém do campo da ciência ou da história natural, desde que o pregador consiga apresentar provas suficientes da sua exatidão.

4. Usar ilustrações exatas.

A ilustração que vale a pena ser apresentada, vale a pena ser bem apresentada. Em regra geral, não deve ser lida. Como o sermão, a ilustração lida perde sua força. Portanto, ao usar uma ilustração, o pregador deve conhecer muito bem os detalhes, ao ponto de relatá-los de memória com exatidão. Se ele se esquecer de um detalhe ou omitir uma ou duas partes essenciais, pode arruinar a ilustração.

Casos existem, contudo, em que a ilustração contém tantos detalhes que o pregador não consegue lembrar-se de todos. Observe este exemplo apresentado pelo Dr. M. R. DeHaan, que desistiu da carreira de médico a fim de entrar para o ministério.

> Que potencialidades se encontram em nossos corpos. Se você for uma pessoa de tamanho médio, realiza em *cada 24 horas* as seguintes funções: Seu coração bate 103.689 vezes; o sangue percorre 270.144.000 quilômetros. Você respira 23.040 vezes; inspira 12,50 metros cúbicos de ar. Você come cerca de 2 quilos de alimento e bebe 1 litro e meio de líquidos; transpira cerca de 1 litro de suor; o corpo mantém uma temperatura cons-

tante de 37 graus em todas as condições atmosféricas. Você gera 450 pés toneladas de energia; profere 4800 palavras (os homens), movimenta e usa mais de 700 músculos, usa 7.000.000 de células cerebrais, e caminha 11 quilômetros (só as mulheres em casa — os homens vão de carro). E esse corpo pertence a Deus. E que parte dessa atividade é dedicada ao Senhor? Certamente que esse corpo maravilhosamente criado deve ser dedicado a seu maravilhoso Criador. Faça dele um presente a Deus hoje.

A exatidão também requer que se conte a ilustração com fidelidade. A honestidade é absolutamente essencial. Não se deve fazer nenhuma afirmativa falsa (com a única exceção explicada no capítulo 9 sob "imaginação"). Não se deve distorcer os fatos nem exagerá-los. O pregador que faz declarações falsas logo arruinará seu ministério, e sua congregação passará a não confiar nele.

5. Em regra geral, usar ilustrações breves.

A ilustração não deve ter tanta proeminência que roube o poder da mensagem. Afinal de contas, a finalidade principal da ilustração é esclarecer. Portanto, em regra geral, elas não devem ser longas. Com efeito, alguns quadros mentais são mais eficazes quando apresentados concisamente. Mas, se for necessário usar uma ilustração longa em certa parte do sermão, seria aconselhável relegar ao mínimo outras ilustrações na mesma mensagem.

6. Usar discriminação na seleção de ilustrações.

Não se deve usar ilustrações indiscriminadamente. O bizarro e grotesco não tem lugar na pregação. Se o pregador o usar, expor-se-á à acusação de frivolidade, vulgaridade ou irreverência — faltas que jamais devem ser atiradas à porta do ministro do evangelho.

Devemos ter cuidado não só quanto ao caráter das ilustrações, mas também quanto ao seu número em qualquer mensagem. O ministro que usa ilustrações demais pode ser chamado de "contador de histórias". Mas, se o objetivo principal do pregador for pregar a Palavra, ele introduzirá ilustrações somente para tornar o texto mais inteligível e proporcionar uma melhor compreensão da verdade.

Quanto à proporção das ilustrações empregadas no corpo do

sermão, em geral uma ilustração em cada divisão principal é suficiente. Às vezes convém usar mais de um exemplo num dos pontos principais, mas se todas as ilustrações de um sermão de três ou quatro divisões principais se concentrassem, digamos, na primeira divisão principal, teríamos aí, é claro, um uso desproporcional.

Além de escolher bem as suas ilustrações, o pregador deve certificar-se também de que sejam empregadas com variedade. Como sugerimos em capítulo anterior, deve haver diversidade nos tipos e fontes de ilustrações, evitando-se assim a monotonia e tornando-as eficazes.

Acúmulo de Ilustrações

O bom ministro sabe quão imprudente é repetir as ilustrações para o mesmo auditório, a não ser em raras circunstâncias. A fim de evitar isso, é necessário constantemente produzir novas ilustrações. Mas ilustrações oportunas e interessantes não são fáceis de encontrar. Em vez de procurar uma ilustração nos livros, é melhor colecionar material com algo de valor, que possa ser usado em sermões futuros. Por exemplo, a história seguinte foi encontrada na última página do boletim informativo de uma igreja.

> Certo homem, viajando por um país estranho, descobriu que seu destino encontrava-se no fim de uma trilha montanhosa e difícil. A viagem era perigosa, e ele precisaria de um bom guia a fim de chegar a salvo.
>
> Um guia ofereceu-se para levar o homem. Antes de contratá-lo, o viajante perguntou:
>
> — Você já esteve na aldeia para onde vou?
>
> O guia respondeu:
>
> — Não, mas já fui até à metade do caminho, e já ouvi muitos amigos descreverem o restante do percurso.
>
> —Bem—, respondeu o viajante, — você não serve para ser meu guia.
>
> O viajante entrevistou outro, e de novo fez a pergunta:
>
> — Você já foi à aldeia a que me dirijo?
>
> Este guia respondeu:
>
> — Não, mas já vi a aldeia do topo de uma montanha.
>
> — Você não serve para ser meu guia —, respondeu o homem.
>
> Um terceiro guia ofereceu os seus préstimos ao

viajante, e este lhe fez a mesma pergunta dirigida aos dois anteriores.

— Senhor —, respondeu o terceiro guia — eu moro naquela aldeia.

Jesus disse: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim."

Às vezes, num momento de iluminação, vem uma idéia admirável à mente do pregador. Se ele não a anotar imediatamente, poderá perdê-la para sempre. A leitura diária do ministro, suas visitas cotidianas e seus contatos com as pessoas, bem como o estudo pessoal das Escrituras, sugerirão ilustrações eficazes. Com o passar do tempo a pessoa adquire tal atitude de alerta, que as idéias importantes quase se chocam com ele, vindas de todos os lados. Se, pois, ele preservar esse material de modo metódico, possuirá uma valiosa reserva da qual poderá servir-se toda vez que precisar de uma ilustração apropriada.

Para que essa coleção de material esteja prontamente disponível, o pregador deve possuir um sistema de arquivo simples, mas adequado. Um método prático e eficaz de arquivar requer dois conjuntos de classificadores. Um conjunto será o arquivo textual, e consistirá numa série de classificadores dispostos de acordo com a ordem dos livros da Bíblia — um classificador para cada livro. O outro conjunto será um arquivo temático, e consistirá numa série de classificadores por temas — um para cada tema. A seguir, apresento uma relação de temas para o arquivo.

Aborto
Adolescência
Adventismo, Sétimo Dia
Amor
Ano-novo
Apologética
Arqueologia
Batismo
Bíblia, Palavra de Deus
Casamento
Catolicismo Romano
Ceia do Senhor
Céu
Comunismo
Consagração
Consolo
Conversão
Cristo, Milagres
Cristo, Nascimento Virginal
Cristo, Pessoa
Cristo, Pureza
Cristo, Ressurreição e Ascensão
Cristo, Sangue de
Cristo, Segunda Vinda
Culto
Denominações
Deus
Dízimo

Domingo
Educação
Escola Dominical
Espírito Santo
Ética
Evangelização
Evolução
Existencialismo
Expiação
Falar em Público
Fé — Confiança — Crença
Funerais
Geografia Bíblica
Graças Cristãs
Hinologia
Homilética
Humanismo
Humildade
Igreja — Crentes
Igreja — História
Igreja — Supervisão
Inferno
Israel e Judeus
Juventude
Lar
Lei
Louvor
Missões
Modernismo
Mordomia
Mormonismo
Morte
Mundanismo
Natal
Nova Ortodoxia
Oração
Páscoa
Pecado
Profecia
Psicologia
Reavivamento
Redenção
Religiões
Salvação
Santificação
Satanás
Segurança Eterna
Seitas
Temperança
Testemunhas de Jeová

Exercícios

1. Diga que tipo de ilustração você usaria para os textos seguintes:

(1) "O salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23).
(2) "Convém que ele cresça e que eu diminua" (João 3:30).
(3) "Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome" (Salmo 23:3).
(4) "Abençoai os que vos perseguem" (Romanos 12:14).
(5) "Eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande" (Gênesis 15:1).
(6) "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus" (Mateus 5:8).

(7) "Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto" (Isaías 55:6).

2. Usando sua imaginação, crie uma ilustração para os seguintes assuntos:

(1) Um vaso para honra.
(2) Um filho obediente.
(3) Um culto idólatra.
(4) Diligência no estudo.
(5) Um escravo perante o seu senhor.
(6) Desapontamento.
(7) Implorar persistente.

3. Procure dois exemplos bíblicos que ilustrem o seguinte:
(1) Uma manifestação de mansidão.
(2) Uma ação precipitada.
(3) Alegria em meio à tribulação.
(4) Uma atitude de ódio.
(5) Um servo fiel.
(6) Uma mulher diligente no serviço aos outros.
(7) Uma expressão de amabilidade.
(8) Uma atitude egoísta.
(9) Um espírito de perdão.
(10) Uma promessa errada.
(11) O amor do dinheiro.
(12) Resistência à tentação.
(13) Um ato de covardia.
(14) A loucura do mundanismo.

4. Narre duas ilustrações tiradas da Bíblia e duas extraídas de fonte secular, mostrando que a justiça divina pode tardar, mas jamais falha.

5. Dê quatro ilustrações — duas bíblicas e duas seculares — para as seguintes ocasiões:

(1) Um culto de ceia.
(2) Um culto de Páscoa.
(3) Um culto de Natal.
(4) Uma reunião missionária.
(5) Um culto evangelístico.

6. Selecione três esboços temáticos do capítulo 1 e prepare duas ilustrações para cada um.

7. Se você ainda não tem um fichário, adquira um e dê início a um sistema de arquivo. Prepare dois conjuntos de arquivos — um temático e outro textual — como sugerido neste capítulo, e comece a colher material para uso futuro.

8. As seguintes histórias foram extraídas de jornais. Mostre o modo de usá-las como material ilustrativo.

> O diário da cidade de Milwaukee, estado de Wisconsin, no dia 10 de agosto de 1965 relatou a prisão de onze meninos de 12 a 17 anos de idade, que faziam parte de um grupo de assaltantes acusados de roubar grande quantidade de objetos valiosos de casas e garagens na região noroeste de Milwaukee. Com exceção de um, os meninos vinham de "bons lares", e pelo menos dois eram jornaleiros. Suas vítimas estavam de férias, e eles arrombavam as casas bem cedo de manhã. Segundo a polícia, os meninos roubavam tudo o que pudessem carregar. Roubaram até uma coleção de moedas no valor de 1.200 dólares, mas quando foram apreendidos, os rapazes já haviam comprado guloseimas com algumas das valiosas moedas.
>
> No dia 13 de agosto de 1965 apareceu um artigo no diário de Milwaukee referente ao desastre ocorrido no depósito de míssil Titan 2, em Searcy, no estado de Arkansas, no qual cerca de 50 homens perderam a vida durante a explosão e o incêndio que se seguiu no depósito subterrâneo. O artigo afirmava que o Secretário da Força Aérea informou ao Presidente dos Estados Unidos que algumas das vítimas podem ter perdido a vida porque uma das escadas de incêndio foi bloqueada de modo muito estranho. Parece que, numa tentativa desesperada de escapar, dois homens se imprensaram numa área restrita da escada, bloqueando assim o único modo de escape para os outros que tentavam segui-los.

9. Leia o jornal diário local cinco dias sucessivos e selecione dois artigos úteis como material ilustrativo. Arquive esses artigos no lugar apropriado.

11

A Aplicação

Definição de Aplicação

A aplicação é um dos elementos mais importantes do sermão. Mediante esse processo, apresentamos ao ouvinte as reivindicações da Palavra de Deus, a fim de obter sua reação favorável à mensagem. Quando adequadamente empregada, a aplicação mostra a pertinência dos ensinos da Bíblia à vida diária da pessoa, tornando aplicáveis a ela as mensagens da revelação cristã. O tipo de reação que buscamos depende, contudo, do propósito da mensagem. Num caso, a reação desejada pode ser uma mudança de atitude; noutro, uma decisão para agir, e ainda, noutro, mera aquiescência à verdade que o pregador proclama.

A aplicação, muitas vezes, é descrita nos livros de homilética como o processo mediante o qual o pregador procura persuadir os ouvintes a reagirem à verdade divinamente revelada. Esta definição contém um perigo sutil. O homem, ao presumir que as verdades do seu sermão aplicam-se somente ao seu auditório, pode correr o risco de colocar-se num pedestal. Tal atitude pode dar a impressão de que o ministro está pregando contra seus ouvintes, e, se estes chegam a essa conclusão, predispõem-se contra o pregador.

É muito melhor o ministro aplicar as verdades da mensagem a si mesmo e também ao povo. Ele deve deixar claro que também pode precisar de admoestação, reprovação ou exortação e isso fará que os ouvintes vejam o ministro ao nível deles, também possuindo necessidades espirituais, fraquezas humanas e paixões semelhantes às do povo.

Portanto, definimos a aplicação como o processo retórico mediante o qual se aplica direta e pessoalmente a verdade ao indivíduo, a fim de persuadi-lo a reagir de modo favorável. Esta definição abarca tanto o pregador como os ouvintes.

A Hora de Fazer-se a Aplicação

A hora de fazer-se a aplicação deve ser determinada pelo conteúdo da mensagem. Em regra geral, faz-se a aplicação depois da apresentação de cada verdade espiritual. Isso significa entrelaçar o apelo com todo o sermão, e aplicar as verdades durante o desenvolvimento da discussão.

Ocasiões há, porém, em que é bom fazer a aplicação no final de cada subdivisão ou no fim de cada divisão principal. Por outro lado, há momentos em que a aplicação pode vir antes dos outros processos retóricos, a saber: antes da argumentação, da citação e da ilustração, mas raramente deve preceder a explanação.

Em alguns casos é melhor omitir o apelo do corpo do sermão e deixar o impacto pessoal para o fim da apresentação. Isso é especialmente válido com referência ao argumento lógico, onde cada parte está incompleta até sua total apresentação. Inserir algum tipo de aplicação muito cedo prejudicará a discussão e enfraquecerá o clímax do argumento. Os sermões evangelísticos, em geral, pertencem a essa categoria.

No caso do sermão expositivo, que necessariamente exige grande quantidade de exegese, se as verdades expostas não forem aplicadas enquanto o sermão progride, haverá a tendência do discurso tornar-se pesado e difícil para o ouvinte médio acompanhá-lo. Seria melhor, portanto, aplicar as verdades durante o desenvolvimento do sermão, ponto por ponto.

Outro fator ao qual devemos estar atentos é o tempo dedicado à aplicação. Como já mencionamos, o principiante muitas vezes é tentado a dedicar tempo demasiado ao reforço da verdade, esquecendo-se de que sua responsabilidade maior é interpretar a Palavra de Deus de modo tão claro que todos a compreendam. Às vezes as lições tiradas da Escritura são tão óbvias que a aplicação formal é totalmente desnecessária. O pregador precisa atingir um meio-termo entre aplicação de mais e de menos. Contudo, sempre que for necessária a aplicação prática, o pregador não deve deixar de fazê-la.

Requisitos Indispensáveis à Aplicação Eficaz

Embora alguns ministros elucidem claramente o texto e dêem a suas congregações uma compreensão nítida, ainda assim alguns jamais percebem a necessidade de relacionar a verdade com o povo. É dever do pastor ligar as passagens bíblicas às pessoas de

forma tal que estas percebam como as verdades aplicam-se às suas vidas. Porém, para que o pregador possa tomar as verdades da revelação divina e relacioná-las às necessidades, pecados e problemas do seu povo, primeiro ele tem de possuir certos requisitos indispensáveis.

Examinemos, pois, seis desses principais requisitos para uma aplicação eficaz.

1. *É de vital importância que o pregador viva em comunhão com Deus.*

A pregação que aquece o coração e desperta a consciência não nasce na fria atmosfera do intelectualismo, mas na comunhão íntima e contínua com o Senhor. À semelhança do apóstolo João, o pregador deve aproximar-se do coração de Jesus até que o brilho do seu grande coração lhe encha o ser e irradie através de sua personalidade.

Entretanto, nesta era atarefada e exigente, em que o pastor se encontra sob a pressão de múltiplas obrigações, uma das coisas mais difíceis é achar tempo para alimentar sua própria alma. Nós, portanto, precisamos de dar ouvidos ao conselho de Handley C. G. Moule aos irmãos mais jovens de ministério: "Cuidem-se para que preocupação alguma com as coisas pastorais os façam esquecer a necessidade suprema de retirar da plenitude de Cristo e dos tesouros de sua Palavra alimento para sua própria alma e vida, como se essa fosse a única alma e vida em existência."

É na calma e quietude do encontro do pregador com Deus que o Senhor o modela, transformando gradualmente o seu caráter para conformar-se à imagem do Mestre. Como escreveu o apóstolo Paulo: "E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Coríntios 3:18). A comunhão íntima com Cristo também criará uma atitude gentil, graciosa e sadia do pregador para com o povo. O objetivo do seu ministério não será dirigi-los como a um bando de animais, mas liderá-los e edificá-los até "que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura do corpo de Cristo" (Efésios 4:13).

Não há substituto para uma vida e caráter santos. Pregar a verdade, mas falhar em vivê-la, jamais causará boa impressão a ninguém; mas uma vida santa, manifestada em interesse amoroso para com os outros, é o melhor sermão que o pregador pode apre-

sentar. É por isso que Paulo admoestou a Timóteo, dizendo: "Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te o padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza" (1 Timóteo 4:12). Uma vida exemplar não é resultado de desejos, sonhos, nem é produto de uma semana, mês ou ano. A vida santa e o caráter santo só acontecem mediante um longo processo de aplicação assídua das leis do crescimento espiritual, e do cultivo diligente da comunhão diária com Cristo. Não importa o preço. O ministro que aplica as Escrituras às necessidades da hora presente, deve disciplinar-se no sentido de separar tempo para esse exercício santo. Somente assim ele poderá falar do Senhor, no Senhor e pelo Senhor, e poderá trabalhar com eficiência no alívio das necessidades espirituais dos homens.

2. *A fim de ter êxito em relacionar a Bíblia com o presente, o homem de Deus deve possuir boa educação formal.*

É essencial que o pastor tenha bom preparo acadêmico, e conhecimento tanto das Escrituras como dos assuntos humanos. Deve possuir uma base sólida de conhecimentos gerais e uma compreensão completa das Escrituras e doutrinas. Ele não apenas deve receber bom preparo escolar, mas também deve manter-se em dia com os acontecimentos correntes. Ele precisa ler muito. Na sua leitura ele incluirá livros seculares e religiosos. Deve ainda estar a par das tendências e movimentos teológicos correntes e de outros movimentos que afetem a vida e serviço dos membros da sua igreja. Além disso, precisa estar sempre atento ao pensamento do homem da rua, conforme expresso e refletido nos periódicos e nos jornais diários.

Se o ministro quiser aplicar a verdade eficazmente à sua congregação, compete-lhe ser um estudante diligente da Palavra de Deus. Não basta o homem ter uma fé piedosa, um sadio preparo acadêmico e bíblico, e bom conhecimento de homilética. Se o mensageiro de Deus depender somente dessas coisas, ele não conseguirá manter um ministério de pregação bom e eficaz. Uma de suas funções principais é conhecer as Escrituras mais e mais, para que possa explaná-las ao povo. Isso ele só poderá realizar mediante esforço concentrado, meditação prolongada e aplicação constante. À semelhança de Esdras, ele deve estar decidido a conhecer os oráculos sagrados e não permitir que nada tenha precedência sobre as horas de seu estudo.

3. *Outra qualificação que o pregador deve possuir, se deseja aplicar a verdade eficazmente, é uma compreensão da natureza humana.*

Sempre que alguém se dirige a uma congregação, encara um grupo de pessoas com problemas espirituais, emocionais e pessoais. Essas pessoas também se encontram em diferentes estados de maturidade espiritual e emocional, bem como em diversas fases de maturidade física e intelectual.

É muitíssimo importante que o pregador compreenda a natureza humana, com suas muitas complexidades. Se ele quer ter êxito em convencer o povo, é preciso saber como persuadir as pessoas mediante a compreensão de suas variadas disposições, atitudes, ideais e interesses. Além disso, que seja bom observador dos instintos básicos humanos e de como estes se refletem no comportamento das pessoas. Ainda mais, ele precisa ter a capacidade de reconhecer as características gerais da maturidade. É claro, o próprio pregador tem de possuir uma personalidade bem equilibrada e íntegra.

O ministro também deve ter uma compreensão das necessidades das diferentes faixas etárias — as necessidades das crianças, dos adolescentes, dos jovens, dos solteiros, dos casais jovens, dos pais e dos mais idosos. É, pois, aconselhável fazer um curso de psicologia para se informar melhor das necessidades humanas e dos padrões de comportamento dos diferentes grupos etários.

4. *A fim de relacionar as verdades bíblicas com os problemas e circunstâncias do seu povo, é necessário que o ministro tenha conhecimento das condições e interesses dos membros da sua congregação.*

Paulo podia dizer aos cristãos de Filipos: "...vos trago no coração" (Filipenses 1:7), e assim, com esta atitude, suas cartas respiram o espírito de quem tinha vital interesse por eles. O servo do Senhor, ao ministrar a sua Palavra, tem de mostrar um interesse semelhante por sua igreja, e, ao visitar os seus membros, ele logo descobrirá as circunstâncias e condições que enfrentam.

O pastor sincero e dedicado, que se mantém em contato com os fardos e interesses da humanidade e, ao mesmo tempo, vive em comunhão íntima com Deus, poderá discernir nas Escrituras as verdades importantes para o povo a que procura ajudar.

A capacidade de ver esses relacionamentos vitais entre as necessidades do povo e a Bíblia aumentará, à medida que crescerem

as observações e o conhecimento do pregador com relação à natureza humana. Com efeito, se ele planejar sábia e piedosamente, em cada visita que fizer descobrirá as alegrias e as tristezas, as esperanças e os temores, os sucessos e os fracassos do povo. Tudo isso o ajudará na tarefa de procurar nas Escrituras as mensagens e as verdades aplicáveis às situações particulares dos membros de sua igreja.

5. *Outra qualificação do ministro que deseja comunicar as Escrituras com eficácia é falar com naturalidade.*

Não é nosso propósito neste livro tratar da entrega do sermão, mas, uma vez que muito depende da maneira como é apresentado, bem como do seu conteúdo, devemos estar especialmente atentos à comunicação oral da mensagem.

Por causa da pressão dos seus deveres e do zelo em proclamar a verdade divina, pode dar-se o caso de o pregador não estar cônscio da tensão sob a qual trabalha. O resultado dessa pressão contínua às vezes vem à tona quando ele se encontra no púlpito. Em vez de estar em sua melhor forma e falar de modo descontraído e gracioso, o pregador pode tornar-se tenso e excitado. Acontece, nesse caso, que a pregação parece forçada e a tendência é falar alto demais ou dar ênfase exagerada.

Ao falar dessa maneira, o mensageiro do evangelho estará inconscientemente forçando a si mesmo na entrega do sermão. Ao mesmo tempo, não importando quão ortodoxa ou importante seja sua mensagem, será difícil para os ouvintes prestar-lhe atenção.

Charles H. Spurgeon declarou certa vez que "a perfeição da pregação encontra-se no falar". Ele queria dizer que a maneira mais eficaz de pregar é por meio de um tom de voz de conversação normal, como se o pregador estivesse contando sua mensagem com a mesma naturalidade com que falaria se estivesse conversando com uma única pessoa.

Quando o pregador entrega a mensagem de modo natural, ele não apenas se sente à vontade, mas também é mais fácil para o auditório prestar-lhe atenção. Tal estilo de entrega também deixará o pregador livre de toda tendência a um desempenho formal ou artificial. Ele deve lembrar-se de que a congregação sempre prefere ouvir alguém que se apresente de modo natural.

Mas isso não quer dizer que a pregação do ministro deva ser destituída de animação. Pelo contrário, o deleite de partilhar a Palavra de Deus, particularmente as mensagens que inspiram o

povo, *deve proporcionar o estímulo que o pregador necessita* para falar com entusiasmo. Com efeito, o ânimo e a sinceridade na apresentação do sermão, e a própria expressão de seu rosto e olhos, mostrarão aos ouvintes que ele mesmo já experimentou a verdade que procura transmitir-lhes. Pois, em última instância, não existe eloqüência maior do que a que flui de um coração amoroso e sincero.

6. *Finalmente, para que o ministro consiga a reação correta à sua mensagem, ele deve depender inteiramente da operação do Espírito de Deus.*

Depois de tudo o que dissemos a respeito da aplicação, é preciso reconhecer que, em última análise, a persuasão é inteiramente obra da terceira Pessoa da Trindade. O ministro pode pregar a Palavra com a maior fidelidade, fazer o apelo com o maior fervor ou admoestar com a mais profunda solenidade, mas se o Espírito Santo não inspirar a mensagem e não vivificar os corações, o sermão, em si, nada realizará. Só o Espírito da verdade consegue despertar a consciência, mover a vontade, santificar a alma, escrever a lei de Deus no coração e gravar a imagem de Deus no caráter. Até o Senhor Jesus dependeu do Espírito de Deus para lhe dar poder nos dias de sua carne, pois ao iniciar o seu ministério, ele disse: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para. . . apregoar o ano aceitável do Senhor" (Lucas 4:18-19). Quão necessário é, pois, que o homem de Deus seja controlado pelo Espírito Santo de sorte que, ao assomar ao púlpito para proclamar a Palavra de Deus, o próprio Espírito conceda poder a cada palavra sua e opere eficazmente nos corações.

Tal pregação induzida pelo Espírito em geral vem associada à oração fervorosa. Os apóstolos disseram que se dedicariam à oração e ao ministério da palavra, e o livro dos Atos é o registro inspirado do que o Espírito Santo operou mediante esses homens de oração.

Antes do grande reavivamento ocorrido na Nova Inglaterra, na primavera de 1735, Jonathan Edwards dedicou-se três dias e três noites à súplica fervorosa. Caminhando pelo quarto, ele clamava constantemente a Deus: "Dá-me a Nova Inglaterra! Dá-me a Nova Inglaterra!" Na manhã do domingo seguinte, enquanto lia o sermão intitulado "Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado", o Espírito de Deus desceu com poder sobre a congregação. Homens e mulheres ficaram tão profundamente convencidos do pecado

que se agarravam aos bancos e às colunas do santuário, com medo de serem lançados no inferno nesse mesmo instante. Realizou-se naquele dia uma grande volta para Deus, e o reavivamento, iniciado naquela igreja, rapidamente se espalhou por toda a Nova Inglaterra.

Diz Tiago 5:16: "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo." Certamente, é esta a necessidade presente: apóstolos modernos, com as mesmas deficiências dos de antigamente mas, que, como eles, sejam homens de oração. Há necessidade de homens de Deus que, no secreto, se apoderem do seu poder de tal forma que, quando proclamarem a Palavra divina, ela saia com a unção e vivificação do poder do Espírito Santo.

Princípios Para a Aplicação da Verdade

1. Relacione o sermão aos problemas e necessidades humanas.

Já salientamos que o pregador, se quiser ter êxito na aplicação da verdade, tem de compreender a natureza humana e o padrão de comportamento das várias classes de indivíduos. Na comunicação da Palavra de Deus, é necessário não somente ter sensibilidade para com os problemas e necessidades fundamentais das pessoas, mas também saber relacionar o sermão às perplexidades e tentações que as assaltam diariamente. Devemos descobrir como o texto se aplica às condições do povo a que nos dirigimos.

Para ajudar o pregador jovem a descobrir a relação das Escrituras com às necessidades humanas, sugerimos-lhe fazer uma lista de traços humanos característicos e padrões de comportamento e tentar encontrar textos e também exemplos bíblicos que tratem deles. Com o auxílio de uma boa concordância, o estudante logo descobrirá na revelação divina uma fartura de material sobre problemas emocionais básicos, como sentimento de culpa, frustração, solidão, medo, ódio, ira, ciúme etc.; e quanto mais ele aprender do relacionamento entre o Livro e as necessidades dos homens, tanto mais poderá assisti-los corretamente.

Já afirmamos neste capítulo que o pregador tem a obrigação de tomar conhecimento das situações diárias, vividas pelos membros da sua congregação, e compreender seu modo de pensar. Se o pregador deseja relacionar o sermão com seus ouvintes, é preciso introduzir nele material capaz de produzir uma reação imediata no coração de seu auditório. Esse material tem de ser apropriado às situações vividas pelo povo.

2. *Use a imaginação de modo a dar vida às cenas e personagens bíblicos.*

Como vimos num capítulo anterior, a imaginação pode desempenhar papel importantíssimo no sermão. Isso se verifica particularmente na aplicação da verdade. Mas devemos sempre ter o cuidado de usá-la judiciosamente, de modo a não apresentar imagens mentais exageradas, inadequadas ou de mau gosto.

Observe na ilustração abaixo, que tem a finalidade de relacionar a Palavra de Deus com os problemas e necessidades dos membros da congregação, o uso da imaginação para comentar acerca de dois personagens bíblicos.

Suponha que estivéssemos pregando sobre Gênesis 45:1-15 e acabado de expor os versículos 4 a 8, estando agora prontos para fazer a aplicação. Podemos então prosseguir da seguinte forma:

> Que maravilhoso espírito de perdão teve José para com os irmãos! Pense nos anos de angústia mental e física que ele passou, tudo por causa da maldade e ódio dos irmãos, e, contudo, ele não proferiu uma palavra sequer de vingança ou dureza, nem guardou, tampouco, malícia ou amargura para com eles. Pelo contrário, José mostrou tão-só bondade e graça para com aqueles que o haviam maltratado tão profundamente. É verdade que nenhum de nós foi tão injustiçado como José, nem passou por situação semelhante à dele. Alguém já nos perdoou tanto quanto José perdoou a seus irmãos? Se somos cristãos, podemos deveras dizer: "Em Cristo, Deus perdoou" todas as coisas. Qual, pois, deve ser nossa atitude para com um irmão que nos tenha maltratado? Não resta dúvida. O motivo por que Deus transformou em bem todo o mal na vida de José é o fato de ele jamais guardar rancor ou amargura para com os responsáveis por tantos infortúnios. E o Senhor certamente transformará em bem todo o mal que possa nos advir da injustiça ou falta de amabilidade dos outros, se nós, à semelhança de José, mantivermos um espírito benevolente e perdoador para com aqueles que nos prejudicam.

Como segundo exemplo, escolhemos Hebreus 11:24-27. Nestes versículos descobrimos como Moisés, no Egito, foi tentado por

três engodos: honra, riquezas e prazeres, mas percebeu que, para ser um homem de Deus, tinha de voltar as costas a todos eles. Presumiremos já ter exposto o texto e mostrado como cada uma destas tentações foi apresentada a Moisés a fim de levá-lo para o mundo. Agora fazemos a aplicação:

> Vejam bem, nenhuma destas coisas apresentadas a Moisés era errada em si mesma. Deus quer que desfrutemos o respeito de nossos companheiros, que usemos os talentos para nosso benefício neste mundo e reservemos tempo para recreação e prazer. Mas quando uma destas coisas, perfeitas e legítimas em si mesmas, impede nossa inteira dedicação a Deus, então converte-se em mal. Avaliando as trivialidades passageiras do mundo em face da recompensa futura, Moisés tomou uma decisão. O melhor que o mundo pudesse oferecer-lhe era insignificante em comparação com o privilégio de andar com Deus e ser possuído por ele. Moisés viu que Deus queria dele, não o seu patrocínio, mas sua comunhão. Muitos crentes só dão a Deus a sua preferência — estão dispostos a contribuir para a igreja, apoiar missões e os missionários e servir em algum cargo na obra do Senhor. O que Deus deseja não é patrocínio — ele pode muito bem passar sem tal coisa — ele quer a nós. Ele deseja a nós — mente, coração e alma. Ele deseja nossa comunhão, mas como escreveu o apóstolo Paulo, deve ser "a comunhão dos seus sofrimentos".

3. *Empregue ilustrações que mostrem como a verdade pode ser aplicada à vida do povo nas lides diárias.*

O ministro prega a homens e mulheres, rapazes e moças que enfrentam as realidades da vida dia a dia. Encaram pressões, frustrações, tentações, problemas e dores de coração, e precisam ver como a Bíblia exerce influência prática sobre seus afazeres mediante ilustrações tiradas não só do texto bíblico, mas também das situações da vida.

As ilustrações, pois, tiradas do viver diário e usadas corretamente, podem exercer grande influência na vida dos ouvintes.

Veja o seguinte incidente, extraído de um sermão sobre Lucas 19:1-10, pregado por J. Vernon McGee, ex-pastor da Igreja da Porta Aberta em Los Ângeles, na Califórnia. O Dr. McGee

mencionou que quando Zaqueu se voltou para o Senhor, imediatamente se decidiu a fazer restituição das coisas que havia tirado dos outros. A seguir, o Dr. McGee citou uma carta datada de 2 de janeiro de 1900, escrita por Frank DeWitt Talmage ao Dr. R. A. Torrey, a qual o Dr. McGee encontrou por acaso enquanto remexia uns papéis na escrivaninha que pertencera ao Dr. Torrey. Tratava-se de uma confissão do Dr. Talmage. Eis um trecho da carta:

> Prezado Torrey,
>
> Hoje me encontro sob a sombra de dois pesares; primeiro, a morte do senhor Moody. Segundo, o fato de eu lhe ter feito uma grave injustiça...
>
> (Nesta altura, ele apresentava a confissão do seu erro, mas por causa da natureza pessoal da ofensa, o Dr. McGee não quis revelá-la.)
>
> Se, de alguma forma, eu puder retificar o erro, fá-lo-ei com alegria... Que o espírito gentil daquele que partiu me faça pregar o evangelho de amor mais e mais.
>
> Sinceramente pesaroso,
> Frank DeWitt Talmage.

A seguir, o Dr. McGee fez esta aplicação:

> Ao ler estas palavras esquecidas por meio século, vieram-me lágrimas aos olhos. Espantou-me perceber o quanto progredimos em 50 anos. Conservamos as tradições de fundamentalismo, mas quando vimos uma confissão assim tão doce, humilde e calma pela última vez? Parece que nós, dos círculos fundamentais, pensamos que se a cabeça do homem está no lugar certo, seus pés podem caminhar na direção que desejarem e ele ainda é filho de Deus. Meu amigo, quando a cabeça vai numa direção e os pés em outra, algo está radicalmente errado. Zaqueu não disse ser fundamentalista — não era preciso dizê-lo, ele o provou pelas suas obras.

4. *Tire do texto princípios universais aplicáveis em todas as épocas.*

Durante a exegese, verdades admiráveis que saltam do trecho bíblico em estudo parecem atacar o pregador. Sempre que essas verdades surgirem, o exegeta deve escrevê-las. Embora não as use todas no sermão em preparo, podem ser úteis numa ocasião posterior.

Eis cinco princípios que Charles R. Swindoll extraiu dos ensinos do Senhor sobre a ansiedade, em Mateus 6:25-34:

A ansiedade impede que desfrutemos o que possuímos.
A ansiedade nos faz esquecer nosso próprio valor.
A ansiedade apaga de nossa mente as promessas de Deus.
A ansiedade é uma característica dos pagãos, não dos crentes.

É fácil perceber que, mediante o uso de princípios fundamentais como estes, podemos relacionar o trecho bíblico escrito séculos atrás a pessoas de nosso tempo.

É claro, não basta apenas mencionar cada princípio à medida que prossigamos com o sermão. Sempre que necessário, devemos também discorrer sobre cada princípio ou expandi-lo.

Às vezes, um sermão com somente uma ou duas verdades universais é tão eficaz quanto um outro com mais, desde que tiremos tempo para ampliá-las ou apresentá-las corretamente.

Para ajudar ao principiante, damos abaixo seis princípios derivados do Salmo 23, um para cada versículo.

Todo crente pode corretamente dizer que o Senhor é seu guardião pessoal.
O Senhor dá descanso perfeito ao que confia nele.
Tenho um guia divino totalmente digno de confiança.
O Senhor está presente quando seu povo mais precisa dele.
O Senhor provê abundantemente para os seus, até mesmo em circunstâncias difíceis.
Por causa das promessas do Senhor, podemos confiar inteiramente nele para vencer o que temos pela frente.

Podemos não só extrair princípios de cada versículo, mas também tirar verdades permanentes de toda uma porção bíblica. As verdades seguintes foram tiradas do Salmo 23:

O crente que confia, tem a segurança do suprimento de cada necessidade por toda a vida.
Contemplar o interesse pessoal que o Senhor dedica a cada crente produz uma bendita segurança.

5. *Certifique-se de que cada aplicação esteja de acordo com a verdade bíblica.*

A aplicação correta da Bíblia depende da interpretação exata do texto. É por isso que devemos fazer todo o possível para compreender corretamente o trecho bíblico. Embora a exegese seja uma tarefa lenta e difícil, é de suma importância termos certeza do verdadeiro significado do texto, a fim de apresentá-lo. Enquanto não descobrirmos o significado correto da passagem não poderemos ter certeza se a aplicação que estamos fazendo segue a verdade do texto à nossa frente.

Certo aluno de instituto bíblico apresentou a afirmativa seguinte, baseada na narrativa de Marcos 16:1-4, referente às mulheres que foram ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus: "As mulheres foram ao sepulcro preparadas, levando especiarias, assim como nós devemos ir a Cristo preparados para aceitar sua vontade e domínio em nossas vidas."

Todo aquele que conhece o Evangelho de Marcos sabe que o estudante deixou por completo de compreender o significado do texto. Tivesse ele mencionado que as mulheres agiram com grande coragem e amorosa devoção, indo ao túmulo de madrugada a fim de ungir o corpo de Jesus, provavelmente não se teria desviado tanto na tentativa prática de fazer a aplicação do texto. Em vez de referir-se à necessidade de aceitar a vontade Cristo e seu senhorio em nossa vida, o jovem estudante da Bíblia poderia ter falado, antes, do fato de que, onde existe amor genuíno pelo Salvador, aí haverá provas desse amor mediante atos de devoção sacrificial a ele.

6. *Em geral, a aplicação deve ser específica ou definida.*

Muitas vezes os apelos são feitos em termos tão gerais, ou de maneira tão vaga ou indireta, que não conseguem transmitir à congregação a importância que têm. Isso, em geral, se deve à falta de objetividade do próprio sermão, ou, talvez, a um medo doentio que o pregador tem de ser acusado de fanatismo ou estreiteza mental.

Quão diferente foi a atitude de Paulo. Ele afirmou aos anciãos da igreja de Éfeso: "Porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus" (Atos 20:27), e aos tessalonicenses, com confiança asseverou: "Pois a nossa exortação não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo; pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos, não para que agrademos a homens, e,

sim, a Deus que prova os nossos corações" (1 Tessalonícenses 2:3-4). Tendo o grande apóstolo como exemplo, proclamemos a Palavra com santa ousadia e ao mesmo tempo com um espírito gentil e amoroso, de tal modo que indiquemos claramente a importância de suas verdades para os homens.

Uma das melhores maneiras de apresentar o apelo é mediante o uso de perguntas que tenham aplicação específica ao povo. Devemos ter cuidado, contudo, para que essas perguntas sejam feitas de maneira cortês e correta; e o pregador às vezes deve incluir-se em tais interrogações, empregando a primeira pessoa do plural.

Como exemplo de aplicação específica, usamos Josué 5:13-15, onde é descrita a visão que Josué teve do Senhor quando se encontrava em pé diante da cidade sitiada de Jericó. Ao ver Josué o homem com a espada nua na mão, perguntou: "És tu dos nossos, ou dos nossos adversários?" E o homem respondeu: "Não: sou príncipe do exército do Senhor, e acabo de chegar." O versículo 14 diz: "Então Josué se prostrou sobre o seu rosto na terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu Senhor ao seu servo?" Suponhamos que já expusemos o texto e agora estamos prontos para fazer a aplicação do efeito que a visão teve em Josué:

> Acontece sempre o mesmo quando o crente vê o Senhor. *A visão de nosso bendito Salvador nos coloca* em nosso lugar correto — no pó aos pés de Deus. É esta a nota principal do reino dos céus: "Ele deve crescer, e eu diminuir." Isso se verificou no caso de Josué, Jó, Isaías, Daniel, Paulo e João. Tem sido essa a nossa experiência? Tem ela sido nossa experiência hoje? Temos visto ao Senhor de novo? A prova certamente estará no estado de nossa alma na presença de Deus, e, à semelhança de Josué, nossa resposta há de ser: "Que diz meu Senhor ao seu servo?"

Kyle M. Yates, professor de Bíblia na Universidade de Baylor, na cidade de Waco, no estado do Texas, começou uma mensagem tirada de 1 Coríntios 13, sobre o "Comportamento do Amor", com uma série de perguntas. Observe como elas levam a atenção do ouvinte para a aplicação que o texto tem à sua vida diária:

> "Qual é seu proceder na vida diária? É você tido como crente pelo pastor, vizinho, pai ou mãe, filhos, esposa ou marido? Seria uma tragédia se algumas destas pessoas

> dessem uma resposta negativa. Honestamente, qual é sua resposta a esta pergunta? Você realmente crê que seu procedimento prova que você é crente? Esta é uma pergunta de importância transcendental.
>
> Paulo vem em nosso socorro e, em 1 Coríntios 13:4-7, apresenta um quadro definido e claro do crente. Não há como perdermos a mensagem nem o veredicto: o ingrediente essencial da vida do crente é o amor."

Stephen F. Olford, pastor da Igreja Batista do Calvário, da cidade de Nova York, apresenta um sermão intitulado "Permanecendo em Cristo" tendo João 15:1-11 como unidade expositiva. Na divisão principal intitulada "A Significação da Permanência em Cristo", Olford, à semelhança de Yates, usa interrogações como meio de fazer a aplicação:

> Veja o versículo 5. Jesus diz: "Sem mim (separados de mim) nada podeis fazer." Meu amigo crente, permita-me perguntar-lhe se tem trabalhado duro e lutado por anos para fazer algo e nada conseguiu. É verdade que não há frutos em sua vida? nem eficiência e nem alegria real? Você é facilmente provocado pelos filhos? É irritadiço? Sofre ataques de nervos? É derrotado em momentos de solidão? Mais uma semana passou e você não pode dizer com alegria: Obrigado, Senhor, fui um instrumento em levar outra alma a Cristo. A vida de Jesus em mim, fluindo através de mim pelo Espírito Santo, vivificou ainda outra pessoa por quem Jesus morreu! Se você não puder dizer isso, mas, ao contrário, está cheio de um sentimento de futilidade, derrota, então você não sabe o que é permanecer em Cristo. 'Sem mim', declarou Jesus, 'nada podeis fazer.' "

Os parágrafos anteriores devem ser suficientes para mostrar ao leitor como a aplicação pode ser específica ou definida. Contudo, devemos notar que a aplicação não tem, necessariamente, de vir em forma de exortação ou apelo diretos. Às vezes pode ser apresentada mediante mera sugestão. Por exemplo, podemos usar uma ilustração oportuna que, por si mesma, sirva para aplicar a verdade. Porém, qualquer que seja o modo pelo qual a aplicação é apresentada, o pregador deve levar seus ouvintes a perceberem que ele está declarando a Palavra de Deus no que esta se relaciona com suas vidas.

É preciso, também, que o estudante jamais faça uma aplicação visando um indivíduo particular ou um grupo específico na congregação. Lançar mão de um método tão sem ética como esse é explorar o púlpito sagrado às custas de pessoas que não podem retrucar e, sem dúvida, dará início a uma reação desagradável da parte dos atingidos. Por outro lado, quando apresentamos a verdade de modo tal que os próprios ouvintes fazem a aplicação sem sentir as palavras do ministro dirigidas pessoalmente contra eles, em geral o efeito é muitíssimo salutar.

7. Desperte os ouvintes com a motivação correta.

Se o pregador aplicou o sermão aos problemas e necessidades dos ouvintes, de modo a perceberem como a verdade se relaciona diretamente com eles, é, então, natural que o pregador lhes aponte uma solução. Para tanto, contudo, ele terá de providenciar uma motivação ou incentivo adequados. O pregador pode levar os membros da congregação a agirem, apelando para os instintos mais nobres e também admoestando-os dos resultados da negligência ou inação. Pode ainda motivá-los citando algum exemplo da verdade ou ação que procura ensinar-lhes.

8. Relacione a verdade à época atual.

Todos nós, sem dúvida, temos nítida consciência de que estamos vivendo num mundo de mudanças tremendas: políticas, econômicas, sociais, religiosas e morais. Os padrões e disciplinas do passado estão sendo desprezados, e mais e mais vemos um desvio das restrições da lei e da ordem em todas as camadas sociais. Tais mudanças revolucionárias afetam profundamente o homem médio e tocam cada aspecto de sua vida cotidiana.

É triste observar como grande parte da pregação atual está longe da avaliação incisiva que a Bíblia faz das necessidades vitais e cotidianas das pessoas. Os sermões cobrem uma multidão de assuntos, mas, em muitos casos, não se relacionam com a vida moderna. E isso, a despeito do fato de que quando a Bíblia fala, com respeito ao passado como ao futuro, ela sempre o faz com o intuito de aplicá-lo ao presente.

Se desejamos que alguém, em meio a grandes cataclismos sociais, descubra significação na Palavra de Deus, devemos mostrar-lhe não apenas o significado da Bíblia mas também como suas verdades lhe são diretamente aplicáveis em face de todas as confusões do mundo hodierno. A pregação que aplica a verdade à época e às condições presentes, chama-se pregação interpretativa. É a apresentação de fatos bíblicos que lançam luz sobre

assuntos do mundo atual e o efeito desses acontecimentos sobre os membros da igreja.

Porém, embora seja de vital importância relacionar a Palavra de Deus à época atual, certos perigos acompanham a pregação interpretativa.

Alguns pregadores, esforçando-se por fazer a aplicação da verdade, e em face das condições sociais caóticas de nosso tempo, confundem o ministério do evangelho com o serviço social. Assim, em vez de proclamar as verdades da revelação divina, muitas vezes se especializam em reformas sociais.

Muitos pastores envolvem-se com questões políticas. Sentem-se com a responsabilidade de falar sobre problemas políticos, econômicos ou mundiais. Alguns assumem esta prerrogativa com a idéia dúbia de que possuem a última palavra sobre questões intricadas, que desafiam os estadistas e financistas mais astutos. Mas, ao imporem suas visões sobre tais problemas, em vez de aumentar sua própria influência, amiúde a destroem. Em lugar algum do Novo Testamento vemos os apóstolos fazendo pronunciamentos quanto à maneira de o governo romano gerenciar seu império, nem também os descobrimos adotando resoluções para a consideração do senado em Roma. É claro que o pastor, como cidadão, tem direito de pertencer ao partido político de sua preferência; mas, como representante da igreja e nos seus pronunciamentos do púlpito, ele deve preservar com cuidado a distinção entre questões políticas e morais, e evitar tudo quanto possa envolver o seu ministério em assuntos que "pertençam a César".

O ministro que procura relacionar a luz das Escrituras com os assuntos mundiais correntes, deve, portanto, ser um homem sábio e de bom discernimento. Ele não somente deve ficar fora das questões políticas, mas também fazer distinção entre verdade e falsidade, entre separação e comprometimento; e, como pastor fiel, ele deve prevenir seu povo quanto a movimentos religiosos ou sistemas de erros doutrinários que ameacem a pureza e a ortodoxia da igreja.

Temas Vitais do Pregador Interpretativo

1. O evangelho

O pregador interpretativo deve ter a atenção voltada para três temas vitais. O primeiro é o evangelho — as boas-novas divinas para os homens. Apesar de os jornais diários apontarem para uma gravidade cada vez maior nas questões nacionais e internacio-

nais, o mensageiro da cruz tem boas novas para os homens em meio ao caos e à perturbação do mundo. O mensageiro do evangelho deve, pois, aproveitar as oportunidades de proclamar com firmeza as novas gloriosas de que Jesus salva.

2. Evangelização

Outro tema importante é a evangelização. O ministro não deve apenas proclamar o evangelho, mas também deve incentivar seu povo por todos os meios possíveis a levar a outros as novas benditas. O melhor meio de promover a evangelização é o próprio pastor participar ativamente na tarefa de ganhar os perdidos. Ao pregar aos incrédulos que encontra, ele poderá conduzir sua congregação a um ministério de ganhar almas.

A evangelização, porém, não deve limitar-se à comunidade em que a pessoa vive. O verdadeiro espírito da evangelização estende-se em círculos cada vez mais crescentes, até abarcar o mundo perdido no pecado. O ministro, ao procurar aplicar a mensagem das Escrituras à vida dos membros de sua congregação, deve exortá-los, à luz das condições mundiais, a que se apressem a levar a mensagem da graça salvadora a outros, antes que seja tarde demais. A transmissão do evangelho não deve atrasar. Se vamos alcançar o mundo para Cristo, temos de ir agora. Portanto, as missões nacionais e estrangeiras devem ocupar um lugar de destaque no ministério da pregação.

3. Profecia

O terceiro tema que deve marcar o ministério do pregador interpretativo é a profecia. Enquanto escrevo, chegam do Oriente Médio novas emocionantes, e tantas são que quase não passa um dia sem que os jornais mencionem nomes e lugares familiares a todos os leitores da Bíblia. Com efeito, os acontecimentos atuais nas terras bíblicas são tão espantosos que as promessas que Deus fez a seu antigo povo de Israel despertam o interesse até mesmo da imprensa secular.

O pregador não deve perder a oportunidade singular que estes acontecimentos extraordinários lhe apresentam de chamar a atenção do povo para os sinais dos tempos. Certamente, os juízos cataclísmicos do final desta era se aproximam, e é obrigação solene do servo de Deus apresentar as porções da Bíblia que predizem as coisas que hão de acontecer. Sermões sobre profecia prevenirão os incrédulos do perigo que correm, despertarão a igreja para sua responsabilidade e reavivarão os santos para a bendita esperança da

volta do Senhor Jesus Cristo. "Temos assim tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vossos corações" (2 Pedro 1:19).

Exemplo de Um Esboço de Sermão Interpretativo

Damos abaixo um exemplo de um esboço de sermão interpretativo em forma ampliada, baseado em Oséias 10:12: "Semeai para vós outros em justiça, ceifai segundo a misericórdia; arai o campo de pousio; porque é tempo de buscar ao Senhor, até que ele venha e chova a justiça sobre vós."

Título: "Tempo de Buscar ao Senhor"

Introdução: 1. Palavras dirigidas a Israel — imoralidade, corrupção, violência desabrida no país, e Deus usou Oséias para chamar Israel ao arrependimento. Se haveria uma época em que Israel devia buscar a Deus, essa época havia chegado.

2. O texto aplica-se a nós?

Proposição: O Senhor deixa claro as condições de quando é tempo de buscá-lo.

Oração interrogativa: Quais são essas condições?

Oração de transição: Há, pelo menos, três condições apresentadas no texto bíblico, as quais indicam ser tempo de buscar ao Senhor.

I. Quando os juízos de Deus ameaçam a terra.

1. O motivo de tais ameaças de juízo.

A Bíblia revela Deus como Governador moral, tomando nota das nações.

Nada escapa a seus olhos — Provérbios 15:3.

O que vê ele ao olhar para a nossa nação?

Observe duas condições do país.

(1) Violência

A revista *Time* do dia 23 de março de 1983, relatou: "A cada 24 minutos um assassínio é cometido nos Estados Unidos, a cada 10 segundos uma casa é arrombada, e a cada 7 minutos uma mulher é violentada. Mas... a maldição do crime violento é geral, não apenas nas favelas de cidades deprimidas... mas em todas as partes urbanas, nos subúrbios, nos arrebaldes elegantes. Ainda pior, os crimes tornam-se cada vez mais brutais, irracionais, e ao acaso — e, portanto, tanto mais apavorantes."

(2)Imoralidade

A revista *Newsweek*, de 1 de setembro de 1980, *declarou: "Cerca de metade das moças de 15 a* 19 anos de idade já experimentaram o sexo antes do casamento, e os números aumentam." Uma influente revista dos EE. UU. citou, no dia 19 de janeiro de 1981, o comentário que certo professor de Artes e Ciência das Comunicações, da Universidade de Nova York, fez acerca da influência desastrosa da Televisão sobre as crianças: "Faz que elas sejam cada vez mais impacientes quando a gratificação é retardada. Ainda mais sério, segundo o meu modo de ver, é que a Televisão está revelando todos os segredos e tabus sociais, desfazendo assim a divisão entre infância e vida adulta, e deixando em sua passagem uma cultura homogeneizada."

(3) Aborto

A revista dos Intercessores Pela América, uma organização contra o aborto, escreve no seu exemplar de 1 de março de 1981 um parágrafo sobre "os incríveis resultados potenciais ao lar dos *kits* de aborto ao alcance de todos" e denuncia uma das principais companhias farmacêuticas "que prostituiu seus valores históricos a favor da vida ao estimular essa tecnologia", e fala contra "uma organização de *marketing* que encoraja a promiscuidade e vende instrumentos de morte a adolescentes."

Veja 2 Pedro 2:2-9, Provérbios 1:24-32.

2. A natureza dos juízos divinos.

   Deus puniu o pecado de Israel, permitindo que os assírios cruéis e desumanos os levassem em cativeiro. Monumentos antigos mostram o rei da Assíria furando os olhos dos cativos de guerra. Não sabemos como Deus julgará nosso país, caso ele persista no pecado, mas *quando Deus revelou* a Abraão o propósito da destruição de Sodoma e Gomorra, Abraão "chegou-se" a Deus, e intercedeu por Sodoma. Resultado: Gn 19:29-30.

   Vamos esperar até que caia o juízo, ou vamos seguir o exemplo de Abraão e buscar a Deus agora em favor do nosso país?

Transição: Devemos buscar ao Senhor não somente quando seus juízos ameaçam a terra, mas também devemos buscá-lo

II. Quando nossa própria condição espiritual encontra-se baixa.

1. Indicações de tal condição:
   (1) Indiferença à necessidade espiritual dos perdidos.
   Ilustr. Jonas no navio durante a tempestade. Enquanto os marinheiros pagãos clamavam a seus deuses para que os salvassem da destruição, o único homem no navio que conhecia o Deus vivo, dormia! Mesmo depois de o capitão tê-lo despertado, implorando que orasse, ele não o fez. "Não há consciência tão insensível quanto à do crente desobediente."
   Se somos indiferentes aos perdidos, nossa condição espiritual encontra-se bem baixa.
   (2) Seguindo a Jesus de longe.
   Ilustr. Pedro seguiu a Jesus de longe, aqueceu-se ao fogo do inimigo, finalmente negou a Cristo. É o mesmo verdade a nosso respeito? Já fomos fervorosos, cristãos devotos, mas agora estamos frios e indiferentes; desejo de devoção perdido, oração, coisas espirituais?
2. Efeitos de tal condição:
   Castigo. Alguém disse: "Deus sabe surrar."
   Veja como Deus surrou a Jonas: foi engolido por um peixe cf. Jn 2:1 — "Então Jonas do ventre do peixe orou ao Senhor, seu Deus."
   Se nossa condição espiritual está baixa, vamos esperar até que Deus tenha de nos surrar para clamarmos a ele? Se estivermos cônscios de desobediência ou de seguir a J. de longe, busquemos a Deus agora, antes que ele nos castigue. Observe o resultado na vida de Pedro: saiu e chorou amargamente.
   Veja Ap 2:4-5; 3:15-19.

Transição: Podemos discernir com certeza que as duas primeiras condições sobre que falamos encontram-se presentes hoje. Há, contudo, uma terceira condição que indica ser tempo de buscarmos ao Senhor, a saber:

III. Quando Deus está pronto para derramar sobre nós as suas bênçãos.
   1. O grau da bênção que Deus deseja derramar. Oséias 10:12 — "É tempo de buscar ao Senhor, até que ele venha e chova a justiça sobre vós." *Portanto*, chuvas de bênção.
      É isso que Deus espera para fazer — dar bênçãos abundantes de reavivamento. Ml 3:10.
   2. As condições nas quais ele chove tais bênçãos.

(1) Arrependimento
Os 10:12 — "Arai o campo de pousio." — Assim, permita que o Espírito Santo procure e revele o erro; pela graça divina, abandone o mal.
(2) Busca fervorosa.
Os 10:12 — "É tempo de buscar ao Senhor, até que ele venha e chova a justiça sobre vós." Deus deseja que sejamos persistentes e fervorosos em buscá-lo.
Jr 29:13 e 2 Cr 7:14.
Transição: Reconhecendo que o tempo deveras chegou para buscarmos ao Senhor, não demoremos mais a fazê-lo.

Conclusão: 1. Is 55:6 — "Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto."
Pode vir a época em que seja tarde demais para buscá-lo.
2. Ilustr. Reavivamento na igreja da roça.

Exercícios

1. Faça uma lista das passagens bíblicas que tratam dos seguintes estados emocionais ou atitudes:

(1) Amor
(2) Temor
(3) Contentamento
(4) Confiança
(5) Alegria
(6) Descontentamento
(7) Segurança
(8) Insensibilidade
(9) Esperança
(10) Ciúme
(11) Amargura
(12) Paz
(13) Egoísmo
(14) Culpa
(15) Frustração
(16) Mansidão

2. Para cada um dos estados emocionais ou atitudes acima, dê pelo menos um exemplo de sua manifestação num indivíduo da Bíblia.

3. Prepare uma mensagem temática destinada a jovens de idade

colegial. Dê título, introdução, proposição, oração interrogativa, oração de transição, divisões principais, subdivisões e transições das divisões principais. Amplie o esboço usando frases curtas sempre que possível, como indicado nos exemplos de esboços expandidos no final dos capítulos 9 e 11.

4. Elabore um sermão textual apropriado para uma mensagem sobre o serviço cristão. Siga as mesmas instruções do exercício 3 na preparação do esboço.

5. Prepare um sermão expositivo apropriado para uma convenção de Escola Dominical. Desenvolva o esboço de acordo com as instruções do exercício 3.

6. Dê quatro títulos para uma série de mensagens sobre evangelização. Selecione um dos títulos e prepare uma mensagem sobre ele. Use os artifícios retóricos apresentados nos capítulos 9, 10 e 11 para o desenvolvimento do sermão. Escreva o esboço em forma ampliada, como os exemplos do final dos capítulos 9 e 11.

7. Construa um sermão baseado numa das porções proféticas do Antigo Testamento. Dê título, introdução, proposição, divisões principais e subdivisões. Escreva por extenso a aplicação, mostrando a pertinência do texto à época presente.

8. Procure na biblioteca ou em outro lugar, sermões de famosos pregadores do passado e do presente. Algumas sugestões:

Charles H. Spurgeon	Paul S. Rees
Alexander Maclaren	Álvaro Reis
G. Campbell Morgan	Antônio Trajano
Joseph Parker	Miguel Rizzo, Jr.
D. Martyn Lloyd-Jones	William B. Lee
John R. W. Stott	Alfonso Romano Filho
Stephen F. Olford	Natanael I. Nascimento
J. Sidlow Baxter	Rubens Lopes
	Warren W. Wiersbe

Leia um sermão de cada um desses escritores, e, à luz do que aprendeu em homilética, tome nota dos seguintes itens em cada sermão:

(1) As qualidades da discussão.
(2) As fontes de materiais usados pelo pregador.
(3) Os processos retóricos empregados.
(4) O modo de fazer a aplicação.

12

A Conclusão

Definição de Conclusão

Aprendemos que todo sermão precisa ter unidade e propósito. No início da mensagem o pregador possui apenas um único objetivo: ser sempre claro e distinto, controlando tudo o que vier a dizer, de modo que as diferentes partes do sermão se dirijam para um mesmo fim definido e específico.

Portanto, *a conclusão é o clímax do sermão, na qual o objetivo constante do pregador atinge seu alvo em forma de uma impressão vigorosa.*

Fique claro que a conclusão não é um mero apêndice, nem uma série de trivialidades não relacionadas com a mensagem, mas parte integral dela. É a parte final, na qual tudo o que foi dito anteriormente se concentra com força ou intensidade, a fim de produzir um impacto vigoroso sobre a congregação.

Segue-se que a conclusão não é o lugar apropriado para a introdução de novas idéias ou argumentos. Seu propósito é somente ressaltar, reafirmar, estabelecer ou terminar o que já foi dito, com o objetivo de imprimir nos ouvintes o impulso principal da mensagem.

A conclusão é, sem dúvida, o elemento mais poderoso de todo o sermão. Se não for bem executada, pode enfraquecer ou até mesmo destruir o efeito das partes anteriores da mensagem. Alguns pregadores, porém, se esquecem da importância da conclusão, e, como resultado, seus sermões, embora estejam cuidadosamente preparados nas outras partes, fracassam no ponto crucial. Em vez de concentrarem o material num foco de calor e poder, permitem que a corrente de pensamento no final se dissipe em observações fracas ou sem importância.

Por outro lado, uma boa conclusão pode, às vezes, suprir as deficiências de outras partes do sermão ou servir para aumentar o seu impacto.

Devido à importância vital da conclusão, o ministro do evangelho deve ter o máximo cuidado na sua preparação, buscando por todos os meios possíveis dar força e poder à impressão final.

Formas de Conclusão

Há diversas formas de conclusão. À medida que as analisamos, convém lembrar que o emprego de uma particular varia de sermão para sermão, dependendo do tipo de mensagem e do seu conteúdo, bem como do estado ou condição dos ouvintes. Repito: haverá ocasiões em que é bom combinar duas formas na mesma conclusão.

1. *Recapitulação*

Em geral, usa-se esse tipo de conclusão quando a mensagem consiste numa série de argumentos ou idéias, exigindo dos ouvintes muita atenção à linha de pensamento do pregador. A reformulação das idéias principais serve para lembrar os aspectos básicos da mensagem e preparar o povo para o seu impulso final. Assim, a recapitulação não é mera repetição desnecessária das divisões principais, mas uma ênfase nova da verdade principal apresentada durante a mensagem, de modo a colocá-la em foco. Em geral, o pregador prudente não apresenta esse resumo usando as mesmas palavras das divisões principais, mas emprega afirmativas concisas e incisivas para expressá-lo.

2. *Ilustração*

Às vezes pode-se levar as idéias ou verdades do sermão mais eficazmente a um clímax por meio de uma ilustração poderosa ou oportuna. Isso quando a própria ilustração é um resumo da verdade principal da mensagem. Mediante esse processo se pode relacionar vividamente a grande lição espiritual do sermão com os membros da igreja. Ao usar uma ilustração desse tipo, o pregador não precisará acrescentar muitas palavras à conclusão — se é que precise acrescentar algumas. A ilustração, vigorosa e importante por si mesma, deve ser, em geral, uma conclusão suficiente.

Certo pastor pregou um sermão baseado em Números 21:4-9, acerca das serpentes abrasadoras no deserto. Depois de dizer como as pessoas mordidas eram curadas ao olharem para a serpente de bronze levantada por Moisés, ele concluiu com esta bem conhecida história da conversão de Charles H. Spurgeon:

Quando jovem, Spurgeon sentia tanta culpa pelo pecado que ia de uma igreja a outra por toda a cidade, tentando descobrir como ser perdoado. Certo domingo de inverno, a caminho da igreja, ele teve de enfrentar uma tempestade de neve tão violenta que se viu forçado a parar. Entrando por uma rua estreita, ele encontrou uma pequena capela. Dentro havia quinze pessoas. O próprio pastor não estava presente por causa da tempestade. Em seu lugar, um membro da congregação pregou sobre Isaías 45:22: "Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro." Visto que o homem pouco sabia de homilética, seu sermão consistiu, na maior parte, da repetição do texto de maneiras diferentes. Por fim, não tendo mais o que dizer sobre a passagem, dirigiu a atenção para Spurgeon que estava assentado no fundo da igreja e, falando diretamente a ele, disse: "Jovem, você tem uma aparência muito triste, e sua tristeza jamais acabará — na vida ou na morte — se não fizer o que diz este texto. Mas se você olhar para Jesus, será salvo." E então bradou: "Jovem, olhe para Jesus!" Nesse instante, em vez de continuar insistindo em sua própria culpa e insuficiência, Spurgeon começou a confiar em Cristo para a salvação. Seu desespero se desfez e ele encheu-se de alegria. Agora ele sabia que seus pecados estavam perdoados, não mediante esforço de sua parte, mas simplesmente por haver olhado para Cristo, e Cristo somente, para sua salvação.

3. *Aplicação ou apelo*

À medida que a mensagem se aproxima da conclusão, ela deve levar os assistentes a perguntarem a si mesmos: "O que essa verdade tem que ver comigo, com meus relacionamentos no lar, na igreja, nos negócios e na minha vida e conduta diárias?" Para que isso aconteça, o pregador deve concluir muitos dos seus sermões com uma aplicação ou apelo direto, no qual faz um chamado para uma resposta às verdades apresentadas na mensagem. Às vezes a aplicação mais eficaz consiste em resumir o âmago do sermão, repetindo a proposição ou idéia homilética. O ministro pode também empregar dois ou três princípios retirados da passagem, a fim de levar a mensagem à conclusão. Como essas verdades permanentes sempre se relacionam com a vida, não é

preciso elaborá-las; algumas observações concisas sobre cada uma serão suficientes.

4. *Motivação*

Na conclusão, muitas vezes não devemos somente impor uma obrigação moral aos ouvintes, mas também proporcionar um incentivo para responderem pessoalmente ao desafio apresentado. Esse incentivo pode assumir formas diversas.

Em alguns casos o pregador precisará de destilar no coração dos ouvintes o temor da desaprovação divina pelo erro ou pensamento ímpio. Outras vezes, deve apelar para ideais como amor a Deus e ao homem, coragem, força, integridade e pureza, nobreza e respeito próprio. Qualquer que seja a abordagem escolhida, ela deve ter como alvo persuadir o povo a reagir afirmativamente às reivindicações de Deus sobre eles.

Seja qual for o objetivo do sermão, o pregador deve reunir na conclusão todas as linhas principais de pensamento apresentadas na mensagem, de modo a produzir uma resposta pessoal. É esse o propósito do sermão bíblico: exige uma resposta adequada de atitude ou de ação. Portanto, o ministro deve estar muito atento à conclusão, para que nesses momentos decisivos suas palavras sejam tão diretas e vigorosas quanto possível.

É erro, contudo, pensar que o sermão deva terminar com um apelo emocional patético, no qual o pregador chega a uma febre de excitação ou sentimento. Pelo contrário, um final natural, simples e calmo geralmente é muito mais impressionante e eficaz. Convém notar ainda que é mais fácil a congregação aceitar repreensões e advertências solenes quando feitas com ternura e amor, do que em forma de denúncias trovejantes.

Princípios Para o Preparo da Conclusão

1. *A conclusão, em geral, deve ser breve.*

Embora a conclusão seja parte vital do sermão, e por isso mesmo preparada com todo o cuidado, não precisa ser longa. Pelo contrário, ela deve, em geral, ser razoavelmente curta. Não podemos indicar a quantidade de tempo para a conclusão. Contudo, o pregador deve dar a proporção devida à parte principal do sermão e certificar-se de que reste tempo suficiente para concatenar suas idéias ou levá-las, com vigor, a um ponto focal na conclusão.

Alguns pregadores têm o hábito de dizer à congregação que

estão prestes a concluir, usando frases como: "Em conclusão", ou "ao terminar" etc., mas em vez de terminarem imediatamente, com freqüência prosseguem pregando por mais dez ou quinze minutos. A congregação espera ser despedida num tempo razoável, e é dever do pregador respeitar a expectativa do povo. Portanto, tendo levado a mensagem ao ponto oportuno de terminá-la, e chegada a hora de concluir, ele deve parar de falar.

2. *A conclusão deve ser simples.*

O ministro não deve esforçar-se por tornar a conclusão elaborada ou ornamentada. Uma linguagem simples, clara e positiva, ao mesmo tempo penetrante e vigorosa, consegue melhor efeito do que um discurso cheio de palavras difíceis. O fator importante da conclusão é uma clareza tal que o objetivo do sermão seja óbvio aos ouvintes.

3. *Deve-se escolher com cuidado e atenção as últimas palavras da conclusão.*

Essas últimas palavras devem imprimir na congregação o assunto discutido, ou realçar sua importância e urgência. Para se atingirem esses objetivos, as palavras finais devem consistir num dos aspectos seguintes:

a. *Uma reprodução forte e vívida do pensamento principal do sermão.*

Suponhamos, por exemplo, que o pregador tenha falado sobre "O Cristão Frutífero", usando João 15:1-8. Suas palavras finais podem ser como as que seguem: "Não devemos nós perguntar a nós mesmos: 'Sou eu um cristão frutífero?' Jesus disse: 'Se alguém permanecer em mim e eu nele, produzirá muito fruto.' Alguém também disse: 'O ramo retira tudo da raiz, e tudo dá no fruto.' "

Compreendemos melhor como essas observações finais são apropriadas, observando o seguinte esboço:

Título: "O Cristão Frutífero"
Texto: João 15:1-8.

introdução: 1. A Bíblia contém muitas verdades profundas acerca da vida cristã.
2. Para ensinar-nos algumas dessas verdades, Cristo às vezes usa ilustrações ou parábolas simples; aqui, a da videira e dos ramos frutíferos.

Proposição: Um dos grandes objetivos do Senhor para seu povo é que se tornem cristãos frutíferos.
Oração interrogativa: Como podemos tornar-nos cristãos frutíferos?
Oração de transição: Ao examinarmos os aspectos essenciais da parábola de João 15:1-8, descobriremos como podemos nos tornar cristãos frutíferos.

I. A videira, vv. 1, 5.
   1. Ela fala de Cristo, a Videira verdadeira, v. 1.
   2. Ela fala de Cristo em relação a nós, v. 5.

II. Os ramos, vv. 2-6.
   1. Falam de nós, através de quem o fruto deve ser produzido, vv. 2, 4-5.
   2. Falam de nós, que devemos permanecer em Cristo a fim de produzir frutos, vv. 4-6.
   3. Falam de nós, que devemos produzir frutos em abundância, vv. 2, 5, 8.

III. O agricultor, vv. 1, 2, 6, 8.
   1. Ele fala de Deus, que corta os ramos infrutíferos, vv. 1, 2a, 6.
   2. Ele fala de Deus, que poda os ramos, v. 2b.
   3. Ele fala de Deus, que é glorificado quando produzimos muito fruto, v. 8.

Conclusão: 1. Todo crente deve ser um cristão frutífero.
2. Observações finais — veja o que foi dito acima.

b. A citação do próprio texto.

Se o pregador escolheu João 15:1-4 como texto, pode terminar o sermão citando esta passagem: "Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira; assim nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim."

c. Citação de outra passagem bíblica apropriada ao sermão.

Supondo, uma vez mais, que o texto escolhido para o sermão seja João 15:1-4, o pregador pode concluir com uma referência paralela, como Gálatas 5:22-23: "Mas o fruto do espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei."

No esboço temático abaixo, citamos um único versículo como conclusão da mensagem:

Título: "Que é Que Torna Cristão o Lar?"
Introdução: 1. Definição: "Lar é o reino do pai, o mundo da mãe e o paraíso dos filhos."

2. Necessidade hoje — mais lares felizes — mais lares cristãos.
3. A Bíblia apresenta os ideais para o lar.

Proposição: O lar cristão é fundado em ideais cristãos.

Oração interrogativa: Que ideais encontramos nas Escrituras para o lar cristão?

Oração de transição: Encontramos na Palavra de Deus pelo menos três ideais para o lar cristão.

I. É um lar onde reina o amor.
   1. No coração dos pais um pelo outro, Tito 2:11; Colossenses 3:19; Efésios 5:25, 28-33; 2 Coríntios 13:4-7.
   2. No coração dos pais pelos filhos, Tito 2:4; Gênesis 22:2.

II. É um lar onde se exercita a autoridade paterna.
   1. Pelo pai, a autoridade máxima, Efésios 6:4; Efésios 6:1-2.
   2. No espírito certo, Efésios 6:4; Colossenses 3:21.

III. É um lar onde Cristo está presente.
   1. Como Senhor, Efésios 5:22—6:4.
   2. A fim de manifestar o seu poder quando é obedecido, João 2:1-11.

Conclusão: João 14:21 — "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele."

d. *Citação de um poema apropriado ou uma ou duas estrofes de um hino.*

Como mencionamos no capítulo 9, a citação de hinos ou poemas, em geral, deve ser breve, sendo suficiente uma estrofe ou até mesmo duas linhas.

e. *Um apelo ou desafio imperioso.*

Se o pregador estiver entregando uma mensagem evangelística sobre "Três Homens que Morreram no Calvário", na qual ele fala de Cristo na cruz do meio e do ladrão arrependido e do que não se arrependeu nas outras duas cruzes, uma à esquerda e outra à direita, suas palavras finais podem ser: "Todo homem e toda mulher se encontram hoje no lugar de um destes dois ladrões. Somos arrependidos ou impenitentes, somos perdoados ou não; somos salvos ou perdidos. Em que lugar está você?"

Repetimos o esboço sobre Lucas 15:11-24, apresentado no capítulo 6, e chamamos a atenção do estudante para a conclusão,

que consiste no uso de uma ilustração, seguida de um apelo. O apelo, neste caso, é um tanto parecido com o do parágrafo anterior.

Título: "Perdido e Achado"

Introdução: 1. Na Feira Mundial de Chicago, a fim de ajudar os pais a localizarem seus filhos extraviados pelo recinto, as autoridades estabeleceram um departamento de "Perdidos e Achados" para as crianças.
2. O capítulo 15 de Lucas é o departamento de "Perdidos e Achados" da Bíblia. Aqui Jesus fala de três coisas que se perderam e foram achadas—uma ovelha, uma moeda e um filho.
3. A história do filho que se perdeu e foi achado exemplifica a vida de um pecador arrependido, que se perdeu, mas é achado.

Proposição: O Senhor recebe com alegria o pecador arrependido.

Oração interrogativa: Como esta verdade se apresenta na vida do *filho pródigo, que estava* perdido e foi achado?

Oração de transição: Esta verdade se apresenta na história quádrupla de um pecador arrependido descrita na vida do *filho pródigo.*

I. A culpa do pecador, vv. 11-13.
   1. Em sua teimosia, vv. 11-12.
   2. Em sua vergonha, v. 13.

II. A miséria do pecador, vv. 14-16.
   1. Na fome de sua alma, v. 14.
   2. Em seus esforços infrutíferos de satisfazer a fome, vv. 15-16.

III. O arrependimento do pecador, vv. 17-19.
   1. Na compreensão de sua pecaminosidade, vv. 17-19.
   2. Em seu retorno para Deus, v. 20a.

IV. A restauração do pecador, vv. 20b-24.
   1. Nas boas-vindas que Deus lhe dá, vv. 20b-21.
   2. No favor que lhe foi concedido por Deus, vv. 22-24.

Conclusão: Ilustração: Havia outro filho perdido — o filho mais velho. Quando o irmão voltou, ele estava no campo. Quando o pai pediu-lhe para ir à festa que se realizava na casa para o irmão, ele recusou. Ele disse ter vivido retamente toda a sua vida e por isso o digno de recompensa era ele e não o pródigo. O filho mais velho estava perdido completamente, sem arrependimento. O pródigo voltou ao lar porque se arrependeu da culpa. Por outro lado, o filho mais

velho, em seu orgulho e farisaísmo, como diz a história, jamais se reconciliou com o pai.
Os dois filhos representam duas classes de indivíduos: um, o pecador que vem a Deus de livre vontade, reconhecendo sua própria necessidade de perdão; o outro, tão justo em si mesmo que não percebe sua necessidade de arrependimento. Será que você, à semelhança do filho pródigo, já foi a Deus admitindo sua culpa para encontrar a plenitude de seu perdão, ou é como o filho mais velho, bom demais para necessitar do perdão de Deus? O Salvador disse: "Aquele que vier a mim de modo nenhum o lançarei fora." Por que não vir a ele agora?

Observe como neste último exemplo, e também no anterior, as palavras finais do apelo são uma interrogação, deixando que o ouvinte dê sua própria resposta.

4. *A conclusão deve estar expressa no esboço, com poucas sentenças ou frases.*

Como todas as outras partes do sermão, a conclusão deve ser apresentada de maneira tão breve quanto possível, e cada ponto ou idéia deve ser escrito em linhas diferentes. A ilustração abaixo, conclusão da mensagem sobre o "Salmo do Contentamento", apresentada em capítulos anteriores, mostra como fazê-lo.

Conclusão:
1. João 10:4, 16, 27 — A ovelha de Cristo ouve a sua voz.
2. Se quisermos experimentar tudo o que foi dito neste Salmo a respeito das ovelhas, devemos constantemente ouvir a voz de Cristo, e segui-lo.

Para que o estudante veja como a conclusão se relaciona com o corpo principal do sermão, apresentamos o esboço todo:

Título: "O Salmo de Contentamento"
Texto: Salmo 23.
Introdução:
1. Pastor de ovelhas em Idaho, com um rebanho de 1.200 ovelhas — incapaz de dar-lhes atenção individual.
2. Contrastar com o Pastor deste Salmo — como se tivesse apenas uma ovelha para cuidar.
3. Cada filho de Deus identifica-se com a ovelha apresentada neste Salmo.

Proposição: Contentamento é a prerrogativa feliz de todo filho de Deus.

Oração interrogativa: Sobre o que se baseia este contentamento?
Oração de transição: O filho de Deus aprende com este Salmo que, como ovelha do Senhor, seu contentamento se baseia em três fatos relacionados com as ovelhas.

I. O Pastor das ovelhas, v. 1.
   1. Um Pastor divino, v. 1.
   2. Um Pastor pessoal, v. 1.
II. A provisão das ovelhas, vv. 2-5.
   1. Descanso, v. 2.
   2. Direção, v. 3.
   3. Conforto, v. 4.
   4. Abundância, v. 5.
III. O futuro das ovelhas, v. 6.
   1. Um futuro brilhante para esta vida, v. 6.
   2. Um futuro bendito para o além, v. 6.

Conclusão: 1. João 10:4, 16, 27 — A ovelha de Cristo ouve a sua voz.
2. Se quisermos experimentar tudo o que foi dito neste Salmo a respeito das ovelhas, devemos constantemente ouvir a voz de Cristo e segui-lo.

Com a devida permissão do autor, damos abaixo um esboço de sermão expositivo preparado por James Morgan.

Título: "Princípios Para a Extensão Missionária Bem-sucedida"
Texto: Atos 13:1-5.
Introdução: 1. Jamais na história da Igreja teve ela oportunidade maior de evangelizar.
2. Grande parte do mundo está aberta à evangelização e, como veremos, a Igreja não precisa falhar em desincumbir-se da responsabilidade que Deus lhe deu.
Proposição: Os princípios divinos para a extensão missionária garantem o êxito.
Oração interrogativa: Quais são esses princípios?
Oração de transição: Atos 13:1-5 revela quatro princípios eficazes para a extensão missionária.

I. Deve haver gente de qualidade, disponível, v. 1.
   1. Gente que se encontra em comunhão ativa com a igreja, v. 1.
   2. Gente espiritualmente equipada, v. 1.
II. Deve haver um chamado do Espírito Santo, v. 2.
   1. Gente chamada por uma escolha específica, v. 2.
   2. Gente chamada a um ministério específico, v. 2.
III. A igreja deve identificar-se com os missionários, v. 3.
   1. Deve orar com eles, v. 3.

2. Deve comissioná-los, v. 3.
3. Deve aceitar a responsabilidade de enviá-los, v. 3.

IV. Os que são enviados devem trabalhar diligentemente, vv. 4-5.
1. Devem obedecer à liderança do Espírito, v. 4.
3. Devem pregar a Palavra de Deus, v. 5.
3. Devem trabalhar unidos, v. 5.

Conclusão:
1. Estes princípios não são complexos, mas são os que Deus escolheu usar.
2. Nossa resposta a Cristo exige que tomemos o nosso lugar, colocando estes princípios em ação.
3. Cada um deve perguntar a si mesmo:
"Estou qualificado?"
"Estou dando ouvidos à voz do Espírito Santo?"
"Identifico-me verdadeiramente com os que já foram?"
"Estou disposto a gastar e a ser gasto como o Espírito de Deus dirigir?"
4. Deus espera ouvir nossa resposta.

Outra maneira de concluir apropriadamente este último esboço seria mediante uma ilustração como a que segue, tirada da vida do Dr. John G. Mitchell, pastor emérito da Igreja Bíblica Central de Portland, Oregon, e um dos fundadores da Escola Bíblica Multnomah:

> Quando o Dr. Mitchell pastoreava uma igreja em Grand Rapids, no estado de Michigan, recebeu uma mensagem de um dos jovens de sua igreja, prestes a deixar os Estados Unidos para o serviço missionário na China. Antes de partir, o jovem telegrafou ao Dr. Mitchell pedindo-lhe uma palavra final de conselho para a missão. O Dr. Mitchell imediatamente enviou-lhe um telegrama que dizia: "Sente-se aos pés de Jesus e a seguir diga aos chineses o que você vê."

O conselho do Dr. Mitchell a esse jovem aplica-se não somente ao missionário dos campos estrangeiros, mas também a todo servo de Jesus que tem o privilégio e a honra inefáveis de proclamar as riquezas insondáveis de Cristo.

Se desejamos ser ministros dignos de Cristo, assentemo-nos, também, aos pés de Jesus, até que nosso coração e caráter sejam transformados à semelhança de nosso Senhor.

"E todos nós com o rosto desvendado, contemplan-

do, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito. Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos" (2 Coríntios 3:18—4:1).

Exercícios

1. Prepare uma introdução e uma conclusão apropriadas para o sermão temático intitulado "Podemos Saber a Vontade de Deus Para Nós?" do capítulo 8.

2. Estude o esboço e as observações do capítulo 3 sobre o sermão expositivo intitulado "Beco Sem Saída", e a seguir formule introdução, proposição, oração interrogativa, oração de transição, transições entre as divisões principais e a conclusão para o esboço.

3. Em vez da conclusão apresentada no final do capítulo 9, para o sermão "Conquistado Pelo Amor", providencie uma ilustração que produza um clímax oportuno para a mensagem.

4. Mediante os processos retóricos tratados nos capítulos 9, 10 e 11, amplie o esboço sobre o "Salmo de Contentamento" apresentado neste capítulo.

5. Prepare um esboço completo de sermão temático para uma mensagem do dia dos pais, dando título, introdução, proposição, oração interrogativa, oração de transição, divisões principais, subdivisões, transições entre as divisões principais e conclusão. Amplie o esboço, usando os processos retóricos apresentados nos capítulos 9, 10 e 11. Na discussão, sempre que possível, em vez de sentenças completas, use frases curtas.

6. Construa um esboço de sermão textual completo sobre Atos 1:8, seguindo as instruções do exercício 5.

7. Faça um esboço completo de sermão expositivo sobre Filipenses 4:4-9, seguindo o método requerido no exercício 5.

13

Resumo

Passos Básicos no Preparo do Esboço do Sermão

Por causa da multiplicidade de regras acerca da construção de sermões, apresentadas nos capítulos precedentes, mostraremos abaixo, passo a passo, os processos básicos da preparação de uma mensagem bíblica.

1. Escolha da passagem.

Se estivéssemos apresentando uma série de mensagens usando um livro da Bíblia do começo ao fim, não existiria a tarefa de selecionar uma unidade bíblica para a exposição. Simplesmente tomaríamos como texto a passagem imediatamente depois da que acabamos de usar. Esse é, deveras, o plano ideal, porque não só evita a procura semanal de um texto bíblico apropriado, mas também possibilita ao pastor ensinar um livro todo. Se a série de sermões sobre determinado livro não for por demais extensa, dá às pessoas uma visão bem equilibrada do livro e concede ao pregador a possibilidade de tratar de numerosos assuntos delicados relacionados com a vida dos membros de sua congregação, sem parecer que ele os dirija de propósito contra eles.

A dificuldade de selecionar uma passagem bíblica surge quando não estamos acompanhando um plano e os textos empregados não seguem uma ordem especial. Nesse caso somos obrigados a depender de várias circunstâncias que nos indique o rumo a tomar na escolha das passagens bíblicas. As necessidades espirituais e temporais da congregação, as épocas especiais ou de festividades, dificuldades ou tensão, alvos particulares ou planos, e também os dias regulares de celebração do calendário da igreja, tudo isso nos fala da necessidade de um texto apropriado a cada ocasião. Mas, quaisquer que sejam as circunstâncias, precisamos confiar na direção do Espírito Santo para nos levar ao

texto de sua vontade. Enquanto esperamos, sem dúvida ele nos guiará por diversos meios à escolha do texto apropriado.

Certo dia, meditando na história do filho pródigo, a atenção de um pastor foi de súbito atraída por Lucas 15:17, que diz: "Então, caindo em si". Estas palavras constrangeram de tal modo a alma do ministro que, para o culto do seguinte domingo de manhã, preparou uma mensagem intitulada: "Retorno à Sanidade Espiritual". Naquela manhã de domingo visitou a igreja uma senhora cristã, residente noutra cidade. Ela havia-se desviado do Senhor e um terrível sentimento de culpa pesava sobre ela ao ponto de quase fazê-la enlouquecer. Ao ler o título do sermão, percebeu de imediato que a mensagem daquela manhã era para ela. O Senhor deu esse sermão ao seu servo fiel, e o resultado foi a restauração da mulher desviada ao seu Senhor e à sanidade espiritual.

2. Mediante estudo exegético da passagem.

Há ocasiões em que o Espírito de Deus pode revelar, como num relâmpago, a mensagem que devemos entregar; os aspectos básicos e as verdades do texto podem vir-nos de modo tão admirável que em questão de minutos juntamos todo o sermão. Em regra geral, porém, a preparação da mensagem exige pesquisa diligente e em atitude de oração.

3. Descoberta do foco principal da passagem.

Apresentamos no capítulo 7 como descobrir o assunto e o complemento do texto, e como os expressar em forma de uma idéia exegética com uma única sentença completa. Esta sentença indica o pensamento principal do texto.

Aprendemos também, no mesmo capítulo, que a idéia exegética leva a uma afirmativa da proposição ou idéia homilética, na qual a verdade básica da passagem é expressa em forma de um princípio duradouro e verdadeiro para todos os tempos e aplicável a todas as pessoas em todos os lugares. Essa verdade, foco principal da passagem, é a que o pregador deve transmitir ao coração dos ouvintes através da mensagem.

A unidade expositiva, porém, pode ser vista de diferentes perspectivas, dependendo da abordagem que o Espírito de Deus nos leve a tomar. Já nos referimos a esse fato no capítulo 3, ao tratarmos do método de abordagem múltipla. Entretanto, devemos sempre lembrar que nosso objetivo principal seja expresso relacionando a passagem bíblica à vida dos ouvintes.

4. *Construção do esboço do sermão.*

Quando o pregador termina o estudo exegético, pode já ter uma boa idéia da passagem e de suas divisões naturais. Estas podem fornecer os versículos para o esboço do sermão, mas nem sempre é o que acontece. Só depois de formulada a proposição, o pregador está pronto para prosseguir com a construção do esboço, pois, como já dissemos anteriormente, a tese, além de ser o fundamento do sermão, é ela, juntamente com a oração de transição, que indica o rumo da mensagem. As divisões principais desdobram, desenvolvem ou explicam o conceito expresso na proposição.

Se o pregador pretende construir o sermão usando o método indutivo, ele declarará os pontos em seqüência ordenada, culminando com a afirmativa da proposição no final da mensagem. Ou, dependendo do seu objetivo, o sermão pode não conter uma expressão formal da tese.

Também já aprendemos que as divisões principais devem ser feitas claramente, a fim de serem imediatamente inteligíveis, e de como os pontos do esboço devem progredir passo a passo até o clímax. Uma das vantagens de um esboço claro e lógico é que facilita ao pregador lembrar-se da mensagem toda enquanto a entrega, evitando, assim, a distração resultante de uma consulta freqüente às notas. Ao mesmo tempo, os ouvintes acharão muito mais fácil acompanhar o sermão quando este é apresentado claramente, em seqüência ordenada e com transições suaves, pois ajudam a reconhecer a mudança de idéias de uma unidade de pensamento para outra.

5. *Preenchendo o esboço.*

Tendo traçado as divisões e subdivisões do sermão, o pregador deve, a seguir, preencher o esboço com material que transmita aos ouvintes, de modo apropriado, as idéias representadas pelas divisões principais.

Como um dos objetivos principais do sermão é explanar o texto, o material empregado no preenchimento do esboço deve provir dos dados reunidos na exegese bíblica. Além disso, podem-se incluir fatos tirados de fontes diversas, como outras formas de literatura, experiências alheias e pessoais e observação das coisas que nos cercam. Mediante as faculdades imaginativas, o ministro pode também criar imagens mentais, dando assim frescor à apresentação da verdade, contanto que use, com prudência, a sua imaginação.

Na ampliação do esboço, o ministro precisa empregar mais de um processo retórico: explanação, argumentação, citação, ilustração e aplicação. Como já dissemos, a explanação do texto é básica para a interpretação de qualquer passagem bíblica. Contudo, a ordem dos vários processos retóricos dependerá das circunstâncias e das condições surgidas no desenvolvimento do sermão.

Tendo reunido uma boa quantidade de material para a ampliação do esboço, o principiante pode correr o risco de incluir idéias demasiadas em sua mensagem. Se tentasse apresentar esse acúmulo de idéias, o povo se perderia numa profusão de conceitos e fatos e ficaria confuso.

A fim de evitar isso, o alvo do pregador deve ser a simplicidade. Tenha diante de si a verdade central a ser transmitida, e, cuidadosa mas impiedosamente, elimine todo o excedente. O sermão com um alvo claramente definido e caminhando rápida e firmemente para um clímax, é muito mais eficaz e vigoroso do que aquele em que o pregador e o ouvinte se afundam em muitos detalhes, ou é pesado demais para o povo assimilar.

Durante a entrega da mensagem, o ministro deve decidir quanto tempo vai gastar em cada ponto. Algumas partes podem requerer mais tempo, dependendo da sua importância e da resposta dos ouvintes.

6. Preparo da conclusão, da introdução e do título.

Enquanto os pensamentos da mensagem ainda estão vivos em sua mente, o pregador deve preparar a conclusão. Tão logo a mensagem chegue ao clímax na conclusão, o pregador deve parar de falar. Lembrando-se de que a atenção do ouvinte médio é limitada, o ministro não deve prolongar a conclusão da mensagem.

A introdução e o título do sermão muitas vezes são os últimos itens a serem preparados, não por serem menos importantes, mas porque o ministro, em geral, terá uma visão mais clara depois de haver construído a parte principal da mensagem e saber o que vai apresentar no corpo do sermão.

7. Piedosa Dependência do Espírito de Deus.

Embora já o tenhamos mencionado, não podemos acentuá-lo demais. Juntamente com o tempo e o esforço despendidos no preparo e na entrega do sermão, nosso ministério deve sempre ser executado sob piedosa dependência do Espírito de Deus. Só ele pode colocar o pensamento certo em nossa mente, as palavras

corretas em nossos lábios e encher-nos de amor e graça para entregar a mensagem, de modo que a bênção de Deus nos assista durante a comunicação da sua verdade. Então poderemos pregar no poder do Espírito Santo e elevar as almas cansadas, para a glória de nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo.

> "Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus" (2 Coríntios 4:5).
> "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2 Coríntios 4:7).

Bibliografia

Ayer, William Ward. "Study Preparation & Pulpit Preaching", Bibliotheca Sacra, vol. 124: 494 (abril-junho, 1967).

Ayer, William Ward. "Preaching to Combat the Present Revolution", Bibliotheca Sacra, vol. 124:495 (julho-setembro de 1967).

Baird, John E. *Preparing for Platform and Pulpit.* Nashville, Tennessee: Abingdon Press, 1968.

Baumann, J. Daniel. *An Introduction to Contemporary Preaching.* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1972.

Berkhof, L. *Principles of Biblical Interpretation.* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1960.

Blackwood, Andrew W. *Preaching From The Bible.* Nashville, Tennessee: Agingdon-Cokesbury Press, 1941.

_____. *The Fine Art of Preaching.* New York: The Macmillan Company, 1937.

_____. *The Preparation of Sermons.* Nashville, Tennessee: Abingdon-Cokesbury Press, 1948.

Blocker, Simon. *The Secret of Pulpit Power Through Thematic Christian Preaching.* Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Company, 1951.

Bowie, Walter Russell. *Preaching.* Nashville, Tennessee: Abingdon Press, 1954.

Brack, Harold A. e Kenneth G. Hance. *Public Speaking and Discussion for Religious Leaders.* Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, Inc., 1961.

Brastow, Lewis O. *The Word of the Preacher.* Boston: The Pilgrim Press, 1914.

Breed, David Riddle. *Preparing to Preach.* New York: George H. Doran Company, 1911.

Broadus, John A. *On the Preparation and Delivery of Sermons.* Revised by Jesse B. Weatherspoon, New York: Harper & Brothers, 1944.

Brown, H. C. Jr., H. Gordon Clinard, e Jesse J. Northcutt. *Steps to*

the Sermon. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1963.
Bryan, Dawson C. *The Art of Illustrating Sermons*. Nashville, Tennessee: Cokesbury Press, 1958.
Burrell, David James. *The Sermon, Its Construction and Delivery*. New York: Fleming H. Revell Company, 1913.
Caemmerrer, Richard R. *Preaching for the Church*. St. Louis, Missouri: Concordia Publishing House, 1959.
Davis, Henry Grady. *Design for Preaching*. Philadelphia, Pennsylvania: Fortress Press, 1958.
Davis, Ozora S. *Principles of Preaching*. Chicago: University of Chicago Press, 1924.
Demaray, Donald E. *An Introduction to Homiletics*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1976.
DeWelt, Don. *If You Want to Preach*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1957.
Etter, John W. *The Preacher and His Sermon*. Dayton, Ohio: United Brethren Publishing House, 1902.
Evans, William. *How to Prepare Sermons and Gospel Addresses*. Chicago: The Bible Institute Colportage Assn., 1913.
Faw, Chalmer E. *A Guide to Biblical Preaching*. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1962.
Ford, D. W. Cleverley. *The Ministry of the Word*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Co., 1979.
Gowan, Joseph. *Homiletics or the Theory of Preaching*. Londres: E. Stock, 1922.
Hogue, Wilson T. *Homiletics and Pastoral Theology*. Winona Lake, Indiana: Free Methodist Publishing House, 1949.
Holmes, George. *Toward and Effective Pulpit Ministry*. Sprinfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1971.
Hoppin, James M. *Homiletics*. New York: Dodd, Mead and Company, 1881.
Gibbs, Alfred P. *The Preacher and His Preaching*. Terceira edição. Ft. Dodge, Iowa: Walterick Printing Company.
Jordan, G. Ray. *You Can Preach*. New York: Fleming H. Revell Company, 1958.
Kaiser, Walter C., Jr. *Toward an Exegetical Theology, Biblical Exegesis for Preaching and Teaching*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1981.
Knott, Harold E. *How to Prepare an Expository Sermon*. Cincinnati: The Standard Publishing Company, 1930.
Koller, Charles W. *Expository Preaching without Notes*. Grand

Rapids, Michigan: Baker Book House, 1962.
Lane, Denis. *Preach the Word.* Welwyn, Hartfordshire, Inglaterra: Evangelical Press, 1979.
Lehman, Louis P. *Put a Door on It—The "How" and "Why" of Sermon Illustration.* Grand Rapids, Michigan: Kregel Publications, 1975.
Lloyd-Jones, D. Martyn. *Preaching & Preachers.* Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1972.
Lockyer, Herbert. *The Art and Craft of Preaching.* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1975.
Machpherson, Ian. *The Burden of the Lord.* Nashville, Tennessee: Abingdon Press, 1955.
Meyer, F. B. *Expository Preaching: Plans and Methods.* New York: George H. Doran Company, 1912.
Mickelson, A. Berkeley. *Interpreting the Bible.* Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1963.
Miller, Donald G. *Fire in Thy Mouth.* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1976.
Montgomery, R. Amos. *Expository Preaching.* New York: Flêming H. Revell Company, 1939.
Pattison, T. Harwood. *The Making of the Sermon.* Philadelphia: The American Baptist Publication Society, 1898.
Perry, Lloyd M. *A Manual for Biblical Preaching.* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1965.
____. *Biblical Sermon Guide.* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1970.
Phelps, Austin. *The Theory of Preaching.* New York: Charles Scribner's Sons, 1892.
Ramm, Bernard. *Protestant Biblical Interpretation.* Edição revista. Boston: W. A. Wilde Co., 1956.
Ray, Jeff D. *Expository Preaching.* Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1940.
Reu, M. *Homiletics, A Manual of the Theory and Practice of Preaching.* Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1950.
Riley, W. B. *The Preacher & His Preaching.* Wheaton, Illinois: Sword of the Lord Publishers, 1948.
Robinson, Haddon W. *Biblical Preaching.* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1980.
Roddy, Clarence Stonelynn. *We Prepare and Preach.* Chicago: Moody Press, 1959.
Sangster, William Edwin. *The Craft of the Sermon.* Philadelphia:

Westminster Press, s.d.
Skinner, Craig. *The Teaching Ministry of the Pulpit.* Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1979.
Sleeth, Ronald E. *Persuasive Preaching.* New York: Harper & Brothers, 1956.
Spurgeon, Charles Haddon. *Lectures to My Students.* Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1965.
Stewart, James S. *Heralds of God.* New York: Charles Scribner's Sons, 1946.
Stibbs, Alan M. *Expounding God's Word.* Grand Rapids, Michigan: The Eerdmans Publishing Company, 1961.
Terry, Milton. *Biblical Hermeneutics.* Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, s.d.
Unger, Merril F. *Principles of Expository Preaching.* Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1955.
Vinet, A. *Homiletics or the Theory of Preaching.* New York: Ivison e Phinney, 1854.
Weatherspoon, Jesse Burton. *Sent Forth to Preach.* New York: Harper and Brothers, 1954.
White, Douglas M. *The Excellence of Exposition.* Neptune, New Jersey: Loizeaux Brothers, Inc., 1977.
White, R. E. O. *A Guide to Preaching.* Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Co., 1973.
Whitesell, Faris Daniel. *Evangelistic Preaching and the Old Testament.* Chicago: Moody Press, 1947.
_____. *Power in Expository Preaching.* New York: Fleming H. Revell Company, 1963.
Whitesell, Faris Daniel e Lloyd M. Perry. *Variety in Your Preaching.* Westwood, New Jersey; Fleming H. Revell Company, 1954.
Wilson, Gordon. *Set for the Defense.* Western Bible and Book Exchange, 1968.

Impresso nas oficinas da
Editora Betânia S/C
Venda Nova, MG

Como Preparar Mensagens BÍBLICAS

Este é um livro prático que apresenta o processo de construção de sermões passo a passo de modo tão simples e claro que até o principiante poderá segui-los sem o auxílio do professor. O método que James Braga usa combina as técnicas comprovadas da oratória com os princípios da pregação eficaz.

Depois de tratar com detalhes os principais tipos de sermões bíblicos e acentuar o valor da pregação expositiva, James Braga discute a mecânica da preparação de mensagens bíblicas.

A abundância de exemplos de sermões e esboços torna o presente volume um instrumento valiosíssimo para todo aquele que deseja dominar a arte de construir sermões.

031-0

ISBN 0-8297-1609-2